



Universidade de Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Marco António Alves Pacheco

*Contrabando: a indústria número um, à beira mar ou à beira Minho:* um estudo de caso sobre as práticas contrabandistas em Monção (anos 50-70 do século XX)

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em História

Trabalho efectuado sobre a orientação da  
Professora Doutora Fátima Ferreira

Abril de 2016

## Agradecimentos

O desenvolvimento desta dissertação pode ser comparado à prática do contrabando. No contrabando, o sucesso da actividade dependia da coesão e da interajuda dos membros que integravam um determinado grupo. Este modelo adequa-se, de uma forma geral, ao processo de investigação e produção escrita que originou o presente estudo.

Aqui, tal como no contrabando, a finalização do projecto só foi possível devido à ajuda prestada por um «grande grupo». Àqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para o desenvolvimento da tese. A todos o meu obrigado.

Um obrigado particularmente especial aos homens e mulheres (contrabandistas e autoridades) pelos quais fui sempre bem recebido e que dedicaram um pouco do seu tempo a falar comigo. Posso afirmar que sou um privilegiado por várias razões: pela oportunidade de interagir e aprender com pessoas que constituem uma parte da História raiana, pelos momentos fantásticos proporcionados por essa interacção, pela possibilidade de conhecer um pouco da história de vida de cada um e pela oportunidade de perpetuar as suas memórias. A todos eles dedico esta dissertação que, de resto, lhes pertence.

À Professora Doutora Fátima Ferreira, orientadora desta dissertação, pelas aprendizagens, pela motivação, por me ajudar sempre que necessário, por direccionar a investigação nos momentos certos e pela sua compreensão, o que facilitou o término deste projecto.

À minha mãe que esteve presente no decurso desta investigação e que me deu força para ultrapassar as adversidades. Para além disso, facilitou a procura e contacto com os informantes, as deslocações a terrenos desconhecidos e em tudo o que foi necessário.

À Dr.<sup>a</sup> Carla Marinho, responsável pela secção do turismo da Câmara Municipal de Monção, pela sua ajuda e disponibilidade durante todo o processo de investigação.

À Dr.<sup>a</sup> Cláudia Loureiro, topógrafa da Câmara Municipal de Monção, pela sua ajuda e disponibilidade. Principalmente na transposição das pesquisas ao nível dos postos fiscais e itinerários para uma representação cartográfica.

À Dr.<sup>a</sup> Catarina Oliveira, responsável pelo Museu Espaço Memória e Fronteira, pela ajuda prestada.

Ao Arquivo Municipal de Monção pela ajuda na pesquisa dos jornais e no encaminhamento para possíveis fontes.

Ao Tribunal de Monção por facilitar o acesso aos processos existentes.

Ao jornal «A terra Minhota» por permitir e facilitar o acesso aos seus arquivos.

Ao senhor Padre Salvador, pároco desta vila, por possibilitar o acesso aos arquivos do jornal «Notícias de Monção».

Ao senhor Guedes da «Foto Ideal» por disponibilizar material fotográfico que proporcionou o enriquecimento da dissertação.

Ao senhor José Pereira que deteve um papel preponderante na procura de testemunhos e permitiu o meu contacto com estes. E pela sua disponibilidade para tudo o que fosse necessário.

Ao senhor Teixeira pelo estabelecimento do contacto com o carabineiro. Embora não tenha sido possível efectuar o registo oral, consegui fixar informações relevantes para o desenvolvimento da dissertação.

Um obrigado a todos! E peço desculpa se me esqueci de mencionar alguém. Sem a vossa colaboração seria impossível concretizar este pequeno estudo.

## Resumo

O estudo que se apresenta toma por objeto de análise o contrabando de pequena escala praticado em Monção, região do Alto Minho, durante os anos 50 e 70 do século XX. Desta feita, a análise das práticas de contrabando distribui-se em dois grandes capítulos.

O primeiro capítulo situa o objeto no quadro da investigação das Ciências Sociais desenvolvida nas duas últimas décadas. Sumaria, por um lado, as principais abordagens que têm sido propostas sobre o tema, e reflete, por outro lado, sobre as questões teórico-metodológicas que se colocam aos estudos centrados na memória social e na valoração dos testemunhos orais como fonte histórica.

O segundo capítulo centra-se sobre o universo das práticas do contrabando em pequena escala em Monção, no contexto do contrabando de fronteira, característico das regiões da raia, de Norte a Sul do País. Analisa-se a organização dos grupos, a interação com as forças de autoridade dos dois lados da fronteira, os sentidos atribuídos à actividade que se configurava como prática ilegal e clandestina, no Portugal ditatorial. Cartografam-se as rotas e a rede de postos das autoridades e regista-se um corpo de testemunhos com o fim de contribuir para a preservação e valorização do património histórico e cultural da comunidade.



## Abstract

The present study presents an analysis of the small scale smuggling practiced in Monção, Alto Minho region, in the 50 's and 70 's of the twentieth century. This time, the analysis of smuggling practices is distributed in two major chapters.

The first chapter puts the subject in the frame of research of Social Sciences developed in the last two decades. Summarizes the main approaches that have been proposed on the theme, and reflects, on the other hand, on the theoretical and methodological issues faced by studies focused on social memory and assessment of oral testimony as historical source.

The second chapter focuses on the smuggling practices of the universe on a small scale in Monção, in the context of typical border smuggling, from North to South of Portugal. We study the organization of groups, the interaction with the two sides of the border authority forces, the meanings attributed to the activity that was configured as illegal and clandestine practice, on dictatorship. I researched up the routes and the authority's station network and record a body of evidence In order to contribute to the preservation and enhancement of historic and cultural heritage of the community.



# Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo.....	v
Abstract .....	vii
Introdução .....	1
Capítulo I: Objecto e Estado da Arte .....	3
1 – Apresentação do trabalho e do objecto.....	3
2- Reflexões teórico - metodológicas.....	7
3- Estado da arte .....	12
4 - Contextualização histórica (Anos 50 – 70).....	31
5 - Estudo de caso: as práticas de contrabando em Monção .....	37
Capítulo II: O contrabando em Monção, entre os anos 50 - 70 .....	40
1 – Auto e hétero percepções do contrabando em Monção.....	40
2 - Idade ideal para o sucesso na actividade.....	54
3 – Formação e dinâmica dos <i>grupos</i> .....	60
3.1 – Papéis e funções.....	63
4 – Códigos de comunicação.....	67
5 – Meios de deslocação: as batelas .....	71
6 – Os contrabandistas nos contextos da emigração.....	73
7 - Trapicho: contrabando no feminino .....	77
7.1 - Diferenças entre as trapicheiras e contrabandistas.....	77
7.2 - Formas de ocultar o contrabando.....	81
8 - Produtos (Anos 50 – 80).....	84
9 - Aventuras do contrabando .....	96
9.1 - Descrição dos corpos de fiscalização fronteiriça (Guarda-Fiscal – Guarda Civil) .....	96
9.2- Disparidades na actuação policial .....	101
9.3- Perigos dos encontros com as autoridades .....	107
9.4 – Confrontos e Peripécias .....	112
10 – Rotas e postos fiscais.....	118
10.1- Rotas .....	119
10. 2 - Postos fiscais .....	121
Conclusão .....	126
Bibliografia .....	127
Anexos.....	133





## Introdução

Tal como vamos poder observar, a temática «contrabando» configurou-se como objeto notório de investigação, entre as disciplinas das Ciências Sociais, a partir das décadas finais do século XX.

O presente estudo enquadra-se nesta tendência e visa, em primeiro lugar, elucidar os leitores para as diferenças e/ou semelhanças entre o contrabando praticado no concelho de Monção e aquele que é praticado noutras regiões raianas portuguesas. Em segundo lugar, pretende contribuir para fixar a perpetuação das memórias sociais associadas às práticas contrabandísticas na área em estudo, colmatando, desta forma, a inexistência de um estudo específico sobre o contrabando no concelho de Monção.

De forma a alcançar estes objetivos, a dissertação estrutura-se em dois grandes capítulos. Ou, se quisermos, em duas grandes problemáticas que correspondem, a meu ver, às questões essenciais que se colocam a um estudo praticamente pioneiro, no que diz respeito às valências do contrabando em Monção.

No primeiro capítulo, intitulado «Objecto e Estado da Arte», problematiza-se, tal como o título sugere, o contrabando enquanto objeto de estudo bem como as questões metodológicas a ele correlatas. Reflete-se ainda sobre os estudos produzidos em torno das práticas e vivências do contrabando de fronteira, numa dupla perspetiva: espacial e temporal.

No segundo capítulo, designado «O contrabando em Monção, entre os anos 50 e os anos 70» analisam-se as questões diretamente associadas ao exercício desta atividade. Entre elas cumpre salientar: as percepções dos informantes sobre o exercício e as práticas de contrabando, bem como as matérias relativas à organização interna, os códigos de comunicação, as modalidades de deslocação, as condicionantes associadas ao contrabando feminino, os produtos contrabandeados, as modalidades de interacção entre os contrabandistas e os corpos fiscais, as questões relativas ao património físico do contrabando em termos de controlo e de repressão (os postos fiscais), e as principais rotas de contrabando. Em suma, o capítulo intenta dar a conhecer as dimensões mais emblemáticas da memória colectiva em torno do contrabando, sem negligenciar as relações existentes entre esta actividade ilegal e a experiência da emigração. Em paralelo, procura-se enquadrar a prática do contrabando no concelho de Monção em termos comparativos com os estudos existentes a respeito de outras regiões raianas portuguesas, tanto

em concelhos vizinhos como em regiões do centro e sul do País. Ressalve-se, por último, a atenção colocada na preservação da memória social sobre as práticas do contrabando.

## Capítulo I: Objecto e Estado da Arte

### 1 – Apresentação do trabalho e do objecto

O título da presente dissertação, «Contrabando: *indústria número um, à beira mar ou à beira Minho*», retirado de um excerto de uma entrevista, espelha o tema em estudo, sugerindo a grandeza económica associada à atividade contrabandística em larga escala, no quadro da memória social no concelho de Monção. Por seu turno, o subtítulo, “*um estudo de caso sobre as práticas contrabandistas em Monção (anos 50-70 do século XX)*” esclarece a delimitação do objeto em estudo que se confina às práticas de contrabando em pequena escala, de acordo com a opção delineada no âmbito do projeto de investigação que nos propusemos realizar.

De forma a introduzir a temática e o entendimento da mesma ao longo do estudo, é importante partir dos significados e sentidos do vocábulo correntemente. Segundo o *Dicionário Lello Escolar de Língua Portuguesa*, o contrabando designa a «[i]ntrodução fraudulenta de “géneros desviados aos direitos [alfandegários]». Em sentido figurado indicia “[t]udo o que não é são, bom, lícito; gente de má nota»<sup>1</sup>. Os sentidos populares da palavra denotam, por um lado, a dimensão fraudulenta do exercício da actividade e, por outro lado, a dimensão pejorativa e negativa associada a sua prática. Vale a pena confrontar os significados reproduzidos com o conceito académico sobre o contrabando. A título ilustrativo, retenha-se uma das definições que considero que melhor caracteriza a prática do contrabando, retirada do estudo de Luís Cunha: «[o] contrabando, entendido como acto de defraudação do interesse público e nessa medida delito combatido e punido, constitui uma prática que remonta longe no tempo»<sup>2</sup>.

A definição reproduzida evidencia as dimensões emblemáticas da prática do contrabando fronteiriço ao mesmo tempo que permitem sinalizar as principais vertentes do estudo que pretendemos realizar a pretexto do concelho de Monção.

Partindo do conceito passamos a efectuar o estudo das motivações e das práticas contrabandística de forma a dar a conhecer o universo das vivências associadas a esta atividade ilegal.

Importa começar por apontar as balizas cronológicas do estudo que se estendem entre os anos 50 e a queda da ditadura, na esteira da Revolução do 25 de Abril, com ramificações aos

---

<sup>1</sup> *Lello Escolar: Novo dicionário ilustrado da língua portuguesa, com um epítome de gramática e regras ortográficas* (Porto: Lello & Irmão – Editores, 1988), 371.

<sup>2</sup> Luís Cunha, *Memória Social em Campo Maior* (Lisboa: Dom Quixote, 2006), 163.

anos 80, até à entrada do País na C.E.E. As condicionantes do processo de pesquisa explicam, em larga medida, a delimitação temporal adotada.

A definição temporal do presente ensaio resulta de condicionantes inerentes ao processo de investigação. Refiro-me, concretamente, às dificuldades na localização de fontes, escritas e orais, para a realização do estudo. Se encararmos o contrabando sob a perspectiva dominante de atividade clandestina, compreende-se que o estudo não podia, nem devia, depender fundamentalmente de materiais manuscritos. Seja como for, tive a preocupação, no início da pesquisa de localizar materiais documentais produzidos, direta e indiretamente, pelos agentes e autoridades responsáveis pelo controlo, repressão e criminalização do contrabando. Refiro-me, em concreto, à documentação relativa a processos de detenção de contrabandistas e de apreensão de mercadorias associadas ao tráfico ilícito, bem como aos processos criminais eventualmente levantados. Daí ter realizado pesquisas exploratórias em várias instituições com o fim de reunir um *corpus* documental substantivo acerca das práticas do contrabando no concelho em estudo, destacando-se, entre elas, o Arquivo Municipal de Monção; o Posto da Guarda Nacional Republicana de Monção; o arquivo do Tribunal de Monção; o Arquivo Distrital de Viana do Castelo e o Arquivo Distrital de Braga. Contudo, o contacto com as referidas instituições revelou-se maioritariamente infrutífero. A única documentação disponível, à qual tive acesso, reporta-se à documentação depositada no arquivo do Tribunal de Monção. O núcleo documental consta de um número limitado de processos correcionais referentes aos anos 80 do século XX, como veremos mais tarde, em nada comparável ao existente no arquivo do Tribunal de Melgaço.

A raridade das fontes produzidas pelas autoridades encarregues pelo controlo, repressão e criminalização do contrabando na área em estudo, direccionou a pesquisa para o mapeamento e identificação de outros núcleos documentais, muito em particular para a riqueza dos testemunhos orais. A opção pela realização de entrevistas implicou, contudo, considerar e atender a outras variáveis que condicionaram nomeadamente a delimitação do presente estudo. A maioria dos entrevistados nasceu nos anos 40, facto que invalidou a hipótese de fazer recuar a investigação a décadas anteriores do século XX.

Entre outros núcleos documentais recenseados cumpre destacar a pesquisa sistemática que realizei à imprensa local, centrada nos jornais locais, «A Terra Minhota» e o «Notícias de Monção», no período coberto pelo estudo. O objetivo principal da pesquisa consistiu em apreender as percepções dominantes eventualmente produzidas acerca do contrabando de forma

a esclarecer as perspetivas locais sobre a atividade ilícita, aos olhos do Estado. Neste contexto, realizei análises pontuais acerca do enquadramento legislativo que regulava a repressão e a penalização da actividade. Por último, importa destacar as pesquisas realizadas com o fim de contribuir para a valorização da memória social e colectiva sobre o contrabando, em que se salientam as orientadas para o registo fotográfico bem como o levantamento cartográfico das principais rotas de contrabando no concelho de Monção no período em estudo.

A pesquisa circunscreve-se ao concelho de Monção. Este município situa-se no Norte do país, na região do Alto Minho. Atentemos nas delimitações do concelho em estudo. A Norte, Monção faz fronteira com Espanha, através do rio Minho; a Oeste é delimitado pelo concelho de Valença, a Sudoeste pelo concelho de Paredes de Coura, a Sul pelo concelho de Arcos de Valdevez e a Este pelo concelho de Melgaço.

A prática do contrabando é característica dos municípios situados na região raiana, como acontece com Valença, Melgaço e Monção. Os estudos disponíveis centram-se por excelência no caso de Melgaço. A prática de contrabando realizava-se segundo duas modalidades: o contrabando da «raia seca», que como a expressão sugere era praticado a pé, acompanhado pela possível transposição, em certas zonas, do rio e o contrabando realizado através do rio Minho (que constituía a fronteira natural) através do recurso a embarcações. O interesse académico por Melgaço explica-se ainda pela existência de estudos vários centrados na emigração que se desdobraram em iniciativas orientadas no sentido da valorização do património histórico e cultural do respetivo concelho, como constitui ilustração exemplar a criação do museu «Espaço Memória e Fronteira»<sup>3</sup> a par de Estudos como o de J. Marques Rocha<sup>4</sup> ou Joaquim de Castro Abel Marques<sup>5</sup>.

No caso do concelho de Valença<sup>6</sup>, a existência de uma ponte internacional, a ponte Eiffel, datada de 1886, ajuda a compreender o interesse menor despoletado pelo estudo do contrabando, não obstante ter lugar também o contrabando através da travessia do rio, pelo recurso a embarcações.

---

<sup>3</sup> Museu que com duas exposições permanentes, relativas ao contrabando e à emigração. Para mais informação visitar a página web da Câmara Municipal de Melgaço: [http://www.cm-melgaço.pt/portal/page/melgaço/portal\\_municipal/Cultura/MelgaçoMuseus/melgaçomuseus\\_memoriaefronteira](http://www.cm-melgaço.pt/portal/page/melgaço/portal_municipal/Cultura/MelgaçoMuseus/melgaçomuseus_memoriaefronteira)

<sup>4</sup> J Marques Rocha analisa as questões do contrabando centradas no concelho de Melgaço, com referências aos concelhos vizinhos: Monção e Valença. Esta obra intitula-se «Contrabando nas raia do Alto Minho».

<sup>5</sup> Joaquim Marques centra a sua análise nas particularidades da emigração e contrabando no Concelho de Melgaço, na obra Emigração & Contrabando.

<sup>6</sup> Assinala-se o documentário sobre o contrabando em Valença intitulado «Mulheres da raia», da autoria de Diana Gonçalves, que conta com o recurso a testemunhos orais, datado de 2009.

A inexistência de estudos a respeito do contrabando em Monção constitui um estímulo para a realização da presente dissertação. Importa, em todo o caso, assinalar as razões do meu verdadeiro interesse pelo tema em estudo.

A ideia deste percurso de investigação remonta há alguns anos atrás, quando comecei a ter percepção do que se entendia por contrabando. Lembro-me dos tempos em que o meu avô recordava, com nostalgia, as aventuras do contrabando, o confronto com os carabineiros, a sua experiência emigratória em França e as vivências daquele tempo. Recordo-me quando nos deslocávamos a Espanha e o meu avô, em tom de brincadeira, me perguntava se trazia o passaporte comigo. Remetia para os tempos em que existia a necessidade de apresentar este documento, sempre que se efectuava a travessia, entre Portugal e Espanha, de forma legal. Lembro-me ainda das referências que a minha bisavó fazia aos tempos da Guerra Civil de Espanha, aos gritos e disparos oriundos do outro lado da fronteira, às dificuldades que eram sentidas naquele tempo e à coragem daqueles que tentavam ganhar o seu sustento com a passagem clandestina da fronteira.

Como se pode compreender o imaginário associado às histórias de homens e mulheres cujas vidas se ligavam e cruzavam as vivências da fronteira está bem presente e enraizado nas populações raianas do Alto Minho, sobretudo nas mais idosas. Ter o privilégio de crescer a ouvir testemunhos reais desse tempo, para além da ligação afectiva que criei pelo tema, constituíram motivações poderosas que impulsionaram este projecto. Acresce ainda o aparente desinteresse da minha geração por esta temática.

Sumariando, os objetivos da presente dissertação visam, em primeiro lugar, contribuir para a perpetuação das memórias dos intervenientes (antigos contrabandistas e autoridades aposentadas). Julgo que se colocarmos de parte os diversos pontos de vista dos autores que se dedicaram ao tema, a preservação da memória colectiva e a perpetuação desta no tempo, terá constituído a principal preocupação destes estudos. O contrabando, bem como outros temas sociais que marcaram a contemporaneidade recente, contam com a possibilidade de uma abordagem directa, através do contacto com os intervenientes que vivenciaram e experienciaram determinadas realidades que importa registar e salvaguardar. Daí a importância de recolher e de registar estes testemunhos de forma a garantir a preservação desta actividade no tempo e das experiências de vida destas populações no tempo histórico. Propus-me, em segundo lugar, levar a cabo um estudo centrado na História Oral e nas suas metodologias, assente na análise crítica das memórias e testemunhos, com o fim de estudar e reconstituir historicamente as práticas de

contrabando, tendo presente as problemáticas que têm sido trabalhadas no quadro das investigações da especialidade.

Espero que o texto que se segue não defraude os leitores, muito especialmente aqueles, cujos discursos, possibilitaram dar corpo à dissertação. A título de observação final, assinalo que as citações relativas aos testemunhos orais são registadas a itálico de forma a singularizá-las das citações referentes à bibliografia da especialidade.

## 2- Reflexões teórico - metodológicas

O ponto que se segue é referente à metodologia de investigação, ou se preferirmos aos «processos e problemas da investigação empírica – a que chamamos metodologias»<sup>7</sup>. Antes de passarmos à metodologia seguida no presente estudo, importa lembrar que o objecto em análise tem sido trabalhado por várias disciplinas das Ciências Sociais de acordo com as abordagens particulares que as caracterizam. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto sublinham as afinidades eletivas existentes entre elas, em particular entre a História e a Antropologia, no que concerne sobretudo à «consciência da historicidade das estruturas, [ao] relativismo cultural [e à] atenção [atribuída] à diferença e à mudança»<sup>8</sup>. Os mesmos autores sintetizam os pontos de contacto e de diferenciação entre estas duas disciplinas no excerto que reproduzimos:

«Em termos muito simples, o centro de interesse da história é a variação social segundo o tempo (...), [o estudo] sobretudo [d]as sociedades do passado. Circunscrevem assim domínios e constroem instrumentos analíticos específicos: métodos e técnicas (análise de fontes em história, ou a observação participante em antropologia); modelos teóricos, que, em geral resultam de reelaborações – complexas – dos da economia, sociologia, psicologia, geografia e semiologia/linguística, em ordem a adequá-los ao estudo de sociedades muito menos diferenciadas que as nossas (o que explica, por um lado, a interdisciplinaridade efectiva típica das pesquisas históricas e antropológicas;)»<sup>9</sup>.

Passo então a descrever as metodologias adotadas no processo de investigação.

Começo por abordar o contexto de produção das entrevistas, bem como os critérios que presidiram à seleção do universo dos entrevistados.

Em bom rigor, as entrevistas foram realizadas com descontração e à vontade aparente dos entrevistados, tal como a transcrição dos testemunhos o deixa sugerir (ver anexo 3, no final

---

<sup>7</sup> Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto, orgs., *Metodologia das Ciências Sociais* (Porto: Edições Afrontamento, 2005), 9.

<sup>8</sup> Silva e Pinto, *Metodologia das...*, 15.

<sup>9</sup> Silva e Pinto, *Metodologia das...*, 23-24.



do corpo do texto). Na pesquisa de testemunhos de ex-contrabandistas e dos agentes de autoridade aposentados, bem como no agendamento das entrevistas, contei com apoio de terceiros, amigos e familiares das comunidades que contactei. Realizei um conjunto de doze entrevistas, nove a ex-contrabandistas (três mulheres e seis homens) e três a agentes das autoridades aposentados. A delimitação do universo prende-se, por um lado, com as exigências do tempo para a realização deste trabalho, e, por outro lado, pela avaliação do valor da informação recolhida o que me permitiu atestar a inoportunidade de alargar o leque dos entrevistados em razão da redundância do material informativo. Do universo em presença, tinha uma relação pessoal com três ou quatro informantes, embora desconhecesse o envolvimento dos mesmos no exercício das práticas de contrabando.

A seleção dos entrevistados foi realizada a partir de informantes privilegiados que assinalaram inicialmente os primeiros entrevistados, a que se seguiram outros pelo designado efeito de «bola de neve». Destaco igualmente a dificuldade em localizar testemunhos associados às forças de segurança. Por norma, a bibliografia consultada explica esta lacuna pelo facto de a maior parte dos antigos fiscais já ter falecido. Parece existir uma tendência em termos da memória colectiva aliada ao contrabando para conservar em especial a memória dos contrabandistas em detrimento da recordação face aos pertencentes aos corpos das autoridades. Procurei insistentemente ter a possibilidade de contactar um antigo carabineiro. A operação revelou-se complexa. Acabei por estabelecer o contacto, conversar informalmente, mas não me foi autorizado a gravação do seu testemunho. À semelhança do constatado com a localização das autoridades portuguesas, confrontei-me com uma dificuldade acrescida na localização de testemunhos deste género. Para além da memória menos positiva aliada a estes indivíduos, acrescem outros factores como a morte, bem como a partida destes agentes para as respectivas terras natal.

Seguindo a classificação proposta por Raymond Quivy e LucVan Campenhoudt, os interlocutores enquadram-se em duas categorias que passamos a descrever:

[A] «categoria de interlocutores recomendados (...) [isto é] das testemunhas privilegiadas. Trata-se de pessoas que, pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhe exteriores, mas muito relacionadas com esse público»<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Raymond Quivy e LucVan Campenhoudt, *Manual de investigação em Ciências Sociais* (Lisboa: Gradiva, 2003), 71-72.

Existe, por outro lado, uma 2ª categoria designada de «interlocutores úteis: os que constituem o público a que o estudo diz directamente respeito [...]»<sup>11</sup>.

Os depoimentos foram realizados na modalidade de entrevistas de tipo misto. Apesar de seguir um guião previamente formulado, a condução da entrevista não privilegiou rigidamente as perguntas pré-definidas, facto o que possibilitou uma maior abrangência e liberdade dos testemunhos. Neste sentido, o tipo de entrevista que dominou a recolha dos depoimentos pode ser definida como semidirecta, conforme é perceptível através da definição apresentada por Quivy e Campenhoudt:

«A entrevista semidirectiva, ou semidirigida, é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas [...] Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente [...]»<sup>12</sup>.

Os depoimentos foram recolhidos com recurso a um gravador, sendo que a duração média das entrevistas foi de cinquenta e três minutos.

Em termos de dificuldades, destaco, em primeiro lugar, a questão da recolha dos testemunhos ligados ao contrabando durante a década de 40. Esta operação revelou-se quase impossível pois só consegui contactar dois a três informantes que reuniam essas condições. Saliento ainda o nervosismo inicial que experienciei nos primeiros contactos, atendendo à minha inexperiência nas metodologias da História Oral. Este foi-se gradualmente dissipando à medida que me confrontava com uma forte cumplicidade com os entrevistados.

Saliento, por último, as dificuldades com que me deparei na análise dos testemunhos. Cumpro salientar que procedi a dois momentos. Num primeiro, realizei a transcrição na íntegra dos testemunhos, tendo eliminado as partes laterais que não se afiguravam relevantes para o objeto em estudo. No final do texto, em anexo, procedi à reprodução dos mesmos com o objetivo de guardar memória documental de experiências de vida que raramente entram no domínio das fontes históricas. Num segundo momento, deparei-me com os constrangimentos inerentes à análise crítica dos testemunhos, em larga medida pela natureza particular que os marca: refiro-me à centralidade dos mecanismos de memória e de recordação que os marcam. Foi-me particularmente útil na reflexão tecida sobre a investigação centrada em suportes

---

<sup>11</sup> Quivy e Campenhoudt, *Manual de...*, 71-72.

<sup>12</sup> Quivy e Campenhoudt, *Manual de...*, 192.

memorialísticos, a abordagem proposta por Rodolfo Fiorucci a respeito da memória histórica, que reproduzo pela sua relevância:

«A memória, para prolongar a definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação relativa do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional [...]»<sup>13</sup>.

A memória histórica deve ser entendida a partir da sua subjectividade imanente e da sua variabilidade de acordo com os relatos dos indivíduos, isto é, das pessoas em presença. Deve-se ainda sublinhar que a memória não corresponde a uma narrativa literal mas é sempre uma operação intelectual que resulta de um olhar retrospectivo dos entrevistados sobre o seu passado. Acresce ainda a preocupação que os indivíduos experienciam em termos de dar sentido aos respetivos percursos de vida. Daqui que todo o registo memorialístico seja sempre pessoal e atravessado por mecanismos de omissão, seleção e esquecimento (conscientes e inconscientes), como sublinha a bibliografia da especialidade. Benedict Anderson, na sua obra «Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo», sublinha os constrangimentos reais que marcam os testemunhos dos indivíduos mais idosos, para além da impossibilidade humana de conservar uma memória integral do acontecido e recordado, em particular das etapas iniciais do ciclo de vida (infância e adolescência), o que obriga à mobilização de formas alternativas de recuperação/reconstituição das memórias.

«Habiendo experimentado los cambios fisiológicos y emocionales producidos por la pubertad, es imposible “recordar” la conciencia de la niñez. Cuántos miles de días que transcurrieron entre infancia y la temprana edad adulta que desvanecen, sin poder recordarlos directamente!»<sup>14</sup>.

Das linhas expostas, compreende-se que os informantes frequentemente esqueçam ou simplesmente omitam passagens e fragmentos das suas vivências e experiências vida. E na mesma linha, retenham dimensões seletivas por razões que cumpre ao investigador procurar inteligir, mobilizando competências críticas que o impeçam de assumir as memórias em termos acrílicos.

---

<sup>13</sup> Rodolfo Fiorucci, «História Oral, Memória, História». *História em reflexão*, vol. 4, n.8 (2010): 2.

<sup>14</sup> Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo* (México: Fondo de Cultura Económica, 1993): 283.

É de referir, contudo, que apesar de o investigador se confrontar algumas vezes com a possível omissão de informações relevantes, deve respeitar o que é dito e atender, cuidadosamente, à possibilidade de questionar ou não o informante. Deparei-me no decorrer da realização das entrevistas e da recolha de testemunhos com situações desta natureza. Por vezes, os entrevistados não responderam ou fugiram a perguntas que formulei, no sentido de esclarecer, e de melhor compreender, determinadas ocorrências. Respeitei as suas decisões individuais, tendo presente as preocupações éticas que pautam o trabalho do investigador, bem como o respeito pela intimidade dos entrevistados. É neste contexto que urge mencionar uma das dificuldades inerentes à História Oral (transversal, aliás, às metodologias qualitativas) que passa pela criação de laços afetivos e emocionais com os entrevistados. Julgo que este será um dos principais problemas que se colocam necessariamente aos investigadores que adotam metodologias qualitativas. O problema pode ser sintetizado na exigência de criar distanciamento, de forma a manter o controlo do processo de entrevista (e da pesquisa), evitando deixar-se ser conduzido pelo entrevistado. Criar distância contribui analogamente para evitar cair em parcialidades, de forma a que as operações de reconstituição das páticas de contrabando, que implicam sempre ter presente os dois campos em confronto, o investigador não tenda a favorecer ou pender para um dos lados. Pode-se dizer que o distanciamento e a imparcialidade estão intimamente ligados. A excessiva ligação emocional a um testemunho e ao seu autor, ainda que de forma reduzida, pode afetar o trabalho de análise e o trabalho de escrita. Portanto, esta será a «dificuldade» a ultrapassar, embora acredite que seja uma situação pela qual todos os investigadores passam, provavelmente uns mais do que outros.

Talvez por isso, a pesquisa que realizei aos jornais locais tenha contribuído para a criação de uma atitude de distanciamento crítico em relação ao objeto em estudo. Seja como for, a pesquisa foi orientada por critérios previamente definidos. Pretendi, através da exploração sistemática dos jornais locais de Monção, «A Terra Minhota» e «Notícias de Monção», mapear potenciais notícias e artigos de opinião relacionados com a temática do contrabando com o fim de apreender as representações dominantes veiculadas na imprensa, numa época de repressão e de censura política. As pesquisas foram realizadas de acordo com a longevidade de vida dos respetivos periódicos. Assim, a exploração do jornal «A Terra Minhota» foi realizada entre o ano da respetiva criação (1949) até 1959. Este periódico continua actualmente em funcionamento. Por ser turno, a exploração do jornal «Notícias de Monção» teve como fim complementar o período em estudo, a partir do ano de fundação do periódico (1962) até 1974. Cumpre ainda

registar o bom estado que caracterizava o arquivo dos respetivos jornais bem como as facilidades que me foram disponibilizadas no sentido de prosseguir regularmente as operações de leitura e de levantamento.

Igualmente presente no itinerário de pesquisa encontra-se a preocupação relativa à localização e preservação de registos fotográficos sobre aspetos relevantes do concelho de Monção. O cruzamento de fontes (entrevistas e fotografias) constitui um instrumento poderoso na realização da cartografia dos sítios (antigos postos da Guarda-Fiscal) e dos trilhos de contrabando, apoiada ainda na exploração *in locu* desses espaços, pese embora a densidade da vegetação e o terreno acidentado que os caracteriza hoje (bem como no passado).

### 3- Estado da arte

A abordagem ao panorama da produção bibliográfica sobre o tema em estudo ganha assim, uma importância redobrada na sustentação da dissertação. A revisão crítica da bibliografia da especialidade produzida representa um pilar estruturante do processo de investigação ao permitir mapear problemáticas e temas em estudo, orientando a prossecução teórica e empírica do trabalho. Concretamente, a leitura da bibliografia contribuiu para definir as questões orientadoras de pesquisa e em simultâneo recensear as principais conclusões dos trabalhos realizados, permitindo identificar constantes e eventuais especificidades sobre as práticas de contrabando na região de Monção.

A investigação e a produção de estudos sobre o contrabando têm vindo a crescer, sobretudo na viragem para o século XXI, como assinalei atrás. Os finais da década de 80 e os inícios dos anos 90 representam um ponto alto na publicação de trabalhos que versam sobre a temática em estudo. Como assinala Eduarda Rovisco:

«[a] entrada em vigor do Mercado Único Europeu em 1993 não constituiu apenas um marco na circulação de mercadorias [...] instituindo-se também como momento de detonação da produção de conhecimento sobre o contrabando na fronteira luso-espanhola»<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Eduarda Rovisco, «Contrabandos no “concelho mais português de Portugal”». *(Con)textos Revista D'Antropologia I Investigación Social*, n. 2 (2008): 18.

O facto da génese da produção bibliográfica se situar nos finais do século XX, denota a natureza recente destes trabalhos e o interesse renovado pela problemática em termos científicos.

Tendo por base a síntese produzida por Eduarda Rovisco, convém lembrar que o acolhimento inicial do tema teve por base a literatura ficcional. Até 1993, contavam-se pelo menos doze títulos entre a produção literária portuguesa<sup>16</sup>, enquanto as referências ao tema entre a antropologia nacional eram escassas<sup>17</sup>, situação partilhada pela História (as alusões sobre as práticas de contrabando figuravam fundamentalmente no âmbito da História Económica).

Importa realçar a importância da abordagem ficcional sobre o contrabando que está longe de por em causa a veracidade de alguns acontecimentos narrados, a existência de certos personagens e a veracidade das práticas retratadas. Poderemos presumir, à partida, que os autores se inspiraram em relatos e modelos reais, no quadro do neorrealismo português, corrente que cultivou temas relacionadas com as problemáticas sociais do País de então e que se configurou como literatura de crítica e de oposição ao regime ditatorial vigente.

Os finais do século XX assistem à inversão da tendência descrita. A produção académica sobre o contrabando despertou no campo diversificado das disciplinas que integram as Ciências Sociais, suscitando abordagens ricas e plurais sobre o tema<sup>18</sup>. Do *corpus* da bibliografia que analisei, destacam-se os estudos antropológicos, seguindo-se a Sociologia e a História em segundo e terceiro lugar, respectivamente.

A investigação sobre o contrabando contou com um catalisador particular que influenciou e, a meu ver, continua a influenciar o interesse dos investigadores. Refiro-me à atenção conferida à salvaguarda das memórias dos intervenientes ou, se se preferirem, dos personagens (autoridades e contrabandistas) que vivenciaram os acontecimentos. E de facto, desde os primeiros estudos, foi-se salientando a clandestinidade como marca distintiva desta prática, facto que estimulou a urgência de salvar a memória de uma prática dada como extinta. Esta valência,

---

<sup>16</sup> Os doze títulos reportam-se a «Terra Fria (1934) de Ferreira de Castro, Maria dos Tojos (1938) de Miguel Ângelo Barros Ferreira, Maria Mitn (1939), A Noite e a Madrugada (1950) e Minas de San Francisco (1951) de Fernando Namora, Seara do Vento (1958) de Manuel da Fonseca, Barranco de Cegos (1962) de Alves Redol, O Rio que vem do Lugo (1966) de Adelino Peres Rodrigues, Fronteiras (1973) de Assis Esperança, O Pão não cai do Céu (1975/76) de José Rodrigues Miguéis, Cinco Dias, Cinco Noites (1976) de Manuel Tiago [Álvaro Cunhal], O Lobo Guerrilheiro (1992)», de acordo com o estudo de João Francisco Marques, «O contrabando no romance contemporâneo português: contextos espaço- sociais e histórico-económicos», em *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos* (Porto: FLUP, 2004), 675.

<sup>17</sup> Ver os estudos citados por Rovisco, nomeadamente Dias, 1953; Cutileiro, 1977) e a tese inédita realizada no âmbito de uma licenciatura em antropologia (Santinho, 1984), Rovisco, «Contrabandos...», 18.

<sup>18</sup> Peter Burke, *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica* (Lisboa: DIFEL, 1992), 146.

segundo Rovisco, foi acompanhada por «uma certa repetição no tipo de abordagens, inviabilizando a execução prévia de um estado da questão que direcione a investigação»<sup>19</sup>.

Seguindo a periodização analítica proposta pela autora citada, no estudo «Contrabandos no “concelho mais português de Portugal”», atenda-se ao panorama da produção pós 1993. Antes cumpre destacar a importância da síntese traçada pela autora no sentido de contribuir para o exercício relativo ao estado da investigação sobre o objeto em estudo. Sem a ajuda de uma síntese tão esclarecedora, não seria possível elucidar os leitores quanto ao «nascimento» da investigação neste contexto. Explica-se assim o recurso a diversas citações, o que pode parecer, por vezes, excessivo. A utilização recorrente de citações é justificada pela escassez ou inexistência de outros trabalhos similares que contribuíssem para traçar uma visão objectiva acerca da evolução da investigação.

A antropóloga sinaliza o alargamento da investigação sobre o contrabando pós 1993, como se depreende da listagem que acompanha a citação:

«Depois desta data, o panorama inverte-se, tendo sido produzidos por antropólogos portugueses vários textos dedicados ao tema (Godinho, 1995; Luz, 1998; Afonso, 2003; Fonseca e Freire, 2003; Amante, 2004; Maçarico, 2005; Cunha, 2005, 2006a, 2006b; Lavado, 2006). Se adicionarmos os textos de antropólogos espanhóis (Uriarte, 1994; Cáceres e Valcuende, 1996; Valcuende, 1998; Medina Garcia, 2003) e ainda textos portugueses ou espanhóis produzidos por outras disciplinas (Blanco-Carrasco, 1995; Salvado, 1996; Melón Jiménez, 1999; Ramos, 2001; Ferreira, 2005; Baptista, 2005; Cabanas, 2006; AAVV, 2007; Cabezudo & Gutiérrez, 2007) torna-se evidente que a abordagem do contrabando passou do domínio da ficção – maioritariamente integrada no movimento neo-realista para o domínio da Ciências Sociais»<sup>20</sup>.

Limito-me por isso a acrescentar os títulos publicados após o estudo de Rovisco, tendo tido o cuidado de incluir outros não listados, facto que a meu ver se explica, muito provavelmente, por abordarem o contrabando e a emigração, a saber: (Marques, 2003; Fonseca, Freire e Rovisco, 2009; Rocha, 2009; Eduarda Rovisco 2013).

Na análise dos estudos optei por uma organização discursiva que parte do geral para o particular, começando por identificar os temas e os conteúdos que são transversais aos trabalhos. Em primeiro lugar, destacam-se as localizações geográficas que contaram com maior incidência de estudos por parte dos investigadores. A grande maioria dos ensaios que vão merecer a nossa atenção estão predominantemente localizados na raia do centro e sul do país.

---

<sup>19</sup> Rovisco, «Contrabandos...», 19.

<sup>20</sup> Rovisco, «Contrabandos...», 19.

Em segundo lugar, a maior parte dos estudos centra-se fundamentalmente num dos lados da raia, embora existam abordagens comparativas dos dois lados da fronteira. Caso disso são as obras de Luís Cunha *Memória Social em Campo Maior*, onde analisa a perspectiva da fronteira portuguesa e a Tese de Medina Garcia «Contrabando en la Frontera de Portugal: Orígenes, Estructuras, Conflicto y Cambio Social» onde se estuda o contrabando na Extremadura, raia oposta a Campo Maior.

Em terceiro e último lugar, destaco as perspetivas particulares que cada autor persegue e desenvolve na análise ao contrabando.

Dos autores e respectivas obras em cima citados, destaco muito em especial a publicação de (Fonseca, Freire e Rovisco, 2009) por reunir um conjunto de pensadores que se dedicaram ao estudo do contrabando, durante os últimos anos. Assim como o estudo de Eduarda Rovisco (2008) que, para além de explorar a evolução da temática, cita e aborda os pontos de vista (relativos ao contrabando) da grande maioria dos autores que integram a publicação *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memória e Patrimónios*. Até certo ponto, o texto apresenta uma espécie de estudo introdutório para o entendimento das perspetivas presentes na obra (Freire, Rovisco e Fonseca 2009). *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola* reúne textos de vários autores, anteriormente citados (portugueses e espanhóis) e apresenta-se como um marco no panorama da investigação. Esta obra leva-nos a compreender a pluralidade do tema e as potencialidades que os diversos pontos de vista encerram.

Portanto, ao ler-se «Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola» encontramos uma súpula das perspetivas primordiais desenvolvidas pelos principais estudiosos do contrabando, indo ao encontro das palavras das autoras no texto de apresentação da obra, uma vez que a obra em questão teve origem na necessidade de se estabelecer um ponto da situação acerca dos saberes ligados ao estudo do contrabando, do lado português e espanhol<sup>21</sup>.

Antes de fazer alusão ao capítulos que integram esta obra, bem como, algumas obras/estudos que marcam a investigação do contrabando, gostaria de explicar que as análises sumárias que se seguem são resultado da minhas experiências de leitura. Têm por objectivo principal sintetizar as perspetivas de estudo, pelo que peço alguma compreensão se não focar eventualmente aspectos relevantes que integram os respectivos capítulos.

---

<sup>21</sup> «[U]m dos objectivos que norteou a organização desta colectânea foi o de reunir estudos que permitissem fazer um balanço do estado dos conhecimentos, contribuindo para estimular o debate e a realização de novas pesquisas. Deste modo, foi possível reunir textos que, reflectindo perspectivas disciplinares diversas, abordam as principais questões que têm vindo a ser tratadas nas pesquisas levadas a cabo em Portugal e Espanha, de acordo com Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca, coord., *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios* (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 18.



O capítulo que encabeça a obra em análise é relativo ao estudo de Paula Godinho, intitulado «Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista». O concelho de Chaves e a comarca de Verín, entre velhos quotidianos e novas modalidades emblematizantes». A autora procura analisar o contrabando na zona de Chaves (Distrito de Vila Real) e em certas zonas do outro lado da raia, mais concretamente, Ourense (Vilardevós, Verín, Oimbra e Cualedro). Pelo que pude entender, Paula Godinho analisa o contrabando no quadro de uma perspetiva filiada na Antropologia Social, assente na ideia da economia da «casa», da economia de subsistência e nas relações destas com o reforço do aparelho e das políticas estatais de controlo e regulação das populações, como ilustra a citação que se segue:

«Se as fronteiras existem para, através do seu cruzamento, controlar a passagem de bens, o contrabando constitui sobretudo um crime contra o Estado e não contra a propriedade dos indivíduos, precisão que faz toda a diferença da perspectiva local, com uma economia que até há pouco assentava na “casa”»<sup>22</sup>.

A proibição e a criminalização do contrabando pelo Estado é evidente e marcante. A autora contrapõe, neste contexto, as visões distintas que caracterizam o contrabando de pequena escala, na ótica estatal versus populações locais:

«O contrabando de pequena escala que “ajudou a governar” os núcleos domésticos da raia, é “uma forma de vida” que só aos olhos dos representantes dos Estados centrais pode assemelhar-se a uma fraude»<sup>23</sup>.

Da análise ao trabalho de Paula Godinho, destaco ainda a questão do empacotamento e invisibilidade do contrabando, enquanto base para o sucesso na actividade<sup>24</sup>, caminhando para a «visibilidade» com o final destas práticas, após a entrada na CEE. Dito por outras palavras, Godinho remete para a problemática da patrimonialização do contrabando como meio de perpetuar a sua experiência no tempo, sem deixar de assinalar a dimensão perversa dessa tendência, ao aludir concretamente ao «Centro de interpretação do Contrabando», localizado em Vinhais (Trás-os-Montes):

---

<sup>22</sup> Paula Godinho, «“Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista” – O concelho de Chaves e a Comarca de Verín, entre velhos quotidianos de fronteira e as novas modalidades emblematizantes», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 32.

<sup>23</sup> Godinho, «“Desde a...», 38.

<sup>24</sup> Godinho, «“Desde a...», 47.

«Agora convertida em modalidade mostrável às crianças e de consumo para visitantes em momentos de ócio, esta actividade que estivera aquém da esfera do visível adquire uma aparência e torna-se visitável nos seus circuitos entretanto desactivados»<sup>25</sup>.

Por seu turno, Daniel Lanero Táboas, António Míguez Macho e Ángel Rodríguez Gallardo direccionaram o seu estudo «La “raia” galaico – portuguesa en tempos convulsos. Nuevas interpretaciones sobre el control político y la cultura de frontera en las dictaduras ibéricas», para o entendimento do contrabando no contexto de dois conflitos bélicos que marcaram os anos 30 e 40 do século XX: a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial, no quadro dos processos de institucionalização e consolidação das ditaduras ibéricas. O texto reveste uma abordagem marcadamente política e económica do contrabando, dentro do arco temporal em foco. Daí que a análise do contrabando tenda a revestir uma leitura histórica particular, como decorre da citação dos autores:

«Sabemos que las consecuencias políticas de la “guerra de España” modificaron significativamente la vida de las poblaciones campesinas «raianas». A ambos lados de la frontera escasearon los productos de primera necesidad: [...] las poblaciones campesinas hubieron de recurrir a estrategias de resistencia o autoayuda – entre ellas el contrabando [...]»<sup>26</sup>.

Para além da passagem ilegal de mercadorias, os contrabandistas contribuíram para o apoio à fuga de refugiados políticos oriundos de Espanha, no decorrer da Guerra Civil e a influência destes, na reformulação dos pensamentos económicos e políticos das populações raianas no lado português: «En nuestra opinión, la dinámica gerada por el refugiado de la guerra de España modificó la economía del campesinado»<sup>27</sup>. Esta dinâmica gerou preocupações ao Estado português, devido à ameaça da influência e propagação das ideias comunistas e de esquerda entre as populações da raia<sup>28</sup>. Daí a preocupação dos dois regimes, principalmente do português, no reforço da patrulha raiana, tornando mais difícil a passagem de contrabando bem como de refugiados<sup>29</sup>. O excerto reproduzido abaixo, sintetiza o a especificidade do contrabando neste ciclo histórico:

---

<sup>25</sup> Godinho, «“Desde a...”», 49.

<sup>26</sup> Daniel Lanero Táboas, António Míguez Macho e Ángel Rodríguez Gallardo, «La “raia” Galaico-Portuguesa en tempos convulsos. Nuevas interpretaciones sobre el control político y la cultura de freontera en las dictaduras ibéricas (1936-1945)», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 58.

<sup>27</sup> Táboas, Macho e Gallardo, «La “raia”...», 60.

<sup>28</sup> Táboas, Macho e Gallardo, «La “raia”...», 64.

<sup>29</sup> Táboas, Macho e Gallardo, «La “raia”...», 66.

«Por tanto, la especificidade del contrabando en este tramo temporal, la gran intensificación en el recurso a las «armas de los débiles» asociadas a la práctica del contrabando por parte de los campesinos, fue directamente proporcional al grado de presión ejercido por ambos Estados. De hecho, cuando esta presión se relajó, el contrabando volvió a unos niveles más o menos «habituales» (y estructurales) de incidência»<sup>30</sup>.

Eduarda Rovisco circunscreve geograficamente o seu estudo «"La empresa más grande que tenía el gobierno português y el español era el contrabando". Práticas e discursos sobre contrabando na raia do concelho de Idanha-a-Nova», à raia de Idanha-a-Nova (Salvaterra do Extremo e Penha Garcia), realizando breves referências a Soito (Sabugal) e Zarza la Mayor (Cáceres). O estudo pretende, ainda, fazer um mapeamento do contrabando, desde o final da Guerra Civil de Espanha até à integração dos estados ibéricos na CEE.

A autora procede, em primeiro lugar, ao levantamento das apreensões levadas a cabo no território nacional, com o fim de enquadrar as respectivas práticas locais de contrabando<sup>31</sup>.

Mas acaba por concluir:

«Contudo, o contrabando praticado nestas duas freguesias distingue-se tanto quanto se distinguem estas duas localidades, o mesmo é dizer, quanto o norte do concelho e do país se distingue do sul»<sup>32</sup>.

Num segundo momento, a autora analisa, numa perspetiva comparativa, as práticas do contrabando e os discursos nas duas localidades em estudo, tal como se observa:

«As diferenças nas práticas de contrabando entre o norte e o sul da fronteira do concelho de Idanha [...] produzem divergências ao nível dos discursos actualmente produzidos sobre o contrabando»<sup>33</sup>.

Por último, Eduarda Rovisco aborda o contrabando segundo o ponto de vista das relações de confronto com as autoridades:

«São pois, os relatos destes confrontos que constituem o tema central das narrativas sobre o contrabando, verbalizados em dois tons distintos: o registo jocoso patente nas histórias sobre argúcia dos contrabandistas e a sua vitória sobre as autoridades»<sup>34</sup>.

---

<sup>30</sup> Táboas, Macho e Gallardo, «La "raia" ...», 76.

<sup>31</sup> Eduarda Rovisco, «"La empresa más grande que tenía el gobierno português y el español era el contrabando". Práticas e discursos sobre contrabando na raia do concelho de Idanha-a-Nova», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 94.

<sup>32</sup> Rovisco, «"La empresa..."», 105.

<sup>33</sup> Rovisco, «"La empresa..."», 116.

<sup>34</sup> Rovisco, «"La empresa..."», 119.

Medina Garcia é o autor que se segue no percurso da revisão da bibliografia da especialidade, no seu trabalho «Orígenes, características y transformación del contrabando tradicional en la frontera de Extremadura com Portugal». A área geográfica deste estudo recai sobre a fronteira da Extremadura e o período cronológico em análise é o mais extenso, situando-se entre a Idade Média até aos meados do século XX. O autor propõe-se traçar a evolução do contrabando relacionada com a questão da evolução da fronteira, das suas gentes e das actividades económicas, como decorre do excerto:

«La vida en la frontera discurrió prácticamente inalterable durante siglos, las gentes vivían sometidas a los poderes feudales, cultivaban las tierras y cuidaban del ganado [...] cuando podían, se desplazaban a visitar a sus parientes y/o realizaban contrabando»<sup>35</sup>.

Através desta linha orientadora, procura analisar a problemática da evolução do contrabando tradicional, associado às questões do crescente controlo da fronteira e o desenvolvimento dos Estados Centralistas:

«El “poder central”, representado por la figura de los monarcas [...] saldrá al fin victorioso en esa larga e interesada pugna por el control de las aduanas y los pasos fronterizos. [...] La historia del contrabando discurre así, paralela a la consolidación de los estados centralizados»<sup>36</sup>.

O contrabando tradicional encerra na sua génese uma certa oposição ao poder, uma fuga aos pagamentos aduaneiros: «[...] una actividad que no sólo eludía el pago de los impuestos aduaneiros [...] en este sentido, el contrabando constituía una oposición contestatária frente al poder instituído [...]»<sup>37</sup>.

Neste sentido o surgimento do contrabando está intimamente ligado à existência e definição da fronteira:

«El fenómeno del contrabando participa de esse espíritu de frontera que transcende lo circunstancial [...] El contrabando en la frontera de Extremadura con Portugal está estrechamente relacionado com la existencia de la propia frontera, com las implicaciones que arrastra su nacimiento»<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Eusebio Medina Garcia, «Orígenes, características y transformación del contrabando tradicional en la frontera de Extremadura com Portugal», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 94.

<sup>36</sup> Garcia, «Orígenes...», 139.

<sup>37</sup> Garcia, «Orígenes...», 140-141.

<sup>38</sup> Garcia, «Orígenes...», 141.

Perante as questões levantadas e as configurações que marcam a evolução das fronteiras e, conseqüentemente, do contrabando, o autor, aborda a questão do desenvolvimento e evolução das quadrilhas, que em termos de estrutura organizada remonta à segunda metade do século XVIII. A análise desta problemática centra-se, sobretudo no século XX, sendo que as quadrilhas são definidas como «organizações informais», tal como demonstra Medina Garcia:

«El grado de apertura o porosidade parece estar relacionado com las condiciones en las que se desenvolvían estas “organizaciones informales”, siendo más cerradas a medida que aumentaba la represión sobre ellas y sus actividades»<sup>39</sup>.

Estas organizações começam a desaparecer perante a evolução da fronteira e das modificações a nível social. Por volta da década de cinquenta as quadrilhas profissionais foram dando lugar a grupos alargados, sem critério de adesão<sup>40</sup>.

Dulce Simões desenvolveu um estudo socioeconómico intitulado «O contrabando em Barrancos: memórias de um tempo de Guerra», centrado na zona de Barrancos (Beja), cujas balizas cronológicas abarcam a Guerra Civil de Espanha e os anos que se lhe seguiram.

A autora começa por abordar a questão da fronteira e da existência de uma linha imaginária: «A fronteira como demarcação político-administrativa é uma imposição do Estado [...], impondo um sistema económico e social e torno de uma linha imaginária»<sup>41</sup>; a forma como essa linha influencia a relação entre as populações fronteiriças<sup>42</sup>; a sua importância na definição do conceito de Nação:

«Estes autores ao estabelecerem uma dialéctica entre “nacionalismo” e “fronteira” defendem que sem fronteiras físicas ou simbólicas o “nacionalismo” não poderia existir, nem poderiam as “fronteiras” existir sem “nacionalismo”»<sup>43</sup>.

Em traços gerais, a autora analisa as particularidades do contrabando durante a Guerra Civil de Espanha: a continuidade de relações fronteiriças e o aumento desta actividade, apesar da intensificação do patrulhamento da fronteira. Esta ideia é perceptível na citação que se reproduz:

---

<sup>39</sup> Garcia, «Orígenes...», 150.

<sup>40</sup> Garcia, «Orígenes...», 156.

<sup>41</sup> Dulce Simões, «O contrabando em Barrancos: Memórias de um tempo de Guerra», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 166.

<sup>42</sup> Simões, «O contrabando...», 167.

<sup>43</sup> Simões, «O contrabando...», 167.

«[a]s forças do exército permaneceram entre Agosto e Novembro de 1936, mas a ruptura no quotidiano do barranquinhos [...] não impediram a continuidade das relações sociais com os vizinhos espanhóis. Pelo contrário, intensificaram-se ainda mais [...]»<sup>44</sup>.

O contrabando desenvolve-se assim enquanto estratégia tendente a diluir as tensões sociais, criando oportunidade de emprego (ainda que ilegal). Tal como demonstra a autora no seu raciocínio:

«O contrabando intensifica-se neste contexto como alternativa económica, com a conveniência das próprias autoridades municipais, cientes da sua importância como medida de prevenção de conflitos sociais»<sup>45</sup>.

A particularidade da criação de «cantinas» onde se procedia à exportação de produtos para o país vizinho, tal como demonstra Dulce simões na seguinte citação:

«O comércio de exportação permitiu a “empregabilidade” à jorna de trabalhadores rurais, que aí encontraram uma organização de apoio ao contrabando, entendido como uma prática profissional e não como uma prática ilícita»<sup>46</sup>.

Para terminar destacamos o contrabando com base no ponto de vista das hierarquias sociais, tal como remata a autora:

«[é] possível construir uma hierarquia liderada por comerciantes [...]. Num segundo estrato estariam os guardas-fiscais [...]. Por último, temos um grupo de homens e mulheres que actua em pequena escala [...]»<sup>47</sup>.

José Maria Valcuende del Río e Rafael Cáceres Feria centram a sua investigação «Viviendo de la frontera: redes sociales y significación simbólica del contrabando» na província de Huelva. Procuram, numa primeira fase, expor a actividade do ponto de vista dos diversos «contrabandos»: «En las páginas siguientes analizaremos precisamente la significación de los “contrabandos” en la provincia de Huelva [...]»<sup>48</sup>. O estudo centra-se nos anos que se seguiram ao final da Guerra Civil de Espanha até à década de oitenta. Em termos de fronteiras naturais a

---

<sup>44</sup> Simões, «O contrabando...», 173.

<sup>45</sup> Simões, «O contrabando...», 176-177.

<sup>46</sup> Simões, «O contrabando...», 186.

<sup>47</sup> Simões, «O contrabando...», 189-190.

<sup>48</sup> José María Valcuende del Río e Rafael Cáceres Feria, «Viviendo de la frontera: redes sociales y significación simbólica del contrabando», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 197.

raia da província de Huelva assume um papel particular, pela quantidade de cursos de água que delimitam a separação entre os dois países (Guadiana, Chanza e Ardila)<sup>49</sup>.

Portanto, os vários contrabandos são referidos pelos autores em três partes: Os municípios onde existia controlo fronteiriço (Ayamonte e Rosal de la Frontera), com propensão para o pequeno contrabando e para um grande contrabando encetado pelos comerciantes e industriais:

«Aquellos municipios que legalmente se consideraban pasos fronterizos, y que poseían aduana. [...] Así, podemos encontrar desde un contrabando de subsistencia, a pequeña escala, hasta un gran contrabando desarrollado por parte de la elite comercial e industrial»<sup>50</sup>.

Os municípios que se encontravam na proximidade da fronteira sem controlo fronteiriço (Villablanca, San Silvestre, Sanlúcar de Guadiana, El Granado, entre outros), onde quase não existia actividade comercial, limitando o tipo de contrabando que se processava através de caminhos rurais, de forma a evitar o controlo policial:

«Un segundo grupo de municipios serían aquellos cercanos a la frontera, que no poseen un paso oficial. [...] las formas de contrabando quedaron reducidas al paso de productos por las afueras de los núcleos urbanos, a través de caminos rurales, evitando los controles»<sup>51</sup>.

A zona rural que se encontrava entre as duas povoações (Santaclara, los Verdes, Matanegra, etc.) eram maioritariamente ocupadas por gentes oriundas de Portugal que viviam sobretudo da agricultura, criação de gado e comercio em pequena escala com as localidades mais importantes. Estas áreas destacavam-se pelas relações socioeconómicas e relações de comércio facilitadas entre os dois países:

«[t]oda la zona rural que se extiende a lo largo de la frontera entre los distintos pueblos. Se trata de una zona que fue habitada por población de origen portuguesa [...]. En muchos casos el territorio [...] se convierte en una prolongación del espacio socioeconómico portugués [...]»<sup>52</sup>.

---

<sup>49</sup> Río e Feria, «Viviendo...», 199.

<sup>50</sup> Río e Feria, «Viviendo...», 201.

<sup>51</sup> Río e Feria, «Viviendo...», 201.

<sup>52</sup> Río e Feria, «Viviendo...», 202.

Com o fim de esclarecerem os tipos de contrabando praticados na região, os autores fixam três categorias, a saber: o contrabando de acordo com o género dos contrabandistas<sup>53</sup>; o contrabando segundo o estatuto socioeconómico dos intervenientes:

«Las facilidades para controlar las redes de contrabando son directamente proporcionales al poder económico y político de los contrabandistas, y a su mayor o menor capacidad de encubrir esta actividade com otras de carácter legal»<sup>54</sup>.

O contrabando segundo a nacionalidade dos seus actores:

«El estereotipo de “português” como pobre y dispuesto a realizar las labores más miserables. [...] En la frontera “ser del campo”, vivir aislado a las afueras de los núcleos urbanos, há sido sinónimo de “ser português” y esto se há asociado a “ser contrabandista”»<sup>55</sup>.

E por último a revalorização do contrabando: «En que medida el contrabando puede ser también resignificado como referente de identificación local es outra cuestión que merece un desarrollo específico [...]»<sup>56</sup>.

Inês Fonseca e Dulce Freire problematizam as particularidades do contrabando com base no estudo de diversos pontos do país, principalmente nas décadas dos dois conflitos bélicos (Guerra Civil de Espanha e II Guerra Mundial) e nas décadas de explosão emigratória (1950 e 1960). Os principais objectivos deste capítulo, intitulado «"O contrabandista já se sabe, era da oposição." Discursos em torno do contrabando» são, a meu ver, perceber o tipo de práticas e de discursos associados ao contrabando durante as décadas de maior instabilidade, política e socioeconómica. Analisa-se o contrabando enquanto forma de resistência e de oposição ao regime, ainda que «sem assumir um carácter meramente político e manifestando-se com maior expressão em determinadas conjunturas»<sup>57</sup>. Apesar do «contrabando como resistência/oposição ao Estado Novo» se configurar como a perspectiva singular deste estudo, as autoras abordam os discursos e justificações apresentadas no sentido de legitimar as práticas do contrabando<sup>58</sup>. Assim, as autoras sustentam:

«[a]s populações raianas ao comprarem e venderem mercadorias de um e de outro lado da fronteira respectivamente (fugindo ao pagamento dos impostos e aos preços

---

<sup>53</sup> Río e Faria, «Viviendo...», 204.

<sup>54</sup> Río e Faria, «Viviendo...», 208.

<sup>55</sup> Río e Faria, «Viviendo...», 213.

<sup>56</sup> Río e Faria, «Viviendo...», 216.

<sup>57</sup> Inês Fonseca e Dulce Freire, «"O contrabandista, já se sabe, era da oposição" Discursos em torno do contrabando», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 221.

<sup>58</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 221.



regulamentados pelo Estado), estão simultaneamente a defender os rendimentos do seu agregado familiar e a desafiar o domínio e o controlo fiscal do Estado»<sup>59</sup>.

Seja como for, advogam uma leitura de matriz política no contexto das práticas de contrabando:

«Apesar de se tratar de uma estratégia de evitamento de um confronto directo ou simbólico com a autoridade, esta não deixava de constituir uma afronta ao poder central e às autoridades [...]. Consequentemente, toda a fronteira terrestre portuguesa foi alvo de especial vigilância [...]»<sup>60</sup>.

Se olharmos para as justificações atribuídas para a validação do contrabando, no contexto dos ciclos de instabilidade política e social que atravessam o arco temporal em análise, as autoras não deixam de advertir para questões de natureza teórico-metodológica relevantes:

«A questão da intencionalidade e consciência dos indivíduos relativamente às acções praticadas levanta-nos um problema metodológico: se, por um lado, contribui para a classificação de um acto como sendo (ou não) de resistência [...] por outro, nem sempre é expressa de modo explícito: uma vez que o seu grau de eficácia depende do secretismo com que é praticada»<sup>61</sup>.

As justificações avançadas para validar as práticas de contrabando são múltiplas, entre elas, retenham-se: a justificação económica: «[a]s más condições de vida a que estavam sujeitos levavam-nos a não perder a oportunidade de complementar os seus rendimentos familiares»<sup>62</sup>; a justificação moral: «[o]s indivíduos que o praticam são honestos e justos, porque compram as mercadorias que passam e fazem-no para sobreviver»<sup>63</sup>; a justificação política: «Deste modo, mesmo que involuntariamente, os contrabandistas são vistos pelo poder central como oposição [pois] não se deixam subjugar às regras que impõem»<sup>64</sup>.

Luís Silva centra a sua atenção no quadro da crescente patrimonialização e turificação do contrabando, observada no País nas últimas décadas, no estudo «A patrimonialização e a tristificação do contrabando». Antes, porém, alude aos constrangimentos económicos e sociais que marcavam o mundo rural português nos finais do século XX, bem como às políticas de desenvolvimento lançadas no sentido promover a dinamização de regiões economicamente deprimidas. Daí reconhecer a importância que o património e o turismo podem, e devem ter, no

---

<sup>59</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 226.

<sup>60</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 231-232.

<sup>61</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 239.

<sup>62</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 240.

<sup>63</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 242.

<sup>64</sup> Fonseca e Freire, «"O contrabandista..."», 245.

desenvolvimento dessas regiões<sup>65</sup>. Não deixa, contudo, de alertar para os efeitos perversos destas políticas, quando inscritas em visões predominantemente economicistas do património, no âmbito da qual o património é entendido “como um recurso para o turismo cultural e para outras actividades económicas”»<sup>66</sup>. Em contraponto, releva casos de sucesso de iniciativas tendentes à preservação do património e a consequente turistificação (espaços museológicos e rotas do contrabando). No caso dos primeiros, a salvaguarda e patrimonialização do contrabando é ilustrada a partir do «Espaço Memória e Fronteira» criado em Melgaço, iniciativa da Câmara Municipal de Melgaço, em colaboração com o sociólogo Albertino Gonçalves, que o autor classifica como um bom exemplo de «programas e iniciativas de âmbito comunitário na sustentação financeira de projectos relacionados com o património, o turismo e o desenvolvimento local em meio rural»<sup>67</sup>.

É um museu dedicado ao contrabando e à emigração e conta com a presença de materiais e vestígios ligados a estas actividades (produtos contrabandeados, fardas de autoridades, entre outros), imagens, exemplos de documentação, registos audiovisuais. No cômputo geral é um espaço de extrema importância na salvaguarda e entendimento destas práticas, espaço bem organizado que constituiu um importante contributo histórico-cultural para a Vila de Melgaço. Aconselho vivamente a visita a este espaço, bem como, aos restantes espaços de interesse patrimonial. No geral, visitar os concelhos do alto Minho que possuem várias valências neste contexto. A realização de iniciativas deste género são essenciais para a captação turística:

«Esta patrimonialização de natureza “micro” encerra, assim, uma dupla estratégia de construção de identidade colectiva e de fabrico de um produto cultural susceptível de captação de recursos financeiros pela via do turismo»<sup>68</sup>.

Quanto às rotas de contrabando, o autor destaca o crescente interesse por este tipo de itinerários, que se constata nos últimos anos, assinalando, ainda, de acordo com a informação disponível na Internet (datada do último trimestre de 2007), que «é nas regiões de Trás-os-Montes, Beira Interior e Alentejo que encontramos iniciativas deste género».<sup>69</sup> Estas rotas

---

<sup>65</sup> Luís Silva, «Patrimonialização e a tristificação do contrabando», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 259.

<sup>66</sup> Silva, «Patrimonialização...», 263.

<sup>67</sup> Silva, «Patrimonialização...», 267.

<sup>68</sup> Silva, «Patrimonialização...», 273.

<sup>69</sup> Silva, «Patrimonialização...», 274-275.

possibilitam uma viagem ao passado, experimentar e a vivenciar, ainda que de forma descontraída, os trajectos percorridos pelos contrabandistas:

«Para além dos diferentes meios de locomoção utilizados, existem diferentes modos de dar a conhecer aos turistas e/ou recreacionistas as experiências e peripécias das “rotas do contrabando e dos contrabandistas”»<sup>70</sup>.

Luís Cunha apresenta-nos o estudo «Memórias de fronteira: o contrabando como explicação do mundo», direccionado para o município de Campo Maior, pertencente ao distrito de Portalegre. O trabalho deste antropólogo é antecedido por uma contextualização histórica alargada sobre o século XX de forma a inscrever a análise da memória social em torno das práticas de contrabando. A reflexão que tece sobre a produção e preservação da memória social afigura-se particularmente rica, quando afirma a sua relação estreita com a percepção e o sentido da vida: «a memória social não pode ser confundida com a recordação de factos acontecidos. Nela incorpora-se uma experiência do mundo, aquilo a que podemos chamar mundovisão»<sup>71</sup>. Daí a valoração que o autor atribui à memória do contrabando em termos de património da memória social das respectivas populações:

«De facto, mesmo deixando de ser um recurso material, ele continua a ser de grande relevância num outro plano: como recurso narrativo com o qual as populações contam para se pensarem na sua relação com o mundo e com o tempo»<sup>72</sup>.

Vale a pena ainda realçar as propostas enriquecedoras que o autor apresenta a respeito da análise das narrativas e dos seus conteúdos simbólicos, como se depreende da passagem que transcrevemos:

«Aspectos como a coragem, a capacidade de sacrifício, eterna e esquemática luta com os guardas fronteiriços ou a repressão e os castigos, são alguns dos temas que formatam essa representação»<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> Silva, «Patrimonialização...», 276.

<sup>71</sup> Luís Cunha, «Memórias de fronteira: o contrabando como explicação do mundo», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 289-290.

<sup>72</sup> Cunha, «Memórias...», 292-293.

<sup>73</sup> Cunha, «Memórias...», 293.

Nesta linha, o autor problematiza a importância maior da memória colectiva que está para além da representação e da reconstituição histórica do contrabando<sup>74</sup>. Sublinha ainda a importância das relações força que permeiam os silêncios e as omissões no quadro das recordações que são verbalizadas como decorre da sugestiva passagem que transcrevemos:

«[U]ma realidade dinâmica que articula representações e produz distinções sociais. Entre as histórias que se esquecem ou silenciam e aquelas que circulam, se reproduzem e se reforçam, existem forças e tensões que jogam num espaço e num tempo que transcendem o sujeito»<sup>75</sup>.

O último capítulo «Lambaça, o contrabando como explicação do mundo» é da autoria de José Neves que parte da exploração do romance «Cinco Dias, Cinco Noites», de Manuel Tiago (Álvaro Cunhal)<sup>76</sup>. A obra retrata a passagem da fronteira do personagem, André, que contou com a ajuda de um contrabandista, Lambaça, para a concretização do intento. O objetivo do estudo não é tanto o contrabando mas antes a análise de questões subliminares que o romance encerra:

«Em muitos aspectos, as figuras de André e Lambaça replicam imaginários respectivamente associados à cidade e ao campo. O contraste entre fiscalidade de Lambaça e de André por si só anuncia dois mundos diferentes»<sup>77</sup>.

Através das configurações dos discursos, das relações e posições de cada personagem, José Neves faz transparecer as ideias principais que atravessam a trama narrativa de Álvaro Cunhal. Entre elas, aponte-se a «[r]e invenção da figura do militante comunista, então, que se desdobra na ambição de reinventar a própria organização partidária através da sua imersão na economia moral da plebe»<sup>78</sup>. Para além disto, o texto de Álvaro Cunhal procura criticar a mercadorização configurada na figura do contrabandista e do contrabando: «Desde logo, a crítica da mercadorização é intrínseca ao facto da novela fazer elogio da figura do contrabando»<sup>79</sup>.

Examinado o corpus bibliográfico que se configurou emblemático do nosso percurso de revisão crítica da bibliografia da especialidade, apontam-se outros trabalhos que não deixam de complementar e completar o estado da arte sobre o objeto em estudo.

---

<sup>74</sup> Cunha, «Memórias...», 294.

<sup>75</sup> Cunha, «Memórias...», 294-295.

<sup>76</sup> José Neves, «Lambaça, o contrabandista de Álvaro Cunhal», em *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord. (Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009), 310.

<sup>77</sup> Neves, «Lambaça...», 311.

<sup>78</sup> Neves, «Lambaça...», 317.

<sup>79</sup> Neves, «Lambaça...», 319.

Exemplo disso é o estudo de Ana Lavado (2006) «Contrabando: O jogo do jogo». A autora não parece definir em concreto uma zona da raia, para o seu estudo. Parece circunscrever-se às raiais do centro do país, muito em especial, a Beira Baixa. O contrabando é explicado sob a perspectiva do «jogo» que, por sua vez, é suportado através da memória social, tal como explica a autora:

«Falarei do contrabando numa perspectiva da memória [...] Se o contrabando em alguns casos é uma necessidade, noutros surge como um complemento da subsistência, mas perfeitamente dispensável e, noutros ainda, como aspecto puramente lúdico. Encarado sob este ponto de vista, torna-se jogo dentro do jogo»<sup>80</sup>.

É portanto a ideia do jogo, da aventura, dos riscos, associados à noção de memória que servem de matriz para o seu estudo:

«[...] herói que afronta o estabelecido e ousa jogar-se enquanto indivíduo, por inteiro, no grande jogo do bem e do mal [...] ou apenas no maior jogo de todos – o desafio às fronteiras territoriais e legislativas estabelecidas por outros»<sup>81</sup>.

O texto de João Francisco Marques «O contrabando no romance contemporâneo português: contextos espaço-sociais e histórico-económicos», também merece destaque no quadro da revisão bibliográfica. Tal como o título sugere, a abordagem do contrabando realiza-se através da perspectiva da ficção contemporânea, assinalando o autor a importância destas narrativas, independentemente ou não do seu grau de veracidade ou de ficcionalidade. O tempo cronológico e o espaço podem, na ficção, haver sido mesmo esses. Os personagens, se não foram os verdadeiros actores, podem recortar-se nestes, insuflando o romanesco de maior verosimilhança<sup>82</sup>. Interessa ainda a Marques, abordar o contrabando no País, tomando como referentes a fronteira, que se estende entre o Norte a Sul do país:

«O limite-fronteira é o luso-espanhol, desde o Alto Minho, a prolongar-se no topo do nordeste transmontano, descendo pela linha beiroa e alentejana até morrer no Algarve, pois do contrabando por aí processado há registo mais ou menos significativo»<sup>83</sup>.

Mas o olhar do autor é particular e visa responder:

---

<sup>80</sup> Ana F. Piedade Lavado, «Contrabando: O jogo do jogo», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n. 18 (2006): 316-317.

<sup>81</sup> Lavado, «Contrabando...», 298.

<sup>82</sup> Marques, «O contrabando...», 674.

<sup>83</sup> Marques, «O contrabando...», 675.

«[e]m que medida o romance realista e neo-realista, enraizados em nossa contemporaneidade e animados por propósitos éticos e ideológica, repercutiram e se interessaram por essa história quente do contrabando que lhes era coeva?»<sup>84</sup>.

Luís Cunha e Medina Garcia merecem novamente destaque. Em primeiro lugar, e apesar da publicação dos seus estudos se encontrarem separados por alguns anos, observa-se uma pequena particularidade. As duas investigações, para além da sua orientação antropológica, complementam-se. Ou seja, Luís Cunha em *Memória social em Campo Maior* investiga o contrabando do lado português, mais concretamente em Campo Maior (Portalegre). Inversamente, Medina Garcia em «Contrabando en la Frontera de Portugal: Orígenes, Estructuras, Conflicto y Cambio Social», explora estas questões no lado espanhol, nas zonas de Badajoz e Cáceres (Extremadura). Daí a sua complementaridade, aumentado em muito a abrangência dos conhecimentos naquela zona da raia. A menção das respectivas obras merecem atenção redobrada, decorrente desta particularidade.

À semelhança do que já pudemos ler nos artigos presentes no livro *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola*, a orientação dos seus estudos segue a mesma linha, ainda que de forma aprofundada. Luís Cunha estuda as singularidades do contrabando em Campo Maior, vocacionando a sua análise para a memória social e o papel da actualidade na definição e construção dos discursos sobre o contrabando:

«[e]m ambos os casos a sobrevivência se fez pelo resgate ao silêncio e ao esquecimento, pois é a recuperação do sentido das palavras, a recuperação do nome e da identidade, que remete de novo o indivíduo para o grupo e permite a memória.»<sup>85</sup>.

Tal como Luís Cunha, Medina Garcia estuda o contrabando segundo o ponto de vista, principalmente político-económico, mas também social. A evolução do contrabando ao longo da história, associado às questões de fronteira é a motivação que rege esta dissertação:

«El origen del contrabando en la frontera hispano-lusa se remonta al momento mismo en que se conformaba dicha frontera, coincidiendo con la ocupación militar de los puestos secos en la primera mitad del S. XIII.»<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup> Marques, «O contrabando...», 674.

<sup>85</sup> Luís Cunha, *Memória Social em Campo Maior* (Lisboa: Dom Quixote, 2006), 58.

<sup>86</sup> Eusebio Medina Garcia, «Contrabando en la Frontera de Portugal: Orígenes, Estructuras, Conflicto y Cambio Social» (tese de doutoramento, Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid, 2001), 81.

Julgo que não existe a necessidade de me alongar relativamente aos dois estudos, apesar da sua dimensão e importância, uma vez que já destaquei de forma geral o culminar destas duas investigações na obra *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola*.

Desta feita, voltamos a referir Eduarda Rovisco e a sua obra *Não queiras ser castelhana: Fronteira e contrabando na raia da Beira Baixa*. A autora procede a uma análise aprofundada no seguimento do estudo que tem vindo a desenvolver até aqui. A sua atenção continua a centrar-se nas particularidades do contrabando em Idanha-a-Nova abarcando todo o período anteriormente referido, 1930-1980. Nesta obra é patente a inclusão de questões associadas à evolução das fronteiras portuguesas e a problematização deste fenómeno, interligando-se com a questão do contrabando. As memórias e práticas associadas a esta actividade constituem um veículo de estudo para a questão fronteiriça, lembrado pela interacção das gentes raianas:

«Trata-se assim de um trabalho sobre a experiência [...] das relações entre populações locais e o Estado e neste sentido inscreve-se numa das tendências actuais da produção internacional antropológica dedicada às fronteiras»<sup>87</sup>

No encadeamento da linha de pensamento deste estudo, resta destacar três publicações direccionadas para a raia do Alto Minho.

Apresento o livro de Joaquim de Castro Abel Marques intitulado *Contrabando & Emigração*, que tece algumas considerações acerca da emigração e do contrabando, contextualizadas na vila de Melgaço. Como é observável através do título, o autor procura definir algumas ideias relacionadas com a emigração e com o contrabando. A meu ver, o autor não possui uma perspectiva aparente, um ponto de vista central para a orientação do estudo: «O objectivo fundamental deste projecto é o de alargar o âmbito das problemáticas, ainda que as mesmas se limitem a um mero estudo exploratório.»<sup>88</sup>. Contudo, segue uma descrição do contrabando do ponto de vista económico-social, deixando transparecer uma perspectiva interessante, o contrabando como uma actividade migratória: «O contrabando, desde o nosso ponto de vista, também se trata de uma migração (ainda que pendular) isto porque, os indivíduos são obrigados a dar o salto por entre as fronteiras.»<sup>89</sup>.

Por último, J. Marques Rocha na sua obra *Contrabando nas raias do Alto Minho* procedeu à descrição das práticas do contrabando, das suas gentes, das suas histórias, das fronteiras, nas

---

<sup>87</sup> Eduarda Rovisco, *Não queiras ser Castelhana: Fronteira e contrabando na raia da Beira Baixa* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013), 63.

<sup>88</sup> Joaquim de Castro Abel Marques, *Emigração & Contrabando* (Melgaço: Centro Desportivo e Cultural de São Paio, 2003), 17.

<sup>89</sup> Marques, *Emigração...*, 24.

raias do Alto Minho. Debruça-se, sobretudo, no caso de Melgaço, embora mencione e analise por diversas ocasiões os casos de Monção, Valença, bem como outras raias minhotas. O principal objectivo do livro é, aparentemente, a perpetuação da actividade, uma vez que nos encontramos próximos do limite para a recolha das memórias:

«Registar as memórias de algumas dessas lendas vivas do contrabando; Saber o que é feito de alguns “senhores” do contrabando; Não deixar desaparecer histórias fantásticas dos guardas da fronteira – Guarda – fiscal, Guarda Civil e Carabineiros – nos rios Minho, Trancoso e Laboreiro e na raia seca do planalto de Castro Laboreiro»<sup>90</sup>.

Como se pode ver, a descrição do contrabando, procura, de certa forma, eternizar a memória do contrabando. Apesar da importância assumida na definição de problemáticas para o estudo do contrabando, esta motivação, tal como já referi, deve ser a orientação de qualquer estudo: «E fazê-lo antes que seja tarde, já que a maioria dos protagonistas destas histórias tem idades superiores a 80 anos...»<sup>91</sup>.

Não cabe aqui abordar os diferentes pontos de vista de todas as publicações e estudos no âmbito deste tema, o que, por si só, seria complexo. Limitei-me apenas a mapear as abordagens que contribuíram para o meu entendimento e a definição da problemática de estudo, destacando aquelas cuja leitura me suscitou um maior impacto em termos de problematização da minha pesquisa.

#### 4 - Contextualização histórica (Anos 50 – 70)

Antes de avançarmos para o estudo das componentes inerentes ao contrabando é essencial proceder ao contexto histórico deste fenómeno. Pretende-se um enquadramento marcadamente económico, orientado para a compreensão dos discursos legitimadores do contrabando enquanto actividade de subsistência. Procura-se, portanto, escrutinar os motivos que influenciaram as populações raianas na procura de rendimentos complementares, nas décadas em que Portugal conheceu um desenvolvimento económico aparente (1950 – 1970).

Com a finalidade de se perceber o crescimento económico português, destaca-se a importância de uma breve descrição da economia nos anos 40, possibilitando o entendimento desta tendência e do fenómeno em estudo.

---

<sup>90</sup> J. Marques Rocha, *Contrabando nas raias do Alto Minho* (Braga: Câmara Municipal de Melgaço, 2009), 4.

<sup>91</sup> Rocha, *Contrabando...*, 4.



Com o início da Segunda Guerra Mundial, Portugal adoptou uma posição neutral no que concerne à participação directa no conflito. Contudo, e apesar de não integrar os conflitos armados, o Estado português adoptou uma política de economia de guerra. Medida justificada pela dependência externa de bens/matérias-primas e pelo bloqueio económico. Esta política constituiu uma orientação económica onde todo o financiamento e os sectores produtivos contribuíram para o esforço de guerra. No decorrer do conflito assistiu-se à crescente escassez de géneros e ao seu racionamento, culminando em dificuldades para a população:

«A alimentação das populações era complementada com o cultivo de batata [...] azeite e algum vinho. Em conjunto com diversos produtos hortícolas (grão, feijão, nabo, tomate, cenoura, cebola, alho, etc.), foram assegurando a sobrevivência das gentes»<sup>92</sup>.

O panorama das dificuldades assente na insuficiência de bens de primeira necessidade, aliada à inflação, e a consequente dificuldade em garantir preços estáveis, levam as populações a procurar alternativas. É neste contexto que se inserem os povos raianos e as práticas do contrabando:

«A quebra na produção e produtividade na agricultura, resultado não só da falta de adubos [...] e dos maus anos agrícolas mas também da política agrícola do Governo de contenção dos preços no produtor, que terá incentivado o desvio dos géneros agrícolas, e em particular de bens alimentares, dos circuitos legais para o contrabando (Espanha e Alemanha) [...]»<sup>93</sup>.

Logo, a situação de carência rege o plano do enquadramento português no panorama da Segunda Guerra Mundial e dos anos que se lhe seguiram.

A análise à situação do País no decorrer do segundo conflito à escala mundial, possibilita o entendimento das bases que permitiram a evolução económica portuguesa. No estudo das décadas de 50 a 70, procuro, numa primeira fase, realçar os fundamentos deste crescimento, em traços gerais. E numa segunda fase, avaliar se a reforma económica beneficiou ou não, a população portuguesa, principalmente os habitantes das áreas rurais.

Terminado o conflito bélico, Portugal continua em contexto de economia de guerra até ao ano de 1947. Neste ano, partindo do particular interesse dos Estados Unidos na revitalização económica dos países europeus, principalmente da Alemanha, foi criado o chamado Plano

---

<sup>92</sup> Tiago Agostinho Arrifano Tadeu, «A Guarda durante a II Guerra Mundial» (tese de mestrado, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011), 62.

<sup>93</sup> Joel Serrão, A.H. de Oliveira Marques, dir., e Fernando Rosas, coord., *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)* (Lisboa: Editorial Presença, 1992), 320.

Marshall: «Traduzia a necessidade do acompanhamento da liberalização tarifária com o funcionamento dos saldos das balanças de pagamentos e também do investimento a nível nacional»<sup>94</sup>. Na fase inicial deste plano, Portugal não tinha pretensões no que toca à sua integração. No entanto, e perante a situação económica delicada que Portugal atravessava, Salazar aceita a ajuda externa, em 1948. Uma das imposições colocadas aos países que receberam apoio financeiro neste contexto foi a consolidação de planos de desenvolvimento económico. É neste encadeamento que surge o primeiro plano económico português que desemboca no desenvolvimento dos projectos que ficaram conhecidos por «Planos de Fomento».

Os Planos de Fomento permitiram uma tendência de crescimento da economia portuguesa até aos anos 70. Nesta década, Portugal alcançou o nível da média de crescimento mundial e encontrava-se acima de metade da média da CEE: «O país foi considerado um dos melhores exemplos do crescimento da “idade de ouro” (golden age) dos anos 50 e 60 pelas organizações internacionais»<sup>95</sup>.

O I Plano de Fomento (1953-1958) pressupunha um desenvolvimento e construção de infraestruturas, bem como o fomento do sector industrial e a promoção da agricultura, embora a evolução do país passasse pela industrialização:

«[...] denota a prioridade dada ainda a infra-estruturas, com a electricidade (incluída na indústria) e os transportes e comunicações a pesarem respectivamente 34,6% e 32,1%; as indústrias – base contam apenas com 11, 6% dos financiamentos e a agricultura com 17% [...]»<sup>96</sup>.

O enquadramento deste plano, a par da Lei de Reconstituição Económica e da integração na OECE, configuram-se nos traços que orientaram o desenvolvimento económico de Portugal, quase até ao seu final. A participação de Portugal na OECE culminou na abertura, aparente, do país ao exterior e na cooperação financeira internacional. Estas práticas definiram os passos iniciais do país no sentido do progresso económico e industrial.

Os períodos relativos ao pós-guerra e ao I Plano de Fomento (1946-1958) estabelecem uma dinâmica vocacionada para a estabilização económica no final do conflito e a criação das bases para o desenvolvimento industrial durante o I Plano de Fomento.

---

<sup>94</sup> Leonor Freire Costa, Pedro Lains e Susana Munch Miranda, *História económica de Portugal: 1143-2010* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011), 382.

<sup>95</sup> João L. César Neves, «O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global». *Análise social*, vol. XXIX, n. 128 (1994), 1006.

<sup>96</sup> Serrão, Marques e Rosas, *Nova História...*, 323.

No II Plano de Fomento (1959-1964) observa-se um investimento superior relativamente ao primeiro, e prevê-se o desenvolvimento industrial através da iniciativa privada. Também se define, claramente, uma evolução económica de base industrial em detrimento do sector agrícola. No decorrer deste Plano, Portugal integra a EFTA (European Free Trade Association) em 1960, onde se previa a redução das barreiras alfandegárias entre os países membros.

Atente-se que no quadro da presente contextualização não se abordam as questões políticas que marcam as décadas de 50 e 60. Questões como a pressão internacional devido à posse de colónias por parte de Portugal, as eleições presidenciais de 1958 com a candidatura de Humberto Delgado e o início da Guerra Colonial em 1961.

Estes acontecimentos podem suscitar alguma incompreensão na adesão de Portugal à EFTA. Perante o quadro apresentado, principalmente a questão da possessão colonial, levaram o regime a reduzir o diálogo internacional. Porém, a adesão a este organismo reflectia ganhos de importância estratégica para a economia portuguesa e para a sua indústria:

«Isto é plausível se se tiver em consideração que, [...] se assistiu em Portugal durante a década de 1950 ao desenvolvimento de alguns sectores industriais com capacidade de exportação para a Europa»<sup>97</sup>.

No seguimento do II Plano, Portugal entrou verdadeiramente na chamada «idade de ouro». Acelerou-se o crescimento e a reestruturação da indústria direccionada para os mercados internacionais.

Como consequência da integração do nosso país nestes tratados, assiste-se à necessidade de um Plano Intercalar de Fomento (1965-67). A eminente concorrência externa levou à adequação das infra-estruturas no sentido do aumento da produtividade, a fim de se aumentar as exportações e substituir as importações. Ou seja, adequar a indústria aos desafios impostos pelos novos acordos. Quanto à agricultura, o plano define um desenvolvimento do produto agrícola, a melhoria das condições de vida da população rural e o desenvolvimento das zonas mais atrasadas. Mas, na prática, o plano não reserva medidas concretas para a modificação desta estrutura.

A partir de 1968 Marcelo Caetano substitui Oliveira Salazar no poder. A par desta alteração é implementado o III Plano de Fomento (1968-1973) que vem de encontro com o

---

<sup>97</sup> Costa, Lains e Miranda, *História...*, 386.

Plano Intercalar de Fomento, no que concerne à internacionalização da economia portuguesa, da abertura dos seus mercados, do desenvolvimento urbano e do sector terciário.

Em síntese, observamos um conjunto de políticas que contribuíram para uma progressão acentuada da economia, acompanhando a tendência de crescimento europeia entre 1945 e 1973.

Julgo que o contributo do surto industrial como dinamizador do florescimento económico português, já é explícito. Mas como é que se explicam as práticas de subsistência (ex.: contrabando) e o contexto de pobreza das populações rurais, neste processo? O Estado Novo adoptou um modelo de crescimento baseado no incremento do produto para colmatar as desigualdades sociais:

«[...] consignado na prática como objectivo principal o crescimento do produto e subentendido que por essa via se alcançaria a correcção das desigualdades e o acesso do povo aos frutos do crescimento»<sup>98</sup>.

Todavia, durante o crescimento económico português não foi possível erradicar a pobreza, sendo que em 1973 esta realidade encontrava-se bem presente no seio de numerosas famílias. Pobreza que, por sua vez, se encontra profundamente enraizada nas áreas rurais. A situação de carência estava intimamente associada a um certo esquecimento da agricultura e das populações rurais, em função do desenvolvimento industrial e urbano. A industrialização gerou conflito no que respeita aos interesses das classes rurais e urbanas.

Se esmiuçarmos a política de salários e preço, base utilizada no processo industrial das décadas de 50 e 60, podemos entender este choque. Tal como refere Manuela Silva<sup>99</sup>, sendo Portugal, à época, um Estado autoritário, não é difícil compreender as remunerações da maioria das profissões que, salvo algumas excepções, situavam-se em níveis muito reduzidos. Existiu uma orientação para a prática de preços baixos nos produtos essenciais, cujas classes urbanas conseguiam sustentar com os seus rendimentos reduzidos. Apesar de funcionar para os trabalhadores urbanos, o mesmo não se aplicava aos rendimentos dos agricultores, tal como refere Manuela Silva na citação que se reproduz:

«Pela acção conjugada da política de preços nos produtos agrícolas e dos baixos salários pagos aos operários da indústria dá-se, assim, como que um empurramento recíproco da pobreza – do campo para a cidade (êxodo rural a que os baixos rendimentos agrícolas obrigam) e da cidade para o campo (a sustentação do fluxo de mão-de-obra indiferenciada, consentindo salários abaixo do nível de subsistência, parcialmente compensadas com o

---

<sup>98</sup> Manuela Silva, «Crescimento económico e pobreza em Portugal». *Análise Social*, vol. XVIII, n. 72-73-74 (1982), 1078.

<sup>99</sup> Silva, «Crescimento...», 1082.

colete dos preços dos produtos agrícolas, repercutidos estes, por seu turno, no rendimento dos agricultores e salários dos trabalhadores agrícolas»<sup>100</sup>.

A indefinição do desenvolvimento agrícola também pode ser atribuída, na sua génese, ao carácter autoritário do Estado. A intervenção forçada na modernização da agricultura através da sua adequação ao modelo capitalista, por intermédio de um corte drástico com o tradicionalismo agrícola e no modo de vida das populações rurais, pode justificar o atraso da agricultura:

«É essa a incompatibilidade que irá dar origem aos movimentos de resistência e conflito face aos projectos a concretizar, uma vez que estes não tomam em consideração as práticas tradicionais já existentes, propondo uma ruptura radical»<sup>101</sup>.

A intervenção estatal ou a falta dela na reforma agrícola, a baixa produção e crescimento do produto agrícola, e a falta de capital financeiro e humano, levam as populações rurais a procurar alternativas, como foi o caso do contrabando:

«Os campos portugueses nunca foram o mundo pacífico e harmonioso que a propaganda do Estado Novo fazia crer. As estratégias de resistência e luta desenvolveram-se aí, como no resto da Europa, com intensidade e motivações diversas acompanhando (ou não) as conjunturas políticas e económicas gerais»<sup>102</sup>.

A emigração também se constituiu numa via para a procura de melhores condições de vida, principalmente durante o fluxo migratório da década de 50:

«[...] quando o volume de clandestinos no fluxo total andaria pelos 4%. O emigrante típico deste período era do sexo masculino, solteiro, entre os 15 e os 45 anos de idade e, em regra, oriundos do sector agrícola»<sup>103</sup>.

A partir de 60, aquando do início da Guerra Colonial, as emigrações revestiam-se, em grande parte, por motivações relacionadas com a fuga ao serviço militar, mas com o factor económico bem presente. No cômputo geral, a emigração portuguesa no decorrer do século XX e até ao final da Segunda Guerra Mundial, assumiu uma grande expressão, no que respeita aos

---

<sup>100</sup> Silva, «Crescimento...», 1082.

<sup>101</sup> Inês Fonseca, «A bem da Nação! Modernização e resistência em meio rural durante o Estado Novo», em *Mundo rural: Transformações e resistência na Península Ibérica (século XX)*, coord. Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho (Lisboa: Edições Colibri, 2004), 75.

<sup>102</sup> Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho, «O dilema do Estado Novo: A criação de uma verdadeira política rural, ou o aumento da GNR de forma a poder substituí-la». *Arquivos da Memória*, n. 3 (1997), 40.

<sup>103</sup> Maria Ioannis B. Baganha, «As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. Análise Social, vol. XXIX, n.128 (1994), 961-962.

fluxos migratórios, nas zonas da Beira Alta, Trás-os-Montes e Minho. Tendência que se vai manter após a primeira metade deste século, embora com uma ligeira redução, em função de um aumento do fluxo migratório noutras províncias.

Por último, os habitantes das áreas rurais podiam optar pela procura de melhores condições de vida nas cidades, principalmente no sector industrial. Contudo, as possibilidades de emprego neste sector não conseguiam abranger esta procura, o que evocou uma passagem de uma indefinição profissional no sector agrícola para a o subemprego no sector industrial.

Se determinarmos genericamente os níveis de pobreza da população portuguesa, por volta da década de 70, estes rondam os 30%. Valor consideravelmente elevado num país com desenvolvimento económico comparável aos pares europeus:

«Por exemplo, no que respeita ao nível nutricional, estima-se em 30% a população que ficava aquém do mínimo de consumo de proteínas (30 gramas/dia), variando aquela percentagem entre os 3% (população das zonas urbanas) e 44% (populações das zonas rurais)»<sup>104</sup>.

Em forma de conclusão e perante as questões enunciadas, pode-se afirmar que a situação de pobreza foi bastante expressiva durante a evolução económica de Portugal. Esta situação deveu-se, sobretudo, a uma reforma do sector agrícola que não acompanhou o surto industrial desde o início. A falta de procedimentos no sentido do progresso agrícola na altura própria assumiu-se, por si só, como uma das explicações para a persistência e abrangência da pobreza durante a década de 50 até 74. A agricultura e as pessoas que nela trabalhavam ficaram à margem deste processo, sendo que na década de 70, a agricultura empregava cerca de 30% da população portuguesa.

## 5 - Estudo de caso: as práticas de contrabando em Monção

O concelho de Monção situa-se no Norte do país, na região do Alto Minho e sub-região do Minho e Lima, onde se inserem mais nove municípios, pertencentes ao Distrito de Viana do Castelo. Esta vila estabelece a sua fronteira, a Norte, com Espanha através do Rio Minho. Este rio nasce em Espanha e desagua em Caminha, seguindo a direcção Noroeste para Sudoeste. Entende-se ao longo de 340 km, sendo que a Bacia Hidrográfica tem uma dimensão de 16662 km<sup>2</sup> dos quais 820 cabem a Portugal:

---

<sup>104</sup> Silva, «Crescimento...», 1080.

«A mancha portuguesa da bacia do Minho está actualmente dividida em cinco concelhos, a saber: Caminha, Cerveira, Valença, Monção, Melgaço e Paredes de Coura, todos de origem medieval. Globalmente é uma zona montanhosa e, na ocupação das suas gentes predomina largamente, a agricultura»<sup>105</sup>.

A restante área encontra-se limitada pelos concelhos de Valença a Oeste, Paredes de Coura a Sudoeste, Arcos de Valdevez a Sul e Melgaço a Leste.

Monção possui 33 freguesias que se encontram, actualmente, condensadas em 24: Abedim, Anhões/Luzio, Barbeita, Barrosas e Taias, Bela, Cambeses, Ceivães/Badim, Lapela/Troporiz, Lara, Longos Vales, Mazedo/Cortes, Merufe, Messegães/Valadares/Sá, Monção/Troviscoso, Moreira, Pias, Pinheiros, Podame, Portela, Riba de Mouro, Sago/Lordelo/Paradas, Segude, Tangil, Trute, perfazendo uma superfície de cerca de 211 km<sup>2</sup>.

Nas décadas (50-70) em estudo o concelho de Monção é caracterizado, economicamente, pela predominância da actividade agrícola, assente em propriedades de pequena dimensão, pecuária, pesca e comércio. Para além disto, pode-se acrescentar a construção civil e a serração de madeiras, como sectores de carácter industrial:

«"Falar de Monção em termos de economia local é fácil, dada a característica rural do concelho. Com efeito, a tónica da agricultura é a condicionante de todo o movimento económico, pois a vida comercial não é preponderante. As indústrias espalhadas pelo concelho são de reduzida dimensão e ligadas, na generalidade, à construção civil e à serração de madeiras»<sup>106</sup>.

Esta caracterização enquadra-se na descrição da realidade portuguesa e nível nacional, uma vez que a ruralidade e a predominância da actividade agrícola encontra-se bem presente nesta Vila.

Se quisermos ter uma percepção aprofundada deste fenómeno, recorro a alguns valores a fim de o caracterizar. Valores referentes à população residente neste concelho, nível de instrução, áreas de empregabilidade, tudo o que facilite o enquadramento do concelho de Monção.

Conforme refere J. Rocha<sup>107</sup>, a população residente de Monção à data de 1986, rondava os 23799 habitantes, dos quais 53% viviam em condições de carência. Ao nível da educação destaca-se uma taxa de analfabetismo de 24.4 %. A população ficava-se, sobretudo, pela

---

<sup>105</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Alto Minho* (Lisboa: Editorial Presença, 1987), 145.

<sup>106</sup> J. Marques Rocha, *Monção – Uma monografia* (S/l.: s/ed., 1988), 83.

<sup>107</sup> J. Marques Rocha, *Monção – Uma monografia* (S/l.: s/ed., 1988).

instrução primária o que resulta numa percentagem de 46.6%. No que respeita à distribuição da população nos sectores de actividade verifica-se em 1970, 8225 pessoas a laborar no sector primário, 5574 em 1981; No sector secundário contam-se 1375 pessoas em 1970 e 2161 em 1981; No sector terciário 1340 em 1970 e 1980 pessoas em 1981:

«À época, a região do Minho, não era fértil nem diversificada em termos agrícolas. Em todo o Alto Minho, predominava o minifúndio, mas muito pouca gente tinha terra suficiente da qual pudesse tirar o sustento para toda a família. A indústria era inexistente, o comércio era misto e incipiente e o “Estado Providência” não existia, para acudir a situações de carência...»<sup>108</sup>.

Portanto, e apesar de uma contextualização em traços gerais, verifica-se em Monção a tendência que rege a vida das comunidades rurais, anteriormente referenciada. Com base na ideia da predominância da ruralidade, das actividades maioritariamente ligadas ao sector primário, do tamanho reduzido das propriedades agrícolas e da falta de desenvolvimento e empregabilidade dos outros sectores, justifica-se, mais uma vez, a necessidade das populações raianas, neste caso a população monçanense, na procura de soluções para subsistir.

---

<sup>108</sup> Rocha, Contrabando..., 21.



## Capítulo II: O contrabando em Monção, entre os anos 50 - 70

### 1 – Auto e hétero percepções do contrabando em Monção

Perante o carácter de clandestinidade, a principal fonte de estudo para o entendimento da temática será, à partida, aqueles, que directa ou indirectamente, estiveram envolvidos nesta actividade. Neste sentido, podemos afirmar com alguma segurança que a principal via de conhecimento são os testemunhos orais e, conseqüentemente, a História Oral.

Esta forma de fazer História demonstra a importância da oralidade enquanto ferramenta de estudo e de reconhecimento de micro Histórias: «[...] reconocer que la marcha de la historia tiene más de procesos y de experiencias anónimas que de héroes y batallas heroicas»<sup>109</sup>.

Permite também a recolha de pontos de vista diferenciados que possibilitam um conhecimento do particular para o geral, de baixo para cima. Noutras palavras, o entendimento de uma História de pequena dimensão como explicação dos processos que desembocam na «grande História». Portanto, devemos encarar a História oral como o último reduto da perpetuação da memória do contrabando para as gerações futuras.

A propósito da recolha de testemunhos Paul Connerton<sup>110</sup> ajuda-nos a entender a actuação dos historiadores neste campo. Apesar das informações recolhidas junto dos testemunhos, os historiadores refutam, por vezes, as percepções obtidas e procuram interpretar os dados sob o seu ponto de vista. Procura-se uma adequação dos factos que, segundo a perspectiva do historiador, se encontram na proximidade da veracidade de determinados acontecimentos. A verdade dos acontecimentos também pode ser inteligível através do cruzamento das fontes orais, com fontes de variados tipos. No caso da presente dissertação a fidelidade dos acontecimentos deve ser verificada através do cruzamento das informações de todos os testemunhos. Devido à escassez de fontes manuscritas recorre-se às notícias dos jornais e aos estudos efectuados no âmbito do contrabando para verificar a sua credibilidade.

Albertino Gonçalves remete-nos para uma problemática sociológica que se pode adequar a um estudo com base oralidade. Os informantes pertenceram e continuam a pertencer a uma determinada categoria social, pelo que a sua visão social dos anos em estudo pode depender de preconceções intimamente dependentes do estatuto que ocupavam: «As visões do mundo social são parte activa e decisiva na própria divisão do mundo social. [...] Não se pode

---

<sup>109</sup> José Miguel Marinas e Cristina Santamarina, *La Historia Oral: métodos y experiencias* (Madrid: Debate, 1993), 10.

<sup>110</sup> Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam* (Oeiras: Celta, 1999).

compreender o espaço social, sem considerar a visão, implícita ou explícita, construída pelas diversas categorias sociais»<sup>111</sup>. A variabilidade do discurso com base nestas particularidades deve-se encontrar presente durante a análise dos testemunhos.

Na região de Monção a população até uma determinada faixa etária, conta ou já ouviu contar histórias do contrabando. No caso das pessoas que não estiveram directamente envolvidas, as histórias que se contam podem influenciar, de certa forma, a sua percepção quanto à veracidade e heroicidade daqueles que estiveram ligados a estas práticas, podendo evocar uma certa mitificação do contrabando. No entanto, não podemos excluir essa noção no contexto dos relatos recolhidos. Daí a importância da História Oral e da consequente recolha de testemunhos, no processo de entendimento e desmitificação destas práticas.

A História Oral permite-nos aprofundar e compartimentar determinados pontos de vista, que possuem características diferenciadas, relativamente a um determinado episódio. Tal como refere José Miguel Marinas e Cristina Santamarina<sup>112</sup>, os investigadores sociais devem estar cientes das vicissitudes que esta área de saber comporta. Assiste-se a um fluxo constante de identificação de colectividades com características muito próprias, à importância do presente na definição dos discursos do passado e à importância do investigador como responsável pela atribuição de uma identidade aos entrevistados.

A partir dos testemunhos individuais é possível traçar um quadro global da sociedade da época, das suas relações, comportamentos, traços socioculturais, ou seja, o quotidiano destas populações. Portanto, constituem um papel determinante nos processos associados à História oral.

Permitem um aprofundamento detalhado de temáticas, cujas particularidades não são perceptíveis de outra forma:

«Possibilita historias en pequeña escala, ya sean de grupos [...], ya sean de orden geográfico: historias locales de aldea o de barrio. Pone en manos de los historiadores los medios para realizar [...] relatos con la profundidad y los matices necesarios para permitir un análisis antropológico serio»<sup>113</sup>.

A recolha dos testemunhos deve ser entendida numa lógica de pluralidade. Apesar de as entrevistas serem individualizadas, não se procura ter conhecimento acerca da intimidade dos entrevistados. O enfoque do estudo centra-se num determinado processo social, neste caso o

<sup>111</sup> Albertino Gonçalves, «O movimento da discórdia. O trabalho simbólico na mobilidade social», *Antropológicas*, n.2 (1998), 103.

<sup>112</sup> José Miguel Marinas e Cristina Santamarina, *La Historia Oral: métodos y experiencias* (Madrid: Debate, 1993).

<sup>113</sup> Gwyn Prins, «Historia oral», em *Formas de hacer Historia*, ed. Peter Burke (Madrid: Alianza Universidad, 1991), 171.

contrabando, que é comum a todos. Estes podem ser divididos em três estratificações como demonstra Marinas no seguinte excerto:

«[...] cuando hablando trata de establecer los hechos y los personajes y los escenarios en que vivió, con la mayor precisión posible: comparte también [...] la valoración que le merecen, el peso que para su vida supuso tal episodio o tal outro y [...] nos toma como testigos y participantes de un marco normativo que es el de la comunidade o la institución en que tales episodios biográficos se han dado [...]»<sup>114</sup>.

É com base nesta lógica que se recorre aos relatos dos homens e mulheres que tiveram contacto directo com as situações retratadas. No fundo, procura-se caracterizar o contrabando enquanto actividade e certas idealizações que são típicas do nosso imaginário: «Mas directamente, incluso el material procedente de la historia oral puede simplemente mostrarnos que nuestras preconcepciones son falsas»<sup>115</sup>. Ou seja, nem todos os relatos se caracterizam por momentos de superação e vitória sobre o sistema. Também se verificam relatos de vivências e situações que, por norma, são afastados em favor das experiências positivas. O contacto com os informantes permite-nos ainda tomar conhecimento de particularidades ou perspectivas dos contrabandistas, relativamente a questões que podem ser consideradas de menor importância. Daí a necessidade de expor, equilibradamente, as histórias recolhidas, demonstrando as facetas positivas e negativas, possibilitando um conhecimento clarificado da actividade. Essencialmente, pretende-se um primeiro contacto com a actividade orientada para o entendimento de componentes que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para as características que definem o contrabando enquanto objecto de estudo.

Certos detalhes fornecidos pelos informantes viabilizam a percepção de pequenas componentes que, à partida, poderiam ser desvalorizadas. No fundo, os informantes transmitem-nos as suas percepções e vivências das épocas em estudo. A História Oral passa por estudar determinadas temáticas sob a perspectiva dos informantes. Este capítulo direcciona-se para a compreensão das componentes intrínsecas e extrínsecas do contrabando segundo a perspectiva daqueles que vivenciaram os acontecimentos.

Normalmente a direcção dos discursos dos testemunhos tende a referir os momentos mais marcantes do seu quotidiano e das viagens de contrabando. Dessas circunstâncias

---

<sup>114</sup> José Miguel Marinas, *La escucha en la historia oral: palabra dada* (Madrid: Editorial Sintesis, 2007), 40.

<sup>115</sup> Paul Thompson, «Historias de vida en el análisis de vida», em *La Historia Oral: métodos y experiencias*, José Miguel Marinas e Cristina Santamarina (Madrid: Debate, 1993), 69.

conseguimos apreender histórias positivas e negativas, sendo que cabe ao investigador direccionar o questionário para aspectos que os testemunhos não consideram tão relevantes.

A legitimidade do contrabando enquanto actividade é uma das componentes que registam presença constante nos discursos dos informantes. A questão «contrabando» é apresentada de uma forma mais ou menos consensual. Não posso, contudo, afirmar que o consenso é uma realidade no seio daqueles que participaram directamente no contrabando (autoridades/contrabandistas). Estou-me a cingir a um grupo restrito de testemunhos onde a maioria estava ligada às práticas do contrabando. Todavia, e apesar do seu número reduzido, os relatos das autoridades entrevistadas confluem, de uma forma geral, no sentido dos restantes. Depreende-se que o carácter dos testemunhos provenientes das autoridades, não são tão abertos em relação a estas questões. Contudo, traduzem uma reacção positiva à questão «contrabando»: *«Viam que era uma maneira de sobreviver. Não tinham outra maneira de sobreviver. Era, eu pagava-te a ti para me lebares uma carga ali, ganhavas o teu»*<sup>116</sup>. Certos membros pertencentes aos corpos policiais entendiam a perspectiva das populações locais e confluem na legitimação destes actos no sentido da sobrevivência.

Segundo os relatos recolhidos, o contrabando trata-se de uma forma de subsistência para as famílias, por vezes numerosas, com parcos rendimentos. O contrabando é entendido pelos testemunhos como uma «tábua de salvação» e como a maior «indústria» do alto Minho. Foi no contrabando que muitas famílias conseguiram estabilizar as suas necessidades, independentemente dos riscos que a actividade supunha.

Para além do carácter de subsistência, o contrabando pode ser entendido segundo várias lógicas. O carácter de sobrevivência era uma realidade, no entanto as necessidades destas populações transformavam a índole da actividade em formas de resistência.

Esta transformação é perceptível através de Dulce Freire e Inês Fonseca<sup>117</sup>, que definem o contrabando como uma forma de oposição, ainda que não seja directa. Tendo em conta o clima de repressão, controlo e carência em que se vivia durante o Estado Novo, o entendimento desta problemática é perceptível. Apesar de não serem actos políticos direccionados contra o Estado, o contrabando incorpora uma forma de resistência a partir do momento em que deixam de ser actos isolados e passam a ganhar expressão colectivamente. O fenómeno de oposição deve ser entendido numa lógica da luta das populações na melhoria das condições de vida. O simples

---

<sup>116</sup> Joaquim Luís, ex. Guarda-Fiscal da zona de Monção.

<sup>117</sup> Fonseca e Freire, «O contrabandista...».

facto de contornarem o pagamento de taxas aduaneiras constituía-se numa forma de resistência às directivas estatais.

James Scott demonstra que as vivências das populações sobre o jugo de Estados autoritários fomentavam o desenvolvimento destas formas de resistência. As populações não disponham de meios organizados para expor o seu descontentamento, se o fizessem estavam sujeitos à sanção do Estado e às consequências que daí advinham. A única forma de contornar estas disposições era através da clandestinidade, nas tarefas quotidianas e numa luta indirecta, mas contante, contra o poder:

«Instead, it seemed far more important to understand what we might call everyday forms of peasant resistance – the prosaic but constant struggle between the peasantry and those who seek to extract labor, food, taxes, rents, and interest from them»<sup>118</sup>.

O contrabando enquanto actividade clandestina contextualizada no decurso de um regime autoritário, Estado Novo, enquadra-se nas características mencionadas pelos autores. Expressando oposição/resistência na luta por melhores condições de vida, nos confrontos com as autoridades e na expressão e crescimento do contrabando enquanto actividade de subsistência.

A fim de saber qual a opinião dos informantes a este respeito, coloquei a questão da resistência, ainda que de forma indirecta, como uma característica do contrabando. Todavia, os testemunhos refutam a afirmação e referem que o contrabando não dava prejuízo, nem lesava o Estado de forma alguma. Como é óbvio, o contrabando permitia contestar as condições socioeconómicas das épocas em estudo e, para os contrabandistas, está era a definição da actividade:

*«O contrabando não dava prejuízo a ninguém. Contrabando quer fosse de um lado, quer seja do outro, não dava para empobrecer ninguém. Eu creio que quem fosse daqui pra lá, que fosse de lá pra cá, não era o contrabando que desse para pôr o País pobre. Nem de um lado, nem do outro»*<sup>119</sup>.

Independentemente dos atributos que caracterizavam a actividade, contrabandistas houve que utilizavam os dividendos do contrabando em actividades lúdicas e de ócio (cafés, jogos, etc.). Alguns contrabandistas frequentavam assiduamente o país vizinho a fim de obterem

---

<sup>118</sup> James C. Scott, *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance* (New Haven: Yale University Press, 1985), 29.

<sup>119</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

rendimentos que sustentassem estas práticas: «São frequentes também noutros autores as referências a um modo de vida em que os jogos de cartas e mulheres dissipavam o dinheiro do contrabando com a mesma rapidez com que era ganho»<sup>120</sup>. A frequência de cafés e espaços lúdicos parece ser atribuída, maioritariamente, a jovens solteiros. O que não inviabiliza a presença de homens casados. Alguns destes homens ganhavam e gastavam a maior parte do dinheiro nestes espaços, estando dependentes do contrabando para repor rendimentos. Esta informação é-nos dada por Manuel Fernandes, tal como se pode observar:

*«Ganhava-se de noite e gastava-se de dia. Era assim. E era rentável. Tenho pena de muitos terem, pronto. Muitos pensaram que aquilo não tinha fim, não é? Aquilo, pronto. A rapaziada enquanto rapaziada solteira, aquilo era ganhar dinheiro sem destino, não é? Pronto. E não viam o dinheiro fracassar. Porque a gente ganhava 100\$00 cada saco que levava, mas havia que tentar economizar sempre um bocadinho. De 100 guardar 50. Depois havia muitos que quando chegava ao meio da semana andavam a pedir dinheiro: “Ai, pra semana ou logo vamos outra vez”»<sup>121</sup>.*

Estas práticas não se estendiam a todos os contrabandistas, mas era algo que marcava o dia-a-dia de determinados homens e que faz parte das componentes menos expostas por estes.

Voltando à análise do contrabando enquanto forma de subsistência, deve-se aludir à compreensão das condições gerais de vida da população monçanense à luz do panorama nacional, relativamente ao atraso do desenvolvimento agrícola e das zonas rurais.

No cruzamento das fontes orais com fontes impressas deparamo-nos com a exposição realista desta problemática em Monção. Não é de estranhar que os discursos dos informantes confluem para o contrabando de sobrevivência. O seguinte excerto expõe de forma acutilante a dura realidade da população monçanense no início da década de 50 numa aldeia deste concelho:

*«As crianças choram com doença, com falta de limpeza, talvez com fome... até que adormecem. [...] Santo Deus! Como se poderá viver naquela casa-curral? O casal, cinco filhos, um mísero ordenado de fábrica... Contrabando pela noite. Duas noites felizes, a mais duas sardinhas para os sete! O estômago consolou a alma e o sono, só o da madrugada, foi mais reparador. Sábado. Ordenado no bolso da fêria semanal, que vem contando para o pagamento da fornada, mas... impulso natural de tentar pela vida, leva-o à compra de uma carga de café... Desgraça! A família chora, em redor das pinhas e da rama fumarenta, a falta de ceia... [...] E a mendicidade continua também na minha aldeia... São os contrabandistas a mendigar o crédito das cargas aventureiras... são as mulheres com vergonha de mendigar, a contar o drama da sua vida conjugal, envolto na fome e nos*

---

<sup>120</sup> Cunha, Memória Social..., 193-194.

<sup>121</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

trapos, são as crianças chorando o cacho das uvas que o dono da propriedade lhe fez largar, quando com um naco de boroa, dado por outro, matava o jejum do dia... [...] gente corajosa a da minha aldeia!»<sup>122</sup>.

Este relato caracterizava a realidade de muitas famílias monçanenses ao longo das décadas em estudo. As pessoas trabalhavam no que podiam, apesar das fracas remunerações, e o contrabando ajudava a combater este flagelo. Esta situação não se estendia unicamente às aldeias de Monção, era uma problemática que abrangia todo o concelho, inclusivamente a vila. O nível de precariedade familiar possuía um certo peso, uma vez que a repetição de notícias no âmbito das situações de pobreza vão-se repetindo ao longo dos anos em estudo:

«Continua na nossa Vila a triste e reprovável cena da pedincha. É um autêntico exército, que em formatura percorre todos os recantos da Vila, desfechando às pessoas, que encontra, sempre o mesmo “tiro”: Dê-me uma esmolinha»<sup>123</sup>.

Como se pode ver, nos finais da década de 60 existiam problemas associados à mendicidade, colmatando a falta de meios para a obtenção de rendimentos.

A situação económica das famílias era de tal forma alargada e intensa que os noticiários locais abordam constantemente estas questões. Neste âmbito, deparei-me com uma notícia que possibilita o aprofundamento da questão das dificuldades económicas dos monçanenses. A notícia é relativa ao pagamento de multas por parte daqueles que não usassem calçado na rua. Esta ideia é expressa na seguinte citação:

«[...] edital de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil, referente ao “pé descalço”. Por ele tomamos conhecimento de que a partir do dia 1 de Julho serão punidas todas as pessoas descalças, com multa de 5\$00 pela primeira vez; de 20\$00 quando for reincidente pela primeira vez e 50\$ ou prisão, nas demais.[...] É difícil, porém, para as poucas possibilidades da nossa classe popular, munir-se de calçado suficiente para evitar multas. O calçado por muito modesto que seja é caro!!»<sup>124</sup>.

São notícias como estas que nos permitem compreender a extensão da problemática. De tal forma que até a questão do calçado constituía esforços económicos a várias famílias.

A ocupação que empregava maior número de população era a agricultura. Muitos dos contrabandistas trabalhavam na lavoura durante o dia e à noite partiam para o contrabando. Os trabalhadores agrícolas lavoravam sob condições de precariedade e recebiam escassos

---

<sup>122</sup> Antónia Afonso, «Coisas da miña aldeia», *Terra Minhota*, 15 de Outubro, 1950, 4.

<sup>123</sup> Anónimo, «Observações 007», *Notícias de Monção*, 25 Agosto, 1967, 2.

<sup>124</sup> Anónimo, «Atenção, bom povo de Monção! Atenção, Ex.<sup>mas</sup> Autoridades!», *A Terra Minhota*, 20 Julho, 1957, 5.

rendimentos. Esta situação é contextualizada pela corrente neo-realista sob o signo de Miguel Torga. O autor analisa as condições gerais de vida sob a perspectiva realista, com a crítica ao regime bem presente:

«E aquelas casas na extrema pureza de uma toca humana, e aqueles seres deitados ao sol como esquecidos da vida, transtornaram-lhe o entendimento. - Esta gente que faz? – perguntou a um companheiro já maduro no ofício. – Contrabando. – Contrabando!? Todos!? E as terras, a agricultura? – Terras!? Estes penedias!?»<sup>125</sup>.

Inês Fonseca e Dulce Freire<sup>126</sup> igualmente referem que dependendo de factores imprevisíveis, como a instabilidade do tempo que desemboca em maus anos agrícolas, os homens poderiam trabalhar entre 8 e 10 meses e as mulheres entre 5 e 6 meses. Os meses em que a ocupação agrícola não era possível podiam resultar no desemprego ou em ocupações que fossem possíveis. A instabilidade do mercado de trabalho levou alguns homens e mulheres a serem contrabandistas a tempo inteiro, encontrando-se dependentes das flutuações desta actividade.

João Ferreira de Almeida avalia, igualmente, as características das classes sociais rurais e vai de encontro com as afirmações anteriores: «Estas últimas constituem o núcleo principal de presença de um campesinato parcial obrigado a acumular a actividade agrícola com algum trabalho assalariado exterior»<sup>127</sup> Claro está que nos períodos de «pausa» agrícola os populares procuravam formas de colmatar a falta de rendimentos e o contrabando apresentava-se como solução.

A questão do fraco desenvolvimento e maus anos agrícolas alargava-se a todo território português. Em Monção a agricultura destacava-se com frequência nas manchetes dos jornais locais. É comum encontrar notícias relativas a críticas estruturais da agricultura, ao atraso do seu desenvolvimento e à fixação de um número elevado de população envolvida nesta actividade. Exemplo disso é o seguinte excerto que passamos a reproduzir:

«[...] São os lavradores a quase metade da população de Portugal e apesar de viverem em condições precárias – tal o estado de empobrecimento a que chegou a lavoura nacional constituem, na quase totalidade, a classe mais dócil à Vontade Divina e mais confiante nos imortais destinos da Pátria e na orientação dos seus governantes. [...] Pretende-se ignorar que o baixo rendimento da lavoura provém mais da permanência de culturas tradicionais pobres do que de qualquer outro factor, além dos naturais acima apontados. [...] Lança-se a miragem da mecanização da agricultura como se não a conhecêssemos e sem se

<sup>125</sup> Miguel Torga, *Novos contos da montanha* (Coimbra: Edição do autor, 1986), 29.

<sup>126</sup> Fonseca e Freire, «O contrabandista...», 227.

<sup>127</sup> João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos campos* (Oeiras: Celta Editora, 1999), 165.



citarem quer as dificuldades de ordem técnico- agrícola e simultânea de criar emprego a mão-de-obra que tal mecanização vai libertando»<sup>128</sup>.

Face ao que já foi dito, a população monçanense agarrava-se ao que podia no seio de um quadro de falta de trabalho, carências alimentares e procura de alternativas na obtenção de rendimentos. Situações que caracterizavam a luta constante pela melhoria das condições gerais de vida. Luís Afonso, antigo contrabandista, conta-nos como se processavam os modos de vida destas populações através da sua experiência pessoal. Sempre procurou trabalhar no que fosse possível para ajudar o seu agregado familiar. Esta informação é entendida pela forma como o mesmo a expõe:

*«Também não havia construção civil, não havia, não havia emprego, não havia onde ganhar dinheiro. Ou no contrabando, ou às pinhas como andei muito tempo. [...] Sujeitei-me, a gente sujeitava-se àquilo, tinha que arriscar e pronto. [...] Eu levantava-me de manhã, de me ter deitado à noite no meio de uns farrapos ou no meio de um bocado de palha, que nem cama tinha para me deitar. Deitava-me à noite, talvez com um bocadinho de umas couves, com um bocado de farinha misturada, que não havia mais nada para comer. [...] Isso é que era miséria. E querer uma calças para vestir e não as ter, e outras coisas mais»<sup>129</sup>.*

Este contrabandista remata fazendo uma caracterização global da situação familiar na Vila de Monção e nas aldeias, que correspondiam a envolvimento do discurso anterior. Passamos então a analisar as suas palavras:

*«Não era o meu caso o único. A nossa vila em si, a nossa vila em si era a pior miséria do mundo. Nas aldeias até tinham um bocadinho de terreno para pôr umas batatas. Trabalhavam como galegos, mas tinham um bocadinho de conforto. Agora aqui na vila, Estandarte, Rosal<sup>130</sup>. Quem conheceu o Estandarte e o Rosal que já não é do vosso tempo. Havia ali um comboio de casas tudo em madeira. Só se ralhava, só havia barulhos, só havia não sei que mais, sei lá»<sup>131</sup>.*

Para finalizar, a tipologia do discurso encontra-se bem presente nas obras de referência acerca do contrabando. Exemplo disso é Eduarda Rovisco que aborda a questão da escassez do trabalho agrícola e a diferenciação nos rendimentos auferidos neste contexto e no plano do contrabando:

---

<sup>128</sup> Anónimo. «A nossa Agricultura», *Notícias de Monção*, 20 de Abril, 1963, 1-8.

<sup>129</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>130</sup> Bairros de habitação na vila de Monção.

<sup>131</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

«A maioria destes homens referiu ter-se envolvido no contrabando pela escassez de trabalho agrícola durante a maior parte do ano e pela abissal diferença entre os salários ou os lucros obtidos no contrabando e os salários do trabalho agrícola»<sup>132</sup>.

A participação de homens e mulheres nas actividades contrabandistas decorrente da necessidade, não invalida o desenvolvido de um gosto particular por estas práticas. Os contrabandistas demonstram sentimentos como a saudade e nostalgia ao relembrar os tempos do contrabando, das suas gentes e das suas vivências: «*Mas foi uma vida que eu às vezes digo-lhe à minha mulher que tenho saudades daquilo*»<sup>133</sup>. A saudade é tal que muitos referem que voltavam a estas práticas na actualidade, o que demonstra a sua importância na vida dos contrabandistas monçanenses.

Se os sentimentos de saudade marcam os discursos dos contrabandistas, o mesmo não se verifica nos relatos relativos à situação do País. Durante as entrevistas exploratórias coloquei uma questão referente à situação do País antigamente e na actualidade, pedindo aos informantes para efectuar um balanço. Para minha surpresa não se constatou consenso nas respostas obtidas, resultando em exposições diferenciadas. Segundo o meu ponto de vista e perante o retrato económico-social e político das épocas em estudo, esperava deparar-me com discursos que penalizassem fortemente as vivências daqueles tempos. Contudo, a variedade discursiva é tal que certos contradizem as minhas preconcepções. Portanto, como é que se verificam discursos positivos no que toca à situação do País na altura? Os pontos positivos vão-se desenvolvendo em torno de particularidades que não pareciam, à partida, motivos suficientemente relevantes para a produção de um discurso positivo. Destaca-se, em primeiro lugar, o argumento económico. Este argumento prende-se com questões acerca do valor do dinheiro e da sua durabilidade se comparado com o seu valor na actualidade. O dinheiro custava mais a ganhar, mas com pouco podia-se adquirir uma grande variedade de produtos:

«*Quer dizer, antes era mais miséria, mas vivia-se melhor. A gente com 100 escudos comprava isto e aquilo pra dar aos filhos ou qualquer coisa. E agora que dá? Trocas 50 euros e não dá nada, desaparecem*»<sup>134</sup>.

É curiosa a antítese entre miséria/viver melhor, o que também pode expressar uma maior entreajuda entre as populações locais e a citação inconsciente do papel característico do contrabando nestas famílias.

---

<sup>132</sup> Rovisco, «"La empresa..."», 109.

<sup>133</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>134</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

O argumento que se segue alicerça-se na liberdade como forma de explicação do passado e do presente. Neste contexto, o contrabandista não aborda directamente a repressão das liberdades individuais impostas pelos regimes ditatoriais. Refere-se à liberdade existente na actualidade e às suas contrapartidas, uma vez que antigamente não existia tanta abertura e exposição de assuntos privados:

*«Bem, não sei. Seja como for, não havia tanta liberdade, mas vivia-se. Porque agora com a liberdade que deram, acho que ainda ficou pior do que era antigamente, não é? A malta, o povo apanhou a liberdade e faz o que quer, e o que entende. Naquele tempo não, naquele tempo era mais privado, certas coisas que se fazem hoje, não se faziam, não é?»<sup>135</sup>.*

A seriedade, boa convivência e entreaajuda das populações também se destaca na diferenciação cronológica. Os informantes aludem recorrentemente à boa vizinhança e a inexistência de complicações frequentes entre a população local:

*«Antes era melhor. Era melhor era. Era melhor, porque havia gente mais honesta. Uma... você sabe que nós vivíamos uns com os outros, não? [...] não precisamos assim tanto, não andávamos, não andávamos em política, não andávamos nada. Cada um vivia»<sup>136</sup>.*

Em contrapartida, existem testemunhos que vão de encontro com a caracterização das condições gerais de vida durante o Estado Novo. A mudança de um regime autoritário para um regime democrático é a explicação mais plausível. Na medida em que alterou todo o funcionamento da sociedade, a começar pela reestruturação do estado democrático e os benefícios que daí advinham. Major Pereira de Castro elucida-nos acerca destas modificações na citação que de representa:

*«Evidentemente o País agora está muito melhor, está muito melhor. Porque basta dizer que o País não tinha democracia e, portanto, agora tem. [...] O povo tem mais acesso às coisas do que tinha antigamente. Tem mais informação é muito mais informado [...] E, portanto, nesse aspecto, houve um progresso grande. Quer dizer, existiam outras dificuldades, mas o saldo é, apesar de tudo, é positivo... é muito positivo... é muito positivo»<sup>137</sup>.*

A conflitualidade entre um poder de compra reduzido derivado à escassez de divisas durante o Estado Novo, com a facilidade de obtenção de bens supérfluos na actualidade é a

---

<sup>135</sup> José de Lima, ex. contrabandista da zona de Melgaço.

<sup>136</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>137</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

característica que Rosa Barbeitos destaca ao nível da diferenciação temporal. Estas características encontram-se expressas no seguinte fragmento textual:

*«É assim, eu acho que agora a gente vive muito bem, porque... Não se vive bem, porque também há muita exigência das coisas, não é? Porque naquele tempo a gente não gastava tanto, porque não havia tanto... Não sei como é que vou explicar. Nós contentávamo-nos com pouco porque não havia mais e também não tínhamos tanto como gastar. Porque nós não tínhamos telemóvel, não tínhamos... [...]. Hoje há muito gasto, mas acaba por se viver bem, mas gasta-se porque também o conforto é outro, não é? [...] Mas vive-se muito melhor do que se vivia naquele tempo»<sup>138</sup>.*

Há uma dualidade de componentes corresponde ao último exemplo destacando-se pontos positivos e negativos. Neste último, assistimos à relação estrita entre respeito e liberdade. Por um lado, existia respeito, mas podia resultar em penalizações derivadas a pequenas transgressões. Por outro, a liberdade veio permitir situações desnecessárias que não se verificavam durante o Estado Novo. Manuel Fernandes demonstra-nos a sua forma de analisar estas questões, tal como podemos observar de seguida:

*«Havia mais respeito, havia mais disciplina, havia mais rigor, mas também erasse punido por isso. Hoje há mais liberdade, mas também há certas coisas que não acho bem com a liberdade que há. São os abusos, os poderes derivado daqui ou dacolá. Não sei, não interessa. Mas, naquela altura, o regime era... era ruim. Mas eu, a mim, nunca me afectou pessoalmente»<sup>139</sup>.*

Como se pode ver, não existe consenso quanto à contraposição do passado-presente. Apesar das adversidades que marcaram a maioria da população monçanense, estes conseguem sempre mencionar características positivas, mesmo nos momentos de maior contrariedade.

O acesso à informação é outra das componentes que merece a nossa atenção. No decurso deste capítulo já indicamos fundamentos de carácter político, económico e social. Não sendo uma constituinte directa do contrabando, será interessante perceber a interação da população com o acesso à informação disponível. O conhecimento era adquirido, fundamentalmente, através da leitura de jornais e rádio. O relato do aparecimento da primeira televisão em Monção remonta, segundo os informantes, a 1962. As televisões foram adquiridas, nos primeiros tempos, por proprietários de estabelecimentos de panificação que ainda hoje laboram. Manuel Fernandes conta-nos como foram as primeiras experiências ao ver o mundo a

---

<sup>138</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>139</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista de Cortes-Monção.

preto e branco. Refere-nos ainda o conjunto de jornais que davam a conhecer as notícias neste período de tempo, tal como é perceptível através das suas palavras:

*«Antigamente não havia televisão. A televisão quando veio foi em 62 salvo erro, a preto e branco. A primeira televisão que compraram foi a dona Sema. Depois foi o bar do João, depois foi o Chave D'ouro. Começou-se a contar tudo a preto e branco com aquele formigueiro. [...] Era jornal e rádio, mais nada. E o jornal também era O Século, O Desportivo, O Notícias, O Primeiro de Janeiro. Foram jornais que sempre houve aí, não é?»<sup>140</sup>.*

A informação obtida nos meios de comunicação não era, contudo, a mais esclarecedora. Durante o Estado Novo, como se sabe, a censura limitava a liberdade de expressão individual eliminando os textos considerados impróprios. A censura atentava contra o discurso, adulterando e encobrindo determinados assuntos que não se queriam expostos. No decorrer da década de 60 a censura deteve um peso considerável ao longo do conflito colonial e do seu agravamento. Portanto, depreende-se que o acesso à informação não era realmente verdadeiro, omitindo-se determinadas situações do público. Ainda assim, José Paquete de Oliveira destaca os anos 60 como os anos dourados da imprensa portuguesa destacando, não só, os motivos que levaram a esse desenvolvimento, como o número de periódicos distribuídos em Portugal no final da década de 60. O autor esclarece estas questões no fragmento que se reproduz:

*«[...] beneficiando dos efeitos conjugados de um efectivo crescimento económico, a imprensa portuguesa, sobe o ponto de vista técnico industrial, vai registar o seu período dourado, verificando uma melhoria tecnológica [...]. Em 1969 publicam-se, em todo o país, 1353 periódicos, sendo 48 jornais diários, 212 semanários e 1093 jornais com outra periodicidade. Lisboa tinha 10 jornais diários e o Porto 7, sendo os restantes publicados nas ilhas e nas ex. colónias»<sup>141</sup>.*

A distribuição de periódicos pelo País no aproximar do final do Estado Novo encontra-se clarificada. Concluindo este assunto, resta adicionar mais uma condicionante ao acesso à informação. O encobrimento de determinadas questões e a falta de exposição pública levavam a uma desinformação da população. Dito de outra forma, a fraca exposição de questões de dimensões variadas criavam um total desconhecimento na maioria da população portuguesa:

---

<sup>140</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista de Cortes-Monção.

<sup>141</sup> José Manuel Paquete de Oliveira, «A integração europeia e os meios de comunicação social», *Análise Social*, XXVIII, n. 118-119 (1992): 1000.

*«Não, as pessoas antes do 25 de Abril estavam... Havia uma carência muito grande de informação. E nem as pessoas, não sabiam muitas coisas, não é? Nem pouco mais ou menos. Hoje em dia nós... O Governo apresenta contas, não é? Fala do PIB, fala no produto interno bruto, fala numa série de coisas que as pessoas antigamente, isto era chinês para elas. Nem falavam nisso»<sup>142</sup>.*

Por último, aludimos a duas informações respeitantes ao entendimento do contrabando de forma a introduzir os pontos que se seguem. Em primeiro lugar analisa-se o contrabando quanto à frequência das suas viagens. Constatamos que o contrabando masculino era organizado e praticado a coberto da noite. As viagens neste contexto podiam ocorrer com frequência durante uma determinada semana e não existir trabalho nas semanas seguintes: *«Tínhamos alturas que íamos hoje, amanhã e depois. Passávamos às vezes semanas ou meses que não havia nada que fazer, depende»<sup>143</sup>* Esta tendência podia encontra-se associada a alguns factores. A principal justificação pode ser ligada às necessidades do país vizinho. Em momentos concretos a procura de produtos podia diminuir perante a oferta, reduzindo também o trabalho dos contrabandistas. O outro motivo pode estar associado ao reforço da fiscalização fronteiriça durante alguns períodos de tempo, principalmente do lado espanhol. Estas manobras podiam dificultar as acções dos contrabandistas e obriga-los a parar por uns tempos. Certo é que o contrabando masculino não ocorria todos os dias, dependia de particularidades, tendências e fluxos da fronteira.

Em segundo e último lugar, questiona-se os informantes no sentido de determinar a freguesia de Monção com maior preponderância para o contrabando e com maior número de efectivos. As repostas à questão podem ser falaciosas e tendenciosas devido à ligação afectiva dos informantes à sua terra de origem. Contudo, não se verificou uma defesa tão aguerrida das aldeias natal. Os testemunhos mencionam, por norma, mais que uma freguesia no âmbito desta questão. Cortes foi a freguesia que reuniu um maior consenso como o local onde existia mais contrabando e contrabandistas. Cortes é apresentada como a freguesia com maior peso no contrabando monçanense, por ser uma terra de barqueiros, de gentes ligadas ao rio:

*«Era Cortes. Era a terra dos barqueiros. Eram esses que nos levavam, era, era. Eles também era... quando quisessem, quando podiam também levavam alguma coisa pra vender»<sup>144</sup>.*

---

<sup>142</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

<sup>143</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>144</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

Para além de Cortes, merecem menção Barbeita, a vila de Monção, Lapela e Troviscoso. Como se pode verificar, não existe unanimidade quanto a esta questão. A problemática da definição de uma freguesia com maior propensão para o contrabando expressa-se pelas necessidades da população de Monção que desembocavam nestas práticas. Neste sentido, todas as freguesias da raia monçanense contavam com homens e mulheres envolvidos no contrabando. Este simples facto representa a impossibilidade de definir uma freguesia com maior orientação para esta actividade:

*« Toda a raia, toda a raia vivia... a maior parte, toda a gente. Eu creio que não havia ninguém que não andasse no contrabando [...] toda a raia, tudo o que estava à beira do rio, toda a gente... Uns mais e outros menos. E não só. Gente que vinha mais de longe, que vinha à carga, vinham à vidinha deles»<sup>145</sup>.*

Em suma, parece evidente o potencial de análise de uma determinada temática com o recurso aos testemunhos orais. Os testemunhos permitem-nos uma abrangência e conhecimento de pequenos detalhes que poderiam ser preteridos em função doutros, mas que denotam um papel importante na caracterização da sociedade raiana e do caso concreto do contrabando. As falhas de um estudo com base em fontes orais podem ser ultrapassadas através do cruzamento das informações recolhidas entre si, com os materiais disponíveis, neste caso os jornais.

## 2 - Idade ideal para o sucesso na actividade

Os pontos que se seguem serão direccionados para o entendimento do contrabando nos termos da sua organização. Quando falamos de organização referimo-nos às componentes que caracterizam esta actividade: idade ideal, constituição dos grupos, formas de comunicação durante a actividade, descrição das embarcações, produtos contrabandeados, etc. No fundo, procura-se elaborar uma exposição onde sejam perceptíveis todos os componentes inerentes ao funcionamento do contrabando e das suas práticas.

Antes de partimos para o entendimento destes conceitos, julgo necessário definir brevemente o termo contrabando.

Em traços gerais, o contrabando pode ser qualificado como uma actividade clandestina de importação ou exportação de produtos ilegais num determinado país ou a introdução de

---

<sup>145</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

produtos sem o pagamento das devidas taxas alfandegárias. Em bom rigor, podemos atribuir a este conceito a seguinte definição:

«Contrabando: Comercio o producción de géneros prohibidos por las leyes a los productores y mercadores particulares. Acción o intento de fabricar o introducir fraudulentamente dichos géneros o de exportarlos, estando prohibido»<sup>146</sup>.

Para além da definição concreta da palavra contrabando, pode-se ainda clarificar as práticas dos seus agentes. Os contrabandistas aproveitavam as oportunidades de negócio existentes e limitavam-se a estabelecer uma ponte entre o produto e os potenciais consumidores, de forma encapotada:

«São agentes perfeitamente racionais, ainda que eventualmente imorais, que se limitam a pôr em contacto os produtores e os consumidores de produtos administrativamente controlados e a cobrar um preço que, inevitavelmente, inclui o risco da clandestinidade»<sup>147</sup>.

O contrabando supôs uma forma de obter rendimentos alternativos para o sustento das famílias que, perante a escassez de oportunidades de trabalho e remunerações reduzias nos trabalhos existentes, procuravam no contrabando uma alternativa suplementar:

«O contrabando aqui abordado insere-se numa economia de subsistência de carácter familiar, de cooperação entre as populações raianas, de modo a aportarem rendimentos acrescidos aos poucos recursos económicos. Os quais eram constituídos basicamente pela exploração da terra, do gado e do rio Minho»<sup>148</sup>.

Muitos eram os motivos que levavam a população monçanenses a praticar o contrabando: complemento dos rendimentos adquiridos nas actividades diárias, sobretudo na agricultura; obtenção de ganhos quando não havia trabalho agrícola ou trabalho noutras actividades; o dinheiro ganho no contrabando era superior aos proventos de actividades como a agricultura; podia-se ganhar mais numa noite de contrabando, do que em algumas jornadas de trabalho; forma de rendimentos para aqueles que se dedicaram exclusivamente ao contrabando:

---

<sup>146</sup> Cristina González Glenz, *Matute: El arte del contrabando* (Barcelona: EDUNSA, 1992), 7.

<sup>147</sup> Manuel Villaverde Cabral, «A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização». *Análise social*, vol. XIX, n. 76 (1983), 202.

<sup>148</sup> Marques, *emigração...*, 69.



«Em diferentes conjunturas, enquadrando produtos variados e com riscos também diferenciados, serviu a alguns para escapar à miséria que pautava os quotidianos dos grupos sociais com menor acesso à propriedade»<sup>149</sup>.

O carácter de subsistência é a face da legitimação do contrabando enquanto actividade. Todavia, não se pode resumir o desenvolvimento destas práticas a uma componente única. Concorro de uma forma global com a ideia da sobrevivência, mas existem outras motivações para além desta explicação. Tal como já tivemos oportunidade de analisar no ponto anterior, o contrabando podia ser explicado enquanto forma de oposição ao Estado. Mas existem outras explicações plausíveis, tais como: o desenvolvimento de um gosto particular pelas emoções vividas durante a actividade, incluindo os perigos que lhe são inerentes; o recurso ao contrabando como forma de sustentar as práticas ociosas de certos indivíduos.

No fundo, pretende-se demonstrar que devemos analisar as informações cedidas pelos informantes para além do que nos é contado. Claro está que a componente da subsistência era a razão primordial que encaminhava uma grande maioria dos populares para estas práticas, mas não era a única. Resumir o contrabando a uma única condição era retirar complexidade ao fenómeno em estudo.

Luís Cunha no seu estudo sobre Campo Maior atesta a complexidade do contrabando no que diz respeito aos significados que supõe para as gentes que o integram. O motivo que levava um determinado indivíduo a integrar a actividade podia não ser o mesmo de outros contrabandistas. A actividade contrabando pode, nesta lógica, ser caracterizada pela pluralidade de motivações que diferenciava os seus agentes:

«Como teremos oportunidade de constatar, o contrabando podia ser apenas um recurso ocasional ou um modo de vida permanente; podia ser uma actividade assalariada ou um espaço de investimento e risco mesmo para contrabandistas de escassos recursos. [...] Serviu tanto para o fausto como para suprir necessidade básicas em alturas de crise na lavoura [...]»<sup>150</sup>.

Perante as problemáticas anteriormente mencionadas, os habitantes de Monção que se inseriam numa lógica de carência, procuravam, então, algum «conforto» no contrabando.

Neste momento a questão que se impõe é saber qual a idade ideal para ser contrabandista? Perante os relatos recolhidos, não parece existir uma idade padrão para a participação no contrabando. A única exigência que se impunha era a capacidade física, de

---

<sup>149</sup> Godinho, «Desde a...», 34.

<sup>150</sup> Cunha, *Memória...*, 183-184.

resistência e de responsabilidade daqueles que se iniciavam nestas operações. Aos contrabandistas jovens também se exigia o cuidado de não colocar a vida dos contrabandistas mais velhos em risco. Manuel Fernandes, antigo contrabandista da freguesia de Cortes, explica assertivamente o que era necessário para integrar o mundo do contrabando. Ser capaz de transportar as cargas e não atrasar a marcha eram componentes essenciais para os novatos: «*A idade desde que pudesses andar e não fosses pôr a vida de ninguém em perigo. E tinha cada um que a levar e cada um era responsável por si*»<sup>151</sup>.

De acordo com os dados recolhidos, os contrabandistas relatam que se iniciaram precocemente nesta actividade. A média das idades corresponde à entrada no mundo do contrabando por volta dos 13 anos. Esta média é relativa ao cálculo das idades dos contrabandistas entrevistados, pelo que não pode estabelecer uma generalização. Apesar da média se situar nos 13 anos, a amostragem compreende idades que vão desde os 10 anos até aos 16 anos. As necessidades familiares faziam com que os jovens procurassem, desde muito cedo, formas de ajudar o agregado. Mais uma vez, devemos estabelecer um parêntesis quanto às idades referenciadas pelos contrabandistas. A alusão a idades compreendidas no início da adolescência remete-nos para as considerações metodológicas iniciais. Ou seja, deve-se ter em conta a subjectividade presente nas memórias individuais. A exposição de uma idade precoce na entrada para o contrabando pode ter a ver como uma certa mitificação e engrandecimento dos informantes. Contudo, devemos trabalhar com os dados fornecidos, embora com esta ideia sempre presente.

Os jovens trabalhavam no que aparecesse-se de forma a ganhar, por muito pouco que fosse, dinheiro extra. Uma das ocupações que é frequentemente referida pelos contrabandistas, aquando da sua juventude, era a recollecção de pinhas. No entanto, os jovens trabalhavam no que fosse possível, desde que fossem remunerados: «*Eu fiz 10 anos, nasci em 26. Mas andava, andei às pinhas [...] andei a vender na vila, a fazer de tudo, tudo sempre. Sempre de tudo, nunca deixei de trabalhar*»<sup>152</sup>. José Gonçalves iniciou-se no contrabando com essa mesma idade para ajudar a mãe nas despesas da casa. A explicação da sua entrada no contrabando é referida de seguida:

«E depois a minha mãe [...] viu pra pagar a décima, ela não tinha dinheiro. [...] e eu vim e comprei duas barras de sabão das de cinco coroas. [...] Mas de manhã pus-me a pé, eu já nadava muito bem, não isso nadava muito bem. E tinha resistência até um bocado. De

---

<sup>151</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>152</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes.

maneira que fui ali ao rio, fui ali a baixo ao rio... De maneira que passei pra lá a nado com as duas barras de sabão»<sup>153</sup>.

A precocidade da introdução destes jovens no mundo do trabalho não era um exclusivo da região de Monção. Entre 1950 e 1970 os jovens com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos contavam para a estatística da população activa em Portugal. Conclui-se que face às necessidades, principalmente das classes agrícolas, os jovens eram obrigados a ajudar as famílias como podiam:

«Em 1950 só se admitem como activos indivíduos com 12 ou mais anos de idade, enquanto, em 1960 e 1970, a idade mínima considerada é de 10 anos. [...] A classe social em que este facto teria mais repercussões seria o campesinato e também o proletariado rural [...]»<sup>154</sup>.

Os rapazes que faziam as primeiras viagens no âmbito do contrabando passavam o rio, tal como se pode observar, a nado. Apesar de não ter conhecimento da paisagem característica do rio Minho durante os anos de estudo, posso afirmar, através da minha percepção actual, que a passagem do rio a nado era um acto arriscado. Sobretudo durante os meses de Inverno, uma vez que o caudal do rio aumenta consideravelmente, acrescendo também os perigos. Mas era desta forma que os jovens contrabandistas transpunham a fronteira natural. Manuel Pereira, contrabandista da freguesia da Bela, também nós dá conta das suas passagens do rio a nado, tal como se reproduz:

*«No contrabando? 13 anos, 13 anos mais ou menos. Mas com 13 anos agora no Verão era com um cunco... Fazia uma cunco em madeira, embreava-o com um breu<sup>155</sup> desses aqui da estrada e assim. [...] Então metia o sabão dentro... O sabão vinha dentro de umas caixas de madeira. E eu arrebetava a caixa e dividia em dois saquinhos e metia, dentro do cunco, roupa e tudo. E ia a nado. Eu sozinho, mas de noite! Às tantas da noite! Onze horas/Meia-noite, eu sozinho! Eu sozinho»<sup>156</sup>.*

Para além disto ainda nos dá conta dos rendimentos que era possível auferir durante esta fase inicial do contrabando. Segundo este, existiam semanas em que se podia ganhar até 120\$00: *«Foi ali que eu comecei a minha vida e ganhava dinheiro. Tinha semanas, eu tinha*

---

<sup>153</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>154</sup> António Marques e Mário Bairrada, «As classes sociais na população activa portuguesa, 1950-70. *Análise Social*, vol. XVIII, n. 72-73-74 (1982-83), 1287.

<sup>155</sup> Tipo de vedante para impermeabilizar madeiras.

<sup>156</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

*semanas de ganhar 120 escudos que era muito dinheiro naquele tempo. Era muito dinheiro»<sup>157</sup>.*

A obtenção destas somas leva-nos a entender a sobreposição do factor monetário sobre o factor risco. Ou seja, a eventualidade de um infortúnio era um risco que estes jovens estavam determinados a correr. A possibilidade de obtenção de remunerações satisfatórias minorava a importância dos riscos.

J. Marques Rocha destaca esta situação, através de uma carta enviada por uma instituição escolar de Melgaço ao Director do Distrito escolar de Viana, no início dos anos 40. O conteúdo da carta refere o decréscimo de alunos na frequência das aulas da 3.ª classe. Termina por dizer que a culpa desta quebra é o contrabando. Através do autor é possível ter acesso à citação que passamos a observar:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que como o demonstra o mapa mensal referente a Maio a frequência média da 3.ª Classe desceu de 33 para 27. A causa desta anormalidade filia-se na razão de os pais de muitas crianças as mandarem para a “frota” – nome porque é conhecido o contrabando de ovos e sabão para Espanha. Tenho empregado os maiores esforços, desde... até à intimidação, mas os lucros são fabulosos – uma criança chega a ganhar por dia 30\$00 e 40\$00, e a miséria é grande [...]»<sup>158</sup>.

Como é perceptível através do excerto, os jovens desempenhavam um papel importante na sustentabilidade dos agregados. Ajuda que remetia os estudos para um plano secundário. A obtenção de lucros era a condição chave que atraía miúdos e graúdos para o contrabando. No entanto, a partida para a aventura e o encontro com o desconhecido também detinham uma certa importância na entrada para o contrabando, tal como nos explica Luís Afonso. A travessia do rio Minho vista, pela primeira vez, por um jovem, causou tal impacto que ainda hoje é recordada com saudade. A lembrança da primeira viagem e o detalhe com que é contada reforça a importância do factor aventura. O contrabandista ilustra-nos a sua experiência que passamos a analisar:

*«Não queiras saber a alegria que eu senti a primeira vez que eu fui à Espanha. Eu senti uma alegria comigo, senti um... sei lá. Que eu era uma criança com 13 anos, pronto teria 14 incompletos. Quando eu me vi com um saquinho às costas, eu e mais meia dúzia de amigos [...]. E então levei o meu petatinho<sup>159</sup> com 10 kg de café [...] Mas lá fomos abeirar da parte de lá, na pesqueira do Mon [...]. E pronto, eu saí atrás dos outros. Saiu um, saiu outro, eu saí por ali pra cima atrás deles. Avançamos a linha para a parte de cima [...] Para*

---

<sup>157</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>158</sup> Rocha, *Contrabando...*, 226-227.

<sup>159</sup> Petate: pode ser referente a uma bolsa ou saco. Neste caso, refere-se ao contrabando transportado pelos mais novos, normalmente associado ao café.

*uma senhora chamada Lola, nunca mais me esquece. [...] Entregamos, pegamos. Quem recebeu com certeza foi o meu irmão, não tenho agora ideia disso. Recebeu o dinheirinho dos 10 kg de café, viemos de volta. Uma noite de luar, formidável! [...] Eu senti uma alegria, senti-me realizado porque fui à Espanha»<sup>160</sup>.*

Estes rapazes começavam desde muito cedo a desenvolver competências ao longo das suas «viagens» a Espanha, o que lhes permitia incrementar a sua experiência a vários níveis: conhecimento do terreno e das zonas mais propícias à fiscalização, criação de uma rede de contactos para a venda das mercadorias, conhecimento das autoridades que fiscalizavam as fronteiras, acumulação de capitais provenientes da actividade e emancipação. Esta ideia é expressa por António Cabanas e reproduzida de seguida:

«Os rapazes, logo que tivessem corpo para trabalharem ao dia, já se aventuravam no contrabando. Aqueles que podiam compravam o café e levavam para Espanha [...]. Desta forma tornavam-se mais respeitados perante a comunidade em geral e mais independentes em relação à autoridade dos pais. Por outro lado, o facto de andarem por sua conta dava-lhes uma aura de homens responsáveis e espertos que se ampliava se comessem a contratar homens»<sup>161</sup>.

### 3 – Formação e dinâmica dos *grupos*

O percurso dos jovens contrabandistas levava-os a alargar as suas aspirações no que diz respeito, sobretudo, aos rendimentos obtidos. Neste sentido existia a necessidade de aumentar os lucros que, por sua vez, dependiam da expansão das cargas contrabandeadas. Perante estas disposições, surgia a necessidade do desenvolvimento de grupos de contrabando. O grupo de contrabando era essencial para o transporte de mercadorias volumosas, mas era ainda mais importante para o êxito da actividade. O auxílio de associados permitia, também, um maior controlo das fiscalizações e probabilidades acrescidas na entrega da mercadoria no destino. As sociedades eram constituídas por pessoas próximas e de confiança. Os grupos fundavam-se com base em relações familiares, de amizade próxima ou de vizinhança: «O facto de os indivíduos manterem entre si relações de grande proximidade, fossem elas familiares ou de amizade, eram uma garantia em si mesma de sucesso da actividade»<sup>162</sup>.

---

<sup>160</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>161</sup> António Manuel Conceição Cabanas «Carregos – Estudo do Contrabando na Raia Central» (comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos, Coimbra, 17-19 de Abril, 2000), 4.

<sup>162</sup> Lavado, *Contrabando...*, 305.

A criação de grupos de contrabando em Monção também se processava segundo as particularidades descritas na citação anterior. Numa actividade clandestina como o contrabando, a proximidade e a confiança nos membros do grupo era de extrema relevância para o sucesso. Daí a importância da proximidade dos elementos fundadores:

*«Em princípio, quando comecei, era eu e mais o meu irmão. Depois, fizemos uma sociedade entre eu, o meu irmão, o meu falecido pai também fazia uma parte da sociedade e outro senhor [...]. Éramos 4 na sociedade»<sup>163</sup>.*

Os laços familiares detinham um grande peso no que respeita à entrada no mundo do contrabando. Por norma, os laços de parentesco com maior preponderância neste contexto era o de irmão, seguido pelo de pai e pelos tios. Normalmente, os familiares envolvidos no contrabando possuíam uma certa influência na entrada de parentes no contrabando. Isto também ocorria, à semelhança de outras zonas do País, no concelho de Melgaço. Esta ideia é constatada através do testemunho de José de Lima, tal como se verifica:

*«Não. Nós é que, pronto. Desde que a gente fosse voluntário. E, portanto, é que eu não queria. O meu irmão que já andava mais cedo. Andou mais cedo, que ele era mais velho do que eu. Digo-lhe eu: “esta noite vou” e diz ele: “Na, na, não vás. Deixa passar mais uma temporada”. Mas um parente meu disse: “Vem, vem, vem connosco” e fui. Comecei então, como digo, devia ter os meus 16/17 anos, mais ou menos»<sup>164</sup>.*

A restrição dos laços na criação do núcleo de um determinado grupo expunha a necessidade de sócios de confiança para que existisse uma maior segurança nos trabalhos desenvolvidos. No fundo, e para além do factor «confiabilidade», o grupo era um meio para este estrato da sociedade alcançar um fim (lucro), com maior segurança e facilidade possível:

*«O bando, nestes casos, não implicava uma organização complicada de grande dimensão. É antes, um grupo organizado de indivíduos de estratos sociais idênticos, geralmente associados entre si através de relações familiares ou vicinais, mas sempre de reciprocidade»<sup>165</sup>.*

Os fundadores dos grupos tinham, como já se sabe, o objectivo de obterem o máximo de proventos. No entanto, também desempenhavam um papel de «mecenass» na ajuda e protecção

---

<sup>163</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>164</sup> José de Lima, ex. contrabandista da zona de Melgaço.

<sup>165</sup> Lavado, *Contrabando...*, 305.

daqueles que não tinham possibilidades de constituir grupo, de comprar uma pequena carga para levar para Espanha ou a agilidade necessária para o contrabando:

«“Oh Manel, olha uma coisa. Porquê que tu não levas um petatinho pra ti?” . Chamávamos-lhe nós petate. (senhor Manuel): “Oh senhor Manel, eu não tenho dinheiro”. (vendedor): “Eu fio-te homem, eu fio-te”. E foi ali que eu comecei a minha vida, está a compreender? Com 13 anos»<sup>166</sup>.

Apesar de estarmos perante mais uma referência à juventude daqueles que se aventuravam no contrabando, o próprio Manuel Pereira afirma que ajudou muita gente a ganhar dinheiro: «*Dei a ganhar dinheiro a essa mocidade que foi uma coisa por demais. Vinham do trabalho e iam ganhar aquele*»<sup>167</sup>.

Os grupos eram então constituídos pelos «sócios» que o criavam e que podiam desempenhar as mais variadas funções. A fim de ajudar, principalmente no transporte das mercadorias, os chefes ou o chefe do grupo, podiam empregar vários indivíduos contratados unicamente para essa função:

«De um modo geral, estas quadrilhas eram compostas por um grupo fixo de homens mais experientes que trabalhavam em sociedade e um conjunto variável de homens mais jovens contratados a frete, i.e., pagos exclusivamente para transportarem as cargas [...]»<sup>168</sup>.

Casos houve em que a constituição dos grupos ou sociedades não ficaram limitados ao contexto nacional. Algumas sociedades eram constituídas quer por portugueses, quer por espanhóis, assumindo os riscos intrínsecos à actividade de forma igualitária: «*Tinha uma sócio da parte de lá um espanhol e pronto foi ai quando... Até foi quando ganhei mais um bocadinho de dinheiro [...]*»<sup>169</sup>. Os contrabandistas portugueses levavam a mercadoria, entregavam aos sócios espanhóis e estes encaminhavam-na para onde bem entendessem.

No concelho de Monção podia-se empregar um número variado de elementos. Alguns contrabandistas referem-nos números que variam entre os 10 ou 15 homens: «*Nós chegávamos a ser 10 ou 15 era consoante*»<sup>170</sup>, podendo existir grupos que registavam 20 homens: «*Aí nós, às vezes, até chamávamos aos 20 homens*»<sup>171</sup>. O número de elementos podia estar directamente ligado ao poder financeiro do chefe, ou seja, à possibilidade de pagamento a um grupo de

---

<sup>166</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>167</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>168</sup> Rovisco, *Não queiras...*, 197.

<sup>169</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>170</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>171</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

grande escala. Também podia variar dependendo do volume das cargas transportadas. Eduarda Rovisco refere a variabilidade do número de pessoas a trabalhar no contrabando em Salvaterra do Extremo, dependendo destas configurações:

«Nas décadas de 1950, 1960, e princípios de 1970, os contrabandistas de Salvaterra reuniam-se em grupos de número variável para transportar café [...]. O número de elementos pertencentes a cada grupo não era estritamente fixo, podendo variar em função do café a transportar em cada saída»<sup>172</sup>.

### 3.1 – Papéis e funções

No seio de um grupo existiam determinadas funções e características que não se alargavam a todos os membros. Contudo, e como já foi dito, a posição não tinha influência directa nas relações de sociabilidade entre os elementos do grupo.

As sociedades podiam ser compostas por mais que um chefe, embora existisse sempre um que mandasse mais que os outros. O chefe, tal como a palavra indica, tinha a função de organizar o grupo de contrabando e as gentes que para ele trabalhavam. O estabelecimento de contactos com os compradores, autoridades, fornecedores, etc., encontrava-se a cargo do chefe. Para além disso, os contrabandistas entrevistados que detinham esta posição, integravam, normalmente, as «viagens» para Espanha:

*«Não, geralmente, quem mandava mais... Automaticamente era eu sempre o que ia, era sempre o mais afouto»<sup>173</sup>. Era eu que ia pra lá, que controlava, era eu que estava sempre em cima dos acontecimentos»<sup>174</sup>.*

Como se pode ver, muitos podiam desempenhar as mais variadas funções para além do cargo de chefia. Funções que podiam passar pelo acompanhamento e transporte do contrabando e até mesmo funções de espia.

Segundo Medina Garcia, a participação de um chefe no âmbito do transporte de contrabando, ajudava a fomentar uma ligação de dependência em relação a este. No entanto esta conexão era importante para fomentar a igualdade entre os pares e a coesão dos elementos de um determinado grupo. Esta ideia transparece na referência que se reproduz:

---

<sup>172</sup> Rovisco, *Não queiras...*, 196-197.

<sup>173</sup> Palavra utilizada para fazer referência a pessoas com coragem, destemidas, que não tinham medo de enfrentar desafios.

<sup>174</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.



«Cuando el patrón ejercía a la vez de guía de su propia cuadrilla, contratando a todos o algunos de sus membros como cargueiros, se generaba en el seno de la cuadrilla una doble relación de dependência; la primera de carácter laboral [...] y la segunda assentada en las relaciones de compañerismo, comaradería o amistad, derivada de la pertencia a una misma cuadrilla, de los sufrimientos, de los avatares, de las vivencias compartidas»<sup>175</sup>.

Os carregadores também desempenhavam um papel importante no seio destes grupos. Atente-se que a ordem da listagem por mim efectuada nada tem a ver com a maior ou menor importância de um determinado cargo, face a outros. Essencialmente, os carregadores eram homens pagos para efectuar o transporte da mercadoria. Sempre que necessário o chefe do grupo mandava convocar estes elementos: «O “Contratador”, responsável pela operação, mandava o “Garoto” dar recado aos “Carregadores” com quem normalmente trabalhava e que transportavam, às “costas”, a mercadoria»<sup>176</sup>. A tarefa de carregador em Monção era praticada em duas modalidades. Carregadores que trabalhavam em Portugal e só transportavam a carga até à margem do rio. E carregadores que transportavam a carga no lado espanhol. Luís Afonso apresenta-nos as particularidades que distinguíam a tarefa de carregador, tal como passamos a observar:

*«Houve muita gente que vinha da parte de cá carregar, levar a carga ao rio e ganhava-se naquela altura 2\$500 por carga, se tu queres, 25 tostões, mas era dinheiro. Traziam meia dúzia de cargas e aquilo contava dinheiro e vinham das aldeias. Mas à Espanha não iam, só faziam da parte de cá. E muitos iam pra lá, nós tínhamos homens. Nós chegamos a andar com 7,8,9,10 homens»*<sup>177</sup>.

Mesmo para aqueles que só vinham auxiliar no transporte do lado português, estes rendimentos eram tão importantes, que muitos homens trabalhavam de noite e, por vezes, iam directos para as suas ocupações durante o dia:

*«Noite inteira a trabalhar e muitos depois tinham que ir para o trabalho deles. [...] Muitos já vinham dali pro trabalho, a maior parte trabalhava, coitados. [...] Era uma ajuda que lhes vinha, para eles também e andavam contentes»*<sup>178</sup>.

José de Lima, carregador no concelho de Melgaço, conta-nos que meses houve em que o volume de contrabando era tal que obrigava os contrabandistas a trabalhar noites inteiras. Após

---

<sup>175</sup> Garcia, «Contrabando en...», 276.

<sup>176</sup> Delfina Ermelinda Pinheiro Campanha Baptista, «Apontamentos sobre os caminhos do contrabando», em *I Conferências Territórios e Culturas Ibéricas*, coords. R. Jacinto, e V. Bento (Guarda: Centro de estudos, 2005), 7.

<sup>177</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>178</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

a jornada nocturna, voltava para casa, tomava o pequeno-almoço e preparava-se para o trabalho agrícola. Esta rotina era um traço característico das populações raianas e demonstra a necessidade da obtenção de todos os rendimentos possíveis:

*«Quantas vezes vínhamos de manhã e nem íamos pra cama. Por exemplo, se calhasse no mês de Abril e Maio, vínhamos, comíamos bem... Tínhamos sempre café com leite e broa da casa, broa caseira. E então, depois ala, campo trabalhar»<sup>179</sup>.*

O transporte de contrabando encontrava-se intrinsecamente dependente da passagem do rio. No seio dos grupos de contrabando também existiam aqueles que se ocupavam destas acções. Refiro-me ao barqueiro ou bateleiro, aquele manobrava a batela<sup>180</sup>. Não sendo um trabalho específico, perante as alternativas de passagem do rio, seria essencial, a meu ver, a presença de alguém com experiência e conhecimento do rio.

A palavra barqueiro encontra-se intimamente relacionada à passagem legal de pessoas na antiga fronteira de Monção, onde se encontra actualmente a ponte internacional:

*«Instituídas com o objectivo de facilitar as relações comerciais, embora licenciadas, eram alvo de uma forte fiscalização, por parte das autoridades, não fossem elas favorecer o contrabando. Mais tarde muitos dos que emigraram na clandestinidade fizeram-no também com recurso às barcas e aos barqueiros»<sup>181</sup>.*

José Gonçalves, contrabandista, foi proprietário, durante algum tempo, de uma embarcação legalizada na passagem de pessoas para Espanha. No entanto, os lucros ficaram aquém das expectativas e depressa desistiu deste negócio. Quem o refere é o próprio, conforme podemos visualizar:

*«Eu tinha um barco barqueiro ali... Autorizado, legalizado, legalizado. Depois botei abaixo que não podia com tudo, nem com a pesca. E preferia mais a pesca. Estava um homem ali a passar era, era 5 escudos cada pessoa. Depois passou pra 10. Ali aquelas mandranas<sup>182</sup> todas, coitadas não podiam pagar: “Ai eu pra outra vez pago, pra outra vez pago”. [...] tirei aquilo dali pra fora e ficaram pra li outros»<sup>183</sup>.*

As movimentações e fiscalização das autoridades eram um perigo eminente em todas as viagens. Neste sentido, determinação da segurança da actividade era uma função

---

<sup>179</sup> José de Lima, ex. contrabandista da zona de Melgaço.

<sup>180</sup> Nome dado ao tipo de embarcação utilizada no contrabando.

<sup>181</sup> Rocha, *Contrabando...*, 34.

<sup>182</sup> Neste caso, refere-se as mulheres que iam a Espanha no âmbito do contrabando.

<sup>183</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

desempenhada pelos espias. Ser espia, tal como a palavra indica, pressupunha o controlo das autoridades sem ser detectado e a observação rotineira das patrulhas permitia definir os melhores locais de passagem. O controlo das fiscalizações, sobretudo no lado de Espanha, assumia um papel importante no sucesso das operações. Esta função vem de encontro com o provérbio: «a necessidade aguça o engenho»<sup>184</sup> utilizado por António Cabanas na descrição do contrabando na Raia Central. O autor destaca a argúcia dos contrabandistas e a agilidade mental na resolução das problemáticas que se colocavam entre o contrabandista e o sucesso do transporte, tal como se reproduz:

«Dos contrabandistas já aqui mencionámos alguns truques e tácticas. O disfarce, a fuga, o andar de noite, o vigiar os guardas, o melhor conhecimento do terreno, melhores meios de transporte, uma imaginação fértil (a necessidade aguça o engenho), enfim toda uma série de artifícios, sem excluir, obviamente, em certos casos, o jogo de influências e a própria corrupção»<sup>185</sup>.

Normalmente, o espia transpunha o rio a nado e posicionava-se na proximidade da zona onde se pretendia contrabandear. Por norma, o espião passava para Espanha durante dia e o controlo podia durar várias horas, até ao anoitecer. Luís Afonso esclarece o posicionamento e a função de espia em Espanha, no excerto que passo a destacar:

*«Eu comecei a ter um bocadinho noção do que era a vida do contrabando, porque a gente é como um emprego, como outra coisa qualquer, começa a ganhar... Conforme passam os anos a gente vai aprendendo. E eu pronto, eu ia pra lá muitas e muitas vezes. Eu ia pra lá sozinho, a nado. No Verão ia a nado pra lá. Punha a roupa à cabeça, a nado pra lá. Punha-me em determinado sítio a controlar a pareja. Chamávamos nós a pareja, são dois carabineiros»*<sup>186</sup>.

Em Salvaterra do Minho, município adjacente a Monção, os espias recorriam a vários métodos de controlo. Um destes passava pela escuta da posição dos carabineiros, posicionando o ouvido na linha do comboio:

*«Que eu uma altura fui atacado, estava metido no aqueduto da linha e eles vinham pra me... E eu dei por ela, porquê? Uma noite de nevoeiro, estava com o ouvido na [linha]. E ouvia-se (referência a passos das autoridades)»*<sup>187</sup>

---

<sup>184</sup> Cabanas, «Carregos...», 9.

<sup>185</sup> Cabanas, «Carregos...», 9.

<sup>186</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>187</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

A própria passagem do rio durante o dia era um acto arriscado e os contrabandistas tinham de arranjar soluções para ludibriar as autoridades. António Oliveira explica-nos as particularidades deste processo no próximo excerto:

*«Quantas vezes a minha missão, como era espia, eu ia de dia muitas vezes para lá. E como ia? A nado, ia a nado. Mas muitas vezes, que os carabineiros também não eram burros nenhuns, tinha que os fintar. E como é que os fintava? [...] Lá ia eu com um saco. Quando era pra passarem, que chegamos a passar de dia dessa maneira, puxar o carabineiro lá cima»<sup>188</sup>.*

Como se pode ver, o trabalho de espia pode ser comparado ao contrabando no seu todo. Esta função era tão arriscada quanto as viagens do contrabando, pois supunha os mesmos riscos que o transporte de mercadorias. Se um determinado indivíduo fosse apanhado a espiar, podia sofrer pesadas consequências como agressões corporais. António Oliveira relata os perigos associados ao trabalho de espia. Este contrabandista não foi severamente castigado, pois desempenhou esta função no decorrer da adolescência. Não obstante, a idade não inviabilizou algumas agressões, tal como o próprio refere:

*«[...] eu de espia ganhava pouco. Mas depois quando me comecei a ganhar mais uma idadezinha, mais tal, comecei a exigir que pelo meio de espia, que não ia. Porque era mais arriscado. Quanta bofetada eu levei. Fui preso várias vezes, fui preso mesmo. Por causa de não querer sair dali e esperar que eles passassem ali. E depois, muitas vezes, davam comigo no local e zás, bofetada de meia-noite, lá ia eu»<sup>189</sup>.*

#### 4 – Códigos de comunicação

As senhas constituíam uma forma de comunicação encapotada durante o contrabando e delas dependia, em parte, o sucesso das transacções. O recurso a este tipo de comunicação podia ocorrer em momentos distintos: durante o percurso no lado espanhol, detecção de fiscalização e sinais enviados pelos espias para o lado português quando era possível passar na zona controlada.

Depreende-se que no contexto de uma actividade como o contrabando a troca de informação devia basear-se em sinais que não expusessem, em demasia, a posição dos

---

<sup>188</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>189</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

contrabandistas. As senhas produziam-se com o recurso a sinais de tipo luminoso ou sinais de tipo vocal, através da produção de sons característicos:

«En torno a la actividade del contrabando se desarrolló de manera esporádica, por necesidad, un sistema de comunicación basado en señales con significaciones compartidas, adaptadas al particular contexto, que facilitaban la comunicación entre los contrabandistas y sus cómplices»<sup>190</sup>.

Os sinais luminosos utilizavam-se frequentemente no controlo das fiscalizações. Quando um certo indivíduo constatava que a patrulha se encontrava noutra zona, recorria a este tipo de sinal para avisar os contrabandistas portugueses do sucedido. Normalmente recorria-se ao fogo como fonte luminosa para a troca de informação:

*«Naquela altura, nos primeiros tempos era com “luminho”. Acendia o lume, punha assim uma senha com lume aceso para dar sinal. E pronto, a batela arrancava pra lá e fazia-se o serviço»*<sup>191</sup>.

Para além do fogo, também se podia reproduzir a senha com o recurso a fontes luminosas artificiais, nomeadamente focos: *«Aí era da tais maneira que nós, se eles passassem, pegávamos num focozinho, que tínhamos um focozinho. Dava-mos a senha pro lado de cá»*<sup>192</sup>.

Durante o transporte das mercadorias, os contrabandistas desenvolveram igualmente um sistema de comunicação específico. A criação de uma via de comunicação que só fosse perceptível pelos contrabandistas era de extrema importância. Permitia a localização dos pares na penumbra da noite e a confirmação da presença de um associado e não de um carabineiro. Este sistema passava pela vocalização de sons característicos que só eram conhecidos, à partida, pelos contrabandistas: *«[...] nós tínhamos uma senhas “ps” “ps”. Era dois toques, um toque que era para confirmar. Porque também os carabineiros chegaram a fazer esses toques»*<sup>193</sup>. Contudo, os carabineiros tinham conhecimento de algumas formas de comunicação, ensinadas por contrabandistas que foram apanhados durante a actividade. O intuito dos carabineiros era, como se sabe, reproduzir as senhas para aprisionar o maior número de contrabandistas:

---

<sup>190</sup> Garcia, «Contrabando en...», 326.

<sup>191</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>192</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>193</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

«Con el tiempo, los carabineiros aprendieron algunas de estas señas y contraseñas, quienes las utilizaron a veces como estrategia para hacer caer a los contrabandistas en su propia trampa»<sup>194</sup>.

Contudo, este facto irá merecer a nossa atenção mais adiante.

Não sendo uma forma explícita de comunicação entre os contrabandistas, existiam factores externos ao contrabando que se podem enquadrar neste âmbito. Refiro-me à ajuda prestada pelos populares dos dois lados da raia. As pessoas que não se encontravam directamente envolvidas no contrabando detinham, por vezes, um papel importante no seu sucesso. Se por algum acaso detectassem autoridades a patrulhar uma determinada zona e os contrabandistas não tivessem conhecimento dessa patrulha, os populares tentavam avisar emitindo vocalizações. Manuel Pulga, antigo guarda-fiscal, dá-nos a entender que mesmo em situações onde existia inimizade com os contrabandistas, os populares tentavam ajudar da forma que pudessem:

*«Qualquer pessoa encobria, qualquer pessoa. Nem que fosse inimigo, encobriam os contrabandistas. Sabes como? Havia campos do lado de Espanha e campos do lado de Portugal. E quando vissem por ali qualquer autoridade começavam a gritar: “A raposa! A raposa!”»*<sup>195</sup>.

Gloria Ruiz dá-nos a conhecer a realidade da cooperação da população espanhola de Granada no decurso de 1937 a 1952. Ainda que a maior parte do seu estudo se enquadre nos contextos de Guerra, a colaboração de pessoas externas ao contrabando com os contrabandistas ocorria em muitos casos por mera solidariedade. Na maior parte das ocorrências não existia nenhum tipo de relação com os contrabandistas e, ainda assim, os populares ajudavam como podiam. A autora inclui estes actos numa lógica de integração num grupo de pertença e na colaboração das populações perante a adversidade:

«[...] determinados individuos ayudaron a los pequeños estraperlistas por pura solidaridad [...] si bien que puede presuponerse una unión basada en la idea interiorizada de pertenencia a un mismo grupo, [...]. Las redes comunitarias se activaron ante la adversidad»<sup>196</sup>.

---

<sup>194</sup> Garcia, «Contrabando en...», 327.

<sup>195</sup> Manuel Pulga, ex. guarda-fiscal da zona de Troviscoso-Monção.

<sup>196</sup> Gloria Róman Ruiz, «Fraude y contrabando en la provincia de Granada. Geografía del estraperlo y actitudes ciudadanas (1937-1952)», *Historia Actual Online*, n. 37 (2015), 17.

Percebe-se que o sucesso da actividade dependia, em parte, da solidariedade e da boa vontade das populações fronteiriças, podendo-se definir a população raiana como uma «grande família». As práticas de cooperação entre populares e contrabandistas adequam-se ao termo sociológico «identidade colectiva». Celsa Batista refere que a interacção cultural e identitária de um indivíduo com os restantes personagens raianos contribui para a definição deste conceito e para o fomento da identidade raiana:

«Identidade esta concebida colectivamente, adstrita a uma continuidade e coesão que faz com que as populações, sobretudo as raianas, pertençam a este ou àquele grupo e que não pertençam a outro»<sup>197</sup>.

Dentro dos factores externos, pode-se adicionar uma forma de transportar contrabando característico de grupos de menor dimensão, em Espanha. O transporte do contrabando do rio até um determinado local ou no sentido inverso fazia-se de forma específica. Enquanto um homem levava uma carga num dos sentidos, o outro percorria o sentido inverso. Os homens cruzavam-se a meio do trajecto, tentando temporizar as movimentações. Se um dos indivíduos não aparecesse no espaço de tempo estipulado era sinal que algo lhe tinha acontecido. Nestas condições os restantes contrabandistas deviam fugir e resgatar as cargas possíveis. Esta técnica pode ser definida como forma de comunicação indirecta que permitia atenuar os riscos de apreensão de mercadorias e contrabandistas, apesar de não existir comunicação.

Posto isto, resta destacar a última forma de comunicação entre contrabandistas e que perdurou até ao final da actividade, o recurso aos walkie talkies. Apesar de não ter constatado uma data concreta para a sua aparição, podemos situar a utilização destes instrumentos por volta da década de 60. Este aparelho veio facilitar em muito a troca de informações entre contrabandistas. As conversações instantâneas permitiam aumentar a taxa de sucesso e uma actuação rápida em circunstâncias de perigo eminente:

*«Depois, mais tarde, vieram os walkie talkies, não é? Tínhamos um aparelhinho de um lado e doutro já falávamos. Era mais, mais completo. E pronto, naquela altura era mais, era uma coisa mais perfeita»*<sup>198</sup>.

---

<sup>197</sup> Celsa Patrícia Morgado Batista, «A vivência do contrabando na construção da identidade raiana numa aldeia raiana fronteiriça: Histórias de vida de idosos ex-contrabandistas institucionalizados e não institucionalizados» (tese de mestrado, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2008), 80.

<sup>198</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

## 5 – Meios de deslocação: as batelas

As batelas eram por excelência o tipo de embarcação utilizada para transpor o rio, quer no contrabando, quer na passagem legal da fronteira. Apesar de existirem outras formas de cruzar o rio, a batela era o transporte de eleição de pessoas e de mercadorias. Perante este simples facto, a definição dos traços gerais que caracterizavam as batelas, ganham uma importância acrescida.

As informações relativas ao processo de construção e características principais das batelas foram fornecidas pelo informante Manuel Pereira. Para além de contrabandista, Manuel Pereira dedicou-se à construção destas embarcações. As batelas (ver figura 1 do anexo 1, no final do corpo do texto) caracterizavam-se pelos seus fundos planos com proa em bico e popa cortada:

«[...] “de fundo plano com proa em bico e popa cortada. Esta embarcação integra-se, quanto à técnica de construção, no grupo das mais antigas, originárias da jangada e da piroga monóxila e que deu lugar ao barco sem cavernas, de fundo plano e com bordas inclinados»<sup>199</sup>

O seu nome deriva da existência de uma única proa, particularidade distintiva deste barco que podia atingir os 7 metros de comprimentos:

*«Só tinha uma proa, a batela só tinha ... É por isso que lhe chamávamos batelas. E havia os barcos que tinham duas proas, mas a batela carregava mais, porque era mais larga. [...] Era 7. Era então essa de 7 metros. Não havia nenhuma aqui no rio Minho como aquela, mas andava clandestina»<sup>200</sup>.*

A construção deste barco correspondia a um conjunto de processos e disposições específicas. Desde o posicionamento de pesos na popa e na proa, com o intuito de melhorar a navegabilidade, até à distribuição de madeiramentos no melhoramento da capacidade de permeabilidade da embarcação. É o que refere Manuel Pereira relativamente a construção destas embarcações, tal como se observa:

*«E pra não ficar achapada na água eu metia-lhe, vamos supor, um bloco de 20 na cueira [...]. E metia-lhe na traseira, um bloco de cada lado e na frente outro bloco. Quer dizer que*

---

<sup>199</sup> Rocha, *Contrabando...*, 198.

<sup>200</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.



*fazia 20 centímetros que era pra, ao navegar, ir a proa no ar e a cueira no ar também. Só pousava metade do fundo na água, aquilo navegavam que eram como foguetes»<sup>201</sup>.*

As cargas que cada batela podia transportar dependia, fundamentalmente, do seu tamanho. Segundo as informações recolhidas, os pesos transportados podiam variar entre os 1000 kg e os 3000 kg. Dada a instabilidade do rio e dos perigos inerentes ao mesmo, o peso das cargas demonstra o risco que supunha cruzar o rio com tamanho carregamento:

*«Uma carregava 1800 kg [...]. E essa grande, que era clandestina, carregava 3000 kg. [...] E depois tinha uma coisa que era, carregada, bem carregada, levava 5 centímetros de fora e não metia uma peta de água, não metia uma peta de água»<sup>202</sup>.*

Tal como já referi, eram as batelas legalizadas que efectuavam a travessia de pessoas na fronteira. Às batelas em situação legal, tal como hoje, eram atribuídas matrículas. Aquelas que não estivessem matriculadas eram consideradas ilegais e normalmente destruídas pelas autoridades. Como é óbvio, a inexistência de matrículas associava, automaticamente, as batelas ao contrabando.

No caso de as batelas serem ilegais utilizava-se um processo curioso na sua ocultação, o encobrimento através da submersão no rio: *«[...] nós tínhamos as batelas ou mergulhadas no rio, no fundo do rio. Mergulhávamos as batelas, quando eram clandestinas, mergulhávamos-mas no fundo do rio»<sup>203</sup>*. A forma mais recorrente de submersão passava pelo acrescento de peso, com a adição de pedras, de forma a introduzir água no seu interior. Mais uma vez, Manuel Pereira especifica as características deste processo:

*«E quer dizer que uma altura eu estava à beira do rio. Eu ia sempre ver. Tinha uma batelinha pequena, depois fiz uma batela pequena. E ia ver a batela, porque tinha que uma pessoa meter-lhe uma pedra e atirar com a corda, com a corda para os guardas não verem. Se por acaso vêem a corda, eles levantam-na e partiam-na [...]»<sup>204</sup>.*

No sentido inverso, emergiam-nas com a ajuda de uma corda ou arame previamente preso e puxavam trazendo a embarcação à tona: *«Com uma corda, puxávamos-mas e elas saíam a pique, a água ia saindo. Depois só tirávamos o resto da água pra fora»<sup>205</sup>*. Em conjunto com a submersão, as batelas recebiam uma cobertura/pintura, normalmente, de alcatrão. O

---

<sup>201</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>202</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>203</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>204</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>205</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

alcatrão ajudava, em primeiro lugar, a minorar a detecção durante as operações de contrabando e aquando da submersão. Por outro lado, permitia um efeito de permeabilização, principalmente, durante o período de dissimulação no fundo do rio:

*«Mas no outro dia toca a tratar de a pintar, de alcatroa-la e mergulha-la no fundo do rio, estás a perceber? Que era prós guardas ao passarem que eles andavam muito na beira do rio, não verem a batela»<sup>206</sup>.*

Em contrapartida, podia-se trabalhar com uma embarcação que estava, à partida, em situação legal. Na verdade, algumas embarcações possuíam um número de matrícula, mas estavam ilegais. Esta situação deve-se ao convénio existente entre autoridades e contrabandistas que, por vezes, arranjavam maneiras de ocultar a ilegalidade, à vista de todos. Ou seja, os proprietários de certas batelas matriculadas detinham registos falsos:

*«Ui batelas. As batelas olhe, uma andava clandestina. Mas como uma pessoa pagava a tudo [...]. A marinha, o posto da marinha era na Valinha. Pus-lhe um número qualquer que eles me mandaram e ela andava»<sup>207</sup>.*

## 6 – Os contrabandistas nos contextos da emigração

A adequação desta problemática ao contexto das particularidades do contrabando parte da expressão de Joaquim Marques, anteriormente citada, que compara as práticas contrabandistas ao fenómeno da emigração. Por outras palavras, o facto de os contrabandistas portugueses transporem a fronteira espanhola, constitui, por si só, uma migração: «O contrabando, desde o nosso ponto de vista, também se trata de uma migração (ainda que pendular) isto porque, os indivíduos são obrigados a dar o salto por entre as fronteiras»<sup>208</sup>.

O contrabando desempenhava, portanto, uma forma de migração contextualizada pela melhoria das condições de vida das populações raianas. À semelhança deste, o fenómeno migratório apresentou-se, noutros casos, como forma de fugir à conjuntura socioeconómica que se fazia sentir em Portugal. Não pretendo, contudo, efectuar uma análise intensiva acerca do fenómeno, uma vez que não possuo dados para tal. Procura-se abordar em traços gerais as características da emigração e a experiências dos informantes enquanto migrantes.

---

<sup>206</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>207</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>208</sup> Marques, Emigração..., 24.

Uma parte dos contrabandistas entrevistados e, apesar de se encontrarem envolvidos na actividade contrabandista, integraram a estatística da emigração ilegal. Estes enquadram-se na tendência migratória dos inícios de 60 do século XX, cujos fluxos se direccionavam sobretudo para França. Até então, a emigração dos inícios dos anos 50 direccionava-se sobretudo para países como o Brasil. Conforme demonstra Joel Serrão, esta tendência veio a alterar-se devido às oportunidades de emprego que os países integrantes da recém criada CEE, nos finais de 50, ofereciam aos trabalhadores pouco qualificados e disponíveis para qualquer trabalho. Este foi o factor que influenciou a mudança dos movimentos migratórios para a Europa, em especial para a França:

«O “francês” decorre da ressurgência do conjunto de circunstâncias socioeconómicas que condicionaram os últimos decénios de intensiva emigração para o Brasil [...] e a CEE se erguia com o ímpeto da juventude, criando um largo mercado de trabalho [...]»<sup>209</sup>.

Os motivos que levavam as pessoas a emigrar encontravam-se intimamente associados a duas explicações: a questão socioeconómica anteriormente mencionada e a fuga do país devido a questões, directa ou indirectamente, ligadas ao regime. Neste contexto encontramos os exilados políticos e os jovens que fugiam ao serviço militar obrigatório, aquando e durante a Guerra Colonial.

Independentemente das motivações pessoais que culminavam na emigração, assiste-se ao um crescimento do fenómeno migratório desde 1950 até 1970. Segundo M. Antunes os fluxos migratórios referentes aos meados de 50 até 69 eram incorporados em grande escala por indivíduos ligados a actividades do sector primário:

«Entre as três grandes divisões das actividades produtivas, verifica-se que exerciam a sua actividade no sector primário um número maior de emigrantes [...]. Esta observação é válida para o total do período indicado e para todos os anos compreendidos entre 1955 e 1969»<sup>210</sup>.

Ou seja, as correntes migratórias eram integradas pelo estrato social com a pior relação, rendimentos/condições de vida.

---

<sup>209</sup> Joel Serrão, «Notas sobre a emigração e mudança no Portugal Contemporâneo», *Análise Social*, vol. XXI, n. 87-88-89 (1985), 999.

<sup>210</sup> M.L. Martinho Antunes, «Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários», *Análise Social*, vol. VIII, n. 30-31 (1970): 337.

Não tendo nada a perder, os informantes que fizeram parte destes fluxos, passaram a ser, numa determinada altura, também eles carneiros<sup>211</sup>. O tipo de emigração caracterizado pela clandestinidade, conhecido por «passagem a salto», era o modo empregue por estes homens na busca de uma vida melhor. Em situação de emigração legal, os transeuntes deviam proceder à passagem da fronteira munidos, tal como referem José Portela e Sílvia Nobre, do «passaporte do emigrante»<sup>212</sup>. A falta de documentação legal obrigava os potenciais emigrantes a recorrer à clandestinidade e, conseqüentemente, a ajuda de contrabandistas na passagem da fronteira.

Tal como acontecia no contrabando, o sucesso da passagem fronteiriça dependia de factores como a sorte. Nem todos os indivíduos conseguiram cruzar a fronteira, resultando em detenções. José de Lima relata a sua experiência no contexto da emigração que culminou na sua detenção na fronteira de Chaves. Na zona de Ourense, existia, na altura, uma forte fiscalização e tinham capturado um grupo de indivíduos que pretendiam emigrar ilegalmente. Desta feita, José de Lima, em conjunto com oito homens, tentaram a sua sorte numa fronteira alternativa, mas sem sucesso. Foram detidos, inquiridos pela PIDE e enviados para uma cadeia no Porto onde permaneceram cerca de 15 dias. O contrabandista relata com precisão a altura em que foi detido. Aqui fica o seu registo:

*«Fomos presos porque tinham prendido uns quantos nesta zona aqui de Ourense e mandaram-nos por Chaves. E mesmo ao atravessar a fronteira de Chaves fomos presos pela Guarda-Fiscal. [...] Estava a Guarda-Fiscal e estava a polícia que chamavam-lhe a PIDE, naquela altura, não é? [...] Tivemos ali, depois ligaram pró Porto [...]. Fomos pró Porto, tivemos no Porto quinze dias. Quinze que é como estar numa corte. Oitos homens. Uns estavam numa cela, outros estavam noutra. A cama era uma coisa assim baixinha de madeira. Não havia cobertorzinho nenhum, nem cabíamos todos. Às vezes estava um estendidito e depois o outro: "Deixa-me descansar um pouco a mim". Era do piorio»<sup>213</sup>.*

Em Monção, no início da década de 60, o jornal local alude à sobrelotação da cadeia local decorrente das tentativas de emigração. Como referi anteriormente, a emigração e o contrabando constituíam as soluções mais viáveis na luta das populações locais pela subsistência, tal como demonstra a notícia seguinte:

«Passando junto à nossa cadeia da comarcã, despertou a minha atenção o grande número de jovens detidos nesse calabouço [...] Porque teriam sido presos? [...] Por tentarem ir ilegalmente para a França. [...] A falta de indústria e grande comércio obrigou, muitos dos

---

<sup>211</sup> Nome dado às pessoas que se passavam ilegalmente no contexto da emigração.

<sup>212</sup> José Portela e Sílvia Nobre, «Entre Pinela e Paris: emigração e regressos», *Análise Social*, vol. XXXVI, n. 161 (2001), 1111.

<sup>213</sup> José de Lima, ex. contrabandista da zona de Melgaço.

seu filhos, a retirarem-se [...] para o estrangeiro. Muitos dos que aqui ficavam, dedicavam-se ao contrabando ilegal, já que a agricultura não dava para todos viverem honesta e satisfatoriamente»<sup>214</sup>.

Pondo de lado as questões relacionadas com a detenção de potenciais emigrantes, resta definir genericamente a viagens destes indivíduos até França. Por norma, os portugueses ajudavam os emigrantes a transpor a fronteira e entregavam-nos a guias espanhóis. Estes encarregavam-se de orientar ou efectuar o transporte dos emigrantes até aos Pireneus. Além disso, casos houve em que os emigrantes viajaram por sua conta em risco, traçando o percurso maioritariamente a pé. Os guias espanhóis arranjavam formas de transportar os emigrantes clandestinos. Manuel Fernandes conta-nos a sua aproximação da fronteira francesa, bem como, as dificuldades e a dureza de uma viagem neste contexto. Passamos a analisar o seu relato:

*«Também fui a salto, levou-me cinco dias a oito dias, a chegar lá. [...] Andámos uma vez dezoito horas num camião Tir sem comer, nem beber para largar-nos ali perto, suponho eu, que fosse Barcelona. [...] Pronto, depois dali entramos num camião. Acho que foram dezoito horas num camião Tir por ali fora. Depois largaram-nos lá no meio de uma montanha, deram pra li uns queijos “da vaca que ri” que eu nunca gostei daquilo. [...] Depois andamos ali umas catorze horas ou quinze lá por uma montanha fora. E depois havia um indivíduo que nos ameaçou. Íamos todos em linha numa noite escura, todos de mão dada. E houve um moço daqui de Coura que já ia tão desesperado. Diz que levava uma pistola no saco e que ia matar o indivíduo. Ali aquilo era muito arriscado [...]»<sup>215</sup>.*

Devido à extensão do discurso, não é possível reproduzi-lo na íntegra. De forma abreviada, o grupo de Manuel Fernandes parou para beber num riacho, separou-se do grupo principal e perderam os guias de vista. Manuel Fernandes e o seu grupo encontrou-se desorientado na proximidade da fronteira durante várias horas. Até que, após muito caminhar, conseguem alcançar o seu objectivo, chegar à fronteira com França:

*«E bem, andamos, andamos, andamos. [...] Vimos uma pegada de um jeriquito, de um burrito. [...] Fomos por ali, depois começou a romper o dia. Já começamos a sentir carros lá por baixo na estrada. [...] Depois chegamos aos Pireneus orientais»<sup>216</sup>.*

Apesar de curto, este relato deixa transparecer as dificuldades sentidas por muitos emigrantes durante a sua viagem até França. Situações associadas a carências alimentares,

---

<sup>214</sup> Anónimo. «Problemas de Monção», *Notícias de Monção*, 17 de Novembro, 1962, 1.

<sup>215</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>216</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

oportunismo dos guias espanhóis e perigo dos encontros com as autoridades espanholas, eram realidades da emigração.

Após a chegada à fronteira, a regulação da situação dos emigrantes portugueses em França era resolvida com relativa facilidade. Os portugueses que já se encontravam em território francês serviam, por várias ocasiões, como auxílio à regularização daqueles que chegavam a um território desconhecido. Claro está, que a ajuda encetada não possuía, na maioria dos casos, uma carácter de solidariedade:

«De entre os mais comuns contava-se os préstimos de alojamento e alimentação na fase da instalação, ajuda na procura e obtenção de trabalho [...]. O que estava em causa não era tanto o “espírito” de entreajuda, mas sim a “matéria”»<sup>217</sup>.

Os processos de emigração eram ocupados, maioritariamente, por homens que procuravam estabelecer-se no estrangeiro e adaptar-se a uma realidade social diferenciada, de forma a receber a sua família no novo país.

## 7 - Trapicho<sup>218</sup>: contrabando no feminino

### 7.1 - Diferenças entre as trapicheiras e contrabandistas

Existe uma disparidade evidente entre o contrabando efectuado pelos homens e o contrabando efectuado pelas mulheres:

«El contrabando se há vinculado normalmente a los hombres. [...] Sin embargo, esta actividade no ha sido exclusivamente masculina. Las mujeres realizaron tambien contrabando, aunque este difiera en algunos casos del realizado por los hombres»<sup>219</sup>.

Uma dessas diferenças assenta na forma de passagem da fronteira. Enquanto os homens andavam à procura de «furos» ao longo da fronteira espanhola, as mulheres, por mim entrevistadas, faziam contrabando atravessando os postos de fronteira, localizados no lugar da Lodeira – Monção (ver figura 2 do anexo 1, no final do corpo do texto) e em Salvaterra-Espanha: *«Era aqui em Salvaterra. Aqui, da parte de cá, havia ali os barcos. Metíamo-nos nos barcos e*

---

<sup>217</sup> Portela e Nobre, «Entre Pinela...», 1115-1116.

<sup>218</sup> Tipo de contrabando praticado pelas mulheres das raia minhotas.

<sup>219</sup> Rio e Faria, «Vivendo de la...», 203-204.

*íamos pra lá. Depois tornávamos regressar pra cá outra vez»*<sup>220</sup>. A passagem para Espanha produzia-se essencialmente neste ponto podendo alterar-se, esporadicamente, dependendo das facilidades ou dificuldades na passagem da fronteira. Convém mencionar que só se considerava contrabando os produtos não declarados que não pagavam os devidos tributos alfandegários: «Este contrabando es muy distinto al que se realiza passando por los controles establecidos y que se limita a no declarar algún produto»<sup>221</sup>. No entanto, este tipo de contrabando é conhecido por descaminho. O descaminho era uma forma de contrabandear assente na ocultação de determinadas mercadorias com a finalidade da isenção do pagamento de tributos.

Os barqueiros, anteriormente referidos, estavam encarregues de criar uma ligação entre os dois lados da fronteira. À semelhança do contrabando efectuado pelos homens é perceptível o carácter de subsistência e a necessidade das mulheres no âmbito destas práticas. Exemplo disso era o excesso de pessoas que passavam para o lado espanhol, ultrapassando largamente a capacidade das embarcações. Quem nos relata a sua experiência é Rosa Barbeitos:

*«É assim, o barco... Eles só nos deixavam ir... Aquilo tinha carga pra 8/9 pessoas, no máximo. Mas como nós... Mas isso já no de motor, no de motor. No de remos, no de remos também a gente tinha... É assim, tínhamos medo de ir, mas tudo se metia ali. Que às vezes o barqueiro até dizia: “Não levo mais”. E nós não saíamos. E o caso é que aquilo era perigoso, mas ninguém saía. Porque tudo queria ir cedo pra, não é? Mas chegamos a ir pra e 15/20 pessoas»*<sup>222</sup>.

A chamada de atenção para a questão dos barcos já tinha sido feita por um jornal local em 1969. Pelos vistos, e após 10 anos, o problema das embarcações continua a persistir. Esta informação é perceptível através da notícia que se reproduz:

«[...] a passagem de Portugal para Espanha na maioria dos dias ainda se faz de barco a remos, barcos deselegantes, desconfortáveis e de aspecto primitivo. [...] Os passageiros, cujo número anda pela volta dos 36 mil por ano, vão fugindo para outras fronteiras de maior segurança. [...] No sentido inverso existe elevado número de concessionários porém, somente um dos concessionários, transporta em lancha também a motor»<sup>223</sup>.

O contrabando no feminino resumia-se basicamente a estas disposições. Em Monção é pouco frequente ouvir descrições de mulheres que integraram grupos de contrabando

---

<sup>220</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>221</sup> Rio e Fria, «Vivendo de la...», 205.

<sup>222</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>223</sup> Frei Manuel, «A passagem no Posto da Lodeira», *Notícias de Monção*, nº164, Março, 1969, Periódico, 2.

masculino. Os relatos dos contrabandistas confluem neste sentido, o que não inviabiliza a presença feminina num mundo masculino:

*«Contava-se que havia, mas eu isso já não posso, assim. [...] As mulheres à noite iriam elas [...]. Vigia, ora, ora. Ou levar assim alguma coisa ao pé do rio da banda de cá, sim. [...] Mas ouvia dizer que algumas que até traziam os maridos nisso que iriam, não passar elas pra lá, mas... ou vigiar, ou ver, ou levar [...]»<sup>224</sup>.*

Maria Afonso foi, por muitas ocasiões, auxiliar o seu marido no controlo das fiscalizações do lado português. Esta informação vai de encontro com o relato anterior, a presença de mulheres no auxílio das tarefas em Portugal: *«[...] então eu tinha um aparelho e estava a espia-lo e depois comunicava. Mas não podia dizer o que era, só podia dizer: “passou pra baixo, ou isto, ou aquilo”»<sup>225</sup>*

Diversas eram as situações que levavam as mulheres a entrar no mundo do contrabando, podendo variar de mulher para mulher: mulheres viúvas que procuravam no contrabando uma forma de ajuda à economia doméstica; mulheres que, mesmo casadas, praticavam contrabando para complemento extra do agregado; mulheres cujos maridos se encontravam emigrados. Ao último argumento pode-se juntar a partida de homens no contexto da Guerra Colonial a partir de 1960, o que poderia justificar o aumento das trapicheiras. Quando questionada acerca desta possibilidade, sobretudo a partir de 60, Esperança Rodrigues responde afirmativamente: *«Uj! Havia muitas. Sim, mas havia muitas mulheres, andavam muitas»<sup>226</sup>.*

Para além do local de passagem, o trapicho distinguia-se pelo facto de ser praticado durante o dia, preferencialmente, durante a manhã. As mulheres procuravam estar o mais cedo possível na fronteira para uma maior eficácia nos negócios de compra e venda de produtos. É evidente que quanto mais tarde as mulheres fossem, existiam menos produtos para trazer e menos procura das mercancias levadas. Portanto, as mulheres iam bem cedo para a fronteira na tentativa de maximizar a rentabilidade das suas viagens:

*«A gente ia muito cedo pra estar lá ao abrir a fronteira. Porque a gente era muita que andava ali na fronteira, muita, muita. E pronto, e depois tudo queria ir cedo pra governar»<sup>227</sup>.*

---

<sup>224</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>225</sup> Maria Afonso, esposa de Luís Afonso.

<sup>226</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>227</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.



O tamanho e volume dos produtos transportados também se diferenciava das práticas do contrabando masculino. Os artigos contrabandeados pelas mulheres deveriam corresponder a um volume reduzido, não só para facilitar o seu transporte, mas também para os ocultar quando não se pretendia pagar imposto. Por norma, os produtos transacionados pelas mulheres correspondiam a uma diversidade de utensílios usados no dia-a-dia: «En el pequeño contrabando las mujeres han ocupado un papel destacado, sobre todo, en los productos vinculados al uso cotidiano»<sup>228</sup> De resto, esta é uma questão que iremos analisar mais à frente.

A questão do volume também modificava, de certa forma, a frequência das viagens. As trapicheiras praticavam contrabando durante toda a semana, numa viagem única. Desta forma, aproveitavam para trazer o máximo de produtos possível: «*Todos os dias. Todos os dias, levantava-me às seis da manhã*»<sup>229</sup>.

A introdução das mulheres no mundo do contrabando respeita as mesmas redes de parentesco e proximidade inerentes ao contrabando praticado pelos homens. Neste sentido, as mulheres podiam ser influenciadas por familiares ou amigas para ingressarem na actividade:

«*E pronto, eu como na altura precisava de ganhar, não havia nada onde, não é? [...] o meu marido só a trabalhar e precisava não é? Não tinha a onde e a minha cunhada um dia disse-me: “olha anda comigo, passas uma caixinha de bananas e ganhas alguma coisa”. E foi assim*»<sup>230</sup>.

Portanto, as mulheres passavam a fronteira em grupos de amigas/familiares e, chegadas ao lado espanhol, individualmente ou pequenos grupos de mulheres, procuravam fazer negócios de forma independente:

«Já o contrabando feito pelas mulheres, as coisas passavam-se de forma algo diferente. Muito embora se deslocassem em grupos para Espanha [...] a verdade é que aí chegadas cada uma seguia o seu rumo»<sup>231</sup>.

Ou seja, a maioria das mulheres não obedecia a uma estrutura organizada como se observava no contrabando masculino. Era um tipo de contrabando onde as individualidades se sobrepunham a um grupo organizado, cada mulher procurava a melhor oportunidade de negócio deslocando-se como lhe aprouvesse.

---

<sup>228</sup> Rio e Faria, «Vivendo de la...», 204.

<sup>229</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>230</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>231</sup> Cunha, *Memória...*, 232.

Casos houve, nos finais de 1970 e inícios de 80 em que determinadas mulheres trabalhavam para uma chefe. No caso concreto de Rosa Barbeitos, a sua patroa possuía um negócio de venda de peixe em Monção, mas, por norma, não efectuava a passagem da mercadoria para Portugal. A presença da chefe em Espanha destinava-se aos pagamentos dos produtos e Rosa Barbeitos encarregava-se de transaccionar os artigos.

A disposição deste tipo de contrabando era propício ao surgimento de invejas e denúncias por parte de outras mulheres. O número individual de mulheres dava azo a críticas referentes às trapicheiras que se destacavam das outras ao nível dos negócios:

*«A mulher para quem eu trabalhava, ela já estava lá um bocado referenciada por outros que lhe tinham assim um bocado de inveja. Que ela era uma contrabandista muito forte, não é? [...] Ela ia comprar, ia comprar. Ela não trabalhava, mas ia comprar, pagar, organizar e nós é que passávamos as coisas»<sup>232</sup>.*

O sucesso ou insucesso desta forma de contrabando encontrava-se fortemente dependente: do conhecimento das autoridades, das suas rotinas e do seu carácter; da ocultação de mercadorias de forma a não pagarem imposto; da possibilidade da infelicidade de certas mulheres (apreensão de mercadorias) servir para sucesso de outras (passagem de produtos clandestinos no meio da confusão):

*«O Sargento estava lá pra dentro. Tava ali o Cabo e uma guarda, não é? Tavam a ver uma e a outra escapava-se por um lado [...] Nós vínhamos às rebanhadas, não é? [...] Enquanto eles mandavam: “Pare aí!”. Enquanto revistavam umas, às vezes o azar de umas era a sorte doutras. Porque a gente passava com as coisas»<sup>233</sup>.*

## 7.2 - Formas de ocultar o contrabando

Na passagem da fronteira as mulheres recorriam a certas técnicas no sentido de tentar maximizar a possibilidade de triunfo sobre o controlo fronteiriço. O tamanho dos produtos contrabandeados pelas mulheres permitia este tipo de dissimulação.

A forma mais comum de ocultar contrabando processava-se com recursos às chamadas mandranas<sup>234</sup>. As mulheres prendiam estes «bolsos» junto ao corpo numa tentativa de passar o contrabando de forma despercebida: *«Metia-se e nós levávamos, chamávamos-lhe nós, umas*

---

<sup>232</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>233</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>234</sup> Utensílio com bolsos grandes usado por baixo da roupa para ocultar contrabando.

*mandranas. Que tinha uns bolsos, metia-se por dentro da saia e [...] metíamos tudo»*<sup>235</sup>. Ana Lavado analisa a ocultação dos produtos neste contexto e problematiza acerca da modelação do corpo aos produtos transportados, o que torna este aspecto do contrabando particularmente interessante:

«O corpo como veículo de contrabando, apresenta aspectos curiosos, pois adapta-se, na sua forma, às mercadorias que passa. [...] Não obstante, corpo e roupa, independentemente do tipo de contrabando em presença, tem uma importância enorme nos actos de esconder e passar mercadoria»<sup>236</sup>.

Esta técnica era utilizada pelas trapicheiras nos dois sentidos da viagem, conseguindo evitar, por vezes, a detenção dos produtos por parte das autoridades. Para além disto, as contrabandistas tentavam cruzar a fronteira durante a rotação das patrulhas, facilitando a passagem de alguns produtos.

No caso específico do contrabando de azeite, as mulheres ocultavam dois produtos em simultâneo. Em muitas ocasiões recorriam à tripa de porco, usada na confecção de enchidos, no transporte de azeite. Enchiam a tripa com azeite, atavam à volta do corpo e cobriam com a roupa, à semelhança do que ocorria com as mandranas. Esta foi a prática que levou os guardas-fiscais a ficarem conhecidos por «pica chouriços», associado ao tipo de revistas efectuadas por este corpo de polícia.

Outra forma recorrente de encobrimento passava por esconder os artigos no meio do peixe trazido de Espanha. Embrulhava-se os artigos em sacas plásticas ou materiais do género, e mergulhavam-se no meio do pescado. Se o peixe não fosse revistado minuciosamente, esta técnica permitia a passagem bem-sucedida dos artigos. Não obstante, o contrabando dependia de factores como a argúcia das contrabandistas, velocidade de reacção em situações de adversidade, experiência e o factor sorte. O contrabando quer fosse de trapicho, quer fosse um contrabando de maior escala, estava dependente deste último. No caso do contrabando em caixas de peixe, as autoridades portuguesas revistavam-nas e, por vezes, a passagem dos artigos podia depender de factores externos e a sorte era uma deles:

*«Aí trazíamos no meio do peixe: “Olhe que você não me tire isso!”. [...] Metiam, vamos supor, seis pastas de chocolate. Metia-as numa saca plástica e agarrava e metia no meio*

---

<sup>235</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>236</sup> Lavado, *Contrabando...*, 304.

*dos chirelos<sup>237</sup> ou o que fosse, o que trouxesse. Metíamos no meio e esse andava sempre com luvas brancas que era pra ver, mexer no meio do peixe pra...»<sup>238</sup>.*

Tal como já referi, o número de mulheres que passavam a fronteira diariamente era elevado. O montante avolumado podia obrigar à celeridade das revistas das autoridades portuguesas e à passagem de muitas trapicheiras sem serem revistadas.

A carência destes homens e mulheres contrabandistas levava-os a improvisar ao máximo de forma a tentarem melhorar as suas vidas. De facto, a necessidade levava estas mulheres a esquematizar planos alternativos para contrabandear o máximo de produtos.

Assim sendo, o fenómeno da emigração também contribuiu para a passagem de mercadorias para Portugal. As trapicheiras viram nos emigrantes mais uma oportunidade de contornar o sistema. Perante as informações recolhidas, os emigrantes que regressavam a Portugal via Espanha, tinham direito a passar uma quantidade restrita de mercadoria. As mulheres pediam aos emigrantes para lhes levarem alguns artigos, entregando-os a outras mulheres no lado português. Quem nos explica este processo é Rosa Barbeitos, tal como se pode observar:

*«Mas depois também há este pormenor. Naquela altura havia muitos emigrantes da França, não é? Que vinham de comboio e atravessavam ali a fronteira. E então eles era-lhe permitido passar 2/3/4 kg de qualquer coisa, não é? E então a gente, pra conseguir passar muita coisa, não é? Vinha uma à frente com uma cargueta, não é? Passava o cais, ponha-se ali a gente. E outra ficava lá a pedir aos emigrantes ou àquela gente que não era diária como nós. Eles a esses deixavam passar. [...] E então vinha-mos. Vinha uma à frente trazia a carga normal que pudéssemos e depois vinha-mos ficar. A outra dizia-lhe mais ou menos, descrevia: “Está lá uma fulana, está assim-assim vestida”. E a outra ficava lá a mandar»<sup>239</sup>.*

A necessidade aliada à criatividade levavam as pessoas envolvidas no contrabando a procurarem, constantemente, falhas nos controlos fronteiriços e formas alternativas de as contornar.

---

<sup>237</sup> Palavra de origem galega utilizada para referir uma espécie de peixe. O equivalente do chirelo em Portugal será o Carapau.

<sup>238</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>239</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

## 8 - Produtos (Anos 50 – 80)

Na categoria dos produtos podemos distingui-los em duas classes: produtos de grande porte e produtos de pequeno porte. No fundo, diferencia-se o contrabando efectuado pelos homens, do contrabando efectuado pelas mulheres.

Neste momento interessa expor, numa primeira fase, os produtos contrabandeados pelos homens a partir de 1950 até ao final do contrabando, por volta dos meados da década de 80. Numa segunda fase passamos a estudar a situação desses mesmos produtos no caso do trapicho.

Podemos atribuir o final do contrabando tradicional, o chamado contrabando de rio, aquando da entrada de Portugal na CEE. Portugal e Espanha aderiram à Comunidade Económica Europeia em 1986, resultando na extinção de barreiras alfandegárias que possibilitou a livre circulação de produtos, acabando com a necessidade de contornar o pagamento de impostos sobre as mercadorias. A propósito da criação de um mercado livre, Rafael Andolz sugere que os contrabandistas foram pioneiros no modelo que se pretendia implementar na Europa à época. O transporte de mercadorias sem o pagamento de taxas sobre as mesmas foi praticado por contrabandistas durante várias gerações. Actividade altamente reprimida pelos Estados raianos, passa a constituir um dos princípios fundamentais do novo acordo Europeu. Tal como menciona o autor no seguinte excerto:

«El primero de enero de 1986 se firmaba la adhesión de España al Mercado Común. [...] Los lazos se anudaban cada vez más, desaparecían regímenes aduaneros y las gente se encontraría en casa por toda la Comunidad. [...] Y ahora resultará, que los que eran mal vistos, por vivir al margen de la ley, en una profesión airada, serán los pioneros de este mundo nuevo que queremos construir»<sup>240</sup>.

A reconstituição dos produtos contrabandeados com base nos informantes cria certos entraves quanto à localização destes no tempo. Esta problemática prende-se com a imprecisão dos informantes relativamente a uma data específica. Por norma falam do «tempo do café», «tempo do tabaco», tempo das «bananas».

Este modo de recordar é descrito por Eduarda Rovisco como forma de relembrar determinados momentos chave que supuseram alterações nos processos sociais das populações raianas. Esta ideia encontra-se expressa nas palavras da autora:

---

<sup>240</sup> Rafael Andolz Canela, *La aventura del contrabando en Aragon* (Mira Editores: Zaragoza, 1998), 157.

«Esta forma de ordenação do tempo em ciclos fixados pelo tipo de mercadorias que animaram o contrabando e que leva os sujeitos a ancorarem acontecimentos biográficos como o nascimento, o casamento ou o momento em que emigram no tempo da farinha, no tempo do café, ou no tempo do gado, deriva do facto de a mudança de produtos contrabandeados acarretar alterações sociais significativas na aldeias raianas e parece ser transversal a toda a raia luso-espanhola [...]»<sup>241</sup>.

A variação dos produtos contrabandeados e o sentido dos seus fluxos estavam, por vezes, associados a vários factores. A especificidade das mercadorias dependia, não só, da necessidade e carência de um país face ao outro, como também dos traços económicos que caracterizavam cada nação:

«Do mesmo modo, a especificidade da economia de cada nação, determinava a natureza dos bens e o sentido do seu fluxo na actividade do contrabando. Estamos afinal perante a fronteira como instrumento usado estrategicamente pelas populações locais [...]»<sup>242</sup>.

A disparidade entre o valor cambial das moedas, a escassez de acordos comerciais que abrangessem todos os produtos e a flutuação monetária parecem, também, explicar as alterações de fluxos e procura no que ao contrabando diz respeito: «*Naquela altura Salvaterra era muito frequentada derivado à peseta que era mais barata que o escudo. E havia aquela possibilidade de se comprar lá mais barato*»<sup>243</sup>.

Por último, a tendência das mercadorias pode ser explicada pela produção em maior escala num país face ao outro, a popularidade e qualidade de um determinado produto, preços praticados e com base na oferta e na procura:

«Como é sabido, o tempo, as conjunturas, as diferenças de produção e de consumo, os gostos e as modas determinaram a sucessão de mercadorias, surtos, os fluxos e refluxos do comércio [...]»<sup>244</sup>.

Apesar das aparentes modificações na procura de certas mercadorias, existiram outras que ocuparam um lugar cimeiro no contrabando. Caso disso foi o contrabando do café. O café foi o produto que ocupou as gentes monçanenses ao longo das épocas em estudo. Assumiu o estatuto de mercadoria chave desde os inícios dos anos 50 do século XX, até aos finais de 70.

---

<sup>241</sup> Rovisco, *Não queiras...*, 156.

<sup>242</sup> Luís Cunha, «Contrabando e Guerra Civil: memórias de uma terra de fronteira», em *Globalización, Fronteras Culturales y Políticas y Ciudadanía*, coords. Pujadas Munõz, Juan J., Emma Martín Díaz, e Joaquim Pais de Brito (s.l: Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español - Asociación Galega de Antropoloxía, 1999), 93.

<sup>243</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Moção.

<sup>244</sup> Baptista, «Apontamentos sobre...», 8.

O café português de origem colonial é referido por Eduardo Araújo pela sua qualidade e preços competitivos, se comprado com o café espanhol. Estas características transformaram o café numa das mercadorias de eleição no contrabando de exportação:

«Mas o café provindo das colónias portuguesas, que era melhor e mais barato que o café espanhol [...] fez com que este se mantivesse como produto mais contrabandeado durante quase todo o período observado»<sup>245</sup>.

As cargas de café contrabandeadas em Monção podiam ir desde os 5 Kg, peso associado ao contrabando das mulheres, até aos 60 Kg. A abrangência dos pesos demonstra a importância da mercadoria em Espanha e a procura, em certos casos, de grandes volumes de café. A dureza do transporte também se encontra implícita, basta pensar no esforço que supunha transportar vários sacos que podiam chegar aos 60 kg.

Porém, esta realidade não era exclusiva das fronteiras do Alto Minho. Posso afirmar que o café foi uma das mercadorias que deteve o maior peso no contrabando de exportação ao longo das «raias» portuguesas, no período correspondente. Este comércio encontrava-se de tal forma enraizado na tradição contrabandista que deu origem ao desenvolvimento de várias indústrias de torrefacção. Neste caso, podemos evocar o exemplo de Campo Maior e o desenvolvimento da indústria e marca Delta, caso estudado por Luís Cunha. O fomento da indústria cafezeira justifica, em Campo Maior, a relevância do café no quotidiano das transacções com Espanha. Luís Cunha demonstra a importância deste produto nas linhas que se seguem:

«Este produto veio, de facto, a tornar-se o pivot da actividade contrabandista na vila, se bem que a sua presença estivesse longe de ser uma novidade. [...], mas é, sem dúvida, ao longo do século XX, e pelo menos até ao final de 70, que a sua importância na economia do contrabando crescerá decisivamente»<sup>246</sup>.

Esta tendência também é confirmada por António Cabanas no seu estudo relativo à raia Central: «O tempo do café foi, posteriormente, uma das mercadorias que mais se passavam para Espanha enquanto fazenda e calçado faziam a viagem inversa»<sup>247</sup>.

Em Monção o café contrabandeado provinha de armazéns locais fornecidos por armazéns citadinos. Os informantes referem a cidade do Porto como a principal fonte de abastecimento

---

<sup>245</sup> Eduardo Araújo, «Quem manda nesta terra? Estados, pessoas, e memórias de uma fronteira», *Arquivos da Memória*, n.4 (2008): 79.

<sup>246</sup> Cunha, *Memória...*, 188.

<sup>247</sup> Cabanas, «Carregos...», 9.

dos armazéns monçanenses: «*Do Porto vinha prá qui. Havia aqui armazéns a vender*»<sup>248</sup>. Os grandes armazéns criavam uma ponte que ligava a origem do produto (colonias portuguesas), ao seu destino final: armazéns locais, contrabandistas e consumidores espanhóis. Desses armazéns provinha o café Sical, marca de eleição que predominou nas exportações do contrabando monçanense.

Para além dos armazéns, casos houve onde existiu o contacto directo com um produtor de café em Angola:

*«E até quem nos tinha arranjado esse choio»<sup>249</sup> tinha sido um senhor chamado Gama que era um grande roceiro na Angola e vinha aqui. E depois vendia o café aqui. No tempo do café tudo... Que se formou o Sical, aquelas trapalhadas todas, não é?»<sup>250</sup>.*

Os produtos/mercadorias, como já se sabe, iam variando conforme as necessidades dos dois países. Contudo, é complicado afirmar com precisão todos os artigos que eram usualmente contrabandeados. Isto acontece porque tudo o que supusesse uma oportunidade lucro, podia ser contrabandeado. Segundo os informantes, os produtos com alguma expressão a par do café, podiam ser: sabão, ovos, centeio, vinho, peças de automóvel, sucata, tabaco e gado: «*Nós daqui levávamos a chapa, levávamos o café, levávamos o sabão, levavam os ovos, quem andava neles*»<sup>251</sup>.

A presença de produtos alternativos no contrabando é um facto comprovado e detinha algum peso nas transacções para Espanha. De todas as formas, o café foi a mercadoria que mais tempo e recursos ocupou aos contrabandistas monçanenses. Manuel Fernandes analisa concretamente a especificidade do contrabando em Monção e destaca algumas alterações que foram ocorrendo neste concelho. Estas alterações são compreendidas através do seguinte excerto:

*«Eu desde... o contrabando toda a minha vida me lembro de existir, não é? [...] lembro-me de vir a sucata. Vir a sucata que eram ferros que passavam prá Espanha. Tudo quanto fosse... Faziam pacotinhos pequenos mas muito pesados, eu também nunca andei. Lembro-me mais tarde, já eu andava na escola em Monção [...] um camião foi desmontado em peças prá Espanha. [...] O camião acabou por apodrecer debaixo da muralha. Apodrecer não, ficar ali velho. Foi desmantelado. Nós vínhamos da escola e eles davam-nos 5/2,500 ou 5 escudos para tudo quando fosse parafusos. Deixavam-nos ali e nós*

---

<sup>248</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>249</sup> Palavra para definir pequeno trabalho ou ocupação.

<sup>250</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>251</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.



*desmontávamos tudo. [...] Depois levavam para a parte espanhola era passado nos barcos durante a noite pra Espanha. Depois dali seguiu o forte todo que foi o café»<sup>252</sup>.*

A importância do café enquanto mercadoria só é destronada pelo contrabando de tabaco nos finais dos anos 70. Este contrabando existiu ao longo das décadas em estudo, mas a sua importância foi relegada em favor do café. Com a consequente independência das colónias africanas, o monopólio do café deixa de ser exclusivo de Portugal. O café continua a ser contrabandeado, mas vai perdendo força e exclusividade à medida que se caminha para o fim do contrabando. Neste sentido, os contrabandistas arranjam uma alternativa viável no que respeita à facilidade do transporte e quantias envolvidas. Refiro-me ao contrabando de tabaco americano, que reuniu a preferência de muitos contrabandistas monçanenses e circulou em direcção ao país vizinho. A sua transacção parece ter agradado aos contrabandistas que nele investiram e permitiu, segundo estes, a acumulação de algum capital, se comparado com os rendimentos obtidos no contrabando de café. Luís Afonso destaca as vantagens associadas ao contrabando de tabaco no texto que se reproduz:

*«Era naquele tempo, no tempo do tabaco, estou a falar do tabaco. Levava, por exemplo, uma noite, uma noite que levava 50 caixas de tabaco. Por exemplo, dava naquela altura 5 contos por caixa. [...] Foi o que eu digo, foi onde ganhei mais algum dinheiro foi depois no final, nesses últimos anos do contrabando. Porque o contrabando do café é isso, dava pra ir vivendo, mas de resto não. Assim pra ganhar dinheiro. Dava pra ganhar mais do que a trabalhar por uma arte qualquer. Agora no tabaco sim, no tabaco deu para ganhar uns tostões»<sup>253</sup>.*

Por último regista-se a passagem dos carneiros<sup>254</sup>:

*«[...] eu cheguei a ser, sem passe, também cheguei a levar pessoas pra Espanha. [...] Fugiam aqui das dificuldades e levávamo-las, mas, claro, íamos ganhar uma migalha. Aquilo era por 100/500 escudos, lá íamos levar um homem»<sup>255</sup>.*

Em Monção chamavam-se carneiros às pessoas que queriam emigrar e que eram passadas para Espanha pelos contrabandistas. Apesar de não se enquadrar na classe dos produtos, este transporte também constituía algumas viagens ao país vizinho. Os contrabandistas ajudavam a passar os emigrantes e desempenhavam a função de guias. O

---

<sup>252</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>253</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>254</sup> Nome atribuído às pessoas que os contrabandistas passavam para Espanha no contexto da emigração.

<sup>255</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

conhecimento do terreno, da distribuição espacial das autoridades e da população local, eram ferramentas essenciais na condução dos carneiros:

*«Levei uma família também para Ourense. Depois os gajos chouchos a olhar para aqueles arranha-céus e o caraças. Ali o quartel é mesmo à beira da estação, mesmo à beira da estação do comboio em Ourense»<sup>256</sup>.*

No sentido inverso, e à semelhança do que se passava com os produtos oriundos de Portugal, existia uma diversidade de mercadorias espanholas com procura no nosso país. A importação da amêndoa representava um dos produtos procurados pelos portugueses assemelhando-se ao café nas quantidades contrabandeadas:

*«Era o contrabando da amêndoa, sacos enormes eram passados. Eu nunca acompanhava, mas assistia porque era pequeninho na altura. Ali, à porta de casa, uns sacos altos ponham-se a secar»<sup>257</sup>.*

Contudo, os contrabandistas portugueses nem sempre importaram mercadorias. Este processo passa a ser efectuado com mais frequência na proximidade dos finais do contrabando. José Valcuende del Rio e Rafael Feria chamam à atenção para a introdução dos homens no contrabando praticado, até uma certa altura, pelas mulheres. Os homens começaram a observar as potencialidades deste tipo de contrabando no que diz respeito à facilidade do transporte e aos lucros possíveis:

*«Es especialmente significativo el contrabando “feminino” en lá década de los ochenta del siglo XX. En función del processo de globalización de la economía, que revaloriza el carácter monetário de esta actividade, por encima de su carácter de subsistência, se produce la irrupción de los hombres en los contrabandos de “mujeres”»<sup>258</sup>.*

O transporte deste tipo de mercadorias suscitou, em certos grupos de contrabando, alguns conflitos internos. Existem relatos de carregadores que aproveitavam o transporte de contrabando de bananas e peixe para desviar certas quantidades, a fim de as comercializar a título individual. Casos houve em que esta prática destinava-se ao consumo familiar. Se as quantidades desviadas não fossem excessivas, não constituía prejuízos para o proprietário. Não obstante, certos carregadores escondiam os produtos durante as transacções e no final iam

---

<sup>256</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>257</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>258</sup> Rio e Cáceres, «Vivendo de la...», 206.

busca-los e vende-los a quem os comprasse. Como é óbvio estas acções acarretavam riscos para além do próprio contrabando. Se o chefe do grupo descobrisse, podia resultar em agressões físicas ou expulsão do grupo. Manuel Pereira expressa-se relativamente a esta problemática, tal como se pode observar:

*«E então esse gajo acarretava as caixas de peixe quando trabalhávamos ali em Barbeita. [...] O que é que ele fazia, o gajo? O peixe que caia das caixas, o gajo arremansava-o e trazia duas sacadas de peixe. [...] Ora, claro, ele ganhava mais do que a andar a acarretar. Mas é que eu um dia dei com ele. [...] “Olha pá, por esta passas. Mas prá próxima que tu apareças aqui, levas aqui uma jiba<sup>259</sup> que te fodes pá! [...] Não queres acarretar malandro? [...] Meu gandulo”. Nunca mais lá apareceu, porque ia levar uma jiba que se fodia!»<sup>260</sup>.*

Apesar destas condicionantes, arrisco-me a afirmar que a lista de produtos importados, sobretudo a partir de 70, ultrapassa em muito as mercadorias exportadas:

*«Nesta linha de rumo foram realizadas no primeiro trimestre do corrente ano, várias acções conjuntas e isoladas, que culminaram com um total de 486 apreensões (451 por importação e 35 por exportação), cujo valor ultrapassa os 200 contos, tendo sido aplicadas multas que totalizaram mais de 3300 contos»<sup>261</sup>.*

Apesar de se atribuir às mulheres a compra de mercearias para o consumo familiar, existiram contrabandistas que aproveitaram as viagens para efectuar este tipo de compras. Sobretudo em situações onde as cargas não eram muito volumosas, viagens que um determinado contrabandista fazia sozinho. Com o dinheiro ganho neste tipo de viagens, compravam bens essenciais a melhores preços:

*«E trazia mercearia pro lado de cá, pra mim, pra nós, claro. O que nos fazia falta era um intercâmbio. O que eu trazia de lá com o dinheiro do café que fazia aqui, lá deu-me pra duas vezes. Duas compras que fizesse aqui, estás a ver? O artigo, o material aqui estava mais caro e lá trazia aquilo»<sup>262</sup>.*

Já aqui referimos que o fluxo dos produtos poderia depender de determinadas modas. Neste contexto, enquadra-se a procura de produtos específicos em épocas de festividade. No caso do Natal, por exemplo, existia uma procura acentuada de uvas passas, torrão, bacalhau, bebidas alcoólicas de vários tipos. Todos os produtos que correspondessem à procura das

---

<sup>259</sup> Agressões físicas.

<sup>260</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela – Monção.

<sup>261</sup> Anónimo, «Serviço fiscal», *Guarda Fiscal*, nº4, Junho, 1972, 23.

<sup>262</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

populações podiam constituir contrabando. Os contrabandistas, perante a possibilidade de ganharem dinheiro extra, aproveitavam esta procura ao máximo:

*«[...] E depois havia outras coisas, havia... Tudo era contrabando. Era nas alturas do Natal, bebidas, uvas passas. Era muitas coisas vinham para cá. [...] E, portanto, tudo dava dinheiro. Farinha, açúcar, arroz, bacalhau [...] tudo o que dava uns tostões como eu digo, tudo dava dinheiro, tudo se passava»<sup>263</sup>.*

É no seguimento desta lógica que a importação de produtos ganha fama no seio dos contrabandistas monçanenses. Produtos como: peixe fresco, peixe congelado, peixe em conserva, marisco, electrodomésticos, mobiliário, máquinas de jogos para cafés e bananas, integraram o contrabando de importação.

A importação de bananas surge, a par do tabaco americano, como uma forma rentável de ganhar algum dinheiro. Ganhou notoriedade nos finais de 70 e foi um dos mais contrabandeados: *«Eu tinha 1 escudo em cada quilo de bananas, é preciso ver. As caixas traziam 12 kg e nós passávamos umas 200 ou 300 caixas»<sup>264</sup>*. O crescimento deste tipo de contrabando também é perceptível através dos processos correcionais. Estes referem-se a duas vertentes, transporte de gado e transporte de bananas. No caso do transporte de gado, não existe a confirmação directa da sua origem e destino. No entanto, sabe-se que o destino preferencial era Espanha:

*«Aos vinte e seis dias de Dezembro de mil novecentos e oitenta e quatro, cerca das zero quatro horas e trinta minutos [...] apreendemos [...] seis vitelas sendo cinco de raça pisca e uma de raça galega, no valor presumível de 200000\$00 (Duzentos Mil Escudos) [...]»<sup>265</sup>.*

No caso da apreensão de bananas é possível verificar a possível proveniência de Espanha, as quantidades transportadas e os valores aos quais podiam chegar estes carregamentos. Esta informação é retirada de um processo correcional relativo à década de 80, tal como passamos a analisar:

*«Aos oito dias do mês de Dezembro de mil novecentos e oitenta e dois pelas 05H15 minutos [...] todos da formação do Comando da 3ª. Companhia do Batalhão nº.3 da Guarda Fiscal, no desempenho do serviço fiscal “Patrulha” [...] na estrada nacional Melgaço-Monção [...] apercebemos-nos que seguia um camião no sentido Melgaço-Monção, imediatamente o seguimos, interceptando-o no lugar do Cabo freguesia de Barbeita,*

---

<sup>263</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>264</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>265</sup> Tribunal da Comarca de Monção, Processo Correcional, nº1464, maço nº63 (1986).

Concelho de Monção [...]. Esta viatura transportava 510 caixas de bananas verdes embaladas em caixas de madeira com o peso de 6130 kg o que se nos tornou estranho e anormal [...], pois em Melgaço não existe nenhum armazém de frutas com esta quantidade nem lá é mercado consumidor de tais quantia, sendo sim possível entrada fraudulenta de tais quantidades de bananas assim como já têm sido apreendidas. Sendo-lhes pedida a respectiva factura ou guia de remessa o mesmo disse não possuir qualquer documento da mercadoria, por tais factos apreendemos a mercadoria por delito de contrabando de importação, à qual atribuímos o valor presumível de 551700\$00 “Quinhentos e Cinquenta E Um Mil E Setecentos Escudos [...]»<sup>266</sup>.

O denominador comum a estas apreensões é o horário em que ocorreram. Como se sabe, o contrabando era praticado a coberto da noite e, por vezes, podia durar a noite inteira. As apreensões aqui retratadas denotam esta característica pois, ambos os transportes, foram efectuados de madrugada. Estes são dois exemplos concretos das características do contrabando enquanto este se aproximava do seu fim.

No cômputo geral, a situação do concelho de Monção pode ser comparável às restantes raiais portuguesas. Destacam-se as semelhanças existentes no que aos produtos diz respeito, com o concelho de Idanha-a-Nova, mais concretamente, Penha Garcia. O estudo de Eduarda Rovisco demonstra-nos que a evolução dos produtos contrabandeados neste concelho é semelhante à evolução do concelho de Monção, tal como se reproduz:

«Estes valores indicam que o contrabando praticado em Penha Garcia, assente na exportação clandestina de café até aos anos de 1970, passa na década de 1980 a organizar-se em torno do transporte clandestino de gado bovino [...], do tabaco – será visto que o tabaco espanhol era importado e o tabaco americano exportado –, da importação de peixe, marisco, bananas das canárias, perdurando ainda a exportação de café»<sup>267</sup>.

Da mesma forma, António Cabanas analisa a evolução dos produtos contrabandeados na Raia Central dentro da mesma linha. Apesar de se localizar na proximidade de Idanha-a-Nova, serve para caraterizar o fluxo de mercadorias no plano nacional. De resto, a comercialização ilegal desta zona raiana é comparável às localizações anteriormente mencionadas. Quem o diz é o próprio autor:

«O tempo do café foi, posteriormente, uma das mercadorias que mais se passavam para Espanha enquanto fazenda e calçado faziam a viagem inversa. [...] Na década de 50 e 60 as peças de sucata para automóveis, para lá, e as máquinas de costura para cá [...]

---

<sup>266</sup> Tribunal da Comarca de Monção, Processo Correccional, nº1362, maço nº60 (1986).

<sup>267</sup> Rovisco, *Não queiras...*, 175.

enquanto nos últimos anos do contrabando foram o tabaco americano (tempo do tabaco), o gado, o marisco e a carne que constituíram os melhores negócios»<sup>268</sup>.

No fundo e apesar de condicionalismos particulares que diferenciam uma determinada raia das outras, os produtos transacionados entre os dois países seguem uma linha semelhante, variando, sobretudo, a forma de os transportar.

No sentido inverso, os produtos contrabandeados pelas mulheres eram de menor dimensão e destacavam-se pela sua heterogeneidade. Alguns dos produtos que integravam as transacções quotidianas das mulheres já foram anteriormente mencionados. O interesse dos homens pelo contrabando das mulheres numa fase avançada desta actividade, justifica a confluência da tipologia dos artigos contrabandeados. No entanto, durante as décadas de 50 até 80 do século XX, as mulheres contrabandearam tudo o que permitisse ganhar algum dinheiro.

Com base nos testemunhos das informantes, a mercadoria que merecia a preferência das mulheres no contrabando de exportação era o café. À semelhança do que se passava com os homens, este era o produto mais exportado no contexto do trapicho. A distinção encontrava-se no peso da mercadoria, uma vez que só contrabandeavam cerca de 5 kg de café: «*Conforme. O dinheiro naquela altura era pouco e levávamos 5 quilinhos. Até os comprávamos aos meios quilos que era pra meter em nós, pra não encher muito a gente*»<sup>269</sup>.

Para além do café também se refere o sabão, ovos e peças de vestuário, como produtos que caracterizavam o contrabando de exportação:

«*E depois levávamos também roupa, muita roupa. Combinações, camisas de dormir e assim, muita roupa. Porque havia outras que levavam sabão e assim outras coisas. Mas eu foi só mesmo o café e a roupa*»<sup>270</sup>.

Se compararmos o caso de Monção ao caso de Idanha-a-Nova, volta-se a observar semelhanças claras na composição e características dos produtos de exportação:

«Ao contrário dos homens que se deslocavam de noite, a pé, com vinte cinco quilos de café às costas [...] as mulheres deslocavam-se a Zarza La Mayor durante o dia levando, no máximo, cinco quilos de café e trazendo uma grande variedade de produtos»<sup>271</sup>.

---

<sup>268</sup> Cabanas, «Carregos...», 12.

<sup>269</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>270</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>271</sup> Rovisco, *Não queiras...*, 190-191.

A heterogeneidade dos artigos de importação era claramente superior. As trapicheiras de Monção deslocavam-se a Espanha para adquirir mercadorias, cujos destinos, podiam ser diferenciados. A importação de certos artigos podia destinar-se, em primeiro lugar, para o comércio local. Esta disposição é usual na comercialização de peixe em de bancas de venda. O pescado importado também podia fornecer outras localidades:

*«Aliás, pra quem eu trabalhava, ela tinha a venda aqui na peixaria. Mas ela ia pros Arcos, Lindoso, Soajo [...]. Elas trabalharam muito pra lá. Porque andavam na altura a fazer a barragem do Lindoso, e foram elas que forneciam tudo [...]»<sup>272</sup>.*

O contrabando de importação também se destinava à venda pela vila de Monção, sobretudo aos turistas. Sempre que localizassem gente externa ao concelho, as trapicheiras abordavam estas pessoas na possibilidade de obtenção de lucros: *«[...] passavam lá muitos turistas que nós não morávamos aqui, morávamos lá em baixo. Passavam muitos turistas e nós rogávamos aos turistas para comprarem [...]»<sup>273</sup>.*

Por último, destaca-se o consumo doméstico e o fornecimento de pessoas que pedem às mulheres para trazer determinados produtos:

*«E até muita gente trazia coisas de lá que não era para vender, não é? “Oh fulano? Vais a coiso? Traz-me não sei quê, não sei que mais”. E ela trazia-lhe isso de lá. Isso era o dia-a-dia, era o chamado trapicho»<sup>274</sup>.*

Tal como acontecia no contrabando masculino as mulheres podiam trazer carne, peixe, bananas, frutas variadas, azeite, tripa seca, chocolates, caramelos, rebuçados, calçado, enxadas, bebidas alcoólicas, perfumes, etc:

*«Então traziam perfumes. Era perfumes, era chocolates, era o anis. E era o conhaque, geralmente era o Carlos I, Filipe II, o Carlos III. Era o anis Domuz e as pastas de chocolate»<sup>275</sup>.*

Estes foram os principais produtos referidos pelos informantes, porém a lista é ampla. Tudo o que tivesse procura podia constituir objecto e oportunidades de negócio seguindo o sentido Espanha-Portugal preferencialmente:

---

<sup>272</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>273</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>274</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

<sup>275</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

«As portuguesas adquiriram uma enorme variedade de produtos alimentares, entre os quais enlatados e o pão, o colorau e a tripa seca [...], peças de vestuário e calçado, bebidas alcoólicas e, até, os “regalos e recuerdos”»<sup>276</sup>.

As quantidades contrabandeadas ditavam, por vezes, o insucesso do trapicho, uma vez que as mulheres tentavam passar o máximo de produtos possível. Alguns dos produtos anteriormente mencionados não estavam sujeitos a direitos alfandegários, no caso de serem contrabandeados em pequenas dimensões. Em 1971 o jornal local publicou uma listagem das mercadorias que estavam isentos de imposto que, de uma forma ou de outra, eram muitas vezes apreendidos perante a necessidade das trapicheiras contrabandearem o máximo de produtos possíveis. Esta informação foi publicada pelo jornal «Notícias de Monção», a qual passamos a reproduzir, resumidamente:

«Para conhecimento dos nossos leitores publicamos a lista de objectos que estão isentos de direitos alfandegários: vestuários e objectos de uso pessoal e doméstico em pequenas quantidades [...]; um aparelho receptor de rádio; um carro de criança; apetrechos de pesca; 200 cigarros ou 50 charutos ou 250 gr. de tabaco; uma garrafa de bebidas alcoólicas de capacidade normal; pequena quantidade de perfumes [...]»<sup>277</sup>.

Em jeito de conclusão, a natureza do fenómeno desempenhava uma dupla função que não é perceptível aos contrabandistas. O contrabando pode ser caracterizado pela célebre expressão popular «faca de dois gumes».

Contrabando como forma de subsistência dos agregados e hipótese de auferir rendimentos extras estabelecia, também, a sua grande problemática, correr riscos desmedidos na maximização dos lucros. Seguindo o exemplo anterior, observa-se existência de uma lista extensa de mercancias que não estavam sujeitas a impostos. No entanto, tentava-se passar, ocultar, dissimular, o maior número de mercadorias correndo os riscos próprios da actividade.

---

<sup>276</sup> Baptista, «Apontamentos sobre...», 4.

<sup>277</sup> Diário do Norte, «Objectos isentos de direitos alfandegários», *Notícias de Monção*, nº215, Junho, 1971, Periódico, 8.



## 9 - Aventuras do contrabando

### 9.1 - Descrição dos corpos de fiscalização fronteiriça (Guarda-Fiscal – Guarda Civil)

De forma a introduzir este ponto recorreremos à definição de fronteira exposta por Eduardo Araújo. Para o autor os contactos entre as populações fronteiriças eram uma característica basilar das fronteiras que resultavam em estratégias direccionados para os ganhos pessoais:

«A fronteira, para as populações que habitam nas suas imediações, mais do que linha que separa, foi, em muitas ocasiões [...] o centro de criação de oportunidades e meios para ampliar esses mesmos laços e relações»<sup>278</sup>.

A interacção das populações raianas e as consequências que daí advinham desenvolviam problemáticas que os Estados Ibéricos tinham que resolver a todo custo. A complexidade e crescimento do fenómeno anteriormente descrito obrigou os Estados ibéricos a reforçar os controlos fronteiriços, numa tentativa de atenuar as práticas de comércio ilícito e defraudação estatal:

«Las infracciones de defraudación consisten, por su parte, en vulnerar las disposiciones que aseguran la percepción del impuesto a que están sometidos los artículos o géneros que contempla esta ley»<sup>279</sup>.

Para o entendimento dos encontros entre contrabandistas e autoridades é importante percebermos, numa primeira fase, como se organizavam os corpos de fiscalização. O entendimento das rotinas e dos processos de fiscalização são necessários para a compreensão das temáticas seguintes. Procura-se, unicamente, facilitar a apreensão das acções encetadas pelas duas forças de segurança.

Comecemos por examinar a organização do corpo de fiscalização fronteiriço português, comumente conhecido por Guarda-fiscal. A génese desta instituição remonta ao século XIX, aquando das reformas do Estado Liberal relativas à importância económico-financeira das fronteiras. A Guarda- Fiscal deriva da junção dos corpos de Guardas de alfândega e Guardas barreiras. De forma simples, a Guarda-Fiscal surgiu através da conjugação de corpos fiscais embrionários, em 1885.

---

<sup>278</sup> Araújo, «Quem manda...», 74.

<sup>279</sup> Ana Muñoz Merino, *El delito de contrabando* (Pamplona: Aranzadi, 1992), 78.

Na sua origem, esta força policial já se encontrava destinada à fiscalização, controlo da fronteira e luta contra a defraudação: «“destinado privativamente ao serviço de fiscalização terrestre e marítima, dos impostos e rendimentos públicos [...]”»<sup>280</sup>. Para além disto, as funções da Guarda-Fiscal, desde os seus primórdios, sofreram poucas alterações até às épocas em estudo. No século XIX a fiscalização já se destinava à repressão do contrabando e cobrança de impostos:

«O serviço de fiscalização terrestre era exercido “nas zonas fiscais da raia e litoral, no interior do paiz e nas ilhas adjacentes e tem por objectivo principal: a repressão do contrabando e dos descaminhos aos direitos que se cobram nas alfandegas [...]”»<sup>281</sup>.

A estrutura da Guarda-Fiscal sofreu poucas alterações no decorrer da 1ª República, passando pela Ditadura Militar até ao Estado Novo. As suas operações continuaram a circunscrever-se ao controlo das fronteiras e à repressão do contrabando.

Portanto a presença dos militares fiscais nas zonas de fronteiras tinha como função principal reprimir os actos de contrabando. Na obra «Manual do Agente Fiscal», José Caeiro expõe os regulamentos e as incumbências destinadas à realização de um serviço exemplar por parte dos agentes fiscais. No conjunto de ordenações relativas ao serviço, o autor é claro quanto à forma como os guardas deviam agir:

«5.º - Tomar tôdas as providências que couberem na sua alçada para evitar ou reprimir o abuso, sempre que tiverem conhecimento da tentativa ou realização de qualquer fraude de contrabando ou descaminho, ou transgressão dos regulamentos fiscais»<sup>282</sup>.

Nos anos 50 e 60 do século XX, a função estendia-se ainda à contenção da emigração ilegal. Manuel Pulga, antigo Guarda-fiscal do concelho de Monção, supunha a importância capital desta tarefa, afirmando que a primeira coisa que aprendeu enquanto aspirante a Guarda, foi a máxima «apreender e reprimir»:

*«Foi a primeira coisa que aprendemos, apreender e reprimir. [...] E reprimíamos com a nossa presença. Era escusado... a nossa presença é que reprimia. [...] Pronto, a nossa função era isso»*<sup>283</sup>.

---

<sup>280</sup> Pedro Ribeiro dos Santos, *Génese e estrutura da Guarda Fiscal (ensaio histórico)* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985), 92.

<sup>281</sup> Santos, *Génese...*, 93.

<sup>282</sup> Informação presente no Boletim de Alfândegas (888/275). Informação descrita por José dos Santos Caeiro, *Manual do Agente Fiscal* (Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, 1939), 16.

<sup>283</sup> Manuel Pulga, ex. guarda-fiscal da zona de Troviscoso-Monção.

A fiscalização era exercida por estes homens na proximidade das zonas de fronteira. Ao longo da extensão fronteiriça do concelho de Monção, existia um conjunto de nove postos fiscais que serviam de alojamento aos agentes. Os postos eram dotados de divisórias equivalentes a habitações comuns, albergando os guardas que estivessem de *prontidão* ou os agentes que neles residissem permanentemente: «As instalações eram adaptadas à sua função, ofereciam condições de habitabilidade para o “plantão” e serviam de morada àqueles que tinham optado por morar no próprio Posto»<sup>284</sup>.

Os postos podiam ser comandados por Cabos ou Sargentos. Em Monção, só os postos da Lodeira e de Barbeita eram comandados por Sargentos. Esta situação está relacionada com as particularidades legais dos mesmos. Estes postos tinham competências legais para processar o pagamento dos encargos devidos na importação de determinados produtos. Veja-se o testemunho do guarda-fiscal aposentado de Troviscoso - Monção:

*«[O]Posto de Barbeita [encontrava-se] habilitado a despachar e [o da] Lodeira também. Era habilitado a despachar, era um posto de despacho de peixe. Despachar peixe, só peixe. O peixe que vinha era pesado ali, pagava o imposto e depois ia. [...] Mas na Lodeira era passageiros. Não era só peixe, também era passageiros»<sup>285</sup>.*

Os restantes estavam a cargo de cabos que chefiavam os homens disponíveis em cada posto. Normalmente a fiscalização dividia-se pelos homens disponíveis, nos serviços de fiscalização da raia.

A área de controlo e de influência de cada posto terminava no início do posto fiscal seguinte, e daí por diante. As fiscalizações das áreas pertencentes a cada posto estavam entregues a patrulhas móveis, constituídas por dois (ver figura 3 do anexo 1, no final do corpo do texto) homens e em casos excepcionais, por um. Estes fiscalizavam em conjunto a zona do posto em que estavam inseridos, sendo que o guarda mais velho do par era o chefe da patrulha:

*«O serviço de aguardo na fronteira terrestre é, normalmente, constituído por duas praças e estabelecido nos locais que maiores facilidades ofereçam à sua passagem dos defraudadores da Fazenda Nacional, mais conhecidos por contrabandistas [...]»<sup>286</sup>.*

---

<sup>284</sup> Baptista, «Apontamentos sobre...», 4.

<sup>285</sup> Manuel Pulga, ex. guarda-fiscal da zona de Troviscoso-Monção.

<sup>286</sup> Trabalho apresentado pelo grupo D do 1º. Estágio para 1º Sargentos da Guarda-fiscal, «O Serviço de «Aguardo» na Fronteira terrestre», *Guarda Fiscal*, nº2, Dezembro, 1971, Revista, 9.

Para além das patrulhas móveis existiam brigadas a mando do comando. Estas podiam ser destacadas para a fiscalização de qualquer zona fronteiriça, normalmente para reforçar o patrulhamento das áreas mais sensíveis:

«A vigilância da zona de intervenção era pouco eficaz por falta de membros e pela distribuição de serviços: um “Guarda” estava vinte e quatro horas de plantão, outro de folga, outro podia estar a acompanhar alguma mercadoria e só os restantes (normalmente dois) é que percorriam a zona a patrulhar»<sup>287</sup>.

No cômputo geral, as práticas de apreensão e repressão do contrabando encetadas pela Guarda-Fiscal procuravam corresponder a uma adequação das forças policiais disponíveis às áreas mais sensíveis nesta matéria.

No lado oposto da fronteira encontramos, igualmente, um corpo policial destinado à fiscalização da fronteira. A descrição do serviço de fiscalização desenvolvido pela Guarda Civil espanhola não vai merecer uma análise tão extensa. Este facto prende-se com a impossibilidade de entrevistar um agente pertencente a esta força, apesar dos esforços desenvolvidos com o fim de obter testemunhos gravados da parte de guardas do outro lado da fronteira. Desenvolvi conversações com um antigo Guarda Civil, mas não foi possível registar os diálogos. Com efeito, apenas me foi possível conversar com um antigo Guarda Civil na condição de não registar o testemunho. Limitei-me por isso a ouvi-lo e posteriormente a registar excertos das notas mentais que retirei desse encontro<sup>288</sup>.

No caso de Espanha a fiscalização e repressão do contrabando estava a cargo da Guarda Civil de fronteira, vulgarmente conhecidos pelos contrabandistas como carabineiros. Este corpo desempenhava funções semelhantes à Guarda-Fiscal na luta contra o contrabando e as suas origens remontam similarmente ao século XIX:

«Las estructuras de control y vigilancia de las fronteras entre Portugal y Galicia, que incluyen una legislación específica, una infraestructura de puestos de vigilancia [...] viene conformándose desde el siglo XIX [...]»<sup>289</sup>.

O sistema de fiscalização também contava com a ajuda da chamada Brigadilha. Este grupo era constituído por autoridades descaracterizadas que, por diversas ocasiões, fiscalizavam

---

<sup>287</sup> Baptista, «Apontamentos sobre...», 4.

<sup>288</sup> Encontro realizado no dia 20 de Fevereiro de 2016 em Salvaterra do Minho, por volta das cinco da tarde.

<sup>289</sup> Táboas, Macho e Gallardo, *La raia...*, 66.

à retaguarda a acção dos carabineiros. O intuito destas autoridades era a detenção do contrabando sem que os contrabandistas dessem conta da sua presença.

A distribuição da fiscalização no lado espanhol obedecia, mais uma vez, a um sistema semelhante à distribuição espacial do lado português. Medina Garcia refere que a primeira zona de fiscalização contava com uma distribuição de postos ao longo das diversas fronteiras com intervalos que podiam variar entre os 5 e os 10 Km:

«La primera estaba formada por una serie de puestos fijos, situados en parajes muy próximos de a linea de frontera; los puestos y casetas, estaban ubicados y distribuídos estratégicamente por el territorio, ocupando cerros y atalayas y distando unos de otros entre cinco y diez kilómetros [...]»<sup>290</sup>.

O autor ajuda-nos também a entender de que forma se organizavam as patrulhas fronteiriças. As fiscalizações eram divididas entre serviços diurnos e nocturnos, usufruindo estes últimos de um maior número de efectivos. A selecção dos indivíduos para desempenhar o serviço de patrulha obedecia a características próprias, sendo que devia existir rotação entre os turnos diurnos e os noturnos. Portanto, o cabo ou Sargento de cada posto estabelecia as chamadas «parejas» para fiscalizarem uma determinada zona. Estes pares de dois carabineiros deslocavam-se ao local designado e revezavam o fiscal diurno, tal como refere Medina Garcia na citação seguinte:

«Una vez establecidas las parejas, el comandante del puesto daba las instrucciones necesarias y nombraba sempre a un jefe o encargado en cada una de ellas [...] las parejas se encaminaban al lugar donde estaban establecidas las postas, una vez allí, procedían junto con el vigilante de día a recorrerlas [...] posteriormente relevaban el servicio haciéndose cargo de la vigilancia»<sup>291</sup>.

Como se pode constatar das citações expostas, a organização das duas forças de segurança encarregues da vigilância e cumprimento das leis estatais, não era muito distinta. As disparidades maiores que se evidenciam respeitam aos controlos fronteiriços, especialmente, no que toca contacto directo com as polícias dos dois países. Só nesse caso é que as problemáticas exteriores às organizações fiscais fazem transparecer dissemelhanças entre as formas de actuação das polícias fronteiriças.

---

<sup>290</sup> Garcia, «*Contrabando en...*», 381.

<sup>291</sup> Garcia, «*Contrabando en...*», 382.

## 9.2- Disparidades na actuação policial

O encontro com as autoridades desempenhava o principal perigo que os contrabandistas podiam enfrentar. As possibilidades de estes encontros ocorrerem revertia na potencial apreensão de mercadorias ou daqueles que as transportavam, podendo ainda implicar riscos em termos da integridade física dos contrabandistas. No decorrer deste ponto, procura-se definir os relacionamentos existentes entre as autoridades fronteiriças e os contrabandistas e perceber de que forma as relações entre os dois grupos afectaram o desenvolvimento da actividade.

Existia uma diferenciação entre as perspectivas dos contrabandistas relativamente às polícias ibéricas. Por norma, as autoridades ligadas à Guarda-fiscal eram vistas como mais tolerantes. Já os membros do corpo policial da Guarda Civil eram considerados mais inconstantes e severos.

Independentemente do país de origem, os contrabandistas referem a existência de membros do corpo da guarda-fiscal e dos carabineiros, «bons e maus». Normalmente, esta diferenciação nos discursos depende do facilitismo das autoridades na passagem do contrabando ou na sua ausência na forma como as autoridades tratavam os contrabandistas: «*Chegávamos ali à beira do rio e os carabineiros não nos deixavam passar. Porque é assim, havia uns bons e uns menos bons*»<sup>292</sup>. A tipologia dos discursos não se alterava só com base nas facilidades das autoridades. Quando questionado acerca da dureza das autoridades, Manuel Fernandes não tem dúvidas quanto à actuação imperativa dos carabineiros: «*Não, em Espanha era mais. O que fosse apanhado em Espanha era punido severamente*»<sup>293</sup>. Esta ideia percorre os discursos dos contrabandistas e até mesmo dos antigos membros das autoridades portuguesas. Apesar de existir boa convivência entre as forças policiais dos dois países, as autoridades espanholas são lembradas pela sua rigidez:

«*Sim, eram mais severas. Havia uma coisa que eles eram... Os espanhóis, por exemplo, eram muito severos, era no tabaco e no café. Eram duas coisas que já eram severíssimos*»<sup>294</sup>.

Estas relações eram fomentadas por encontros esporádicos entre os comandos das duas polícias de fronteira. Estes encontros passavam ainda por intercâmbios policiais, casuais,

---

<sup>292</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>293</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>294</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

culminando em visitas intercaladas dos corpos policiais aos países vizinhos. Conquanto, as boas relações entre os dois países não descartavam a actuação independente das polícias e certas reticências na troca de informações de importância relativa. Esta ideia é expressa pelo Major Pereira de Castro, tal como se reproduz:

«E havia colaboração. Claro que eles, os espanhóis, tinham soldados e tal. Faziam uma pesquisa maior do contrabando, noticiar o contrabando e tal. [...] E, portanto. Agora nós, de facto, a colaboração era uma colaboração digamos... Esta colaboração que se diz “palavra para aqui, palavra prá cola”. Nem a gente dava informações aos espanhóis, nem os espanhóis davam. Ou dava-se daquelas informações que interessavam pouco»<sup>295</sup>.

Apesar das preconcepções ou da definição da actuação das polícias com base no senso comum, não posso comprovar estas afirmações. Estas afirmações, à semelhança do que já foi dito anteriormente, não pretendem ser tendenciosas.

Unicamente se pretende expor o quotidiano e as problemáticas associadas ao contrabando. A falta de fontes que esclareçam a actuação destas polícias no seu país inviabiliza a possibilidade de apresentar criticamente a análise deste tema. Contudo, a ideia dominante entre as gentes portuguesas, era que Guarda Civil era menos tolerante.

Já as autoridades portuguesas representavam, no geral, uma ameaça menor às pretensões dos contrabandistas. Por norma, existiram determinados elementos desta força de segurança que «fechavam os olhos» às actividades de contrabando e descaminho. A proximidade e contacto frequente com os contrabandistas era uma das situações que, à partida, não era permitida, de acordo com o enquadramento legal do artigo 11.º do Boletim de Alfandegas: «11.º - Manter relações, publicas ou privadas, com os contrabandistas, defraudadores da Fazenda, seus agentes ou cúmplices»<sup>296</sup>.

Os contrabandistas procuravam corromper certos elementos das Guarda-Fiscal através de pagamentos monetários e, por vezes, com géneros. Joaquim Luís, antigo Guarda-Fiscal, responde de forma curiosa à questão dos subornos aos agentes: «*Havia de tudo. Havia um pouco de tudo. É como o Governo, a Guarda-Fiscal era como o Governo agora*»<sup>297</sup>.

Em determinadas ocasiões eram os agentes que procuravam o encontro com as populações:

---

<sup>295</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

<sup>296</sup> Caeiro, *Manual...*, 18.

<sup>297</sup> Joaquim Luís, ex. contrabandista da zona de Monção.

*« Vinham quando andavam, por exemplo, pela beira do rio. Eles têm uma zona controlada, umas áreas, passavam. Depois vinham às adegas, vinham sempre dois a dois. Botavam ali umas merendas boas e o que queriam, era isso. E havia outros que vinham merendar, mas vinham sempre apreciar a história. Havia outros que não se deixavam fazer... »<sup>298</sup>.*

Igualmente existiram agentes da Guarda-Fiscal que facilitavam a passagem de contrabando, porque tinham conhecimento das condições de vida de grande parte da população Monçanense e pretendiam ajudar os que mais precisavam. Disso nos dá conta a entrevista de Manuel Pulga que exprime a dualidade de actuação da Guarda-fiscal:

*« Tínhamos um colega que dava-se muito bem com o comandante do batalhão que era no Porto. E então esse guarda, que se ia embora, e o que se dava bem disse: «“Oh pá! Vai-te embora. Nem uma apreensão tiveste, não fizeste nada”. E depois o guarda disse assim: “Olhe meu comandante eu, aos pobres, perdoava eu. Os ricos perdoavam-lhe vocês»<sup>299</sup>.*

Portanto, apesar dos facilitismos, existiram agentes que nunca aceitaram subornos e que cumpriam escrupulosamente as funções dos respectivos. Normalmente, as autoridades que faziam cumprir a directivas estatais tinham uma conotação negativa para os contrabandistas. Dos dois lados da raia eram atribuídas alcunhas àqueles que não facilitavam os actos de contrabando.

A título de ilustração aponte-se o caso de um oficial português que foi destacado para controlar «a recta final do contrabando» em Monção, a quem lhe foi atribuída a alcunha de «Zeca Diabo», personagem de uma novela brasileira, pela acção fortemente repressiva que desenvolvia: *« Houve um oficial da Guarda que se opôs a isso. [...] Depois veio um individuo que era do exercito e tal. E então chamava-lhe o Zeca diabo »<sup>300</sup>.*

As mudanças de chefia ou de autoridades revestiam-se de dificuldades para os contrabandistas. Estas alterações criavam uma certa apreensão e cuidados redobrados durante a actividade. Como é óbvio, a chegada de autoridades desconhecidas obrigava a definir o perfil de actuação face às autoridades. Tudo se resumia aos facilitismos ou à falta deles:

*« A tensão e o receio de emergiam com a mudança de guardas e sobretudo de chefias, havendo que reconhecer as novas condições e que adequar as modalidades de contrabando »<sup>301</sup>.*

---

<sup>298</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

<sup>299</sup> Manuel Pulga, ex. guarda-fiscal da zona de Troviscoso-Monção.

<sup>300</sup> Major Pereira de Castro, ex. comandante da GNR de Valença.

<sup>301</sup> Godinho, «Desde a...», 37.



As autoridades espanholas enquadravam-se, sensivelmente, nas disposições das autoridades portuguesas. De modo mais controlado, alguns contrabandistas conseguiam negociar a passagem de mercadorias com os carabineiros, o chamado «passe».

Determinados contrabandistas procuravam, tal como referi anteriormente, frequentar o território espanhol e conviver com as autoridades deste país, no sentido de julgarem o carácter de certos carabineiros. A frequência dos espaços acompanhada pela criação de laços de proximidade podia suscitar o facilitismo das autoridades espanholas:

*«Nós na conversa. Nós convinha-nos conversar com eles muitas vezes, porquê? Que era pra saber a bondade deles. Se eram bons, se eram ruins, se eram daqueles que davam o passe, se não eram»<sup>302</sup>.*

Para termos a percepção do universo de relações de proximidade que podiam ser desenvolvidas entre carabineiros e contrabandistas, destaco um pequeno excerto concernente a um destes episódios. José Gonçalves encontrava-se em Portugal à pesca, quando surgiu um carabineiro do lado espanhol. Após conversações e esclarecimentos, deu-se a combinação entre os dois para a passagem de contrabando, tal como se observa:

*«Bem, e então eu andava à pesca da cana num regato. Então veio um carabineiro. Um carabineiro não, um militar. [...] Um militar e: “Oi português! Que andas fazendo?”. (senhor José): “Não miras? Ando à pesca da cana”. Mas eu já o conhecia, chamado Gonçalves, um bom rapaz. E diz ele: “Então, tens algo aí?”. (senhor José): “Não tenho nada pá, não venhas que não tenho nada”. [...] E daí não sei coiso e colho uma truta. Uma trutita assim pra e meio quilo. (carabineiro): “Ai coño, colleste uma?”. (senhor José): “Si, si”. (carabineiro): “Bueno trai-a pra cá, trai-a pra cá”. E daí eu peguei e fui pra onde a ele, pró outro lado. Diz ele: “Bueno vai agarrar ali uma lenha que assamo-la já”. [...] Daí foram ali para o lado de um sobreiro onde apanhou aquela lenha seca. Acenderam a fogueira, pôs a assar e comeram-na. Diz ele: “Coño ti não sabes o que é bom”. Diz ele: “Mira, tens algo aí?”. (senhor José): “Não tenho nada coño”. (carabineiro): “Mira, ti tens medo que te eu tire?”. (senhor José): “Tenho pois”. (carabineiro): “Bueno”. Pegou no mosquetão, abriu o mosquetão: “Pega las balas. Tens algo aí vai vende-lo por aí”. [...] E então venho pra baixo, trazia duzentas e cinquenta pesetas. [...] Diz ele: “Mira, ti não tens choio pra trazer? Mira, eu ando de dia. Às cinco da manhã, às cinco e meia entro de manhã pra render a pareja. [...] Ti hás-de me ver focando por aqui e trai um par de companheiros com cargas. Ides pra riba e vendeis. Lá fomos, vendemos, viemos pra baixo. [...] Diz ele: “Mira, agora não te quero os cartos. Eu quero que me traiais que eu vou pra... Prá semana, ou prá outra semana quero ir à minha terra, dos meus pais. E queria-lhe levar um queijo, duas barras de pão e um fato preto para ele. [...]»<sup>303</sup>.*

<sup>302</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>303</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção.

Como se pode ver, o contrabandista e o carabineiro incorrem num jogo de identidades, onde o contrabandista procura saber a «bondade» do Guarda e ao menos tempo ocultar a sua identidade. Daí a hesitação de José Gonçalves em assumir a posse de contrabando. O guarda, por seu turno, tenta averiguar a possível posse de mercadoria.

Como é perceptível, o carabineiro não só ajudou o contrabandista como distraiu a fiscalização durante a travessia. Estes eram os traços que definiam a passagem na situação de «passe». Sempre que existia conhecimento de uma «abertura» na fronteira, os contrabandistas que recebiam essa autorização, podiam atravessar em segurança. Esta era uma das muitas situações que representavam as relações socioeconómicas entre autoridades e contrabandistas. Relações que só ocorriam quando as autoridades estavam dispostas a cooperar, oportunidade que outros «não autorizados» procuravam usar, utilizando o «mesmo passe».

Comparativamente ao caso de Monção, Dulce Simões demonstra a existência deste tipo de relações que remontam ao tempo da Guerra Civil:

«As relações económicas construídas entre guardas-fiscais, carabineiros, comerciantes e grupos de contrabandistas constituíram uma rede de convívios e de colaboracionismo que permitiu dinamizar fluxos comerciais entre Barrancos e Encinasola»<sup>304</sup>.

No caso do trapicho, as mulheres relatam, similarmente, formas de actuação diferenciada por parte dos fiscais fronteiriços: «*Quem andava ali na fronteira, só quem fosse burro. Porque ali comiam os barqueiros, comiam... olha, era tudo [...]*»<sup>305</sup>. Na fronteira de Monção com Salvaterra as autoridades portuguesas continuam a ser representadas pelas facilidades de certos agentes, contrapostos pela existência de guardas que desempenhavam as funções para as quais estavam destinados.

No caso das autoridades que não aceitavam pagamentos, as mulheres tentavam, tal como os homens, estabelecer formas de conhecimento e discursos no sentido de os corromper. Esta ideia é destacada por Rosa Barbeitos no texto que se segue:

«*Mas olha, eu, quando comecei a andar, ainda era nova. E numa altura o Cabo que lá estava queria-me tirar tudo [...] Digo-lhe assim: "Olhe, não tire porque o meu marido é carpinteiro e você se precisar de alguma coisa, ele faz". E diz ele: "Ai é? Ai caramba que tenho lá uma mesa que precisa das pernas arrançadas". Olha direitinho: "Precisa de umas pernas. Passe, passe". Daí prá frente eu já passava mais [...] já ganhei assim aquela confiança*»<sup>306</sup>.

---

<sup>304</sup> Simões, O contrabando..., 184.

<sup>305</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

<sup>306</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

As mulheres tentavam oferecer algumas das mercadorias trazidas de Espanha na tentativa de dissuadir os guardas, principalmente o peixe. Mas também podiam receber os pagamentos em dinheiro:

*«Mas os de cá eram mais papadores. Sabe, se trouxesse peixe que eles lhe agradasse, que vissem um congro bom. Sabe o que é congro? Um congro ou um badejo daqueles grandes e tudo. Só queria esse peixe bom. [...] E depois faz de conta que nós íamos ganhar e levavam-no eles»<sup>307</sup>.*

No caso da apreensão em contexto de descaminho, primeiro procedia-se a revista das mulheres. A revista corporal devia ser efectuada por uma mulher (apalpadeira). Após a definição das quantidades aplicava-se uma multa sobre os produtos ocultados, pagando-se de seis a dez vezes mais o valor do imposto base: «O descaminho é punido com a multa do sêxtuplo ao décuplo dos direitos ou impostos que devam pagar as mercadorias [...]»<sup>308</sup>.

Por último, a actuação da Guarda Civil na fronteira espanhola era mais rigorosa e menos aberta a facilitismos, embora existissem ajudas ocasionais:

*«Mas da banda de lá era mais complicado, porque não deixavam. Mas aquilo havia muita gente, não é? E havia sempre um da banda de lá, um ou outro, que fechavam os olhos e a gente conseguia passar»<sup>309</sup>.*

Na fronteira assume-se a existência de um certo carácter de convivência. Quero com isto dizer, que certas autoridades tinham conhecimento da situação financeira das pessoas que frequentavam a fronteira diariamente. E, mesmo sem receberem nada em troca, tentavam ajudar. Se um determinado indivíduo expusesse a necessidade de trazer algo do país vizinho, por norma, não existiam contrariedades, desde que a carga não ultrapassasse a quantidade e a característica do pedido. Os problemas encontravam-se ligados aos excessos de confiança e à tentativa de passar o máximo de produtos.

A actuação das polícias podia então depender da «bondade» ou «maldade» daqueles que fiscalizavam a fronteira. Podia ainda depender da forma como os contrabandistas contactavam com as autoridades e do engenho das suas histórias.

---

<sup>307</sup> Esperança Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

<sup>308</sup> Caeiro, *Manual...*, 18.

<sup>309</sup> Rosa Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Cortes-Monção.

### 9.3- Perigos dos encontros com as autoridades

Devido à índole clandestina, específica das economias subterrâneas como o contrabando, os indivíduos que o praticavam estavam expostos a várias situações de perigo. A fiscalização das fronteiras e o consequente encontro com as autoridades, estabelecia-se como o «perigo» a evitar. Os riscos das viagens em contexto de contrabando pendiam, maioritariamente, para o lado espanhol. Apesar das histórias de proezas e aventuras, muitos eram os medos dos contrabandistas durante as «viagens». Estes medos eram fundamentados pela dureza das prisões espanholas, pela possibilidade de ferimentos, agressões e morte durante a actividade. Embora se atribua uma dureza acrescida aos carabineiros no contexto da Guerra Civil de Espanha e Segunda Guerra Mundial, muitos foram os episódios em que o recurso à arma de fogo foi uma realidade. As mortes ligadas ao contrabando decorrente da acção directa dos contrabandistas remontam, sobretudo, aos anos marcados por estes dois conflitos.

Ernesto português enuncia este flagelo com base nos apontamentos de um barbeiro monçanense. Este expõe episódios em que o contrabando não acabou da melhor forma para aqueles que arriscavam as suas vidas nestas práticas:

«No dia 30 de Março de 1939 pelas 8 horas da noite dois rapazes de Pouza foram numa batela em frente a casa das Caldas buscar uns companheiros que estavam em Hespanha e ao abeirarem junto da pesqueira do D. Alexandro foram alvejados a tiro pelos carabineiros: lançaram-se a água feridos a pedir socorro. Um foi socorrido [...] o outro morreu afogado [...]»<sup>310</sup>.

As mortes por acção dos contrabandistas pareciam ser uma constante no decorrer dos anos 30 e 40 do século XX. Esta informação parece ser consistente com os relatos de vários contrabandistas que afirmam a existência de mortes, principalmente, na época dos conflitos armados.

Para além das mortes por acção das autoridades, os contrabandistas estavam sujeitos a sinistros decorrentes de outros factores. A passagem do rio a nado ou de barco constituía, por si só um acto arriscado. Principalmente nos meses de Inverno onde o caudal e a força das correntes aumentava exponencialmente. Estes factores levavam ao aparecimento de notícias que davam a conhecer o sucedido, como se observa na notícia abaixo mencionada:

---

<sup>310</sup> Ernesto Português, Cadernos de contas de um barbeiro: Memórias de Monção (Monção: Câmara Municipal de Monção, 2010), 175.

«Pelas 20,30 do dia 16 de Fevereiro findo a nossa vila foi alvoraçada por uma trágica notícia. Junto à pesqueira da Pedra Furada voltou-se uma batela que conduzia sete homens com igual um carregamento de café. Do naufrágio salvaram-se os Srs. [...], todos residentes nesta vila, mas foram arrastados pela corrente impetuosa, os Srs. [...], de 24 anos, casado que deixa uma filha de tenra idade, seu sogro [...] de 40 anos e pai de sete filhos menores e o seu irmão [...], solteiro de 19 anos. Estes três últimos eram naturais da freguesia de Cerdal, Valença, mas viviam ultimamente no lugar de Pousa, desta vila e dedicavam-se à venda de pinhas»<sup>311</sup>.

Não tendo provas que sustentem as mortes por arma de fogo nas décadas de 50 a 70, limito-me a afirmar que estas existiram, embora com outros contornos. Durante as épocas em estudo podem-se relatar unicamente ferimentos associados a actuação das guardas que serviram como forma de dissuadir a actividade contrabandista.

A forma de actuação das autoridades espanholas poderá ir de encontro com as autoridades portuguesas. Em Portugal, os Guardas-Fiscais também recorreram, em determinadas situações, à arma de fogo. Normalmente, a arma de fogo servia para demover os infratores, uma forma de aviso. O método mais recorrente passava pelo disparo de dois tiros para o ar e um disparo na direcção do alvo, se necessário:

*«Não, não. A arma de fogo também não era para matar. A teoria era dois tiros pro ar e depois atirar um se fosse preciso. Mas, normalmente, muitos atiravam primeiro pro vulto e depois é que davam os dois tiros»*<sup>312</sup>.

Na prática, a utilização da arma só acontecia em 3 situações: defesa pessoal, defesa de outros agentes fiscais ou superiores e na defesa dos interesses nacionais: «9.º - Não fazer uso das armas que lhes estiverem distribuídas, a não ser em defesa própria, na dos seus camaradas, ou superiores, ou na dos interesses da Fazenda Nacional»<sup>313</sup>.

Apesar da atribuição deste método às autoridades espanholas, houve casos de disparos portugueses onde os informantes estiveram envolvidos. Mais concretamente, durante a passagem de carneiros para Espanha. Os guardas identificaram uma batela ilegal e esperaram até ao momento em que os contrabandistas deram uso à embarcação: «*Oh pá! Muito fogo nos fizeram pá. Mas não foi pró... Não nos atiravam a nós, claro*»<sup>314</sup>. A dinâmica dos tiroteios durante as décadas de 50 a 70 era, como já tivemos oportunidade de observar, um facto comprovado. Todavia, não podemos assinalar mortes associadas ao recurso de armas nas décadas em

<sup>311</sup> Anónimo, «Aogados no Rio Minho», *Notícias de Monção*, 2 de Março, 1963, 2.

<sup>312</sup> Joaquim Luís, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>313</sup> Caeiro, *Manual...*, 17.

<sup>314</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

estudo, uma vez que as referências às mesmas, remontam ao «antigamente» (1930, 1940 e inícios de 50).

Os «disparos» caracterizavam um dos perigos ligados à actividade, mas existiam outros. A possibilidade de encarceramento dos contrabandistas em Espanha foi uma realidade que certos contrabandistas sentiram na pele. Luís Afonso, antigo contrabandista, detém um registo impressionante de «estadias» na cadeia espanhola. No decurso dos meados da década de 50 até aos meados da década de 60 do século XX, foi preso, pelo menos 3 vezes. A primeira detenção ocorreu por volta dos 14 anos, a segunda aos 18 e a terceira por volta dos 25, tal como o próprio afirma:

*«Com 13 anos, 14 incompletos fui preso a primeira vez. Portanto, entrei ali em Salvaterra na cadeia. Dali fui, levaram-me para Ponteareas, estive lá uma semana, pouco mais ou menos em Ponteareas. Pagou-se uma multa porque fui preso com 13 Kg de amêndoa, naquela altura. [...] Entregaram-me às autoridades portuguesas, meteram-me aqui na cadeia em Monção, na Cadeia Ibérica [...] Estive ali 24 horas e fizeram-me umas perguntas no tempo da PIDE [...] e puseram-me em liberdade. [...] Depois com 18 anos tornei ser preso outra vez com chatarra<sup>315</sup>, naquela altura 40 Kg de chapa ou coisa parecida. Dali já fui directo a Pontevedra, à cadeia de Pontevedra. Estive lá mais 8 dias em Pontevedra, pagou-se a multa daquilo. Tornei vir para as autoridades portuguesas. [...] Regressei ao contrabando outra vez, e isso foi em 65. Fui preso passado pouco tempo, outra vez. Tornei ser preso com 25 anos, pouco mais ou menos. [...] Fui preso outra vez e fui a Pontevedra. Pontevedra, mais uma semaninha ali, pagar a multa, vir de regresso, entrar na cadeia aqui e continuou o contrabando [...]»<sup>316</sup>.*

Claro está que, mais uma vez, deve-se ter em atenção a possível efabulação do discurso. Principalmente no que diz respeito à idade do contrabandista aquando da primeira detenção. Não obstante, o processo relatado por este enquadra-se no panorama da resolução dos problemas concernentes às detenções.

No caso deste contrabandista, existiu sempre a hipótese de pagar uma multa e voltar para Portugal. Casos houve, em que os contrabandistas não tinham dinheiro suficiente para pagar e permaneciam meses e até anos nestes calabouços:

*«Quando prendiam alguém. Pronto, tivemos ali vários indivíduos. [...] Esteve um ano e davam... Foi preso no contrabando e esteve um ano em Pontevedra preso. Que era o nosso medo sempre era de ir pra Pontevedra. [...] E ele chegou a estar quase dois anos, estás a perceber?»<sup>317</sup>.*

---

<sup>315</sup> Palavra de origem espanhola normalmente utilizada para fazer referência a sucata, ferro velho, metais.

<sup>316</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>317</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

As situações de detenção em Espanha podiam ser diferenciadas pelas possibilidades financeiras de cada indivíduo, ou pela recusa de utilizar o dinheiro destinado ao agregado para reverter esta situação. Este último exemplo também podia descrever a situação de alguns contrabandistas aprisionados em Espanha. Aqueles que recorriam ao pagamento de multas eram libertados após uma semana ou duas e cumpriam um mês de pena em Monção.

Portanto, o risco das prisões era real e supunha, para aqueles que não tinham meios de pagamento, ou preferiam cumprir a pena para assegurar os rendimentos, riscos acrescidos:

«O medo das prisões espanholas não tinha apenas a ver com o tempo que aí se passava, mas também as más condições de vida [...]. Estas prisões eram habitualmente remíveis em multa, mas nem sempre o contrabandista dispunha de meios para pagar»<sup>318</sup>.

Contudo, os contrabandistas referem que, preferencialmente, as autoridades apreendiam sobretudo as mercadorias. Numa situação de escolha entre contrabandista e artigo, a balança pedia para este último: «*O artigo, porque eles convinha-lhe dar fogo e depois ficar com o artigo. Eles nunca lhe convinha prender ninguém, estás a perceber?*»<sup>319</sup>. A apreensão das mercadorias era uma situação preferencial em Portugal, mas, no geral, os carabineiros também desenvolveram uma maior propensão para esta prática. Tudo dependia das autoridades que estivessem a efetuar o serviço de fiscalização, mas assume-se como a forma de actuação mais comum, principalmente daqueles que detinham entendimento com os contrabandistas. A apreensão de mercadorias seria essencial para demonstrar resultados positivos aos oficiais superiores e a prática mais comum passava pela cedência de algumas mercadorias pela parte dos contrabandistas.

Segundo Inês Fonseca e Dulce Freire, a actuação das autoridades remetia-se essencialmente à captura de mercadorias, ou ao impedimento da sua passagem pela fronteira:

«Na verdade, as autoridades neste campo vêm cingida a sua actuação ao simples impedimento da passagem ilegal das mercadorias pela fronteira, sendo muito raro provar quem cometeu a infracção»<sup>320</sup>.

Caeiro refere igualmente uma atenção redobrada à situação da mercadoria e a sua apreensão no caso de se provar a sua ilegalidade. Os agentes fiscais devem tomar providências no transporte destas mercadorias para os postos fiscais mais próximos:

---

<sup>318</sup> Cunha, *Memória...*, 214.

<sup>319</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>320</sup> Fonseca e Freire, «O contrabandista...», 236.

«Quando a patrulha encontrar indivíduos conduzindo mercadorias intimá-los-á a apresentar a respectiva guia ou despacho e, se não tiverem, deverá arrestá-las à casa fiscais mais próxima [...]»<sup>321</sup>.

Noutros casos, a captura ocorria de surpresa e encontrava-se associada a denúncias de terceiros. Normalmente as denúncias partiam de invejas ou inimizades relativamente aos contrabandistas. Este acto revestia-se de alguma importância na forma de actuação das autoridades:

«As veces quienes delataban a los contrabandistas eran personajes laterales, secundários, que no participan directamente en las actividades de contrabando; otros, sin embargo, los chibatos aparecen integrados en el seno de las propias cuadrillas [...]»<sup>322</sup>.

As denúncias podiam fornecer informações privilegiadas aos agentes: senhas de contrabando, zonas preferenciais de passagem, noite em que ocorria, personagens envolvidos, etc. Os contrabandistas, em alguns casos, tinham conhecimento da identidade dos denunciantes. No entanto, não consegui apurar as consequências sofridas por actos de delação:

*«E quer dizer que a carrinha estava a carregar, apareceu o capitão. Apareceu o capitão, porque foi apito que lhe deram, sabe? [...] Sim, chibatos. Oi! Havia muitos! O capitão foi uns chibatos que lhe... [...] Eu soube quem foi. Sei, soube quem foi»*<sup>323</sup>.

Conclui-se que a actividade policial nos dois países, apesar das diferenças aparentes, não constituía um enorme abismo entre as formas de actuação. Os procedimentos dos agentes detinham, no computo geral, mas parecenças do que dissemelhanças. Sendo que as formas de actuação podiam-se diferenciar em função: do tipo de contrabando, das quantidades, das directivas superiores, das avenças, da disposição de certas autoridades, etc. Mas o factor fundamental dependia da regularidade das viagens e da presença constante de determinados contrabandistas em Espanha. Estes acabavam por ficar conhecidos e referenciados, podendo influenciar a forma de actuação das polícias.

---

<sup>321</sup> Caeiro, *Manual...*, 127.

<sup>322</sup> García, «*Contrabando en...*», 289.

<sup>323</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.



## 9.4 – Confrontos e Peripécias

A questão dos confrontos associados ao triângulo, contrabandistas, Guarda-Fiscal e Guarda Civil é a última a merecer a nossa atenção. Esta temática circunscreve as práticas do contrabando num todo, o que revela a sua pertinência.

A existência de salvos-condutos por parte de determinadas autoridades, não inviabilizava os encontros entre estes e os contrabandistas. Os encontros eram uma situação recorrente no quotidiano da actividade, que podiam ter vários desfechos. Os confrontos com as autoridades podiam, por vezes, ser algo provocado pelos contrabandistas e daí decorriam as ditas peripécias. Apesar do carácter de subsistência que se encontra intimamente associado ao contrabando, não podemos excluir os factores externos. Certos contrabandistas desenvolveram um gosto particular na arte de provocar as autoridades, principalmente as autoridades espanholas:

*«Eu tinha prazer, eu tinha prazer de me encontrar com eles. Tinha prazer de me encontrar com eles mesmo. Aquilo dava-me uma sensação fantástica mesmo, não haja dúvidas [...]»<sup>324</sup>.*

Para além da seriedade que supunha a actividade, os contrabandistas protagonizaram uma série de proezas que não mereceram tanta atenção por parte de quem investiga e que serviram, de certa forma, para a sua mitificação. Mais uma vez, e sem retirar a devida seriedade ao presente estudo, passamos a examinar os confrontos e as peripécias que envolveram guardas e contrabandistas na raia Monção – Salvaterra.

Estes episódios ocorriam em ocasiões diferenciadas, sendo fomentados, na maior parte das ocasiões, pelos contrabandistas. Todos os processos associados a estas práticas ilegais constituíam oportunidades para o desenrolar de peripécias. O trabalho de espia suscitou o maior número de ocorrências no que respeita aos confrontos com as autoridades. Prática destinada ao controlo das fiscalizações, possibilitava uma maior liberdade de movimentos no terreno. Não existindo a preocupação de perder a carga, os espias iam, por vezes, ao encontro do perigo. Por diversas ocasiões os contrabandistas acabaram por sofrer agressões físicas da parte dos carabineiros, devido a necessidade de localizar as patrulhas. Mais uma vez, recorremos a Luís Afonso no relato da sua experiência, como se retrata:

---

<sup>324</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

*«Agora, às vezes, metia o focinho dentro das casetas, pra ver se eles estavam lá e muitas vezes levava um escape<sup>325</sup> do carai. [...] Havia aquelas coisas assim, que um gajo vivia a vida. Eu vivia a vida a andar a controla-los. Perdia noites ali, às vezes estávamos horas ali. [...] E eu, às vezes, tinha que começar dacolá, quase em Salvaterra, a vir pela beira do rio pra cima a meter o focinho em todas as casetas, a ver onde é que eles estavam pra tentar passar. E as vezes levava um bom escape, outras vezes saía-me bem, dava com eles»<sup>326</sup>.*

Apesar das agressões frequentes, os contrabandistas não desistiam das funções para as quais estavam destacados e conseguiram, em determinadas ocasiões, provocar os carabineiros. Estes actos podem ser vistos como uma espécie de justiça pelas próprias mãos, uma forma de desagradar os guardas espanhóis. Para além disso, os contrabandistas precisavam de encetar diversas formas de confundir as fiscalizações, para uma passagem bem-sucedida de contrabando. É o que nos conta António Oliveira de seguida:

*«E à tarde, à tardinha, o carabineiro não saía daquela zona. E então, o que fez ele? Ele fez ali um barraco com galhas, que era pra estar à sombra, pra não estar... E estava ali metido de baixo. E aquilo, a nós, não ficava bem [...] Fui-lhe desfazer a barraca e o gajo deu páli tiros que foi uma coisa preta. [...] Ora aquilo deu um alarme muito grande, porque eram seis da tarde, seis e meia da tarde. [...] Mas, nós, a barraca, o gajo não saía dali, incomodou-nos e ala, boteia-a abaixo. [...] O gajo quando veio ficou pior que... porquê? Porque ele foi enganado, que foi um gajo com um saco de palha lá acima, a passar, e ele viu o gajo e foi lá cima»<sup>327</sup>.*

Estas manobras geravam grande comoção na fronteira e arriscavam, por um lado, a actividade dos contrabandistas, através do reforço de policiamento das fronteiras. Por outro, os contrabandistas colocavam a própria vida em risco neste tipo de práticas. Mas tal como referiu António Oliveira, o encontro com os carabineiros dava um certo gosto.

Para além dos confrontos durante a actividade de espia, os contrabandistas conseguiam, em algumas ocasiões, recuperar a carga apreendida. Mais uma vez o engenho, a criatividade, e o trabalho em equipa, proporcionava o êxito dessas manobras. Ocorreram episódios onde os contrabandistas foram surpreendidos pelas autoridades e tiveram de prescindir da carga para se salvarem do risco de cadeia. No entanto, determinados homens não se limitavam a perder a carga sem dar luta, tal como refere Luís Afonso novamente:

*«Uma vez tinha lá 24 sacos para carregar, já prontinhos. [...] E houve uma vez, um senhor chamado Rito, que era mal esse carabineiro. Filha da mãe, uma vez estava o carro a carregar. Eram doze sacos que estavam para carregar. E já tinham entrado nove sacos*

---

<sup>325</sup> Agressões físicas.

<sup>326</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>327</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

*dentro do carro e ele vem por ali pra cima e manda dois tiros. Três sacos, caíram três sacos sem entrar pró carro e o gajo estava ali de volta dos sacos. E eu estava em cima de um barronquito<sup>328</sup>, eu e mais dois [...] e digo eu pra eles: “Olha, eu vou acolá por trás fazer barulho, acolá no meio daqueles... daquele monte acolá. E ele vai ir atrás de mim, vós fodeis-lhes dois sacos”. Eu pensei assim e assim foi. Eu vou por volta, faço lá um barulho. O gajo vai atrás de mim com o foco e os gajos foderam-lhe dois sacos. Oh homem do caralho, o homem, o homem ficou outra vez... ficou fodido [...] Ele ficou: “Vós trazei-me os sacos porque eu faço, eu aconteço. Porque isto, aquilo e tal”. Mas levou aquele e contentou-se com ele. E aconteceu assim»<sup>329</sup>.*

Estes episódios retratam a necessidade dos contrabandistas em minorar as perdas e uma certa satisfação na contrariedade da actuação policial. Ainda assim, movimentações deste género exponham os contrabandistas a riscos elevados que podiam culminar nas situações anteriormente retratadas, prisões, ferimentos, agressões.

A forma como determinados agentes actuavam podia colocar a própria integridade física em risco. Em vários momentos os carabineiros, no decurso das funções para as quais estavam designados, criavam sentimentos de injustiça nos contrabandistas. Principalmente quando os faziam perder as mercadorias, ou quando partiam para agressões.

O próximo relato retrata um «ajuste de contas» com um carabineiro durante uma festa em território espanhol. O agente em questão foi referenciado pelo contrabandista a um amigos espanhóis, devido a agressões físicas. Quando tomaram conhecimento do sucedido, os três indivíduos espanhóis agrediram este fiscal. O episódio é retratado por António Oliveira no texto que se reproduz:

*«E arranjei maneira de lhe dar uma coça, uma tunda. [...] Eu arranjei muita confiança lá com muito, muito amigo lá. E um dia numa festa [...] o gajo estava à paisana e digo-lhe eu: “Olha esse [...] já me deu uma tunda [...]”. E diz ele: “Não digas”. (senhor António): “Sim”. (amigos do senhor António): “Então espera aí”. Foi buscar o irmão que o irmão ainda era pior que ele: “Olha, estás a mirar o Morcego?”. Chamávamos-lhe o Morcego: “Sim”. Deu-lhe uma tunda ao Tónio. Diz ele: “Ai sim?”. Oh pá juntou ali três amigos, deram-lhe uma coça no baile, aí que [...] coça lhe deram. E eu pus-me no... Que ele não me viu depois ali»<sup>330</sup>.*

O contrabandista denuncia a forma como era visto o carabineiro em questão pela atribuição de uma alcunha. Como já tivemos oportunidade de ver, os contrabandistas apelidavam os guardas considerados «maus» que se diferenciavam dos outros a começar por

<sup>328</sup> Não possuindo uma definição concreta, esta palavra parece definir uma elevação na proximidade da linha do comboio.

<sup>329</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

<sup>330</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

esta característica. Estes agentes estavam igualmente sujeitos a ajustes de contas, devido à forma como os contrabandistas avaliavam a fiscalização de determinados elementos policiais.

A forma como certos contrabandistas ignoravam os riscos ligados à actividade, desenvolvendo um certo gosto pelos encontros com a Guarda Civil, levava-os a cometer actos desmedidos. De tal forma que estas acções podiam culminar numa estadia nas prisões espanholas. O próximo episódio referente às peripécias/confrontos remete-nos para a detenção de contrabandistas que conseguiram escapar aos carabineiros.

No primeiro caso, o contrabandista andava a controlar a fiscalização espanhola e deparou-se com um carabineiro durante o trajecto. Não querendo ocultar a sua presença tentou passar pelo agente na esperança que este o deixa-se seguir caminho. Ainda assim, o carabineiro deteve-o e levou-o para uma das casetas. Este episódio é relatado na pessoa de Luís Afonso, tal como se observa:

*«Era uma noite de luar muito bonita. Eu também andava a controlar, andava a ver o panorama. [...] Bem, eu ia pela linha pra cima e estava um luar como dia e eu bem vi vir o carabineiro [...]. Digo eu: “Bom, vou-lhe dizer os bons dias e ele dá-me bom dia e deixa-me passar”. Conforme passo por ele para lhe dizer bom dia: “bom dia” e pimba, o gajo bota-me a mão. Um tal Maxim, chamavam-lhe o Maxim. Colocou-me à frente dele: “Anda comigo, anda lá pra baixo”. Meteu-me nessa caseta branca. Jugou-me na caseta branca, meteu-me lá dentro. Meteu-me lá dentro, meteu-me a algema neste braço e a outra parte da algema no ferrolho da janela, onde fecha o ferrolho da janela [...]. O gajo sai por ali. Foi saber do companheiro. Demorou pra e uma hora ou coisa parecida. Não deu com o companheiro. [...] Ele chegou: “¿Qué está bien?”. (senhor Luís): “Não, aperta-me isto aqui, aperta-me muito”. O gajo vai ali desaperta-me mais um bocadinho as algemas, desapertou um bocadito e tornou a sair. [...] Foi saber do colega outra vez. E eu comecei a mexer nas algemas muito devagarinho e quando tal [...] Mijei na mão. Foi autêntico, que eu não me levante desta cadeira. Mijei na mão para umedecer a mão e solta-se a algema. E eu caralho, todo aflito para abrir a janela [...] e eu todo atrapalhado. Quando tal empurro, a janela abre e eu pimba, salto pra baixo que era uma altura de 2 metros, pouco mais ou menos. [...] até hoje nunca mais soube, nunca mais soube de nada. Sei que ficaram lá as algemas penduradas e fui-me»<sup>331</sup>.*

Todas as formas possíveis e imagináveis eram válidas na hora de escapar às cadeias espanholas. Mais uma vez, o contrabandista aproveitou-se da ausência do agente e usou os meios à sua disposição para encetar uma forma de fugir que, neste caso, foi bem-sucedida.

Noutro exemplo também podemos observar a versatilidade dos contrabandistas em momentos de encontro com os guardas ficiais e a rapidez com que traçavam planos improvisados para tentar escapar as autoridades, tal como é perceptível no texto que se segue:

---

<sup>331</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

*«E aí vou pró lado de lá buscar. E então fomos dois [...] Trazíamos o artigo de lá e um carro que no-lo trazia perto da linha do comboio. E trazíamos as caixas depois todas. [...] E eu estou a apanhar a carga, puxava a carga pro coiso e a carga ia-me pra trás. E digo eu assim: “Ai! Que é isto?”. Tornava a puxar a carga pra trás e os carabineiros a rirem-se atrás do muro. Até que me deu-me para largar a carga e ir por trás. Vou por trás e os gajos: “Si homem anda cá. (carabineiro): “Pra quem é isto?”. (senhor António): “Isto é pra mim”. (carabineiro): “De onde vem isto?”. (senhor António): “Olhe, isto é assim. Eu vim a Espanha. Eu tenho um cunhado [...]”. A inventar que havia que inventar: “Tenho um cunhado casado em Porto” [...] “E aconselhou-me pra pôr na minha casa, papel deste de decoração. Isto é papel de decoração”. (carabineiro): “Si, si home que já sei que é papel de decoração”. (senhor António): “E então aconselhou-me a pôr isto”. [...] Mas fui até ali a baixo ver se mirava um guardia ou o que. [...] E o gajo: “Si, si homem. Ti estás solo?”. (senhor António): “Estou só” [...] E eu: “Não vem ninguém homem, eu sou solo. Venham comigo lá em baixo à batela que tenho-a lá em baixo”. Nunca o eu levava lá. Levava-o sempre a um sítio: “Ai que eu deixei a batela mal presa e foi-me pelo rio abaixo pá. Ai Jesus”. [...] “Pois olha, colle a carga, anda”. [...] Vou como daqui acolá aos pinheiros, o carro: “Mete a carga aqui, anda”. Meti-lhe a carga na mala detrás. [...] Oh pá eu abro a porta. Conforme abro a porta, entro e vou com a mão estendida. E vejo o fecho do outro lado. Oh pá dei-te um repelão de uma maneira, a porta abriu. [...] Era um barranco fundo. Cai no meio das silvas pá. Eu teve que ir a rasto [...]. Mas os gajos não viram a onde é que eu me meti. Não sabem se eu fui pra um lado, se fui pra outro. [...] Sangue por todos os lados pá [...]. As silvas eram tantas e tantas, mas eu com os pés ia alargando, alargando, ia descendo [...]»<sup>332</sup>.*

Num acto impulsivo, António Oliveira atira-se para o único sítio que lhe poderia garantir uma possibilidade de fuga. Acabou por escapar com ferimentos ligeiros e conseguiu regressar a Portugal sem problemas de maior. Esta foi a última viagem do contrabandista neste contexto. O excerto deixa transparecer que todos os desfechos possíveis eram, a partida, melhores do que ser preso em Espanha. Também se verifica a tipologia dos discursos adoptados para desinformar e dissuadir as autoridades. Nesta situação, António Oliveira tentou apelar ao bom senso dos Guardas-Civis numa tentativa de estes lhe facilitarem a vida.

Era por estas e por outras que determinados contrabandistas começavam a ser referenciados e a ganhar uma certa reputação. O que podia levar a uma actuação diferenciada dos carabineiros relativamente a elementos específicos dos grupos de contrabando. Esta situação era agravada pelas provocações que alguns contrabandistas direccionavam aos carabineiros. Exemplo disso foi Manuel Pereira, tal como se observa no diálogo entre este e um agente espanhol:

---

<sup>332</sup> António Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

*«E quer dizer que, uma altura estava à beira do rio. Eu ia sempre ver... Tinha uma batelinha pequena, depois fiz uma batela pequena. [...] E então lá estava o carabineiro da parte de lá e põe-se ele assim: “Hombre!”. Porque eu tenho uma nomeada sabe? “Ti não te llamas seta?”. Ponho-me eu assim... Porque já sabia pelas mulheres, não é? Ponho-me assim: “Si chamo-me seta, porquê?”. (carabieniro): “[...] se te quito dou-te uma paliça<sup>333</sup>”. Eu metia-lhes as mãos entre as pernas: “Olha, só se me bateres aqui”. Tratei-o de quanto havia [...]»<sup>334</sup>.*

Apesar das ameaças do Guarda Civil, Manuel Pereira não se retrai e responde com ataques verbais, uma forma de irritar as autoridades. Estas acções desembocavam, portanto, na fixação de alguns Guardas em certos contrabandistas. Prática que podia contribuir, ou não, para a diferenciação dos carabineiros «maus» ou «bons».

Por último, analisamos quais os parâmetros de uma fuga «normal» às autoridades espanholas. Uma fuga dita «normal» ocorria quando os contrabandistas detectavam atempadamente a chegada das autoridades e fugiam tentando transportar consigo a mercadoria. Estes episódios não previam um contacto directo com os agentes, mas enquadravam-se no quadro dos confrontos. Manuel Fernandes expõe um episódio que ocorreu na entrega de cargas de café a um comprador espanhol. Durante o processo apareceram os carabineiros, o que ditou a fuga destes, conforme nos explica o contrabandista:

*«Fomos à casa do indivíduo: “Está aqui a mercadoria”. (comprador): “Ala, metei-a aqui debaixo da cama”. Fomos dois e depois ficamos dois mais atrás. Depois eu e mais o dono do café, diz ele: “Vem comigo que imos ajudar os outros a vir pra cima que eles estão lá em baixo parados”. Havia uma estrada que tinham feito, que vinha ter aqui à graveira, que havia arrastão de seixo. Tínhamos ali os barcos ancorados. E diz ele: “Agora tu espera aqui. Pões-te aqui na estrada a ver se vem alguém que eu vou buscar os outros”. [...] Depois de termos parado ali um bocado, o outro que passou para o outro lado da estrada e vejo assim um reflexo daqueles capacetes de... [...] Ele assim de lado e vinham assim, porque eu estava parado. E vinha assim para me deitar a mão. Eu conforme vejo faço sinal pró outro e o outro começa a correr pela estrada abaixo. [...] Ele pumba meteu-se pelo monte. Só que eu, depois vinham os outros dois pra cima. E eu fui ao encontro dele também, porque era um rapaz novo. Eu depois ria-me, porque na hora que ia, quando encontramos os outros... um deles já tinha botado a bolsa do café lá por uma ribanceira. E eu e o outro dono vinham com ele às costas. Nós, um de cada lado, a ver se a segurávamos. A ver se conseguíamos fugir com a... salvar aquela bolsa. E o rapaz aos tiros [...], o carabineiro tanto tiro deu e eu ria-me. [...] Ele mirou em cima de mim então aos tiros. E trazia uma lanterna para alumiar. [...] De momento eu também não era peço a correr naquela altura. A gente tinha preparação física. E conforme vou a fugir ele apaga a lanterna e eu só me lembro de bater com o peito contra um pinheiro, porque faltou a luz acesa de repente. Bato contra o pinheiro, parece que me faltou o ar e caí pra trás: “Alto, não há ninguém”. [...] E no outro dia nenhum deles apanharam as bolsas de café. Só que foram à casa onde*

---

<sup>333</sup> Agressões físicas.

<sup>334</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

*metemos as outras duas ao espanhol, viram lá as duas bolsas debaixo da cama e levaram-nas»<sup>335</sup>.*

Em suma, os episódios das peripécias e confrontos revelam pontos similares no âmbito da actuação de alguns contrabandistas. O carácter do contrabando nestes casos transcendeu a premissa da subsistência, passando a alicerçar-se em condutas interligadas pelo risco e gosto nos pelos encontros com as autoridades. Ainda assim, a «vitória» sobre as fiscalizações não era uma constante. A sorte de alguns carabineiros podia, por outro lado, ser o azar de outros. A impossibilidade da captura de contrabandistas referenciados podiam confluír numa actuação injusta relativamente a outros contrabandistas. Contudo, estes foram alguns dos episódios que caracterizaram as vivências do contrabando monçanense durante as décadas em estudo.

## 10 – Rotas e postos fiscais

As informações concernentes às rotas de contrabando e à sua localização, bem como os postos fiscais, foram propositadamente reservados de forma integrarem um único ponto. A construção de um ponto em função destes tópicos é avalizada pelo mapeamento por mim efectuado no decurso desta dissertação: reconstituição de locais de entrega de contrabando em Salvaterra do Minho, principais pontos de partida e mapeamento dos postos fiscais da raia monçanense (ver figura 1 do anexo 2, no final do corpo do texto).

No decurso das entrevistas, os informantes foram referindo locais de passagem e de entrega cuja localização me era desconhecida. Daí partiu a ideia de mapear certos pontos que incorporavam parte das viagens no âmbito do contrabando. A inclusão dos postos fiscais também correspondeu aos mesmos parâmetros.

Para além disso, não existia, até à data, qualquer mapeamento efectuado, neste sentido, no concelho de Monção. Sendo assim, o mapa assume uma dupla função: pequeno contributo para o conhecimento destes pontos no concelho e facilitar o entendimento do leitor quanto à sua localização, tal como, o posicionamento das freguesias anteriormente expostas. A informação reproduzida no presente capítulo vai contar com a exposição de material fotográfico, principalmente, no que concerne aos postos da Guarda-fiscal. No geral procede-se à conciliação

---

<sup>335</sup> Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes-Moção.

dos materiais, de forma a consagrar uma formulação de imagens concretas no decorrer da caracterização.

## 10.1- Rotas

Já tivemos oportunidade de constatar como se processavam às práticas de contrabando em Monção. Neste concelho, o contrabando encontrava-se circunscrito à transposição do rio Minho. Em primeiro lugar, os locais de partida estavam intimamente dependentes do destino. Se os contrabandistas em Monção pretendem-se transportar mercadorias para as imediações de Salvaterra não partiam, salvo casos excepcionais, de locais demasiado distantes. No entanto, a frequência de passagem teria de ser distribuída uniformemente, devido aos controlos fiscais. Os contrabandistas, por norma, «baptizavam» as rotas mais recorrentes, facilitando o conhecimento entre os pares e a percepção do destino a seguir. A localização dos locais de passagem exactos não é viável, já que as rotas podiam sofrer alterações contantes. O contrabandista Luís Afonso destaca a questão da variação dos destinos e da fixação de nomes para as rotas mais conhecidas:

*«De Salvaterra todos os locais estavam determinados. Nós tínhamos aqueles locais baptizados: era a pesqueira nova, [...] era a pesqueira do mon que era em frente às Caldas, era em cima na caseta, era no morro, tínhamos aqueles locais. Nunca tínhamos sítio certo por onde ir. Hoje íamos por aqui, amanhã por acolá, depois acolá, pronto»<sup>336</sup>.*

De entre os locais de partida que os informantes referem, nomeadamente na Vila de Monção, destaca-se as Caldas. Este era o local preferencial para a partida dos contrabandistas nas suas aventuras. Os restantes locais de partida representados no mapa são aproximações às descrições dos contrabandistas.

Na representação cartográfica não é perceptível a extensão da zona denominada Caldas, nem o caudal que o rio pode atingir durante as cheias de Inverno. A este respeito posso afirmar que as Caldas se encontram, normalmente, afectadas pelas cheias durante este período.

Portanto, os locais de passagem podiam variar dependendo de vários factores. De entre estes destacam-se, como se sabe, os controlos fiscais. Manuel Pereira conta-nos que existia um capitão da Guarda que não aceitava pagamentos e, por vezes, tinham que se deslocar da Bela para Barbeita, aldeia contígua a esta, a fim de evitar a fiscalização e perdas desnecessárias. Esta

---

<sup>336</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.



era a característica principal que definia os locais de partida, sendo que toda a raia poderia constituir zonas de passagem de contrabando. Manuel Pereira expõe um exemplo concreto que poderia alterar o rumo dos contrabandistas:

*«Ora, muitas vezes, nós, íamos carregar em frente à Sacor, ali de Barbeita. Carregávamos ali e vínhamos aqui a baixo, pelo rio pra baixo, ta a compreender? Quando a coisa estava mal, porque, às vezes, vinha o capitão. O capitão de Valença. E o gajo não queria. Não queria, não queria dinheiro. Ora nós, claro, os guardas diziam-nos: “olha que hoje não podeis passar nada, que vem o capitão”»<sup>337</sup>.*

A actuação de determinadas autoridades também contribuía para a modificação dos sítios de passagem. Exemplo anteriormente enunciado, os contrabandistas procuravam estar informados acerca de carabineiros que davam passe. Quando se verificava esta situação, os contrabandistas procuravam tirar o máximo partido destes facilitismos. Dependendo destes, a passagem de contrabando para Espanha podia ocorrer em locais distantes da freguesia de origem:

*«Eu cheguei a ir passar à Belinha, ali a Troviscoso, à Bela. Conforme, era onde apanhava certos furos e os galegos: “Bueno, en tal parte dão passes, assim, assim. Temos que ir lá passar [...]”»<sup>338</sup>.*

Estes factores detinham um peso determinante na hora de escolher a zona de passagem. Chegados à margem espanhola, os contrabandistas subiam as encostas espanholas ultrapassando, frequentemente, a linha do comboio. A linha ferroviária atravessa toda a raia espanhola, entrepondo-se, em todos os locais, entre o contrabandista e o local de destino. Quanto mais longe fosse o local de entrega, maiores eram os lucros obtidos. Estas contas baseavam-se nos riscos que os contrabandistas corriam ao adentrarem no território espanhol. As mercadorias podiam ser entregues em casas de particulares, ou transportadas a locais pré-definidos, sendo posteriormente carregadas em veículos de sócios espanhóis:

*«Tivemos que andar 3 ou 4 Km com elas às costas, depende onde era o destino. [...] E depois vinham outros carregar nos carros para levar para Ourense, não é? A mim só me pagavam o transporte da mercadoria. Pagavam-me um «x» por quilo e depois vinham os carros carregar»<sup>339</sup>.*

---

<sup>337</sup> Manuel Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela-Monção.

<sup>338</sup> José Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes-Monção

<sup>339</sup> Luís Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

O destino das mercadorias não estava circunscrito às zonas de Espanha mais próximas da fronteira portuguesa. Os destinos expostos pelos contrabandistas, para além das zonas mais próximas, eram: Ourense e Vigo. Estas localidades encontram-se referenciadas como os destinos mais prováveis, mas poderiam tomar outro rumo.

No mapa em anexo é possível destacar alguns locais de destino do contrabando monçanense. Mais uma vez, a localização foi efectuada com base nos relatos dos informantes, pelo que só foi possível registar áreas referenciadas por estes: Caldelas, local pertencente a Tui que se encontra na proximidade de Lapela; Várias zonas pertencentes a Salvaterra do Minho: Arenteiro, As Eremitas, A Picada, A Pedra Furada, Oleiros, encontrando-se na zona de fronteira com Cortes e vila de Monção; Várias zonas localizadas nas Neves como Bruñeiras, zona de fronteira com Bela e Barbeita. É perceptível a diferença existente nas distâncias que os contrabandistas podiam percorrer. Se adicionarmos o carregamento e descarregamento das cargas, mais o transporte dos dois lados da raia, verifica-se o desgaste que uma única viagem supunha para estes homens.

Para concluir, verifica-se que todos os locais possíveis, todas as brechas, constituíam pontos de passagem de contrabando. Sendo que a variabilidade dos sítios de passagem dependia da fiscalização, levando os contrabandistas a improvisar quando necessário.

## 10. 2 - Postos fiscais

Falar de contrabando e das suas memórias também passa por falar na actuação dos corpos de fiscalização que o tentavam reprimir. A amplitude do fenómeno é caracterizada pela diversidade de personagens que o integravam: contrabandistas, carabineiros, guardas-fiscais e população raiana. Neste sentido, todos os resquícios que derivam das aventuras do contrabando são importantes numa lógica de perpetuação da actividade e dos seus personagens no tempo. Os postos fiscais que albergaram os responsáveis pela repressão do contrabando representam os últimos vestígios físicos da sua existência em Monção.

O papel de um historiador não passa unicamente pelo estudo do passado, das suas gentes e das componentes que daí decorrem. A sua função, entre outras, deve assegurar a conservação do património. João Alves ajuda-nos a compreender o conjunto de elementos que podem integrar o património, especialmente aquele que existe nas zonas rurais, tal como se reproduz:

«[...] podemos encontrar uma gama diversificadas de elementos, situações, casos e exemplos englobando a: “fauna e flora selvagens [...], as aldeias e montes que apresentem múltiplas especificidades históricas e arquitectónicas, sob a forma de edifícios mas também de outras obras [...]. Esta diversidade tem também uma dimensão territorial: cada “região” possui o seu carácter próprio, uma “alma” que fez muitas vezes os orgulhos dos habitantes e atrai o visitante exterior»<sup>340</sup>.

Os postos fiscais são um tipo de património estreitamente ligado ao contrabando que, por sua vez, se enquadra no conceito de património imaterial. O património, no fundo, é um conjunto de elementos que devem ser preservados em benefício das gerações futuras, a fim de conhecerem um conjunto de práticas, tradições, monumentos, etc., que fizeram parte da humanidade.

Pondo de lado estas questões, passamos a analisar a localização e o estado de conservação destes edifícios. A entrada de Portugal na União Europeia ditou a desocupação gradual destes imóveis, a partir de 1986. A consequente abertura das fronteiras ditaram a dissolução da Guarda-Fiscal por volta de 1993, levando este corpo a integrar a Guarda Nacional Republicana.

Em Monção, tal como referi anteriormente, existiam nove postos fiscais, a saber: posto de Lapela (ver figura 4 do anexo 1, no final do corpo do texto), posto de Cortes, posto da Lodeira-Monção (ver figura 5 do anexo 1) e Pedra Furada-Monção (ver figura 6 e 7 do anexo 1), posto do Pescote-Troviscoso (ver figura 8 e 9 do anexo 1), posto da Torre-Bela (ver figura 10 e 11 do anexo 1), posto de Barbeita (ver figura 12 do anexo 1), posto da Valinha (ver figura 13 e 14 do anexo 1, posto da Bemposta- Valadares (ver 15 do anexo 1). Para a localização dos postos contei com a ajuda dos informantes ligados às forças de autoridade, embora não tenha obtido os detalhes relativos a todos. No terreno procurei informar-me junto das populações locais, no sentido de orientarem a minha pesquisa. Alguns postos encontram-se em locais ermos e de difícil acesso, o que dificultou a procura. Apesar destas condicionantes, consegui concluir aquilo a que me propus, sendo recompensado pelas paisagens e pelo contacto com a natureza, caracterizadores das áreas em que estes edifícios se encontram. Este pequeno aparte serve para introduzir o registo fotográfico efectuado no decorrer da pesquisa. Para alguns postos disponho de fotografias do actual estado dos imóveis e do estado dos mesmos no passado, o que, por si só, valoriza percepção dos leitores.

---

<sup>340</sup> João Emílio Alves, «Sobre o “Património rural”: Contributos para a classificação de um conceito», *Cidades – Comunidades e Territórios*, n. 8 (2004): 43.

As imagens fornecem-nos um conjunto de informações quanto ao estado actual dos antigos postos fiscais do concelho de Monção. De entre os edifícios anteriormente mencionados, o posto de Cortes foi o único que não consegui catalogar, uma vez que se encontra no interior de uma propriedade privada. Quanto aos restantes, assiste-se a uma diversidade de condições estruturais e de preservação que os diferencia entre si. Os postos de Lapela e Pedra Furada foram transformados em residências familiares, sendo que o primeiro, durante o seu funcionamento, era um espaço alugado. No caso da Lodeira e Barbeita, estes imóveis foram recuperados de forma a reproduzir o seu aspecto original. O posto de Barbeita passou por uma fase de reconstrução, mas encontra-se num estado aparente de abandono, evidenciando-se o crescimento de vegetação em seu redor. O edifício da Valinha foi totalmente reformulado, o que alterou o seu aspecto, mas manteve o tipo de planta rectangular. Ao que parece, este é utilizado em benefício de uma associação local. João Alves afirma que a utilização do património recuperado para funções alternativas às originais não invalida o valor patrimonial, o seu significado e o carácter da sua ligação com o passado:

«Independentemente do tipo de usos que são atribuídos a espaços patrimoniais recuperados, aos quais foram atribuídos funções diferentes das originais, tal não obvia o amplo significado que encerra o património, nomeadamente enquanto “relação do passado como objecto de consciência social”»<sup>341</sup>.

Por último, regista-se o estado de degradação dos imóveis do Pescote-Troviscoso, Torre-Bela e Bemposta-Valadares. Curiosamente, o estado de deterioração é transversal às três localizações com difíceis acessos, maior distanciamento das povoações locais e maior densidade florestal. Em Monção, a maior parte destas estruturas encontram-se de forma geral preservados.

No entanto, o estado destes três postos caracteriza a situação destes imóveis um pouco por toda a raia portuguesa. Delfina Baptista, à semelhança do que já foi dito, afirma que certos edifícios foram adquiridos por particulares, ou reutilizados para vários fins, mas, no cômputo geral, a maioria é descrita pelo seu estado de deterioração e abandono:

«Com o passar do tempo e a mudança das necessidades, os Postos foram sendo progressivamente abandonados [...] e ainda hoje [...] se pergunta o destino a dar a alguns desses edifícios; uns foram adquiridos por particulares e outro reutilizados [...] mas a maioria continua abandonada e em avançado estado de degradação»<sup>342</sup>.

---

<sup>341</sup> Alves, «Sobre o...», 39.

<sup>342</sup> Baptista, «Apontamentos sobre...», 6.

De uma forma geral, o concelho de Monção é comparável ao resumo situacional efectuado pela autora. Alguns postos foram reutilizados, outros reconstruídos e três encontram-se abandonados. Ainda assim, o balanço é bastante positivo porque, de uma forma ou doutra, observa-se a preservação de parte dos vestígios físicos do contrabando neste concelho. A outra parte é encabeçada pelos personagens da raia que vivenciaram, directa ou indirectamente, as práticas do contrabando e toda a sua envolvência.

A simples salvaguarda das memórias deste homens e mulheres raianos, constitui, por si só, um contributo para a transmissão de uma pequena parte da História do concelho para as gerações futuras. Como já vimos, J. Marques Rocha analisou algumas componentes do contrabando nesta vila e entrevistou contrabandistas que constituem esta dissertação. Este facto já compôs um passo importante na salvaguarda das memórias do contrabando para a posteridade, característica que motivou a realização deste trabalho.

As minhas pretensões passam por destacar a importância da salvaguarda das memórias do contrabando e idealizar uma possível utilização desta actividade como polo de atração turística. O museu Espaço Memória e Fronteira, sito no concelho vizinho de Melgaço, é um exemplo concreto da conciliação destas duas componentes, salvaguarda da memória e potencial turístico. Conta com a exposição das práticas do contrabando e com as questões ligadas à emigração. A criação de museus é um exemplo concreto na dinamização turística desta actividade.

Luís Silva ajuda-nos a compreender o desenvolvimento de alternativas aos museus no carácter turístico do contrabando. O autor demonstra que o desenvolvimento de rotas e itinerários antigamente utilizados nestas práticas tem vindo a ganhar expressão em várias zonas da raia portuguesa:

«Nos últimos anos [...] assiste-se em Portugal a uma professa criação de rotas e itinerários temáticos tendo em vista o desenvolvimento do turismo cultural e do turismo de natureza [...]. No que diz respeito ao contrabando [...] é nas regiões de Trás-os-Montes, Beira Interior e Alentejo que encontramos iniciativas deste género [...]»<sup>343</sup>.

No caso das raias do alto Minho o contrabando efectuava-se, exceptuando o caso de Melgaço, através da passagem do rio Minho, pelo que será impossível recriar rotas pedestres como se verifica em determinadas fronteiras. A única proposta que melhor se adequaria, a meu ver, ao concelho de Monção, passaria pela criação de uma rota dos postos fiscais com

---

<sup>343</sup> Silva, «Patrimonialização...», 274-275.

indicações ao longo do percurso de locais de interesse: pontos de passagem de contrabando, zonas de patrulhamento fiscais, localização dos postos fiscais, etc. A construção de tal percurso enquadrar-se-ia na lógica apresentada por Horacio Capel acerca do potencial das rotas culturais como factor de valorização de riquezas pouco exploradas: «En esa situación las rutas culturales pueden contribuir a llamar la atención sobre algunas de las riquezas todavía poco valoradas»<sup>344</sup>. No caso deste concelho, a criação de tal rota seguiria a lógica das ecovias, onde a beleza paisagística, o contacto com a natureza e com o património existente, neste caso os postos fiscais, funcionariam como atractor turístico e de salvaguarda indirecta das práticas do contrabando. Esta rota poderia estabelecer uma ponte de ligação entre a ecopista do rio Minho e Melgaço.

Como é óbvio este discurso caracteriza uma proposta algo utópica, já que não sou conhecedor das características que envolvem o terreno fronteiriço deste concelho, das políticas inerentes a um empreendimento de tal dimensão, o impacto turístico em termos práticos, o nível de interesse de potenciais visitantes, ou seja, não passa de uma teorização no sentido de valorização do contrabando.

Não se perspectivando tal projecto, a salvaguarda das memórias dos personagens que constituíram o contrabando será o último reduto na transmissão destas práticas às gerações futuras, demonstrando que o contrabando fez parte da História, não muito distante, das gentes do concelho de Monção.

---

<sup>344</sup> Horacio Capel, «Las rutas culturales como patrimonio de la humanidad: el caso de las fortificaciones del Pacífico», Revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales, X, n. 562 (2005).

## Conclusão

Para finalizar assinala-se um conjunto de considerações que atravessam o presente estudo. Julgo que foi perceptível ao longo do trabalho que as práticas de contrabando em Monção, em muito se assemelham ao contrabando praticado nas raiais estudadas pelos autores da especialidade. Este facto não pode, nem deve, colocar em causa a importância, a validade e o propósito da presente dissertação.

Apesar das similitudes com diversas raiais nacionais, cada caso possui singularidades específicas que, de uma forma global, determinam a importância dos estudos individualizados. No caso específico do concelho de Monção estas peculiaridades assentam numa valorização de vocabulários característicos do Alto Minho, no que às práticas do contrabando diz respeito. Este vocabulário conta também com a influência do galego, que contribui para a circunscrição de certos termos às raiais do Alto Minho.

Esta ideia é reforçada pelo facto da presente dissertação estabelecer o primeiro estudo exploratório direccionado, única e exclusivamente, para o caso concreto de Monção. Desta feita, trata-se de um contributo que é transversal à História Contemporânea deste concelho e que pode ser incorporado na realidade da Histórica Ibérica e Europeia.

Para além disto, podemos ainda referir os processos desenvolvidos no sentido da primeira fixação geográfica de pontos relativos ao contrabando, onde se incluem os postos fiscais. Mais uma vez, destaca-se a importância deste procedimento no contributo para o estudo do contrabando.

Por último, destaca-se o contributo pessoal no sentido da preservação dos testemunhos em áudio e papel que, por si só, assume uma dimensão demarcadamente importante no sentido da perpetuação da memória histórica pelo tempo. Este acto caracteriza um passo importante para a preservação do património imemorial e uma chamada de atenção para a necessidade da valorização dos testemunhos orais e, conseqüentemente, das entidades que vivenciaram as experiências do século passado em primeira mão.

No global, procedeu-se à preservação de memórias históricas da comunidade monçanense que integram um conjunto de memórias a nível nacional. O trabalho desenvolvido permitiu o registo de um grupo restrito de testemunhos que, doutra forma, se perderiam no tempo. Julgo que este é o factor que valoriza e separa os estudos raianos entre si.

## Bibliografia

### Fontes Orais:

Alberto Magno Pereira de Castro, ex. comandante da Guara Nacional Republicana de Valença.

António Fernandes Oliveira, ex. contrabandista da zona da Bela – Monção.

Esperança Pereira Rodrigues, ex. trapicheira da zona de Monção.

Joaquim Amoedo Luís, ex. Guarda-Fiscal da zona de Monção.

José Bento Castro Gonçalves, ex. contrabandista da zona de Cortes – Monção.

José de Lima, ex. contrabandista da zona de Melgaço.

Luís Mota Afonso, ex. contrabandista da zona de Monção.

Manuel Fernandes, ex. contrabandista da zona de Cortes – Monção.

Manuel Rocha Pereira, ex. contrabandista da zona da Bela – Monção.

Manuel Rodrigues Pulga, ex. Guarda – Fiscal da zona de Troviscoso – Monção.

Maria da Gloria Gonçalves Afonso, ex. espia em Monção.

Rosa Maria Pires Barbeitos, ex. trapicheira da zona de Monção.

### Fontes Manuscritas:

Tribunal da Comarca de Monção. Processo Correccional, n.º1464, maço n.º63 (1986).

Tribunal da Comarca de Monção. Processo Correccional, n.º1362, maço n.º60 (1986).

### Fontes Impressas:

Anónimo. «A nossa Agricultura», *Notícias de Monção*, 20 de Abril, 1963.

Anónimo. «Afogados no Rio Minho», *Notícias de Monção*, 2 de Março, 1963.

Anónimo. «Atenção, bom povo de Monção! Atenção, Ex.<sup>mas</sup> Autoridades!», *A Terra Minhota*, 20 Julho, 1957.

Anónimo. «Observações 007», *Notícias de Monção*, 25 Agosto, 1967.



- Anónimo. «Problemas de Monção», *Notícias de Monção*, 17 de Novembro, 1962.
- Anónimo. «Serviço fiscal», *Guarda Fiscal*, nº4, Junho, 1972.
- Antónia Afonso. «Coisas da miña aldeia». *Terra Minhota*, 15 de Outubro, 1950.
- Diário do Norte. «Objectos isentos de direitos alfandegários», *Notícias de Monção*, nº215, Junho, 1971.
- Frei Manuel. «A passagem no Posto da Lodeira». *Notícias de Monção*, nº164, Março, 1969.
- Trabalho apresentado pelo grupo D do 1º. Estágio para 1º Sargentos da Guarda-fiscal. «O Serviço de «Aguardo» na Fronteira terrestre», *Guarda Fiscal*, nº2, Dezembro, 1971.

### Bibliografia Geral:

- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de. *Alto Minho*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- Almeida, João Ferreira de. *Classes Sociais nos campos*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- Alves, João Emilio. «Sobre o “Património rural”: Contributos para a classificação de um conceito». *Cidades – Comunidades e Territórios*, n. 8 (2004): 35-52.
- Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- Antunes, M.L. Martinho. «Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários», *Análise Social*, vol. VIII, n. 30-31 (1970): 299-385.
- Araújo, Eduardo. «Quem manda nesta terra? Estados, pessoas, e memórias de uma fronteira». *Arquivos da Memória*, n.4 (2008): 68-89.
- Baganha, Maria Ioannis B. «As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional». *Análise Social*, vol. XXIX, n.128 (1994): 959-980.
- Baptista, Delfina Ermelinda Pinheiro Campanha. «Apontamentos sobre os caminhos do contrabando». In *I Conferências Territórios e Culturas Ibéricas*, coords. Jacinto, R., e V., Bento, 148-163. Guarda: Centro de estudos, 2005.
- Batista, Celsa Patrícia Morgado. «A vivência do contrabando na construção da identidade raiana numa aldeia raiana fronteiriça: Histórias de vida de idosos ex-contrabandistas institucionalizados e não institucionalizados». Tese de mestrado em Ciências Sociais com especialização em Sociologia, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2008.
- Burke, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- Cabanas, António Manuel Conceição. «Carregos – Estudo do Contrabando na Raia Central». Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos, Coimbra, 17-19 de Abril, 2000.

- Cabral, Manuel Villaverde, «A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização». *Análise social*, vol. XIX, n. 76 (1983): 199-234.
- Caeiro, José dos Santos. *Manual do Agente Fiscal*. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, 1939.
- Canela, Rafael Andolz. *La aventura del contrabando en Aragon*. Mira Editores: Zaragoza, 1998.
- Connerton, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta, 1999.
- Capel, Horacio. «Las rutas culturales como patrimonio de la humanidad: el caso de las fortificaciones del Pacífico». *Revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales*, vol. X, n. 562 (2005).
- Costa, Leonor Freire, Pedro Lains e Susana Munch Miranda. *História económica de Portugal: 1143-2010*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.
- Cunha, Luís. 1999. «Contrabando e Guerra Civil: memórias de uma terra de fronteira». In *Globalización, Fronteras Culturales y Políticas y Ciudadanía*, coords. Pujadas Munõz, Juan J., Emma Martín Díaz, e Joaquim Pais de Brito, 89-97. s.l: Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español - Asociación Galega de Antropoloxía, 1999.
- Cunha, Luís. *Memória Social em Campo Maior*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- Cunha, Luís. «Memória da Fronteira: o contrabando como explicação do mundo». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 289-307. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Fiorucci, Rodolfo. «História Oral, Memória, História». *História em reflexão*, vol. 4, n.8 (2010).
- Fonseca, Inês. «A bem da Nação! Modernização e resistência em meio rural durante o Estado Novo». In *Mundo rural: Transformações e resistência na Península Ibérica (século XX)*, coord. Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- Fonseca, Inês, e Dulce Freire. «"O contrabandista, já se sabe, era da oposição" Discursos em torno do contrabando». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 219-255. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Freire, Dulce, Eduarda Rovisco, e Inês Fonseca, coord. *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Freire, Dulce, Inês Fonseca e Paula Godinho. «O dilema do Estado Novo: A criação de uma verdadeira política rural, ou o aumento da GNR de forma a poder substituí-la». *Arquivos da Memória*, n. 3 (1997): 35-52.
- Garcia, Eusebio Medina. «Contrabando en la Frontera de Portugal: Orígenes, Estructuras, Conflicto y Cambio Social». Tese de doutoramento em Ciências Sociais com especialização em Antropologia Social, Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid, 2001.

- Garcia, Eusebio Medina. «Orígenes, características y transformación del contrabando tradicional en la frontera de Extremadura com Portugal». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 131-165. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Glenz, Cristina González. *Matute: El arte del contrabando*. Barcelona: EDUNSA, 1992.
- Godinho, Paula, «"Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista" – O concelho de Chaves e a Comarca de Verín, entre velhos quotidianos de fronteira e as novas modalidades emblematizantes». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 29-57. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Gonçalves, Albertino. «O movimento da discórdia. O trabalho simbólico na mobilidade social». *Antropológicas*, n.2 (1998): 101-105.
- Lavado, Ana F. Piedade. «Contrabando: O jogo do jogo». *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n. 18 (2006): 295-317.
- Lello Escolar: Novo dicionário ilustrado da língua portuguesa, com um epítome de gramática e regras ortográficas*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1988.
- Marinas, José Miguel. *La escucha en la historia oral: palabra dada*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.
- Marinas, José Miguel e Cristina Santamarina. *La Historia Oral: métodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993.
- Marques, António, e Mário Bairrada. «As classes sociais na população activa portuguesa, 1950-70. *Análise Social*, vol. XVIII, n. 72-73-74 (1982-83): 1279-1297.
- Marques, João Francisco. «O contrabando no romance contemporâneo português: contextos espaço-sociais e histórico-económicos». Em *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, 669-695. Porto: FLUP, 2004.
- Marques, Joaquim de Castro Abel. *Emigração & Contrabando*. Melgaço: Centro Desportivo e Cultural de São Paio, 2003.
- Merino, Ana Muñoz. *El delito de contrabando*. Pamplona: Aranzadi, 1992.
- Neves, João L. César. «O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global». *Análise social*, vol. XXIX, n. 128 (1994): 1005-1034.
- Neves, José. «Lambaça, o contrabandista de Álvaro Cunhal». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 309-322. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Oliveira, José Manuel Paquete de. «A integração europeia e os meios de comunicação social», *Análise Social*, vol. XXVIII, n. 118-119 (1992): 995-1024.
- Portela, José e Sílvia Nobre. «Entre Pinela e Paris: emigração e regressos», *Análise Social*, vol. XXXVI, n. 161 (2001): 1105 - 1146.
- Português, Ernesto. *Cadernos de contas de um barbeiro: Memórias de Monção*. Monção: Câmara Municipal de Monção, 2010.

- Prins, Gwyn, «Historia oral», In *Formas de hacer Historia*, ed. Peter Burke. Madrid: Alianza Universidad, 1991.
- Quivy, Raymond, e LucVan Campenhoudt. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- Río, José María Valcuende del, e Rafael Cáceres Fera, «Viviendo de la frontera: redes sociales y significación simbólica del contrabando». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 197-219. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Rocha, J. Marques. *Contrabando nas raías do Alto Minho*. Braga: Câmara Municipal de Melgaço, 2009.
- Rocha, J. Marques. *Monção – Uma monografia*. S/l.: s/ed., 1988.
- Rovisco, Eduarda. «Contrabandos no “concelho mais português de Portugal”». *(Con)textos Revista D 'Antropologia I Investigación Social*, n. 2 (2008): 18-35.
- Rovisco, Eduarda. «"La empresa más grande que tenía el gobierno português y el español era el contrabando". Práticas e discursos sobre contrabando na raia do concelho de Idanha-a-Nova». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 89-131. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Rovisco, Eduarda. *Não queiras ser Castelhana: Fronteira e contrabando na raia da Beira Baixa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Ruiz, Gloria Róman. «Fraude y contrabando en la provincia de Granada. Geografía del estraperlo y actitudes ciudadanas (1937-1952)». *Historia Actual Online*, n. 37 (2015): 7-23.
- Santos, Pedro Ribeiro dos. *Génese e estrutura da Guarda Fiscal (ensaio histórico)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- Scott, James C. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- Serrão, Joel. «Notas sobre a emigração e mudança no Portugal Contemporâneo», *Análise Social*, vol. XXI, n. 87-88-89 (1985): 995 - 1004.
- Serrão, Joel, A.H. de Oliveira Marques, dir., e Fernando Rosas, coord. *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- Silva, Augusto Santos, e José Madureira Pinto, orgs. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- Silva, Luís. «Patrimonialização e a tristificação do contrabando», In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 255-289. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Silva, Manuela. «Crescimento económico e pobreza em Portugal». *Análise Social*, vol. XVIII, n. 72-73-74 (1982): 1077-1086.
- Simões, Dulce. «O contrabando em Barrancos: Memórias de um tempo de Guerra». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce

- Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 165-197. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Táboas, Daniel Lanero, António Míguez Macho, e Ángel Rodríguez Gallardo. «La “raia” Galaico-Portuguesa en tempos convulsos. Nuevas interpretaciones sobre el control político y la cultura de freontera en las dictaduras ibéricas (1936-1945)». In *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola: Práticas, Memórias e Patrimónios*, Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca coord., 57-89. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.
- Tadeu, Tiago Agostinho Arrifano. «A Guarda durante a II Guerra Mundial». Tese de Mestrado em Ciências Sociais com especialização em História Económica e Social Contemporânea, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.
- Thompson, Paul. «Historias de vida en el análisis de vida», In *La Historia Oral: métodos y experiencias*, José Miguel Marinas e Cristina Santamarina. Madrid: Debate, 1993.
- Torga, Miguel. *Novos contos da montanha*. Coimbra: Edição do autor, 1986.

## Anexos

### Anexo 1: Fotografias

*Figura 1: Exemplo de batela utilizada no contrabando.*







*Figura 2: Passagem da Fronteira (a fotografia parece remontar aos anos 60-70).*



*Figura 3: Fiscalização da fronteira por parte da Guarda-Fiscal (a fotografia parece remontar aos anos 40-50).*





*Figura 4: Estado actual do posto de Lapela.*



*Figura 5: Estado actual do posto da Lodeira - Monção.*





*Figura 6: Estado actual do posto da Pedra Furada - Monção.*



*Figura 7: Perspectiva do posto da Pedra Furada (a fotografia parece remontar aos anos 40-50).*





*Figura 8: Estado actual do posto do Pescote - Troviscoso.*



*Figura 9: Aparência do posto do Pescote antes da sua degradação. Imagem retidada do site memória da Guarda-Fiscal: <http://guardafiscal.org/index.php>*





*Figura 10: Estado actual do posto da Torre - Bela.*



*Figura 11: Aparência do posto da Torre durante o seu funcionamento (a fotografia parece remontar aos anos 50).*



*Figura 12: Estado actual do posto de Barbeita.*



*Figura 13: Estado actual do posto da Valinha.*





*Figura 14: Aparência do posto da Valinha antes da sua remodelação. Imagem retirada do site memória da Guarda-Fiscal.*



*Figura 15: Estado actual do posto da Bemposta - Valadares.*

## Anexo 2: Hiperligação da Cartografia

<https://drive.google.com/file/d/1YwctFOT2jDadKkvVUyUjOE5VB0c/view?pref=2&pli=1>

## Anexo 3: Transcrição das entrevistas

### Entrevista 1

Nome: Manuel Pinto Fernandes.

Idade: 67 anos.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: contrabandista.

Data da entrevista: 15-12-2014.

P: Queria começar por perguntar o nome, o ano de nascimento, naturalidade...

R: Manuel Pinto Fernandes. Nasci em Monção, estou a residir em Cortes. Nasci à beira do teatro em Monção, da parte de baixo. E sou reformado. Actualmente, tenho 67 anos e é assim. Tem sido ao longo da vida.

P: Lembra-se mais ou menos em que altura é que fez contrabando?

R: Eu?

P: Sim.

R: O contrabando toda a vida me lembro de existir, não é? O contrabando do tempo da amêndoa que era quando morava lá em baixo. Era o contrabando da amêndoa, sacos enormes eram passados. Eu nunca acompanhava, mas assistia porque era pequeninho na altura. Ali à porta de casa uns sacos altos ponham-na a secar. Nós adorávamos a amêndoa e andávamos lá a picar nos sacos pra roubar as amêndoas. Aquela canalhada toda, não é? Depois da amêndoa lembro-me de vir a sucata. Vir a sucata que eram ferros que passavam prá Espanha. Tudo quanto fosse... Faziam pacotinhos pequenos, mas muito pesados. Eu também nunca andei. Lembro-me, mais tarde, já eu andava na escola em Monção. O falecido Armando da Espanhola, um camião que foi desmontado em peças pra Espanha. Que era do meu falecido padrinho. Tinha um filho que comprou este camião para o filho que tinha no Brasil, a ver se vinha pra cá. Ele negociava, tinha negócios de madeiras e o filho nunca quis vir. O camião acabou por apodrecer debaixo da muralha. Apodrecer não, ficar ali velho. Foi desmantelado. Nós vínhamos da escola e

eles davam-nos 2,500 ou 5 escudos pra tudo quanto fosse parafusos. Deixavam-nos ali e nós desmontávamos tudo. Eramos pequenos ala. Quando vínhamos havia tantos parafusos. Pronto, era o nosso passatempo. Perguntaram-nos mais tarde o que era aquilo? Nós não tínhamos noção o que era. Depois levavam para a parte espanhola. Era passado nos barcos durante a noite pra Espanha. Depois dali seguiu o forte todo que foi o café.

P: Sim, sim.

R: O café é que era mais rigoroso e era a viagem daqui prá beira do rio. Vinham os camiões e as carrinhas, descarregavam aí onde podiam, na casa das pessoas que passavam. Depois contratavam pessoas pra levar até à beira do rio, pra meter-se nos barcos e passava-se à margem espanhola. Ali era mais arriscado. Da parte de cá havia sempre aquele risco com a Guarda-Fiscal. Mas por vezes alguns facilitavam e comiam qualquer coisa por trás. Mas havia aqueles que apareciam de surpresa. Então havia que largar tudo e fugir. Aquilo era um desastre prós donos do café. Agora da parte de lá era mais arriscado. Entrava-se no barco. Por vezes barcos a tope de sacos de café que pesavam 60 Kg cada um. E depois da parte de lá era: vai-se prá qui, vai-se prá li. Eu cheguei a levar um saco de café. Fui daqui de baixo até à beira do rio às costas. Depois pousa-lo, mete-lo no saco. Depois íamos, chamávamos nós Arenteij<sup>345</sup>, que era pra pousar, pra deixar ali. Depois apareceu a Guarda-Fiscal... os Carabineiros, tivemos que fugir. Atravessamos Salvaterra, tudo. Ainda passamos as bombas de gasolina, o campo de futebol. Cheguei a um certo ponto, quando larguei o saco, comecei a crescer, a crescer, a crescer. Andei ali mais 200 metros com o caso. Disse-lhe ao dono do café: «Agora mais um bocadinho de calma». Pumba atirei-lhe com o saco pró meio do chão: «Agora leva-o tu que já não posso mais». Comecei a crescer, a crescer, a crescer. Eu desconfio que quando lá cheguei já... Andamos pra e quê? Ao menos duas horas com 60 KG de café às costas, não é? Era, aquilo era...

P: E isso foi mais ou menos em que datas? Em que fez contrabando?

R: Nesta data já eu tinha. Já foi mais tarde. Já eu tinha vindo do ultramar. Tinha feito serviço militar, tinha vindo da Guiné. Depois também fui numa crise. Agora há crises, mas as crises são sempre crises, não é? Eu queria arranjar um trabalhito e não vi assim nada de jeito. E depois pronto, como estava aqui tinha, pronto. Eu era o trabalho diário daqui era isso. Ganhava-se de

---

<sup>345</sup> Localidade fronteiriça pertencente à zona administrativa de Salvaterra – Espanha.



noite e gastava-se de dia, era assim. E era rentável. Tenho pena de muitos terem, pronto. Muitos pensaram que aquilo não tinha fim, não é? Aquilo pronto. A rapaziada, enquanto rapaziada solteira, aquilo era um ganhar dinheiro sem destino, não é? Pronto. E não viam o dinheiro fracassar. Porque a gente ganhava 100 escudos cada saco que levava, mas havia que tentar economizar sempre um bocadinho. De 100 guardar 50. Depois havia muitos que quando chegava ao meio da semana, andavam a pedir dinheiro: «Ai prá semana ou logo vamos outra vez». Era às 7 horas da tarde, depois era às 10, era à meia-noite, era conforme houvesse oportunidade.

P: Sim. E era durante toda a semana? Fazia sempre que fosse possível, fazia-se?

R: Era sempre, sempre, sempre. E depois eu estava aqui no café às tardes e depois deixei-me disso. E aliás, depois de eu ter vindo já da França em 82, até nem queria. Estava o meu falecido pai à frente disto. Eu nem queria, porque havia gente que pronto. Podia haver sempre aquele mal-entendido: «Olha aquele está no café anda a tirar choios<sup>346</sup> a outros». E eu não gostava de entrar nessa. Mas eu até gostava, porque depois era divertido. Havia aquela malta, passava-se um bocado. Depois contavam-se histórias. A gente apanhava uns escapes e uma pessoa ria-se daqui, ria-se dacolá e pronto. Eu a parte mais engraçada que tive foi... Acho que talvez uma das mais arriscadas que tive. Foi uma altura na parte de lá que já pra e há dois meses que num se passava café. Havia uma crise qualquer da parte de cá ou da parte de lá, não sei. E então havia um moço aqui, pediu-me para levar umas bolsas de café que pesavam 32 Kg. Engatava-se uma na outra e fazia 64. E atava-se com cordas e levava-se. E então o indivíduo andava a chatear pra levar umas bolsinhas, ao menos 4 para desenrascar. E lá fomos levar. Eu quando não me palpitava ir, eu pra mim aquilo era uma desgraça. Era mesmo, sabia que ia haver história. Quando estava na cama e não me apetecia pôr a pé. Se já estava na cama, sabia que ia haver história. Estavam todos à minha porta. Trouxeram-me o saco até à porta e lá fomos os 3. Aqui na parte de baixo, onde passava a ponte do caminho-de-ferro. Os carabineiros, por vezes, ponham-se por vezes por cima com pedras. E a gente ao passar ali largavam um penedo. Era ali que a gente os controlava, porque eles. Ali se um pedra daquelas cair abaixo sabíamos que era para fugir, ou que era pra matar alguém. E eles viram-nos passar e não disseram nada daquela vez. Fomos à casa do indivíduo: «Está aqui a mercadoria». (comprador): «Ala metei-a aqui debaixo da cama». Fomos 2 e depois ficámos 2 mais atrás. Depois eu e mais o dono do café diz

---

<sup>346</sup> Referente a pequena ocupação, forma de passar o tempo, trabalho sem muito esforço.

ele: «Vem comigo que imos ajudar os outros a vir pra cima, que eles estão lá em baixo parados». (senhor Manuel: «Está bem»). Havia uma estrada que tinham feito, que vinha ter aqui à graveira que havia de arrastão do seixo. Tínhamos ali os barcos ancorados. E diz ele: «Agora tu esperas aqui. Pões-te aqui na estrada a ver se vem alguém que eu vou buscar os outros». (senhor Manuel): «Está bem». Meu dito, meu feito. Depois de termos parado ali um bocado, o outro que passou para o outro lado da estrada. E vejo assim um reflexo daqueles capacetes de...

P: De carabineiros?

R: Dos carabineiros. E no fundo havia uma lâmpada. E ele ao dar um jeito...

P: E viu o reflexo?

R: E vi o reflexo. Mas ele caralho, como daqui ali para aquela porta. Ele assim de lado e vinha assim. Porque eu estava parado e vinha assim para me deitar a mão. Eu conforme vejo, faço sinal pró outro e o outro começa a correr pela estrada abaixo. Diz ele: «Vai, vai que está lá em baixo outro». Ele pumba meteu-se pelo monte. Só que eu depois vinham os outros dois pra cima. E eu fui ao encontro dele também, porque era um rapaz novo. Eu depois ria-me porque na hora que ia, quando encontramos os outros... Um deles já tinha botado a bolsa do café lá por uma ribanceira. E eu e o outro dono vinham-mos com ela às costas. Nós, um de cada lado, a ver se a segurávamos. A ver se conseguíamos fugir com a... Salvar aquela bolsa. E o rapaz aos tiros (tum, tum, tum, tum). O carabineiro tanto tiro deu e eu ria-me. Mas ele depois sempre. Diz ele: «Foge pá! Cada um para seu lado, cada um pra seu lado». E ele mirou em cima de mim, então aos tiros. E trazia uma lanterna para alumiar. Conforme trazia a lanterna... E eu ria-me. De momento eu também não era peço a correr, naquela altura. A gente tinha uma preparação física...

P: Claro, Claro.

R: E conforme vou a fugir ele apaga a lanterna. E eu só me lembro de bater com o peito contra um pinheiro. Porque faltou a luz acesa de repente. Bato contra o pinheiro, parece que me faltou o ar e cai prá trás: «Alto, não há ninguém». Levantei-me, depois prontos. Andei pra e umas horas à procura (faz som referente às senhas utilizadas para comunicar com outros contrabandistas). E no outro dia nenhum deles apanharam as bolsas de café. Só que foram à casa onde metemos as outras duas ao espanhol. Viram lá as duas bolsas debaixo da cama e

levaram-nas. E as outras duas passou um individuo no outro dia. E viu que estavam ali umas bolsas de café no meio do monte. Porque ninguém imaginava que ele não... Se viram atirar com elas que não as fossem buscar. Ou pensaram que melhor há-de estar aqui alguém para recuperar. Mas isso era...

P: E tinha mais alguns familiares ligados ao contrabando?

R: Teve o meu pai. O meu pai que em 40 foi pró Brasil, em 40 e... Foi no ano... Eu ainda não tinha nascido, mas estava para nascer. Teve, teve que escapar. Na altura num determinado tempo havia. Foi pós Guerra Civil. E andava no contrabando que era o sabão naquela altura. Mas aquilo não havia nada como hoje, era tudo a nado. Tirar a roupinha à beira do rio e ponham ali uma coisa de qualquer maneira, uma jangada qualquer. Levavam o que podiam na frente com a roupinha atada à cabeça, com um cinto. E depois pronto. Teve uns problemas, uns em cima doutros e andamos na pegada. E ele foi detetado um problema pra poder ir pra Angola. Mas aquilo havia uma burocracia do caraças pra tirar o passaporte. Aquilo havia sempre um regulamento e era pior do que pra outro lado. Depois informaram-no: «Olha vai antes. Vais pra Lisboa e lá arranjam com facilidade». Foi pra Lisboa, meteu-se num cargueiro. Num barco qualquer que ia pró Brasil, levou-lhe três semanas a chegar lá. Um navio. Diz-se até que era um navio inglês que tinha sido preso no tempo da guerra, não sei que, não sei que mais. E lá chegou ao Brasil e ali aguentou aqueles anos todos até, pronto. E são as histórias do contrabando.

P: E havia uma idade ideal para começar?

R: A idade desde que pudesses com... Pudesses andar e não fosses a pôr a vida de ninguém em perigo. E tinha que cada um tinha que a levar. E cada um era responsável por si. Ganhavas. Tinhas que entregar no local onde descarregavam os outros. Se por acaso a gente perdesse pelo caminho, pronto. Tínhamos que... O homem também não ganhou nenhum já pagou a mercadoria, também não ia aguentar ainda com o prejuízo de ter que pagar. Ai havia compreensão das pessoas, não é? Mas era arriscado quando apanhavam as pessoas, quando lhe batiam. Eles pra dizerem... Apanharam um moço era daquelas coronhas, daquelas espingardas pelas costas, pela cabeça. Davam sem dó nem piedade até informarem acerca de quem eram, pronto, aquela gente. Se fossem patrão, não diziam que eram patrão: «Eu estava sentado em tal parte, não sei. Pediram-me para vir aqui se queria ganhar uns cartos. Pra ganhar

umas pesetas. E eu aproveitei, problemas de família», aquela choradeira que tinha que haver sempre. Uns eram mais sensíveis e outros não.

P: Eram piores do lado de Espanha ou de?

R: Do lado de lá. Sem dó nem piedade. Aquilo eu tive um tio meu que faleceu. Deves conhecer talvez a família. O Augusto que está no Bombeiros, que é o que tem o bar nos bombeiros.

P: Não estou a ver.

R: O pai dele também ficou sem uma perna. Vinham no barco, já tinham fugido para a parte de cá. E eles atiram, atiraram prá, era uma batela. Tipo era um triângulo feito em madeira. Tinham ali umas espadelas pra remar e eles começaram a atirar. Mas como foi muito na beira deram ao meu tio. E apanharam-no e meteram-no, pronto. Foi naquela altura, estava uma tia minha grávida com filhos. Cheia de filhos, cheia de miséria e tudo mais. E depois ele até vieram autoridades pró levarem, prenderem, hospital. Foi estancado em sangue. Quando o levaram tiveram que lhe cortar a perna. Andou sempre com uma perna postiça, uma perna de... E depois de ser tratado, a vigilância policial naquela altura era muito rigorosa. Foi depois prá prisão. Teve de estar dois anos...

P: Pois. Isso foi por volta de que anos?

R: Deve ter sido em 48, 49 por aí assim. E depois de estar preso, as próprias pessoas lá da prisão arranjaram-lhe, prepararam-lhe uma fuga. Do próprio que ele era um homem... Nas condições que estava, não era humano estar ali. Tiraram-no de uma parte frágil da cadeia tal, tal, tal. Puseram lá uns garfos e umas coisas. Aquilo era em tijolo. Estavam outros da parte de cá e trouxeram-no pra Portugal.

P: E quanto tempo é que esteve preso?

R: Tinha que estar dois anos. Dois anos era o mínimo. Depois houve quem lhe saísse mais. Dois anos, dois anos aquilo eram sagrados. E depois trouxeram-no pra cá e pronto. Nunca mais foi até aquela fase de passar, não é? Mas era muito rigoroso, prendiam-nos, levavam-nos pra... O contrabando não era um. Quer dizer, da parte de cá o café era livre, não é? Só unicamente porque não pagava direitos ao Estado. Você podia transaccionar pela estrada, largar aqui. Podia

dar uma justificação qualquer e não havia problema.

P: Do lado espanhol é que era...

R: Do lado de lá é que era criminal. Porque nós chegávamos muitas das vezes aqui em cima na fronteira, um bocadinho mais havia ali um alto. Passavam ali com café, com sacos de café. E passava o comboio de mercadorias por baixo, que era num alto. Então já estava tudo controlado. Aqueles vagões sem taipais, aqueles taipais que têm de lado. O comboio ia de vagarinho e em cima...

P: E atiravam?

R: Atirava-se pra cima dos vagões. Chegava-se ao ponto que se atirava qualquer coisa pra cima e lá ia. Agora pra onde não me pergunte que já não sei.

P: Sim.

R: E outra vez fizemos nas Caldas. Isto já eu fui, já estava eu na tropa. Estava em Braga na tropa. E havia um tenente que estava aqui em Monção. E então os barcos. Ali não era a viagem, ali era carregar, carregar, carregar. E da parte de lá os camiões estavam ali. Aquela graveira que esta em frente ao coiso. Os camiões que vinham carregar o seixo estavam em cima na Quinta. A gente pegava, levava os sacos, descarregava os sacos e voltava pra dentro dos camiões. Depois descarregavam-lhe seixo por cima e lá iam com aquilo lá pro diabo mais velho. E uma vez estavam duas carrinhas. Umas parece que eram dos Limas, outra dos Freitas. Ou eram as duas dos... Não importa. Duas carregadas de café. E vai o tenente da Guarda-Fiscal e nós... Agora o rio está muito mudado. Que antigamente o rio vinha mais até cá em cima, mais quase às árvores. Mas que vem de carro, aquele paradãozinho que tem ali nas Caldas, o carro ao chegar ali não havia aquelas entradas. E o carro, prontos, não alumiava mais. Estavam ali duas carrinhas, duas carrinhas vazadas em cima daquele, de café. E nós tínhamos uma carregada e estava outra para carregar. Aquilo era só bota pra lá e mais nada. Nisto chega o tenente diz ele: «Lino dá tiros!». Ele: «Não trouxe a pistola meu tenente, não trouxe a pistola». Porque ele sabia o que se ia passar, não é? (Tenente): «Dá tiros. Então aguenta aqui que eu vou à secção buscar o jipe pra levar isto». Mas nem se apercebeu da quantidade de sacos que era. Não tem mais nada, começa a vir até ao guarda: «Oh fulano vocês indes me desgraçar. Vós indes me desgraçar a vida, com tantos sacos de café aqui». Até que o homem começou-se a impor. Eles

por vontade levam-lhe tudo, não é? Era problema do guarda e não era dele, mas lá lhe deixaram ficar meia-dúzia de sacos. No outro dia... Aquilo foi, deviam ser umas 11 horas da noite por aí assim. Já foi em 68. Pois em 68 foi quando eu vim da França e depois fui pra tropa. E então no outro dia. Havia o café Caravela que é agora o banco. Parece que é o Espírito Santo, o Bes. Ali na, onde era antigamente o Caravela. Onde eram os antigos Bombeiros?

P: Sim, sim, sim.

R: Era o café Caravela. Então estava o tenente a contar lá aos amigos a história: «Oh pá ontem fiz uma apreensão e apanhei-os todos de surpresa pá. Aquilo era todo o mundo a escapar». Eu sei que naquela altura estava a acomodar um saco de café dentro do barco. E um tocou com aquela atrapalhão. Conforme me tocou, eu caí à água. Nunca mais me esquece. Eu levava um chapéu daqueles pequeninhos, porque tinha o cabelo rapado. Andava na tropa e tinham-me rapado o cabelo. E conforme caí assim vestido, furei por baixo do barco e fui parar lá a frente. Já não dei importância àqueles. Cada um para o seu lado: «Fiz uma apreensão de café pá. Foi isto assim, assim. Aquilo pareciam índios, um a fugir para cada lado. Aquilo olha, foi impressionante pá. Apanhei para lá uma quantidade de sacos». Isto estava um primo meu a ouvir a conversa, diz ele: «Apeteceu-me dizer que estavam pra e 40 sacos e ele levou 6. Apeteceu-me dizer que estavam pra e 40 ou 50 sacos no monte e ele só levou 6. Olha só a habilidade vê? Que fino você foi». Mas pronto...

P: Mas cá a, Guarda-Fiscal, muitos eram comprados? Pra facilitar...

R: Muitos facilitavam. Iam ganhando algum deles assim por fora...

P: E eram pagos em dinheiro? Ou em café ou...

R: Na, na. Normalmente não sei, mas normalmente recebiam um extra por fora.

P: Facilitavam mais?

R: Vinham quando andavam, por exemplo, pela beira do rio. Eles tem uma zona controlada, umas áreas, passavam. Depois vinham às adegas, vinham sempre dois a dois. Botavam ali umas merendas boas e o que queriam era isso. E havia outros que vinham merendar, mas vinham sempre apreciar a história. Havia outros que não se deixavam fazer...

P: Mas então cá, em termos de prisões, de apreensões e tudo, não havia assim tanta coisa como em Espanha?

R: Não, não. Não, em Espanha era mais. O que fosse apanhado em Espanha era punido severamente. Depois, por vezes, começava sobre a porrada que levava primeiro. Porque primeiro punham-te já como se fosses dono da mercadoria. Depois havia aquela coisa, porque era um contrabando assim diário. Não era de grandes montantes, não é? Mas o que lá estava, estava. E depois quando havia aquele risco mesmo de, pronto. Se eras condenado estavas um tempo preso. Pronto, para acalmar a coisa tentavam meter um advogado. Ou até uma desculpa qualquer. E eles suportavam as despesas, se não queriam cumprir a pena. E conheci um que tinha, naquela altura, recebia 600 e tal contos. E ia apanhar dois anos de cadeia: «Oh pá eu preferia estar dois anos na cadeia. Estava controlado dentro da cadeia e 700 contos ou 600 não se ganham de qualquer maneira. E só 600 contos, quem os vai levar vai ser o advogado. O advogado tira-te, mas 600 contos são para ele». Muitos aguentavam dois anos lá.

P: É dinheiro.

R: É dinheiro.

P: E usavam ou tinham algumas técnicas para esconder contrabando? Para tentar passar?

R: Não, porque era o contrabando de grande porte e não podia esconder nada. Isso o que faziam era antigamente nas fronteiras, as mulheres que passavam pra lá. Iam ao peixe, depois vinham carregadas. Eu nessa altura estava em Monção. E aquilo era um contrabando que todas as autoridades sabiam, não é? E viam, só não via quem não queria. Aquelas pessoas ali da vila. Muitas famílias típicas e tudo mais. Traziam aqueles grandes aventais e embrulhos por baixo. Iam buscar/fazer as comprinhas pra casa. Traziam arroz, açúcar. Naquela altura, Salvaterra era muito frequentada derivado à peseta que era mais barata que o escudo. E havia aquela possibilidade de se comprar lá mais barato. O problema era na fronteira. é que não se podia passar, não é?

P: Pois.

R: Ou tiravam as coisas. Mas elas, por vezes, algumas sempre aquela chorada e aquela coisa. Então traziam perfumes. Era perfumes, era chocolates, era o anis. E era o conhaque, geralmente, era o Carlos I, Filipe II, o Carlos III. Era o Anis Domuz e as pastas de chocolate.

Depois quando havia o turismo ali pra Monção, pelas pensões estavam ali. E já sabiam que eram turistas, porque viam uma pessoa estranha de fora: «Compre-me isto». E muitas já estavam à espera e dirigiam-se aos cafés.

P: Sim, já iam à procura.

R: Claro. Depois quando havia outra coisa. Quando havia, por exemplo, um polícia da PIDE ou uma coisa assim. Uma pessoa estranha, nós topávamos logo.

P: Já viam?

R: «Ui a onde este vem». No meu caso quando, quando... Houve um juiz aqui em Monção que aparecem 3 indivíduos que vinham do Porto, ou 4. Andavam por aí às 3 da manhã, ali pela vila: «Vocês que andam a fazer?». (indivíduos): «Andamos a ver se alguém nos passa pra França». Dizem-lhe aquilo à Guarda-Fiscal, à GNR. Foram logo presos, não é?

P: Pois.

R: Foram presentes a tribunal. E eu até fui ver essa audiência, nessa altura. Era um juiz daqui dos Arcos de Valdevez. E diz ele: «Bom hoje vamos ter serenata». Era um individuo porreiro: «imos ter serenata». Chegou lá e depois no fim: «Bom o quê que se passou?». (indivíduos): «Foi assim, assim, assim». (juiz): «Bom eu vou absolve-los. Mas a próxima vez que queiram ir pra França não perguntem a indivíduos, esta gente que andam a fazer... Vão mais depressa à minha casa que eu informo melhor como ir pra França» (risos).

P: Pois. Mas conhece também pessoas que passavam? Contrabandistas que passavam pessoas pra França?

R: Conheci bastantes. Eu fui um deles também. Também fui a salto. Levou-me 5 dias a 8 dias, a chegar lá. Fui por uma ribanceira pra baixo, pensavam que tinha morrido. Os outros chegaram lá e eu não apareci. Porque nos separamos em dois grupos. Andamos uma vez 18 horas num camião Tir. Sem comer nem beber. Para largar-nos ali perto, suponho eu que fosse, Barcelona. Ali para aqueles lados. Vi passar um taxista daqui de Monção, íamos num «DS 13». Dentro de um «DS». Três na mala e nove à frente. Inclusivamente, eu ia à frente, ao lado do condutor. E vejo passar aquele, conheci aquele carro de matrícula. Um mercedes daqueles antigos. O Machado, era o Machado, que já morreu. E eu ia-lhe acenar com a mão, levei semelhante



bofetada. Andavam as carrinhas de «x» em «x» quilómetros. E andavam com a espingarda às costas pelo meio da serra. Era tudo nacionais. Eu tinha passado um caminho. E assim em frente, conforme faço assim no vidro... Ai mandou-me semelhante murro, fiquei com a cara, durante dias, toda negra. Pronto. Depois dali entramos num camião. Acho que foram 18 horas num camião Tir, por ali fora. Depois largaram-nos lá no meio de uma montanha. Deram prá li uns queijos «da vaca que ri» que eu nunca gostei daquilo. E eles disseram que a única coisa que me davam eram dois queijos daqueles para me tirar a fome. Atirei com eles, porque eu nunca pude ver aquilo. Depois ainda foram outros apanha-los. Arrependi-me de ter atirado com eles. Depois andamos ali mais umas 14 horas ou 15, lá por uma montanha fora. E depois havia um individuo que nos ameaçou. Íamos todos em linha numa noite escura, todos de mão dada. E houve um moço daqui de Coura que já ia tão desesperado. Diz que levava uma pistola no saco que ia matar o individuo. Ali aquilo era muito arriscado. E então eles íamos cheios de sede. Isto foi em Janeiro de 66. Íamos cheios de sede. Conforme paramos pra beber, o grupo separou-se. Vinham três. Um ao meio, um na ponta e outro atrás. E outro no meio. O do meio quando viu, mais ou menos, que tinha ficado um grupo pra trás. Que aquele individuo ficou, mandou seguir os outros e começou a empurrar. Nós estávamos cheios de lama, enfim. E depois começamos a lavar a cara e tal: «Onde estão os outros, os outros?». Não havia ninguém. Nós estávamos a assobiar que aquilo era um silêncio absoluto. E digo assim: «Ai, a onde estão os outros?». Ninguém respondia e nós a falar alto. A gente gritava e do outro lado da montanha sentíamos a nossa voz de retorno. Mas aquilo era assim. Íamos mesmo por um pico. Eu tinha... Uma das vezes disseram que eu tinha desaparecido. Quem comunicou para cá a dizer que eu tinha desaparecido, porque eles seguiram à frente. Eu naquela, uns metros atrás caí por uma ribanceira pra baixo. Muito me valeu o guarda-chuva que levava com uma bolsinha, com muda de roupa. E enfaixou-se ali, mas eu não queria fazer força, porque tinha medo de ir por ali pra baixo. Sentia a água lá no fundo e eu não sabia onde estava, não se via.

P: Era escuro, sim.

R: E os outros que ficaram pra trás pegam na mala onde tinha a roupa. Agarraram-me e tiraram-me pra fora. Foi onde nos tivemos a lavar todos. Todo o mundo chorava. Tinha 18 anos e eu disse: «Oh amigos aqui chorar não vale a pena. Nem chorar, nem cantar, nem rir. Aqui temos que fazer uma coisa, arranjar um ponto de orientação. Não sabemos se estamos em Portugal, ou na Espanha, onde estamos nós? Eu sei que na Espanha pelo menos estamos». Andamos,

andamos, andamos. E havia um que queria fumar. Eu levava um maço de cigarros que era para oferecer a um moço lá que me mandou ir: «Vou levar um macinho de tabaco para ele». Eram cigarros Porto, nunca mais me esquece. E então queria fumar. E diz ele: «Bom, eu vou lá leva-lo. Vais levar o quê? Eu tenho aqui». Nós éramos oito, assim às escuras. Levava fósforos na bolsinha, tiro uma caixa de fósforos. Começamos ta, tal, tal a ver. Nós já estávamos pra tudo. Já fazíamos lume porque não sabíamos onde estávamos. Achávamos que estávamos perdidos. Távamos 8 e um não se calava com os cigarros. Vem o outro e diz: «Toma está aqui, tens aqui». (senhor Manuel): «Quem é esta voz? É uma voz espanhola, mas quem é?». Tentei acender o fósforo novamente: «Que cigarros tem?». (indivíduo): «Tenho cigarros Ceuta». (senhor Manuel): «Ninguém parou na Espanha pra comprar cigarros. O único aqui da fronteira sou eu e mais dois outros que não sei deles». Mas não alarmei a coisa, fiquei calado. Digo eu assim: «Pronto, aqui já há história». Nós estávamos parados há meia hora ali: «E agora que fazemos». Começam a chorar: «Oh amigo não vale a pena chorar. Eu sei que...». Mas conforme acendo o fósforo vi um carreirinho, parecia um carreirinho de cabras. Um prá qui, outro prá li e daqui vínhamos nós. E então digo assim: «Isto aqui é uma cilada qualquer. Então vamos tomar 3 prá qui, 3 prá li e 2 pra li». Nesse caso já éramos 9. Eu calei-me não disse que eram 9, que eram 8. E depois não disse que eram 9. Calei-me, porque eu vi que ali havia gato.

P: Pois, já vi que ali havia qualquer coisa.

R: Todos tinham relógio: «Temos 5 minutos. Marquem 5 minutos». Dei uma caixa de fósforos a cada um, levava meia dúzia delas. Uma caixa de fósforos prá qui e outra prá li: «Ao fim de 5 minutos vocês olhem pró relógio. Se não encontrarem ninguém, se não responder ninguém. Ou se não estiver ninguém à espera, ou foram por ali, por aqui, ou por aqui. Ao fim dos 5 minutos, para a gente não se perder, vimos todos ter ao mesmo sítio. Assim ninguém se perde». (grupo do senhor Manuel): «Boa ideia, boa ideia, boa ideia». Dizia o outro: «Eu vou por ali». (senhor Manuel): «Quer ir por ali vá». Eu apanhei os outros todos: «Quando o outro sair, ninguém vai. Ninguém pia aqui, aqui quem manda sou eu». Eu tinha 18 anos, naquela altura. E muitos já eram casados, pais de filhos e essa coisa toda: «Temos 5 minutos». Começamos por ali abaixo...

P: A correr?

R: Chegamos lá ao fundo e tinha um riacho: «Ai, agora é que nós estamos tramados. Um riacho. E pra sair daqui?». E então conforme íamos, choravam. E vimos o riacho: «Eu vou à frente. Vocês dão-me todos a mão. Se eu por acaso cair, puxo as calças pra cima. Não sei se isto é fundo, se é grande, se é pequeno, se que é». Por acaso a água dava-me só pelo joelho, mas fazia muita pressão. E era uns 5/6 metros se tivesse, não posso precisar. E agarramo-nos todos para passar o rio. Depois começamos a subir novamente, outra montanha. Portanto, nós não estávamos longe. Aquilo foi só descer assim e subir. No máximo quê? Pra e 150 metros. Possivelmente 200 metros desviados do sítio onde estávamos. Dali a nada vimos dois focos a alumiar para um lado. Com duas lanternas, prá qui e prá cola. E ouvia-se a voz. Só se ouvia a voz de um: «Me cago em diós. Se por acaso os colhemos, marcham daqui para onde marcharam os outros». E ali foi como azeite. Agarram-se todos a mim: «Ninguém pia». Eles pra e há meia hora, volta por aqui, volta por acolá. Depois, claro: «Nós estamos abandonados, pra onde imos?». (senhor Manuel): «Oh amigo se vocês estão eu também estou. Estamos todos no mesmo barco. É melhor estar aqui do que estar com eles. Já viste o que eles estavam a contar?». (grupo do senhor Manuel): «Sim, sim, tamos. Eles já nos iam matar a todos». Já tinham dado cabo doutros. Se seria ou não, a gente não sabe. Pronto, depois a coisa passou. Isto eram 3 da manhã. Ainda era 1:30 da manhã: «E agora que fazemos?». (senhor Manuel): «E agora temos que subir esta serra toda a ver se apanhamos um ponto de referência, para nos podermos orientar».

(...)

Havia umas luzes. Aquilo pareciam velas não sei a que distância. Talvez fosse uma estrada, uma avenida, ou não sei quê. Disse eu: «Olha a direcção é esta meus amigos. É por aqui. Sejam quintas, sejam balados, seja por onde for. Íamos atravessar tudo a direito. Vamos sempre nesta direcção. Vês aquela esta acolá? Vai nos levar direitinhos. Temos que apanhar esta referência». E bem, andamos, andamos, andamos. Passamos uma carreira de tiro. Não tem mais nada, vamos avançar por aqui. Deviam ser umas 4:30 da manhã, por ai assim. Vimos uma pegada de um jeriquito, de um burrito. Ai, isto vai nos levar a um cabano qualquer. Vai ter a um cabano qualquer. Fomos por ali. Depois começou a romper o dia, já começamos a sentir carros lá por baixo na estrada. Com uma fome, com uma barba, parecíamos uns assassinos mesmo. Depois

chegamos aos Pireneus orientais.

P: Acha que o contrabando. A prática do contrabando era, de certa forma, uma oposição ao regime, na altura? Nem que fosse indirecta?

R: Eu não acho que... Isto aqui era uma maneira de sobrevivência. Aqui, sobretudo esta zona aqui. Na altura da pesca viviam da pesca. Havia pesca, praticamente parava o contrabando. Acaba a pesca, começavam o contrabando. Eram os sáveis, o salmão.

P: Na altura dava. Saíam do rio Minho muitos sáveis e tudo, não é? Não é como agora...

R: Ui, naquela altura, saia uns 100, 120, 80, 70, 50 em cada barco. Custava um sável, naquela altura, 7.500/5 escudos. Até iam pra baixo. Mas era uma coisa doida, os sáveis e o salmão.

P: Agora já não sai...

R: Não, não há nada.

P: Agora vai-se à pesca. Eu pelo menos, no meu caso é. Vou quando abre a pesca...

R: Não antigamente era. De vez em quando ainda fazem, assim à socapa, uns laços e tal. Umas redes, mas nada do que era antigamente. Eram uns 12 barcos sempre ali de manhã até à noite, sempre. Depois havia aquele dia em que, ao não dar, havia um que apanhava meia-dúzia deles e os outros não apanhavam nada.

P: Pois, também era sorte, não é? Também faz parte. E o quê que achava da situação do País antes e agora?

R: Olha a situação do País. Eu não achava boa a situação do País naquela altura. Mas actualmente... Hoje estamos bem melhor do que estávamos naquela altura. Além de estarmos mal. Sabe que hoje temos tudo. E antigamente o dinheiro não havia, não havia estradas, não havia caminhos, não havia electricidade, não havia nada. Eu ainda me lembra de andar na escola era com a luz de petróleo e essa coisa toda. E nós temos tudo. Está claro, a gente conforme nunca está.

P: Sim, isso é verdade.

R: Eu só digo, antigamente havia o Salazar. Agora há Salazares desde Melgaço até ao Algarve, há Salazares por todos os cantos e esquinas. Havia mais respeito, havia mais disciplina, havia mais rigor, mas também erasse punido por isso. Hoje há mais liberdade, mas também há certas coisas que não acho bem com a liberdade que há. São os abusos, os poderes derivado daqui ou dacolá, não sei, não interessa. Mas, naquela altura, o regime era ruim. Mas eu, a mim, nunca me afectou pessoalmente. Sei que as horas de trabalho. Também era praticamente um garoto quando sai. Porque eu aos 13 anos fui pra Lisboa. Depois de Lisboa tive lá ano e meio, dois anos. Depois o meu pai voltou do Brasil, vim com ele. O meu pai foi pró Brasil novamente e depois aos 18 anos fui prá França. Mas, naquela altura... Não digo que passasse fome, que felizmente nunca passei. Fatura nunca vi muita a ninguém, mas temos quase o mesmo problema. Miséria, miséria também não. Hoje a gente sabe mais do que sabia antigamente. Antigamente não havia televisão. A televisão quando veio foi em 62, salvo erro. A preto branco. A primeira televisão que compraram foi a dona Sema. Depois foi o bar do João, depois foi o Chave Douro. Começou-se a contar tudo a preto e branco, com aquele formigueiro.

P: Mas aqui acesso à informação seria mais a nível de radio, jornais?

R: Era jornal e rádio, mais nada. E jornal também era «O século», «O Desportivo», «O Noticias», «O primeiro de Janeiro». Foram jornais que sempre houve aí, não é?

P: «Terra Minhota» também?

R: Aqui sempre foi. Era o «Terra Minhota» e o «Noticias de Monção». Fui sempre, meteu-me o Zé Manuel Maia de sócio. Pagava 2.500 do jornal quando entrei pra sócio. E foi assim até fechar o jornal, fui sempre sócio. E agora virei pró «Terra Minhota». Eu gosto de ler as notícias da terra, temos sempre coisas de respeito. Sobretudo, eu não ando muito pelas aldeias. Agora passo o tempo mais por aqui. Gosto de ler daqui, dali, dacolá.

P: Tem sempre noticias. Uma pessoa vê sempre o quê que se passa no concelho e tudo.

R: Mas depois do contrabando do café, veio o tabaco. No tabaco ganhava-se muito dinheiro. No tabaco ganhou-se muito. Fui duas vezes. Mas das duas vezes tive que virar pra trás. Assim de brincadeira: «Anda connosco, anda connosco.». (senhor Manuel): «Não vou nada». Enfiei-me por duas vezes. Até aqui prós lado de Âncora<sup>347</sup>. Houve pra lá uns problemas. Levei o meu carro e

---

<sup>347</sup> Vila Praia de Âncora é uma freguesia minhota do concelho de Caminha.

deixei pra lá numa certa zona. Apanhamos uns escapes<sup>348</sup>: «Não pra isto não venho mais. Já por duas vezes que venho e tenho que fugir». Havia gajos que, naquela altura, ganhávamos 25, 30, 40 contos ali. Tinham-se que molhar, mudar o tabaco para o tirar das lanchas de água para outro lado. Carregar as carrinhas. Ali já havia mais risco. Ali já estava a Guarda-Fiscal mais... Não era por ser do tabaco. Tinham medo que viesse a droga no meio do tabaco. Pra mim era mais isso, não era só pelo tabaco. Porque eles, cada vez que apanhavam o tabaco. De vez em quando lá se abria. Vinha uma carga ou outra. Mas quem... Os que andavam aqui, que faziam a patrulha do tabaco é mais a intenção deles. Porque o tabaco também não sabiam se vinha droga dentro do tabaco... Dos cartões ou não. Depois houve o contrabando das bananas, depois da pescada e assim.

P: Acha que...

R: Foi aqui nesta zona. Toda a vida viveram do contrabando.

P: Acha que aqui a freguesia de Cortes era o sítio onde havia mais contrabando? Do concelho?

R: Eu pra mim era. Eu pra mim era aqui.

P: E mais contrabandistas?

R: Aqui, até acabar o contrabando, não havia um artista pra nada. Que trabalhasse na construção, não havia praticamente ninguém. Havia um ou dois, pronto. Desde que acabou o contrabando, cada um teve que se começar a desenrascar. Alguns começaram a trabalhar na Espanha, abriu a Espanha. A Espanha começou a crescer. Depois por meio da Europa e esta malta toda dos 40. Isto agora andavam na escola quando eu vim, agora são homens casados. E andava tudo a trabalhar na Espanha. Agora a Espanha ficou pior que nós ainda e não anda ninguém, ninguém. São carrinhas e carrinhas aqui todos os dias, aqui de rapaziada.

(...)

Eu estava aqui (no café) muitas vezes até às 3/4. Então ao Sábado e ao Domingo era o fim. Ao Sábado e ao Domingo. Já na Sexta-Feira à noite, Sábado. Ao Domingo já, pronto. Por volta da 1 da manhã já praticamente pouca malta estava. Pronto, Sexta-Feira à noite, Sábado e Domingo

---

<sup>348</sup> Agressões físicas.

aquilo eram os 3 dias que aguentavam a semana toda. Durante a semana o pessoal ia trabalhar, mas durante aqueles 3 dias isto aqui era um inferno. Era um inferno mesmo. Depois havia aquela malta toda conhecida. Depois beber mais uns copos, prontos. Tudo se passou e ganhou-se uns trocos, naquela altura. Que hoje em dia não há rapaziada, não se vê ninguém nascer.

P: Agora é. Cada vez menos nascimentos. E como é que acha que as pessoas aqui da freguesia. Daqui do concelho viam os contrabandistas? Como heróis? Como...

R: Era um modo de ganhar a vida, como outro qualquer: «Olha aquele...». Ainda hoje dizem: «Olha aquele naquela altura juntou, ainda fez uma casinha». A maior parte deles fizeram. A primeira coisa... Uns mais aventureiros e mais espertos um bocadinho iam pondo algum de lado. Influenciado talvez pela família. Mas havia aqueles que não queriam saber de nada.

P: E gastavam prá frente?

R: Enfim, nunca deram nada. Isto é como tudo. A gente quando se ganha, não é ganhar 100 e gastar 120, não é? A vantagem é ganhar 100 e gastar 50 ou 80. E houve muita gente aí que fizeram boas casas. E indivíduos que pronto, vivem bem. Depois acabou. Por causa das reformas tiveram que descontar alguma coisa. E hoje vai-se vivendo. As reformas, aqui as reformas é uma miséria total. Mas pronto, a história do contrabando. Há quem conte muito mais que eu, porque eu andei meia-dúzia de... E algumas vezes até sentimos curiosidade e gostava daquela brincadeira.

(...)

R: No tempo do Santo Cristo. Antes 18 dias do Santo Cristo ou 15 dias, já andava a malta toda a da vila e de certas aldeias. Quase toda a gente tinha barco. E andavam por aí a ver se podiam passar. Se podiam passar para ir ao Santo Cristo. Porque lá, naquela altura. Só que, antigamente, fazia-se o Santo Cristo da parte de lá e da parte de cá. Por isso é que uns podiam ir prá li vender barris de vinho. Ali fazia-se uma festa. Ouvia-se a música de lá, dançava-se lá e dançava-se cá. E os que não conseguiam ir... A rapaziada gostava de ir prá parte de lá, porque tinham sempre boas orquestras, não é? Então vinham por aqui. Era cada carrada de barcos. Ninguém ganhava nada com isso, mas pronto. A malta conhecia, dizia que ia namorar. Pessoal amigo ou fazia-se de amigo pra conseguir passar. E era lixado naquela altura. Depois, uma altura, também que eu fui. Fomos daqui uns quantos também, todos juntos. Chegamos lá, o

carabineiro não nos queria deixar passar. Chegar, atracar o barco: «Nós vimos prá festa! Não imos pra lado nenhum».

P: Não se passa nada.

R: A falar pra nós «E quantos sondes? Não quero saber». (senhor Manuel): «Pois se não quer saber, nós também não». Pusemo-nos a pé e saímos todos por ali. Diz ele: «Vou botar o bote pelo rio abaixo». Eles sabiam que era prá... Que era brincadeira certa. Mas eles, ainda hoje, os espanhóis, aqueles que lidavam com a malta daqui. Agora também já velhotes, alguns já morreram. Volta e meia vem um aqui às adegas, visitar as famílias, contar aquelas peripécias: «Lembras-te quando te escondi, quando comestes, quando fizeste isto, quando fizeste aquilo». Pronto, para se rir um bocado. Mas havia. Eu condenava uma pessoa ir ganhar a vida ser preso, levar porrada. Isso sem dó nem piedade. Porque ninguém ganhava nada com aquilo e pronto. Mas era o sistema, era o sistema. Havia que o entender, havia quem não o entendesse. Eu sempre fui um pouco tolerante quanto a isso, porque naquela altura os presos. Era em Espanha era em Portugal. Eu condenava quando a gente ia, mesmo os emigrados. Chegavam ali à fronteira tinhas que levar, pelo menos, uma garrafinha de porto que os franceses ligavam muito. E, às vezes, com uma garrafinha de porto a policia já fechavam os olhos.

P: Claro, facilitavam.

R: E facilitavam mais a coisa. Eu preferia ser tratado num ambiente da mão-de-obra francesa, do que no consulado português. No consulado português era tratado abaixo de cão. Não sei quantas vezes, antigamente. Ultimamente não. Quando vim embora fui ao consulado tratar de umas coisas e já era controlado. Muito rigor, educação. Mas antigamente aquilo era um salão: mulheres ali com crianças, bebés. Não tinham condições pra nada. Vinham lá dentro aqueles botar papaias, que era pior do que aqui 50 vezes. E depois na fronteira ao passar, chegavam lá, ficavam com as garrafas todas. Não assinavam papel nenhum, viravam costas. E vendiam aquilo ou davam. Faziam o que queriam. Era isso que eu não queria quando andava pra isso. As próprias autoridades gozavam do próprio poder que tinham. Porque haviam certas coisas que eu, pronto. Naquela altura também sabia de algumas coisas e escutava nos cafés entres eles a dizer: «É pá vamos fazer assim. Tu fazes assim, tu fazes assado. Mas cuidado que a gente não passe estes limites». Quem é que os sancionava a eles? Ninguém! Eles gozavam da própria autoridade que tinham. Era isso que não dava pra mim. Eu sei que o governo de Salazar não foi



bom, mas o Salazar. Fizeram barbaridades e barbaridades que ele nem...

P: Que ele nem sabe.

R: Que ele nem tinha conhecimento de alguma coisa.

P: Acha que, quando começou a Guerra Colonial, havia directivas do Governo pra facilitar ainda mais a ida de emigrantes para a França? Para manter, para manter a Guerra e tudo? As divisas que vinham de fora, dos emigrantes?

R: Havia muito dinheiro. Em Melgaço então era uma zona de... Era e é...

P: Também se aproveitou um bocado, nessa altura, pra facilitar um bocado. Para não andar tanta pressão sobre a Fronteira?

R: Não, acho que não.

P: Acha que era igual?

R: Nunca vi ninguém. Quem é que pressiona o Governo naquela altura? Quem é que tinha a voz activa para saber como isso andava. Estavas a falar. Estava aqui já te engavetavam, levavam-te pró posto carregado de porrada, sem saber porquê. Isso muitos. Aqueles que andavam a passar, que eram apanhados, ou desconfiavam que fossem. Levavam-te pró Porto. Eram presos, estavam ali torturados até, pronto. Até saírem. Até demonstrarem a sua inocência, que o fim não era crime nenhum. Uns ganhavam a vida... Uma vez que fossem... Eu vi pelo meu caso. Eu dei 7 contos, naquela altura, pra passar. Se me pusessem lá, eu sabia que não ia legal. Também não podia exigir muito, porque queria sair daqui, não é? Pronto. Havia uns que iam por conta em risco. Eu andava no contrabando e um rapaz de Mazedo diz ele: «É o último dia que venho». (senhor Manuel): «Porquê?». (colega do senhor Manuel): «Vou-me meter no... Vou esperar aqui até de madrugada. Vou-me meter no comboio e vou prá França». (senhor Manuel): «E tu vais assim?». (colega do senhor Manuel): «Ai vou. Vou sozinho. O que der e vier vou sozinho». E foi. E depois nem o próprio irmão... Chegou aqui, andava à procura dele: «O meu irmão? o meu irmão? o meu irmão?». (senhor Manuel): «Olha, o teu irmão foi prá França». Ele não sabia, mas eu sabia. Dava-se muito bem comigo: «Eu sei, porque ele disse-me a mim que ia. Já no outro dia não foi, porque molhou-se. E depois faltava-lhe, não sei que foi, e veio. E agora foi outra vez e já não vem». Ele não acreditava em mim: «Podes acreditar que ele ao rio não caiu. Ele ficou lá e foi

prá França».

P: E pronto, acho que. Se tiver mais alguma coisa pra contar eu...

R: Talvez umas coisas não tivessem assim nada a ver com o contrabando...

P: Não, não. É sempre bom que...

R: Mas tudo relacionado com isso, ora.

P: Eu como é ao nível de História. É sempre bom ouvir relatos assim, porque é sempre rico. É sempre bom para completar o trabalho.

R: Houve malta aí que foi o caso do meu pai. Para não ser preso teve que fugir para o Brasil. Outros para não ir pró serviço militar, tiveram que fugir também. Depois havia o risco de não se poder ir. Eu sabia de muitos rapazes que iam, mas estava clandestino e vinham. Depois passavam aqui, andavam em cima deles sem os apanhar. Mas é assim...

P: Pronto, acho que então está tudo. Obrigado.

R: Não tem nada que agradecer.

## Entrevista 2

Nome: Luís Mota Afonso e Maria da Gloria Gonçalves Afonso.

Parentesco: Marido e mulher.

Idade: 74 – 73 anos.

Alcunha do contrabandista: Chio.

Local: Casa dos entrevistados.

Qualidade: Contrabandista.

Data da entrevista: 29-12-2014.

P: Eu começava por lhe perguntar o seu nome. A data de nascimento. De onde é natural?

R: O meu nome? Queres o nome completo ou queres pela alcunha? É porque eu sou conhecido por Luís Chio.

Dona Maria: Não, mas é melhor o nome completo.

P: É melhor o nome completo.

R: Luís Mota Afonso. Idade, 73 anos, 74.

(...)

P: A naturalidade?

R: Naturalidade espanhola, não é?

Dona Maria: Espanhol.

R: Nasci em Espanha. Nasci em Espanha e estou naturalizado português.

Dona Maria: Ele é filho de gente portuguesa. Estavam a trabalhar em Espanha.

R: Bem, mas a perguntas são para mim.

P: Está a ajudar, está a ajudar!

R: Se vais querer responder tu...

P: Mas fez contrabando aqui em Monção?

R: Foi sempre aqui na área de Monção. Portanto, eu comecei no contrabando com uma idade de 13 anos.

P: Mais ou menos. Sim, sim.

R: Tinha 13 anos quando comecei a andar no contrabando. Eu e mais o meu falecido irmão, que já faleceu. Ele tinha na altura 17 e eu teria 15. Ou 13 e ele 15. Coisa assim parecida, não é?

P: Sim.

R: Começamos os dois. Com 13 anos, 14 incompletos, fui preso a primeira vez.

P: Já no contrabando?

R: Já no contrabando.

P: Mas do lado de cá ou do lado de lá?

R: Da parte de Espanha.

P: De Espanha, sim.

R: Portanto, entrei ali em Salvaterra na cadeia. Dali fui. Levaram-me para Ponteareas<sup>349</sup>. Estive lá uma semana pouco mais ou menos em Ponteareas.

P: E deixaram-no vir?

R: Pagou-se uma multa porque fui preso com 13 Kg de amêndoa, naquela altura. Levei para lá 10 Kg de café. Vinha para cá com 13 Kg de amêndoa. Perdi-me do meu irmão e tal. Estou-te a contar assim pelo maior porque se te vou a contar com pormenores nunca mais lá chegamos.

P: Sim, sim.

R: E fui preso. Levaram-me para Salvaterra<sup>350</sup> estive ali preso. Ponteareas estive lá uma semana. Pagou-se a multa de 13 Kg de amêndoa que trazia de volta. Entregaram-me às autoridades portuguesas, meteram-me na cadeia aqui em Monção, na Cadeia Ibérica. Agora é um lar. Estive

---

<sup>349</sup> Município de Espanha (Galiza) pertence à província de Pontevedra.

<sup>350</sup> Município espanhol adjacente a Monção.

ali 24 horas e fizeram-me umas perguntas no tempo da PIDE, que era a PIDE naquela altura. E puseram-me em liberdade.

Pronto, o contrabando continuou. Dali a mais uns dias eu continuei. Depois com 18 anos tornei ser preso outra vez com Chatarra<sup>351</sup>. Naquela altura 40 Kg de chapa ou coisa parecida. Dali já fui directo a Pontevedra, à cadeia de Pontevedra. Estive lá mais 8 dias, em Pontevedra. Pagou-se a multa daquilo, tornei vir para as autoridades portuguesas. Cadeia outra vez, aqui em Monção. Torna mais umas perguntas nas autoridades, liberdade outra vez. Fui prá tropa, fiz a tropa. Vim da tropa fui pra França. A França não deu, tornei para Portugal.

P: Isso foi mais ou menos em que anos?

R: Ora bem, isso foi... A tropa.

Dona Maria: 1964, em 61. Foi em 61.

R:Eu com 18 anos fui preso a segunda vez, não é?

P: Sim, sim.

R: Depois passou-se, claro. O tempo foi passando e fui prá tropa. Fui prá tropa já casado, tinha casado. Nessa altura já estava casado. Vim de regresso da tropa, estive aqui uns dias poucos e iludido fui prá França. Fui preso. Também nos altos Pireneus fui preso. Fugi às autoridades francesas.

Dona Maria: (risos) Foi a salto, a salto.

R: A trancas e barrancas fugi das autoridades. Eu e mais um companheiro, mas fomos ter ao destino que estava determinado lá. Trabalhos? Vimo-nos lá e desejamo-nos para arranjar trabalho, porque não faziam papéis lá onde nos caímos naquela altura. Mas, pronto, lá arranjam trabalho. Lá um gajo qualquer, lá um vigarista que nos orientou para arranjar trabalho. Mas, pronto, fez-nos os papéis. Fizeram-nos os papéis e fizeram-nos... Levei a minha mulher prá lá e um filho que tinha naquela altura.

Dona Maria: Passados dois anos.

---

<sup>351</sup> Palavra utilizada para definir sucata, ferro-velho.

R: Sim, passados dois anos. Tive e foi em 61, não é? 62.

Dona Maria: Foi em 62.

R: Foi em Outubro, Outubro de 62. Teve lá 7 meses comigo, pouco mais ou menos. Aquilo não dava, aquilo deu para o torto. Vim-me embora. Regressei ao contrabando outra vez e isso foi em 65. Fui preso passado pouco tempo outra vez. Tornei ser preso com 25 anos, pouco mais ou menos.

Dona Maria: Era já era mais Luís. Já tínhamos um filho com 12 anos.

R: Pois, 25 ou 30, não interessa. 25, 27, 28, não interessa. Fui preso outra vez e fui a Pontevedra. Pontevedra mais uma semaninha ali. Pagar a multa, vir de regresso, entrar na cadeia aqui, e continuou o contrabando. O contrabando continuou sempre, até que ele acabou.

P: Pois. Qual é mais ou menos a data? Não há uma data fixa? Mas mais ou menos em que...

Dona Maria: Antes de se entrar na CEE<sup>352</sup>.

R: O contrabando foi quando acabou a CEE. Quando entramos na CEE foi quando acabou o contrabando.

P: Mas o contrabando que se fazia depois já não era o mesmo contrabando?

R: O contrabando desde que começou a funcionar a ponte, aqui, pronto. A ponte em Valença sempre houve ponte, não é? Internacional. Mas desde que houve a ponte aqui, ponte em São Gregório, ponte aqui no Penso e tal. Contrabando se havia contrabando, automaticamente que fazia-se por ponte. E ainda hoje creio que ainda há contrabando.

P: Sim, há contrabando, mas agora...

R: Agora é o tabaco...

Dona Maria: Sim, mas tu fazias pela ponte...

R: Eu pela ponte nunca fiz contrabando. Eu foi sempre pelo rio.

P: O quê que fazia fora do contrabando?

---

<sup>352</sup> Comunidade Económica Europeia. Estabelecimento de um mercado único europeu, uma das bases fundamentais da União Europeia.

R: O quê que fazia no contrabando?

P: Não, fora do contrabando?

R: O que é que eu fazia?

P: Sim. Qual era a sua profissão?

R: Nada!

P: Dedicava-se sempre ao contrabando?

R: Eu sempre me dediquei ao contrabando.

P: E fazia contrabando sozinho ou tinha um grupo?

R: Tinha grupos. Em princípio, quando comecei, era eu mais o meu irmão.

P: Sim. Eu ia-lhe perguntar se tinha familiares. Pronto, já tinha o seu irmão. Mas os seus pais faziam também?

R: Depois fizemos uma sociedade entre eu, o meu irmão. O meu falecido pai também fazia uma parte da sociedade e outro senhor que morreu, chamado Pepe. Éramos 4 na sociedade. O meu pai fazia de cá qualquer coisa, ajudava a fazer qualquer coisa. Mas quem trabalhava era eu, o meu irmão e esse Pepe, não é? Tivemos muitos anos ali na sociedade.

P: E havia alguém que mandava mais? Ou era tudo igual?

R: Não, geralmente quem mandava mais. Automaticamente era eu sempre o que ia, era sempre o mais «afouto», era sempre eu que ia. Era eu que ia para lá, que controlava. Era eu que estava sempre em cima dos acontecimentos. O meu irmão era mais o bateleiro, era mais do trabalho, era mais de cabeça. Era mais o que andava com a cabeça à frente do serviço. E isso depois pronto, aquela sociedade acabou. Depois o meu irmão montou um café. Montei uma garagem onde está ali agora o Mota&Mota<sup>353</sup>, ali à beira do Chiote<sup>354</sup>. Montei uma garagem, mas também aquilo não dava. Acabei por montar uma sociedade com Pires, esse que morreu.

(...)

---

<sup>353</sup> Oficina de venda e reparação de Motas em Monção.

<sup>354</sup> Churrasqueira localizada em Monção.

R: Tinha uma sociedade com ele também. Arranjamos aí bastantes trabalhos um com o outro. O contrabando foi escasseando e depois chateamo-nos um com o outro. Apartei a sociedade com ele e fiquei eu sozinho. Tinha um sócio da parte de lá, um espanhol. E pronto foi aí quando... Até foi quando ganhei mais um bocadinho de dinheiro, nessa altura. Foi quando surgiu um bocadinho de tabaco, o tabaco Marlboro e essa merda. Tabaco estrangeiro, não é? E pronto, o contrabando foi acabando. Foi acabando e acabou por acabar. E bastante pena tenho que tivesse acabado o contrabando. E depois aventuras. De aventuras do contrabando, muitas.

P: Quando começou a fazer contrabando quais eram os principais produtos que se levavam e que se traziam?

R: Era mais o café.

P: O café era o principal? Sim.

R: Na altura em que comecei com a tenra idade era mais o café. Café pra lá e amêndoa pra cá. E depois havia outras coisas, havia... tudo era contrabando. Era nas alturas do Natal: bebidas, uvas passas era muitas coisas que vinham pra cá. Era, amêndoa, era coisas que davam, pronto. Havia coisas que davam pra cá e outras que davam pra lá. Marisco congelado pra cá, marisco fresco pra lá, peixe e não sei quê. Ameijoa, levei toneladas de ameijoa pra lá prá Espanha.

P: E também ia variando conforme as épocas, alguns produtos?

R: Ora bem. Claro que havia épocas do contrabando. Por último ficou, o que ficou ultimamente, foi, foi, peixe, chirelos<sup>355</sup>. Passei toneladas de chicharro, desse Chirelo pra cá. Muita coisa, muita, muita. E portanto, tudo dava dinheiro: farinha, açúcar, arroz, bacalhau. Tudo isso, tudo, tudo, tudo era transbordo. Tudo o que dava, tudo o que dava uns tostões. Como eu digo, tudo dava dinheiro, tudo se passava. Depois havia os transtornos de perder, às vezes, de um lado ou do outro. Que se perdia muitas vezes, não é? Quantas e quantas vezes, a gente pensava que ia ganhar e perdia, não é? Mas, pronto, aquilo dava.

Dona Maria: Mas era uma pessoa que arriscava, sabe? Não tinha medo e pronto.

P: Onde é que normalmente ia levar os produtos em Espanha?

---

<sup>355</sup> Palavra de origem galega utilizada para referir uma espécie de peixe. Em Portugal é conhecido por Carapau.



R: Geralmente era. Quando era no tempo do café, tinha clientes ali. Já tinha ali uns certos clientes.

P: Em Salvaterra mesmo?

R: Não era bem Salvaterra. Era aqui esta parte mais em frente aqui às Caldas<sup>356</sup>. Este lugar aqui tinha aqui certos clientes. Automaticamente já morreram todos, infelizmente. Os velhotes já morreram todos. Tinha aqueles clientes certos que levava duas cargas prá qui, duas cargas prá cola. No tempo do Sical, por exemplo, que eram cargas de 20 Kg de Sical. Bolsas, duas dentro de um saco fazia 20 Kg, 40 ou 48 Kg, levávamos aquelas cargas. Tinha homens que iam carregados, levávamos uma dúzia de cargas, por exemplo, dessas. Os homens levavam cada qual uma prá li, outra prá cola e entregávamos aquelas cargas em certos sítios. Ao fim de semana íamos fazer contas e todas as semanas fazíamos contas. Quando havia dinheiro para partir, partíamos. Quando não havia dinheiro...

P: E quais é que eram, mais ou menos, os rendimentos?

R: Nunca era certo. Mas sempre havia, quase sempre havia.

P: Mais ou menos.

R: E ainda tinha que repartir com alguns Guardas (risos).

P: Sim, sim.

R: E depois havia a autoridade que havia que pagar.

P: Pois. Era isso que eu também queria perguntar. Se normalmente eram subornados?

Dona Maria: De parte a parte, quando havia passe...

R: Havia alturas que nós, pronto, estávamos avençados aí com o pessoal da parte de cá. Quando a coisa estava pouco mais ou menos bem. Tínhamos aí no posto e estávamos avençados com eles.

P: Então cá nunca havia assim problemas?

R: Não cá, não de cá, geralmente, era muito raro perder.

---

<sup>356</sup> Área localizada na vila de Monção.

P: Em Espanha é que eram mais... A Guarda Civil era mais...

R: Era para nós que era sempre a salto. Havia quem trabalhasse a passe.

Dona Maria: Ainda temos um... Ele agora até está reformado. Ele era capitão. Ele esquecesse-se, pronto. Ele um dia foi prá lá...

R: Eu não me esqueço, estou a fazer as perguntas. Tu estás a querer entrar tu no negócio.

Dona Maria: Eu estou a entrar porque lembro-me mais. Quer-se dizer, ele ia pra lá com a batela carregada de tabaco. E o sargento dos carabineiros, ao abeirar, saltou-lhe pra dentro da batela. E ele pega e arranca pra cá com o Sargento.

P: Dentro da batela?

Dona Maria: Dentro da batela, os tiros. Mas, claro, não atiravam para dentro da batela porque vinha o Sargento dentro. E ao chegar cá estiveram a falar tudo, depois ele foi leva-lo lá. E o rio ia grande. E para não molhar os pés passou-o a cavalo. Ele é um grande amigo. Ainda esteve aqui há um ano e tal. Um senhor que se chama, senhor Francisco. Um grande homem. Amigo, amigo. Eu só lhe dizia às vezes quando ia à Espanha: «Oh senhor Francisco... Oh mulher cala, cala. Calma, calma». Era assim.

P: Pois. E houve mais episódios ou lembra-se de mais alguns episódios, onde tivesse havido algum contrabandista ferido ou...

Dona Maria: Não, não, feridos não.

R: Houve alguns que foram presos na altura aí.

P: Sim, prisões.

R: O Clides que morreu ainda há pouco tempo. Não sei se conheceste o Clides? Que trabalhou na Câmara. Esse, na altura, a última vez que eu fui preso, ele foi preso comigo também. Teve em Pontevedra comigo. Clides, estás a ver quem é o Clides?

Dona Maria: Era um que trabalhava na Câmara.

R: Esse foi preso comigo. E doutra vez também um rapazito que trabalhou aí comigo, também já morreu. Também foi preso comigo. E vários.

Dona Maria: E ele fazia coisas que nem queira saber. Havia uma, não sei se é do teu tempo. Em frente aos Neris<sup>357</sup> havia uma, uma casinha que era dos carabineiros. Já não deve ser do teu tempo. E ele ia espiar os carabineiros. Ele ia prá lá para espiar os carabineiros. E os carabineiros chegavam ali e pousavam a bicicleta. E traziam o almoço ou sei lá o que era. E ele ia, caladinho, espia-los a ver se eles estavam lá. Diz que traziam o almoço preso na bicicleta. Ele pegava, tirava-lo e comia (risos). Há coisas que só visto.

R: Muitas aventuras, muitas.

Dona Maria: Muitas aventuras.

P: Pronto. E então, normalmente, fazia contrabando ali na zona das Caldas? Tinham sempre o mesmo sítio?

R: Nunca passei de Salvaterra pra baixo.

P: Sim. Mas tinha normalmente o mesmo sítio? Ou iam variando?

R: Não, variava. De Salvaterra todos os locais estavam determinados. Nós tínhamos aqueles locais baptizados: era a Pesqueira nova, era o Toninho, era a Pesqueira do Mon que era em frente às Caldas. Era em cima na Caseta, era no Morro<sup>358</sup>. Tínhamos aqueles locais. Nunca tínhamos sítio certo por onde ir.

P: Exacto, nunca tinham sítio certo.

R: Hoje íamos por aqui, amanhã por acolá, depois acolá, pronto. Em princípio nós não controlávamos... íamos à toa. Íamos daqui, carregávamos o barco ou a batela, seja naquela altura. E chegávamos lá, uma espia e tal. Saíamos pra fora e naquela altura até se perdia com mais frequência, porque pronto. Depois, mais tarde, então quando eu comecei a ter mais um bocadinho de noção do contrabando. Porque a gente isto é como um emprego. Eu comecei a ter um bocadinho noção do que era a vida do contrabando, porque a gente é como um emprego. Como outra coisa qualquer. Começa a ganhar, conforme passam os anos a gente vai aprendendo. E eu, pronto, eu ia pra lá muitas e muitas vezes. Eu ia pra lá sozinho, a nado. No Verão ia a nado pra lá, ponha a roupa à cabeça, a nado pra lá. Punha-me em determinado sítio a controlar a pareja. Chamávamos nós a pareja, são dois carabineiros. Automaticamente iam

---

<sup>357</sup> Zona de Monção voltada para Espanha.

<sup>358</sup> Zonas de passagem de contrabando localizadas em Espanha.

passar naqueles locais onde eu me punha. Eu via passar os carabineiros pra cima ou pra baixo. E de cá estava o barco carregado com os homens ali à espera. Eu fazia o sinal. Naquela altura, nos primeiros tempos, era com luminho. Acendia o lume, ponha assim uma senha com o lume aceso para dar o sinal. E pronto, a batela arrancava pra lá e fazia-se o serviço. Depois, mais tarde, vieram os walkie talkies, não é? Tínhamos um aparelhinho de um lado e doutro e já falávamos. Era mais, mais completo. E pronto, naquela altura era mais, era uma coisa mais perfeita. Mas mesmo assim, acabávamos por não deixar de perder muitas vezes. Porque ainda me recordo uma vez que aqui mesmo em frente, nesta pesqueira em frente às Caldas. Chamávamos-lhe a pesqueira do Mon. Eu tinha controlado a pareja. Ainda está aí um rapaz, que está vivo, que ainda o pode contar, que passou-se com ele. Tinha controlado a pareja. Tinha passado pra cima a pareja, os dois carabineiros. E eu fez sinal para o barco ir pra lá. E começaram a sair as cargas. Quando começaram a sair as cargas, (murro na mesa) estavam dois metidos lá dentro naquele bosque (murro na mesa) e saíram. E apanharam ali duas cargas de café. E chega um homem que é o Firo. Um rapaz chamado Porfirio está aqui em Pousa. Chega onde a mim, muito aflito, à linha que estavam ali os carabineiros. Mas eles nem acenderam o foco, nem deram tiros, nem deram nada. Eu topei aquilo um bocado estranho. Não quis acreditar nele e venho por ali pra baixo. Eu e mais ele, para um lado e para o outro, era um escuro do caralho.

P: E não viram nada?

R: Não vi nada, nem o diabo. Olho pra um lado e pro outro e digo: «Oh pá aqui não está nada. Não está nada, não está nada». Quando venho pra baixo, o meu espanto, vejo as capas dos carabineiros e dois sacos de café por baixo das capas.

Dona Maria: (risos)

R: E não é o meu espanto, agarramos cada um em seu saco e torna tirar o saco por ali pra cima. E depois ponho-o em cima de um barronco<sup>359</sup>. Que chamamos-lhe nós um barronco. No lado de cima da linha a ver o panorama, como é que aquilo ia acabar. Eles foram atrás da batela porque a batela veio pelo rio pra baixo. E eles queriam ver se apanhavam mais alguma coisa. Mas não viram mais nada. A batela veio para Portugal. E o meu espanto vejo vir uma máquina dessas... da cascalheira que estão em baixo ali a trabalhar. Lá pediram à máquina pra vir acima

---

<sup>359</sup> Não possuo uma definição concreta para este termo. Pelo que percebi, tratava-se de uma elevação nas imediações do caminho-de-ferro.

buscar os... Porque agora aquilo está cheio de eucaliptos, mas antigamente aquilo era um campo plano por ali pra cima até à pesqueira. Bem, uma máquina, uma retro dessas para vir buscar os sacos cá em cima. E eu de cima da linha a ver o panorama. Quando chegaram ali e viram só as capas e não viram os sacos! Oh meu filho, eles começaram ali a gritar. Era um Sargento que tinha-me um nojo, tinha-me uma raiva aquele homem (a rir). Ele se me apanha parece que me comia naquele dia. Começaram pra li a gritar um com o outro. E pronto, aquilo passou. Passou e eles mais tarde comentaram que nós ainda fomos sérios porque lhe deixamos as capas. Ainda bem!

Dona Maria: (Risos)

R: Ainda foram muitos sérios os portugueses que lhe deixaram as capas (risos). Mas como esse foram muitos. Outros mais lá em cima também. Uma vez, também lhe roubamos lá uns sacos a outro carabineiro que me tinha apanhado as cargas também e pronto.

P: Aquilo era tudo à noite? Fazia-se sempre à noite? Faziam muitas viagens?

R: Sempre à noite, geralmente era sempre de noite.

P: E quantas viagens faziam, mais ou menos? Não se lembra?

R: Aquilo era uma vez por noite sempre, era só uma vez.

P: Era?

R: Tínhamos alturas que íamos hoje, amanhã e depois.

P: Enquanto desse?

R: Passávamos às vezes semanas ou meses que não havia que fazer, depende.

P: Pois. E as cargas? Quanto é que era mais ou menos o peso?

R: O café era um saco de 60 quilos

Dona Maria: Às costas...

P: Sim, carregavam as costas?

R: Tivemos que andar 3 ou 4 Km com elas às costas, depende onde era o destino. E depois de andar 3 ou 4 Km com elas as costas, muitas vezes perdia-se no destino, onde eles estavam já para carregar. Uma vez tinha lá 24 sacos para carregar, já prontinhos. E depois vinham outros carregar nos carros para levar para Ourense<sup>360</sup>, não é? A mim só me pagavam o transporte da mercadoria. Pagavam-me um «X» por quilo e depois vinham os carros carregar. Quando já tinha lá tudo no destino, desviado 4 Km daqui do rio lá em cima, perdi lá por várias vezes. Os cães a ladrar, pela denúncia, ou porque desconfiassem. Ou por coisas, perdia lá. E houve uma vez um senhor chamado Rito que era mal esse carabineiro. Filha da mãe, uma vez estava o carro a carregar. Eram 12 sacos que estavam para carregar. E já tinham entrado 9 sacos dentro do carro. E ele vem por ali pra cima, e manda 2 tiros. 3 sacos (murro na mesa), caíram 3 sacos sem entrar pro carro. E o gajo estava ali de volta dos sacos e eu estava em cima de um barronquito. Eu e mais dois. Um que já morreu que era o Pepe. Não sei se conheceste, se não conheceste. E o Zé do Manco. Estávamos, estávamos. Estávamos, ficaram dois comigo em cima de um barronco. E digo eu pra eles. Isto são coisas sagradas, não estou a regar. E digo eu pra eles: «Olha eu vou acolá por trás fazer barulho acolá no meio daqueles... daquele monte acola e ele vai ir atrás de mim a ver se é alguém que vai a fugir. Enquanto ele vai atrás de mim vos fodeis-lhes dois sacos». Eu pensei assim e assim foi. Eu vou por volta faço lá um barulho, o gajo vai atrás de mim com o foco e os gajos foderam-lhe dois sacos. Oh homem do caralho, o homem. O homem ficou outra vez. Ficou fodido...

Dona Maria: Era a lei do mais forte.

R: Ele ficou: «Vos trouxe-me os sacos, porque eu faço eu aconteço, porque isto, aquilo e tal». Mas levou aquele e contentou-se com ele. E aconteceu assim.

P: E pronto.

R: Nessa tal casinha branca que a minha mulher disse, que existia aqui em frente ao Copita.

Há uma casinha branca ali, uma casinha branca. Uma vez, eu não sei se está a gravar.

P: Está a gravar está.

R: Era uma noite de luar muito bonita. Eu também andava a controlar, andava a ver o panorama. Mas também aí fui eu que fui burro, também. Bem, eu ia pela linha pra cima e

---

<sup>360</sup> Província pertencente à Galiza.

estava um luar como dia e eu bem vi vir o carabineiro. Como daqui para acolá pro portal lá pra cima, eu bem o vi. Digo assim eu: «Bom vou-lhe dizer os bons dias, ele dá-me bom dia e deixa-me passar». Conforme passo por ele para lhe dizer bom dia: «Bom dia». E pimba, o gajo bota-me a mão. Um tal Maxim chamavam-lhe o Maxim. Colocou-me à frente dele: «Anda comigo, anda lá pra baixo». Meteu-me nessa caseta branca. Jugou-me na caseta branca, meteu-me lá dentro. Meteu-me lá dentro. Meteu-me a algema neste braço e a outra parte da algema no ferrolho da janela, onde fecha o ferrolho da janela. Meteu-me ali, meteu-me ali preso. O gajo sai por ali. Sai foi saber do companheiro. Demorou pra e uma hora ou coisa parecida. Não deu com o companheiro. E eu enquanto ele foi saber do companheiro comecei a mexer naquela porcaria. Mas aquilo conforme se mexe, as algemas, quanto mais se mexe aquilo mais aperta e acabou por me apertar mais um bocado. Ele chegou: «Que estás bien?». (senhor Luís): «Não aperta-me isto aqui, aperta-me muito». O gajo vai ali desaperta-me mais um bocadinho as algemas. Desapertou um bocadito e tornou sair. E eu com o luar que estava bem o vi ir pela beira do rio para baixo. Foi saber do colega outra vez. E eu comecei a mexer nas algemas muito devagarinho e quando tal...

P: Saiu?

R: Boto a piroca de fora... (risos)

Dona Maria: (Risos)

R: Foi autêntico! Que eu não me levante desta cadeira. Mijei na mão. Foi autêntico que eu não me levante desta cadeira. Mijei na mão para umedecer a mão e solta-se a algema. E eu caralho todo aflito para abrir a janela. Pensei que a janela era de abrir pra dentro, mas não era. Era de abrir pra fora. E eu todo atrapalhado. Quando tal empurro a janela, abre, e eu pimba salto pra baixo que era uma altura de dois metros, pouco mais ou menos. Saltei. Fui ter com os meus colegas que estavam lá em cima na Quinta do Mon<sup>361</sup>. Entro lá na cozinha, contei-lhe o panorama. E, até hoje, nunca mais soube, nunca mais soube de nada. Sei que ficaram lá as algemas penduradas e eu fui-me.

Dona Maria: (Risos).

R: Aventuras dessas muitas. Mas muitas, muitas, muitas.

---

<sup>361</sup> Quinta localizada em Salvaterra.

P: Mas acha que ao longo dos anos, até 70. Foram facilitando, as autoridades espanholas? Ou foram sempre mais rígidas?

R: Facilitar nunca facilitavam. Porque nós nunca tínhamos conhecimentos com eles. Muito raras vezes, muito raras vezes.

P: Mas mais para a parte do fim. Já não andavam tanto em cima?

R: Antigamente eles trilhavam o rio, aquilo era com os fentos. Parece que nasciam em todos os lados. Eles batiam isso aí. Os caminhos pela beira do rio estavam tão trilhados deles, que aquilo... aquilo não nascia uma erva.

Dona Maria: Aquilo não era como no lado de cá.

P: Do lado de cá facilitavam?

R: Agora não, agora não. Ultimamente, os carabineiros já andavam de carro por um lado e por outro. Só onde entrava um carro é onde eles vinham. Aqui em frente às Caldas. Em frente às Caldas não, em frente aos Neris, onde vem um carro. Lá em cima e tal. E pronto, a gente era melhor de controlar. Facilitava-se mais, já não entravam em qualquer lado. Era mais fácil, muito mais fácil. E havia mais uns conhecimentos como esse tal cabo que a minha mulher falou agora. Era um gajo porreiro que me deu umas facilidades.

Dona Maria: Jesus! Ele controlava, estava lá dentro na secção.

R: Ele não me apanhou com tabaco nada. Ele é que andava, ele...ele sabia que eu que andava a passar umas bolsas de tabaco e queria-me apanhar com tabaco. Porque ele com outra coisa qualquer deixava-me passar e não se preocupava com isso. Ele andava em cima de mim.

Queria-me apanhar com tabaco. E uma vez eu estava a carregar umas caixas da parte de lá.

Que nem sabia o que era. Eu nem sabia o que era. Eram umas caixas que depois acabei por saber o que era. E os homens vinham carregados para dentro do barco. E eu tinha o barco todo carregado com umas caixas grandes. E ele mete-se no meio dos homens também, de sapatos de pano. E saltou pra dentro do barco. Saltou pra dentro: «Ah, até que enfim que te colhi e tal».

Pistola em punho. E eu disse-lhe ao meu sobrinho, estava eu e o meu sobrinho bateleiro: «Ala! Batela para Portugal». Ele todo atrapalhado pelo meio do rio. Botou-me um remo ao rio, o remo veio pelo meio do rio tal. Mas nós, a trancas e barrancas, abeiramos em Portugal. E diz ele:

«Porquê que fugiste?». (senhor Luís): «Fugi porque tenho que fugir». (Carabineiro): «O que que trazias aqui?». (senhor Luís): «Olha, não sei o que é». Abriu uma caixa e o que que havia de ser?



Etiquetas. Uma caixa de etiquetas pra pôr na roupa, dessa porcaria de pôr na roupa.

(Carabineiro): «E então se era isso porquê que fugiste?». (senhor Luís): «Fugi porque eu fujo sempre». E pronto, depois até acabei por tira-lo às costas pra não molhar os pés. Tinha um barco mais em cima e acabei por leva-lo para Portugal. Pró lado da Espanha. Estava lá outro carabineiro colega dele. Ui! Ele saltava: «Coño! Porque eu faço, eu aconteço» (Risos). Digo-lhe eu: «Olha conforme saltou o nosso cabo prá qui, se saltas tu, ias tu também pra Portugal». Diz ele: «Cala-te, cala-te Luís, deixa lá. Eu vou embora. Vou leva-lo e ti passa o resto». E assim foi. Foi-se embora. Eu acabei de passar o resto e a partir daí foi um gajo que me facilitou muito a vida. Muito amigo, muito amigo.

P: Cá em Portugal é que pronto era mais...

R: Cá em Portugal? Cá em Portugal havia bons papadores.

P: Era dinheiro ou em géneros.

Dona Maria: Dinheiro, dinheiro!

R: Dinheiro, dinheiro!

P: Mas não havia assim um que dissesse: «Eu não facilito. Eu quero é...».

R: Havia muitos! Havia muito que não facilitavam. Houve certos fulanos aí que não queriam, não queriam. Nem fodiam, nem deixavam foder. Ainda há um que ainda está vivo. A maior parte deles já... já quase que morreram todos, a bem dizer. Todos esses mauzinhos morrerão todos. Só está um da minha, que eu saiba, só está um vivo ainda. Que esse nunca quis nada, mas também nunca se meteu em nada. Fazia o serviço dele e nunca se metia com ninguém. Fazia o serviço dele. Havia outros que tanto estavam de serviço. E quando não estavam de serviço varejavam também.

P: Também andavam no contrabando?

R: Não andavam, mas andavam ao deles.

Dona Maria: Andavam ao dinheiro.

R: Andava um gajo que é daqui de S. João de Longos Vales que já morreu. Que esse estava de serviço e quando não estava de serviço vinha também. Vinha fazer, vinha ver se acaçava. Vinha

era, era papador. Não lhe chegava o que ganhava.

P: Pois, podendo encher mais um bocado os bolsos.

R: Havia esse Vieites que era mauzinho. Havia o Marques. Havia o... havia uma quantidade deles que eram... Havia também... havia uns bonitos aí. Havia certos fulanos que eram traidores, muito traidores. Guardas muito traidores aí. Havia bons fulanos aí. Houve esse Cabo. Esse Sargento de Guimarães que esteve aí. Tenente Guimarães, não sei se te recordas já não é do teu tempo.

P: Não, já não é do meu tempo.

R: O Tenente Guimarães que foi um tolinho. Que veio prá e armado em burro. Podia ter ganho uma fortuna aí, naquela altura, e nunca quis. Fodeu o carro dele, fodeu o carro da mulher. Fodeu tudo pra e, nunca ganhou um tostão.

(...)

R: Entretanto veio outro prá e, depois, no canto dele que encheu a pavana. Ganhou pra e uns milhares valentes. Um gajo que desde Viana. Eu creio que desde Viana até São Gregório o gajo tinha tudo apertado. Ia-se ali levar a mesada ao gajo ali. Ganhou fortuna aí o gajo, fez fortuna aí. Ele vive naquelas casas ali nos Limas. Ali em baixo ao ir prá Lodeira. Ganhou muito dinheiro! Pronto, esse trabalhou, ganhou e deixou ganhar.

Dona Maria: O que digo e realmente era verdade. Era um tempo que as pessoas iam trabalhar. E depois, à noite, iam ao contrabando. E em Cortes ganhavam a vidinha e tudo vivia.

P: Sim, aqui das freguesias Cortes é tida como tendo mais contrabando e mais contrabandistas?

Dona Maria: Era Cortes, era, era

R: Toda a raia, toda a raia vivia. A maior parte, toda a gente. Eu creio que não havia ninguém que não andasse no contrabando.

P: Sim. Mas acha que era a freguesia onde havia mais volume de contrabando?

R: Cortes, Cortes, Lapela. É o que eu digo, toda a raia. Tudo o que estava à beira do rio, toda a gente. Uns mais e outros menos. E não só. Gente que vinha mais de longe, que vinha à carga. Vinham ganhar a vidinha deles. Houve muita gente que vinha da parte de cá carregar, levar a carga ao rio. E ganhava-se, naquela altura, 2\$500 por carga. Se tu queres, vinte e cinco tostões.

Mas era dinheiro! Traziam meia dúzia de cargas e aquilo contava dinheiro. E vinham das aldeias, mas à Espanha não iam. Só faziam da parte de cá. E muitos iam pra lá. Nós tínhamos homens. Nós chegamos a andar com 7,8,9,10 homens. Carregavam, faziam duas cargas cada um, três ou quatro às vezes. Levávamos aos 12, 24 sacos, 48, às vezes. Depende das encomendas que tínhamos. Tínhamos noites de levar 48 sacos de café, depende. Então os homens rebentavam aí de trabalho, às vezes. Para fazerem quatro viagens, às vezes, pra muito longe.

P: Às vezes era durante a noite inteira?

R: Noite inteira a trabalhar. E muitos depois tinham que ir para o trabalho deles.

Dona Maria: Ao fim do mês faziam as contas e alguns coitadinhos.

R: Sim, muitos já iam directos. Muitos já vinham dali pro trabalho. A maior parte trabalhava coitados. Não era o meu caso. Eu acabava o meu trabalho e vinha descansar. Claro, era o meu serviço. Mas eles, a maior parte, iam para o trabalho deles. Muitos já lá estão do outro lado. Mas pronto, era uma vida alegre em que eles ainda hoje suspiram por esse tempo. Era uma ajuda que lhe vinha pra eles também e andavam contentes.

Dona Maria: Eu passei noites ali naquilo do Tone Freitas. Aquela construção porque havia o Tenente de Melgaço, chamavam-lhe o Zeca Diabo.

P: Ah! Eu ouvi falar desse senhor.

Dona Maria: Vinha, porque ele também se vinha meter aqui. Então eu tinha um aparelho e estava a espia-lo. E depois comunicava, mas não podia dizer o que era. Só podia dizer: «Passou pra baixo. Ou isto, ou aquilo». Ele passava ali noites e noites. Lá em cima naqueles bairros que há ali à beira da casa do Padre de Troviscoso. Aqui em cima, ali perto daquela quinta que há ali. Porque da floresta, do posto aqui, eles muitas vezes passavam por ali também. E então eu tinha que estar ali debaixo de uma lata, pra ver se não passava gente na altura que eles vinham com a carrinha pra passarem. E então eu tinha que estar ali. Passava noites e noites, eu sozinha. Quando vinha uma ordem dos guardas, que vinham os de Valença. E eu ia daqui à floresta, aqui, ali, acolá, avisar quem ia aqui, quem ia acolá, pra que não os apanhassem. Mas não foi fácil, não foi fácil. Não era fácil. Quando a gente íamos à cama na semana era uma festa, porque num

dormíamos.

P: Os produtos que vinham de Espanha, normalmente, eram comercializados aqui? Ou iam para outras zonas?

R: Iam prá qui. Muitas vezes fomos ao Porto levar. Tivemos aí uma altura em que passamos quantidades de móveis, electrodomésticos muitos também. Móveis, máquinas dessas de jogar. Essas grandes máquinas que estão nos cafés, essa porcaria. Não sei que nome lhe dão a essa porcaria dessas máquinas. Passei centenas dessas porcarias. Algumas grandes como o carai que dava mal jeito. Havia que pegar em pau e corda, dois homens, um de cada lado. Aquilo era mal de andar com elas como o raio. Passei muito disso. Electrodomésticos, muita coisa, mobílias antigas. Passamos disso e fomos várias vezes ao Porto levar dessa porcaria. Levamos uma boa choupada, lá um filha da mãe quedou com tudo lá e deu raia. Um gajo qualquer, vigarista mais que apareceu lá. Ficou com as mobílias, ficou com o dinheiro.

Dona Maria: E era Sargento, não era?

R: Era um capitão qualquer, um capitão qualquer.

Dona Maria: E onde é que iam comprar isso?

R: Iam a Madrid. Coisas antigas, coisas lindíssimas, coisas boas. Mobílias de muito valor, coisas boas. Iam pro Porto. Tinha lá um armazém que ele vendia aquilo. Não sei se vendia, se não vendia. Sei que aquilo ficou tudo a cargo dele e aquilo deu raia, depois não sei. Ele é que ficou com as mobílias, com o dinheiro, com tudo.

P: Acha que o contrabando, nem que fosse de uma forma indirecta, era uma oposição ao Estado Novo?

R: Não compreendi.

P: Acha que era uma afronta ao Estado Novo? Lesava de alguma forma o Estado?

R: O contrabando não dava prejuízo a ninguém. Contrabando quer fosse de um lado, quer seja do outro, não dava para empobrecer ninguém. Eu creio que quem fosse daqui pra lá, que fosse de lá pra cá, não era contrabando que desse para pôr o país pobre. Nem de um lado, nem do outro.

Dona Maria: As mulheres ali na Lodeira. As mulheres iam de manhã e vinham pra cá e traziam peixe. E depois os guardas, se calhavam de estar, tiravam-lhe peixe. Ficavam-lhe com o peixe bom. Lá vinham elas arrastadas, compravam-no, pagavam-no e eles é que gozavam.

P: Sim. No caso das mulheres elas faziam um contrabando mais pequeno.

(...)

R: É muito diferente. Porque aqui, as mulheres ou homens, que trabalham na fronteira, elas só podem perder o artigo. E não havia tiros, nem havia prisões, não havia nada. Enquanto nós estávamos sujeitos a tiros e mortes.

Dona Maria: E morreram, noutros tempos matavam.

R: Não é bem do meu tempo, mas morreram aí. Houve um carabineiro que eu ainda o conheci, que matou 7 portugueses. Eu conhecia-o.

P: Mas antes do Senhor Luís fazer contrabando?

R: No meu tempo ainda, conheci-o. Esse carabineiro conheci-o. Era um tal Alonso, um pequenote, um filho da polícia mais. Ele teve gosto em matar e gabava-se que tinha morto. Ele matou 7 portugueses.

Dona Maria: E sentia-se os tiros. Eu uma vez estava cá em cima, ouvia-se tiros e a gente parece que morria.

R: Aqui quase todas as noites, nos anos 50.

P: Havia tiros?

R: 60/70 por aí. Era rara a noite que não havia tiroteio por aí. Éramos sempre corridos a tiro. Se não era ao ir pra lá era ao vir pra cá. Era sempre aí tiros de meia-noite. Por qualquer coisinha era. Claro, era aqueles carabineiros que vinham após guerra não é? A guerra acabou em 40 e picos, ou 40 e não sei que, não é?

P: A Segunda Guerra Mundial acabou em 45 e a Guerra Civil em 39.

R: Aqueles carabineiros velhos ainda vinham com aquele sangue de poder (murro na mesa). Eles atiravam aí fogo de qualquer maneira, não havia problema nenhum. E malhavam, malhavam.

Dona Maria: Não era fácil, só quem tinha pulso mesmo é que se metia.

P: Só quem tinha coragem. Era preciso coragem.

R: Naquele tempo não era fácil, actualmente...

Dona Maria: É por isso que agora, agora esta... Pronto, desculpa.

P: Não, não tem problema.

Dona Maria: Estes jovens agora não sabem o que foi a vida.

P: Exactamente, não sabemos.

Dona Maria: A vida foi muito dura, muito dura.

R: No meu tempo que eu comecei era, era arriscadíssimo.

P: Mas é verdade. Nós não temos noção do que...

R: Não queiras saber a alegria que eu senti a primeira vez que eu fui à Espanha. Eu senti uma alegria comigo, senti um... sei lá. Que eu era uma criança com 13 anos. Pronto, teria 14 incompletos. Quando eu me vi com um saquinho às costas. Eu e mais meia dúzia de amigos que já partiram todos. Creio que já morreram. Todos eles foram comigo. Embarcamos aqui da parte de cima das Caldas, estava o rio bastante cheio. E foi no mês já de Março ou Abril já assim pro Verão. E então levei o meu petatinho<sup>362</sup> com 10 Kg de café. Embarcamos ali da parte de cima das Caldas. Da parte de cima da azenha ali. Estás a ver onde é a azenha? Chamam-lhe a azenha. Havia ali um morrão muito grande, um morro que havia ali. Fazia ali uma queda de água muito grande e por azar nós bem nos quisemos desviar. Mas não nos conseguimos desviar daquele morrão. Mas lá passamos aquilo e fomos abeirar da parte de lá, na pesqueira do Mon. Naquele relance ali da pesqueira de Mon. E pronto, eu saí atrás dos outros. Saiu um, saiu outro. Eu saí por ali pra cima atrás deles. Avançamos a linha para a parte de cima à beira de um barranco, tem por ali pra cima. Cruzamos a linha pra lá, cruzamos a estrada pra parte de cima. Lá por trás dos montes, lá por cima. Lá pelo quinto diabo, por trás do campo da bola de Salvaterra. Para uma senhora chamada Lola, nunca mais me esquece. Chegamos lá, cada qual com o seu petatinho. Eu com 10 Kg, os outros não sei quantos levavam. Levariam mais com certeza. Entregamos, pegamos. Quem recebeu com certeza foi o meu irmão, não tenho agora

---

<sup>362</sup> Nome de bolsa ou saco. Neste caso, refere-se ao contrabando transportado pelos mais novos, normalmente associado ao café.

ideia disso. Recebeu o dinheirito dos 10 Kg de café, viemos de volta. Uma noite de luar, formidável! Lá viemos outra vez de volta e tal. Batela, Portugal. Eu senti uma alegria, senti-me realizado porque fui à Espanha.(sorriso).

Dona Maria: (Risos)

R: Senti-me contente, uma alegria!

P: Mas havia uma idade ideal para começar no contrabando? Ou era conforme...

Dona Maria: Era a miséria!

R: Não havia nada, não havia nada. Eu creio que ninguém se sujeitou como eu com essa idade. Não digo que alguém da parte de cá, mas quem é que podia com uma carga de 30, 40 ou 50 quilos? Ninguém!

P: A idade ideal seria quando já se pudesse carregar, não é?

R: Se eu fui habituado de pequeninho a andar que nós fomos criados com uma miséria total. Nós éramos 8 irmãos, fomos criados numa miséria total. Muita fome, muita miséria, muito de tudo.

Dona Maria: Agora, agora está tudo: ajudar, ajudar. Antigamente não ajudavam nada.

R: Se soubesses onde fui criado. Aí no meio de umas pasteiras aqui em baixo ao ir prás Caldas. No meio daquelas pasteiras que estão ali de pé. Fomos criados ali todos com uma miséria total. E pronto, a vida ensinou-nos a arriscar e a andar prá frente. E dali começamos então, começou assim. Comecei a ganhar brio naquilo, começou-se a juntar uns tostõezinhos. Comecei a ganhar gosto na vida e não havia outra maneira. Também não havia construção civil, não havia, não havia emprego. Não havia onde ganhar dinheiro. Ou no contrabando, ou às pinhas, como andei muito tempo. Acarreei centenas de sacos de pinhas à cabeça. Cheguei a ir lá pra perto dos Milagres<sup>363</sup> ou o caralho. A botar sacos de pinhas e vende-las ali: dúzia aqui, dúzia acolá na vila e pronto. Sujeite-me, a gente sujeitava-se àquilo. Tinha que arriscar e pronto. Foi quando a vida começou a ser um bocadinho melhor na nossa casa, na casa dos meus pais. A haver um bocadinho mais de conforto, pronto. Eu e o meu irmão a começar a trabalhar e haver um

---

<sup>363</sup> Freguesia do concelho de Monção.

bocadinho de conforto na casa.

P: Como é que achava o estado do País na altura? E agora? Como é que acha que...

R Oh, o estado, o estado. No Estado havia medo. Respeito e medo ao mesmo tempo. Havia quem vivesse bem, mas não vejo quem. Havia miséria total, havia uma miséria total. Porque havia meia dúzia que viviam à grande e à francesa e outros viviam sei lá como. Hoje dizem que há miséria, que há fome, mas eu não acredito que haja miséria e fome.

P: Igual à altura de certeza que...

R: Não, nem se compara uma coisa com a outra. Que se compare uma coisa com a outra. Eu levantava-me de manhã de me ter deitado à noite no meio de uns farrapos, ou no meio de um bocado de palha, que nem cama tinha pra me deitar. Deitava-me à noite talvez com um bocadinho de umas couves, com um bocado de farinha misturada. Que não havia mais nada pra comer. Levantava-me de manhã sem nada pra almoçar. Ia pro monte com uma cana debaixo do braço e um saco. Ia buscar um saco de pinhas até ao meio-dia. E depois vender as pinhas e comprar um quarto de bola. Naquela altura chamávamos-lhe nós um quarto de bola eu e mais o meu irmão. E comer aquele quarto de bola e botar um copo de água onde houvesse. Tornar a ir buscar outro saco de pinhas e à noite comer alguma coisa. Isso é que era miséria. E querer umas calças pra vestir e não as ter. E outras coisas mais. Ter que calçar uns sapatos e umas sandálias velhas da minha mãe pra tirar umas fotografias. Ainda tinha pra e uma fotografia velha. Uma fotografia que tirei quando o meu pai tirou a primeira fotografia de família. Tenho um cinto com um bocado de pneu de bicicleta e uma blusa. E não sei que mais. Aquilo chamava-se miséria naquele tempo. Hoje dizem miséria, miséria. Não há miséria.

(...)

P: Uma pessoa da minha geração só pode imaginar como era. Não sabe como era antigamente. Mas em comparação ao que é hoje as pessoas não se podem queixar.

Dona Maria: Nada, nada, nada. Não há comparança. Eu por acaso num passei. Porque eu, claro, a minha família era uma família de campos e de tudo. Lavradores abastados e tinha um tio que era Padre. E eu fui criada lá. E graças a Deus vivi, num vivi assim, pronto. Mas havia que trabalhar e trabalhávamos muito. E pronto. Mas segundo o que ele depois me contava, cuidado. Eu até ficava... e era verdade.



R: Não era o meu caso o único.

P: Sim, sim. Era generalizado

R: A nossa vila em si. A nossa vila em si era a pior miséria do mundo. Nas aldeias até tinham um bocadinho de terreno e ainda matavam o seu porquito. E tinham um bocadinho de terreno para por umas batatas. Trabalhavam como galegos, mas tinham um bocadinho de conforto. Agora, aqui na vila: Estandarte, Rosal.

Dona Maria: Era uma miséria.

R: Quem conheceu o Estandarte e o Rosal que já não é do vosso tempo. Havia ali um comboio de casas tudo em madeira. Só se ralhava, só havia barulhos, só havia não sei que mais, sei lá.

Dona Maria: Isto agora o que nos mata a nós é que, pronto...

R: O que nos mata a nós é que há muito vício!

Dona Maria: Há muito vício. Não havia discotecas, havia duas no ano. Um baile prá mocidade no teatro e nos bombeiros.

P: Na altura também havia alguns contrabandistas que ganhassem dinheiro, mas que aproveitassem para gastar em vícios?

R: Houve contrabandistas que fizeram fortunas, o Samarras. Estou-me a lembrar do Samarras e outros em São Gregório. Houve quem fizesse fortunas. Mas contrabandistas de grande volume, não é? Trabalhavam em grande, não eram contrabandistas de rio. Eram contrabandos... Porto, a carregar camiões. Trabalhavam na estrada. Trabalhavam legais, contrabando legal, se queres. Não era o pequeno contrabandista de rio. O pequeno contrabandista de rio nunca deu para ganhar fortuna, nem pra ganhar dinheiro. Eu felizmente fui criando a minha família, foi fazendo a minha casita. Foi tudo, devo-o ao contrabando. Foi aí que eu ganhei. Arrisquei, trabalhei, mas não deu pra ganhar fortuna, nem pra fazer riqueza. Deu para ir governando a vida. Porque outros da minha idade que trabalhavam na construção civil ou outra coisa parecida, também não tiveram mais vantagens do que eu, não é? Porque não dava pra ganhar dinheiro. Eu sempre andava com dinheiro no bolso, felizmente. Esta semana não ganhava. Na semana a seguir já ganhava mais algum e a coisa dava. E depois muita economia.

Dona Maria: E o que faz, o que faz um casal. O que faz um casal é que se o homem não é de vida, mas se a mulher é, cuidado! A vida vai prá frente. Se são os dois iguais... Olha, eu digo, vamos aqui e ali. Vamos, vamos. Pronto já está tudo perdido. Eu não é por me estar a gabar, mas sou muito economista. Eu sou muito economista. Eu se puder gastar... Toda a minha vida fui assim, nunca me iludiu o dinheiro. Gosto de poupar, organizar a minha vida, ter sempre. Não me iludo, não me iludo.

R: Não é o caso de iludir. Eu posso dizer que teve algumas noites de ganhar 50 contos naquele tempo, 50 ou até mais.

P: Já era muito dinheiro mesmo.

R: Era naquele tempo, no tempo do tabaco. Estou a falar do tempo do tabaco. Levava, por exemplo, uma noite, levava 50 caixas de tabaco, por exemplo. Dava naquela altura cinco contos por caixa. Tinha que pagar aos homens, tinha que pagar aos guardas, não sei que mais. Tinha uma sociedade com um espanhol. Mas ficava, ficava.

P: O tempo do tabaco já foi mais para o fim?

R: Foi, foi no final. Foi o que eu digo, foi onde ganhei mais algum dinheirito. Foi depois no final, nesses últimos anos do contrabando. Porque o contrabando do café e isso dava pra ir vivendo, mas de resto não assim pra ganhar dinheiro. Dava pra ganhar mais do que a trabalhar por uma arte qualquer. Agora no tabaco sim, no tabaco deu para ganhar uns tostõezitos. Graças a um amigo que ainda esteve um dia destes aqui, que me vem todos os anos visitar.

(...)

Dona Maria: O tabaco era comprado aqui, mas mandavam o dinheiro pra ele pagar. E pronto era assim. Via-se tanta peseta, tanta coisa que não era nossa, vá. Mas a confiança, o coiso que se fazia. A seriedade que havia que hoje não há.

P: Pois não. Agora não.

Dona Maria: É isso, é isso que eu conto.

P: Mas tabaco terá sido já nos finais de 60, 70's?

R: O contrabando sempre existiu do tabaco só que a mim nunca me cheirou.

P: Mas quando fez já foi final de 60?

R: Já foi tarde.

P: Finais de 60/70, por aí?

Dona Maria: Na, 80, 80,80.

R: Foi em oitentas e picos por aí, já tarde. Já muito tarde, já muito tarde

Dona Maria: Mas pronto, mas dava e se calha-se. Pronto, mas passávamos muito. Ele vinha aqui carregar...

R: Cheguei a ter aí 50 caixas de tabaco aí dentro. Aí nessa salinha ali ao lado.

Dona Maria: Era a garagem.

R: Arriscava-se também, não é? De ter aí. Depois com o carro levava-o pra baixo. Olha ali no hotel, quando fizeram a primeira fase do hotel em baixo. Estás a ver quando foi? Não sei se é do teu tempo?

Dona Maria: Ele estava lá de guarda nocturno.

P: Não é do meu tempo, mas sei qual é.

R: Eu estive de guarda nocturno ali e quando estava, à noite, que eu estava de serviço com o carrinho ia pra baixo. Levava 20 ou 30 caixas no carro daqui pra lá. Metia lá de baixo escondidas. Àquela hora ia controlava os guardas ali. Estava ali de serviço, controlava os guardas ali. Já dizia ao pessoal para estarem a «x» horas. Tinha ali um barquinho pequeno já em cima de um reboquezito. Já ia tabaco, já ia reboque tudo junto por ali pelas termas prá baixo.

Dona Maria: Ele esteve ali sempre, quando começou o hotel. Depois deixou. Pronto, não tinham dinheiro ou sei lá.

P: Sim ficou parada. Ficou embargada.

R: Esteve na primeira fase e depois esteve na segunda fase.

Dona Maria: Porque depois lá os engenheiros, veio outra vez chama-lo pra ir. E esteve lá até ao fim no hotel das Caldas. Ganhava, já ganhava 500 e tal escudos...

R: Era 500 euros, ultimamente eram 500 euros por mês.

Dona Maria: 500 euros por mês.

R: Era bem bom.

Dona Maria: Era, vinha assim aquele dinheirinho também.

P: Ai, sim, sim.

R: Havia onde ganhar um bocadinho de dinheiro. Fazia limpeza no café das Caldas noutros tempos.

Dona Maria: Agora não há nada. Estava no hotel e limpava o café das Caldas pelo Verão. Mas também é preciso trabalhar.

P: É, é, também uma pessoa tem que...

Dona Maria: E ainda vinha aquele dinheirinho depois ao fim do Verão.

R: Havia onde ganhar dinheiro, agora não há nada. Agora vem as reformas chupadinhas e não há nada pra fazer.

P: Lá isso é verdade, agora...

R: Isto agora está tudo chupado de uma maneira que não há anda a fazer. E é assim meu amigo. Olha contrabando, mais contrabando.

P: Não tem assim... Não quer contar mais uma história?

R: Histórias assim das mais picantes já as contei, não é? (risos). Também, também de uma vez. Olha, está este azulejo aqui, que está nesta cozinha e está na outra cozinha lá dentro. Uma vez fui eu, mais a minha mulher, a minha filha e uma amiga da minha filha. Também combinei lá com um gajo de Salvaterra que ao meio-dia que me estivesse ali na parte de lá com o azulejo. Que nós íamos lá buscar o azulejo. Lá fomos nós à horinha sagrada eu, mais a minha mulher, a minha filha e a rapariga com o barco pra lá. Quando tal, lá vem o jipe com as caixas do azulejo. Ainda era bastante. Tinha custado 160 e tal mil pesetas naquela altura, parece que foi. Mas os carabineiros lá desconfiaram de alguma coisa e quando eu estava meter as caixas pra dentro do

barco. Isso era ao meio-dia. Tinha meia dúzia de caixas dentro e vem o jipe com 3 carabineiros dentro. Era um Sargento, um cabo e uma praça. E então o Sargento vai e salta pra dentro do barco também. E eu arranco pra Portugal. Mas cheguei ao meio do rio pus-me a pensar: «Bom, isto é de dia. Isto vai dar uma bronca do carai».

Dona Maria: Mas é que nós ficamos.

R: Não ficaste nada.

Dona Maria: Nós ficamos.

R: Não ficaste nada, tu estavas dentro do barco.

(...)

R: Estávamos todos dentro do barco. Os gajos ficaram da parte de lá e eu até ao meio do rio digo assim: «Isto vai dar uma bronca porque é de dia». E dava mesmo bronca. Não ia trazer o Sargento pra parte de cá. Cheguei ao meio do rio, dei a volta pra trás e fui levar o Sargento à parte de lá. E ele se fosse um gajo amável, tinha-me dado ao menos as caixas que estavam dentro da barca. Mas não, descarregou as caixas e levou-as pra Salvaterra. E apreendeu-as e levou-as. E depois teve que o comprar outra vez e teve que o passar de noite.

Dona Maria: A minha filha botou às mãos ao Sargento e disse-lhe assim: «Há-de vir o 25 de Abril prá Espanha. Também veio pra Portugal! Ordinários, ordinários».

(...)

Dona Maria: Ela deu ali uma abanadela ao Sargento (risos).

R: Mas foi de dia, veio também. Veio dar uma volta de barco até ao meio do rio. Isso lá à frente ao posto. Aqui um pouco mais ou menos. Naquela zona ali.

P: E pronto, acho que...

R: Eu tinha o sangue nas veias. Eu a mim os carabineiros e as autoridades eles apontarem-me uma pistola a mim, a dizerem que me matam. A mim não me dizia nada isso. Fui criado no

meio, infelizmente, fui criado no meio da aventura. E a aventura prá mim, escapes e corridas e não sei que mais. Eu metia o nariz em todo o lado, ui tantas coisas meu Deus. Tinha uma agilidade. Pronto, eu parece que nasci prá quilo. Não é prá eu me gabar. Pode dizer assim: «Ah está-se a gabar, está-se a gabar. Está-se a gabar por isso»

P: Não, não, não.

R: Não, não me estou a gabar. Estou a dizer aquilo que era. Eu era afouto, pronto. Eu vi pouca gente que às vezes levava alguns homens comigo. Mas nunca vi ninguém que tivesse coragem como eu tinha de meter o focinho onde tinha que o meter. Agora, às vezes, metia o focinho dentro das casetas pra ver se eles lá estavam e muitas vezes levava um escape do carai. Numa vez ia espreitar numa caseta pra ver se eles estavam lá dentro. Mas o gajo estava mais esperto do que eu e deu-me um escape que me levou o carai. Outra vez ia a meter lá o nariz, mas o gajo deu um peido e digo eu: «Oh filho da puta», autêntico. O gajo antes de eu chegar lá deu um peido: «estais aí?». Deixai-vos estar e pronto. Havia aquelas coisas assim que um gajo vivia a vida. Eu vivia a vida a andar a controla-los. Perdia as noites ali. Às vezes estávamos horas ali. Porque, às vezes, havia aqueles gajos. Às vezes algumas parejas. Chamávamos-lhe as parejas, que eram dois. Às vezes eram aqueles que andavam por um lado e por outro. Mas havia outros que amarravam, estavam ali sentavam-se no sítio certo.

P: E não saiam?

R: E não saiam. E um gajo estava ali horas e horas e horas. E num acabavam por num, às vezes, não poder passar. E eu às vezes tinha que começar dacolá quase em Salvaterra a vir pela beira do rio prá cima. A meter o focinho em todas as casetas a ver onde é que eles estavam, prá tentar passar. E às vezes levava um bom escape. Outras vezes saía-me bem, dava com eles.

Dona Maria: Ele era espia.

R: Porque havia muitas casetas: havia acolá uma no Alto da Picada, em cima, havia outra mais a beira da casinha branca, havia aqui em cima em frente às Caldas, havia aqui uma na Pesqueira do Mon. Havia várias onde eles pernoitavam onde eles se recolhiam, onde eles estavam. Muitos sítios. Esses controlavam-se e eu vivia aquilo.

Dona Maria: E agora querem saber o que era a vida, não? Do contrabando?

P: Sim. Eu quero porque pronto. Agora para fazer o texto e tudo. Preciso de testemunhos para completar o que vou escrever.

R: O que andava à carga. O que andava à carga ganhava o pãozinho dele, mas pronto não tinha responsabilidades. Se corria bem, corria bem. Se corria mau, corria mau, tanto faz. Mas o que tinha que, pronto. Era eu o que tinha que, o responsável das coisas tinha que ser eu. Era eu, era eu que tinha que varejar. E nunca encontrei ninguém. Encontrei um que tinha um bocadinho de... que já morreu. Era o Fernando Galambas. Era meu compadre. Esse era fixe. Podia-o pôr em qualquer lado que o gajo era... podia... E levava-o comigo, às vezes, e também era afouto. Uma vez, quando eu vim da França, os primeiros tempos que vim da França. Engrenei outra vez no contrabando. Cheguei cá e o meu irmão disse-me: «Tens aqui um homem porreiro, firme para o contrabando e tal» E levei-o comigo pra espia. Levei-o comigo e deixei-o ali ao lado da linha: «Tu ficas aqui, põe-te a pau que eu vou colocar-me em tal sítio. Vê se eles passam aqui que eu vou ver se passam em tal lado». E assim foi, deixei-o ali. Passado uma hora eu não vi nada no local onde eu estava e venho ver se tinha passado algum, ou se ele tinha visto alguma coisa. Quando eu chego, ainda vou desviado dele meia dúzia de metros, já sinto aquele (roncar). Cheguei à beira dele. O gajo deu um salto: «Passou alguma coisa pá?». (contrabandista): «Não, não passou nada pá». (senhor Luís): «O caralho que não passou nada. Tu estás a dormir como um porco». Masical, o Masical. Ainda está vivo aí também que ainda lhe conta essa história também. Que ele vem, às vezes, vem aqui à do meu cunhado e conta essa história. Era um bom espia também. Não, sim senhora. Um bom espia.

Dona Maria: E mesmo as pessoas, os vizinhos aqui se viam os guardas diziam: «Olha que os guardas andam por aí». Hoje já não é assim, não há anda disso.

P: Ai não. Isto agora é cada um por si.

R: Nem de cá, nem de lá. Não se podia fazer. Hoje se existisse contrabando, não se podia fazer.

P: Não, não se podia fazer. Agora e cada um por si e...

Dona Maria: E mesmo eu noto isso porque... Eu por acaso não tenho queixa dos meus vizinhos, pronto. Que a gente dá-se todos bem. Mas porque ainda são os mesmos. Mas noto que há muita invejidade, muita falsidade, muita falsidade.

P: Ai há, há. Cada vez mais.

R: Nós, da parte de lá, entrávamos pelo meio dos quintais de toda a gente, dos vizinhos.

Dona Maria: O dono da Quinta do Mon.

R: Eles sabiam que nós que andávamos por ali pelo meio. Pela beira das janelas a vê-los dormir. Pelo meio dos quintais, por um lado e por outro, nada.

Dona Maria: O dono da Quinta do Mon que já morreu, pronto. O dono da Quinta do Mon ele era. Que era ele Luís? Era Doutor.

R: O Don Alejandro? Era advogado.

Dona Maria: Era advogado e ele Jesus. Ainda foi dos que também ajudou a solta-lo quando foi de lá da... não foi ele?

R: Não sei se fez alguma coisa.

Dona Maria: Foi, foi Luís, foi. E deixava-os passar por a Quinta e tudo. Gostava deles.

R: Eu fui criado dentro da Quinta do Mon a bem dizer. Sabes onde é que é a Quinta do Mon? Aqui em frente ao Copita, aquela Quinta ali. Agora deram prá li um arranjo cortaram aquela porcaria toda e aquilo está mais asseado. Aquilo era um bosque ali por dentro que até metia medo entrar ali. Tanto fazia andar com os olhos fechados, como com eles abertos, não se via nada.

Dona Maria: Os caseiros também eram amigos deles.

R: Esteve ali um caseiro muitos anos. Já morreu também, era o Henrique. Vivemos ali muito tempo ali. Trabalhei muito com ele, dentro. Nós ao entrar ali dentro aquilo era sagrado. Que os carabineiros ali dentro não entravam, não podiam entrar. Ai do Don Alejandro que soubesse que os carabineiros entraram ali dentro.

Dona Maria: Pois é assim.

R: E nós ali dentro ao entrar, ao passar a linha, havia ali uma cancela. E nós enfiávamo-nos ali dentro e pronto. Se houvesse qualquer coisa, depois um gajo ali controlava-se. Havia lá uma caseta de um cão grande que lá tinham, uma caseta grande. Portanto, era grande e cabiam 8 cargas lá dentro de café Sical. Um gajo enfiava as cargas ali dentro. Caso houvesse um tiroteio, houvesse qualquer coisa. Que um gajo tenta-se entrar ali dentro, os gajos ali não iam. Porque



tinha lá um cão, ele de pé tinha quase esta altura.

P: Pois era enorme.

R: Ele tinha-lhe uma raiva aos carabineiros. Os carabineiros passavam por ali perto por a linha.

Nós quase sabíamos quando passavam os carabineiros.

P: O cão dava logo sinal.

R: Dava sinal. Não gostava dos carabineiros, não gostava da farda. E tanto que nós, claro. Às vezes eu chegava lá perto da cancela quando me ia colocar prá espiar e ele vinha, e eu quieto! Lá já não havia mais ninguém.

Dona Maria: Pois, já te conhecia.

P: Pois já conhecia, já estava habituado.

R: Era um cão, um bruto animal.

Dona Maria: E é assim. É assim a vida.

P: Olhe, diga-me também o seu nome. E idade também se faz favor.

Dona Maria: Maria da Gloria Gonçalves Afonso e tenho 73 anos.

P: E é natural de Pias, não é?

Dona Maria: Sou da freguesia de Pias.

P: É que assim também meto o seu testemunho.

Dona Maria: Sou da freguesia de Pias. Freguesia, mas sou do lugar de Vila Nova.

P: Sim, sim, mas a freguesia...

Dona Maria: E com muita honra.

R: Espero que este teste sirva.

P: Já me deu aqui muita história. Já tenho aqui muita coisa.

R: A respeito de contrabando, meu amigo!

P: Agradeço.

R: Havia muitas mais coisas, mas...

Dona Maria: E pronto. O livro tu já o conheces.

P: O livro já tenho.

R: É o que eu digo. Isto contado por pormenores dá prá fazer um bom livro. Às vezes fazem-se aí livros com umas coisas sem jeito nenhum...

P: Ai dava para escrever memórias e tudo, dava.

R: Dava pra escrever umas memórias boas e um bom livro. Do meu, do meu princípio. Vim pra cá criança pequena. Fui obrigado a fugir por causa da Guerra de Espanha.

Dona Maria: Pois, por causa da Guerra. Pronto, o meu sogro foi prá Espanha e a minha sogra também foi. E pronto, viviam aqui em Arenteí. E a madrinha dele ainda é viva.

R: Ainda é viva e vamos lá Quinta-Feira, se Deus quiser.

Dona Maria: E a madrinha Jesus. Ele foi baptizado ali. E depois quando foi a Guerra o meu sogro ia levar o pão, trabalhava numa padaria. E os guardas, os carabineiros, apareceram e disseram: «Ei, para aí. Tens que enterrar». Queriam que ele enterrasse um ou dois que mataram. E o meu sogro disse: «Eu tenho que ir levar o pão». E eles ali: «Pois tens que enterrar». Mas eles saíram dali: «Eu vou e venho enterra-los». O meu sogro não enterrou nada. Levou o pão, fugiu e veio trazer à beira do rio ele que era uma criancinha e o irmão. A minha sogra veio. Uns de Cortes já foram à beira do rio prá os trazer. O meu sogro acho que pediu. Acho que falou de lá da beira do rio pra cá, que não havia nada. E depois, à noite, já o meu sogro fugiu também. Porque senão tinha medo que o matassem. E pronto, ele nasceu na Espanha. Depois quando foi pra... coisou-se português. Era filho de portugueses.

(...)

P: Pronto. Desde já agradeço o testemunho e estar aqui a tirar-lhes um bocado de tempo.

### Entrevista 3

Nome: José de Lima.

Idade: 79 anos.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: Contrabandista.

Data da entrevista: 29-12-2014.

P: Poderia dizer o seu nome, a data de nascimento?

R: José de Lima. Nasci a 18-04-1935.

P: E é natural daqui de Monção?

R: De Melgaço.

P: De Melgaço? Sim. E, em que anos, é que fez contrabando?

R: Ora, portanto. Eu comecei já com dezasseis anos.

P: Sim, mas em que datas? Lembra-se, mais ou menos, da altura em que fez? Quanto tempo é que...

R: Como? Quer dizer...

P: Por exemplo. Imaginemos, de cinquenta até sessenta, ou...

R: O contrabando, naquela altura, era muito... Era todas as noites.

P: Sim.

R: Era, mais ou menos. Quer dizer, havia noites que íamos levar só, por exemplo. Tínhamos um, lá um, a quem chamávamos o senhor Pureza de Maia. Que tinha sempre uns clientes espanhóis. E aí por volta do escurecer, éramos sempre uns 6-7, não era mais. Levávamos sacos de café torrado. Umas vezes torrado, outras vezes cru. E depois, mais tarde. Então, às vezes, era outro contrabando mais forte. Que era, por exemplo. Pra lá levamos muito, passou-se muito cobre, estanho, chumbo. Barras que eram assim umas barras enormes. Eram atadas assim no,

à volta dos lingotes, prá gente os levar às costas, magoava. Ora isso. Depois do café então, como digo, era muito cobre, estanho.

P: Mas eu queria-lhe perguntar em que anos é que fez. Lembra-se, mais ou menos, em que anos é que fez?

R: Ora, portanto. Eu comecei pra e com dezasseis, até que fui pra França. Até que fui prá França em 76, parece que foi. Até ali, andei sempre no contrabando. Claro é como digo, uns dias havia mais, outros havia menos. Uma vez, levávamos então isso para lá. O café, estanho e o cobre, como disse. E pra cá trazíamos, muitas vezes. Tínhamos noites de trazer aos dezoito sacos de amêndoa.

P: E fez contrabando aqui em Monção?

R: Fiz em Melgaço e fiz cá também.

P: Sim.

R: Às vezes vínhamos aqui com um camião grande. Vinha aqui, parava ali antes de chegar a Valença. Parava ali assim. E nós descíamos ali aquele rio, que é o Minho.

P: E qual é que era a sua profissão na altura? Tirando o contrabando?

R: Era agricultor. Trabalhávamos na agricultura.

P: Então começou aos dezasseis. Mas havia uma idade ideal para começar? Havia uma idade ideal para começar no contrabando?

R: Não. Nós é que pronto. Desde que a gente fosse voluntário. E, portanto é que eu não queria. O meu irmão que já andava mais cedo. Andou mais cedo que ele era mais velho do que eu. Digo-lhe eu: «Esta noite vou». E diz ele: «Na, na, não vás. Deixa passar mais uma temporada». Mas um parente meu disse: «Vem, vem. Vem connosco». E fui. Comecei então, como digo, devia ter os meus dezoito, dezassete anos. Mais ou menos.

P: Tinha mais familiares, também envolvidos no contrabando?

R: Ui ali era. Nós juntávamo-nos, às vezes, que vinham da freguesia toda e doutras. Havia aos trinta. Vinte e cinco/trinta homens de outras freguesias vizinhas, ali vizinhas. Como Paços e

Chaviães<sup>364</sup> e tudo. E vinham, sabiam que havia o contrabando.

P: Então faziam em grupo?

R: Era, era. Quer dizer, nós trabalhávamos nisso, mas não era por nossa conta. Era por conta de outros. De companhias, não é? Trabalhavam nisso em conjunto com os espanhóis, com os galegos. E é claro que o contrabando durou muito tempo.

P: Ora bem. Explique-me, mais ou menos, como era o trajecto. Onde é que levavam a mercadoria a Espanha? Onde é que era entregue?

R: Nós, por exemplo, quando chegavam. Tínhamos coisas, como acabei de dizer. O café torrado ou cru estavam os espanhóis, os clientes à espera. Tínhamos nós que passar o prá lá.

Atravessávamos o rio Trancoso<sup>365</sup>, porque se fosse no Minho era na batela, não é? Tinha bateleiros que passavam eles o contrabando. Nós chegávamos lá, atirávamos pró chão e eles pronto. Agora no rio Trancoso passávamos nós o rio para o outro lado e entregávamos ao cliente. E depois, quando era então coisa mais bem... Mais coiso... Levávamos nós directos já quase aos armazéns dos galegos, dos espanhóis. Levávamos nós directo.

P: E onde é que ficavam. Lembra-se, mais ou menos, onde é que ficavam os armazéns?

R: Ficavam mesmo ali em frente, quem vai a S. Gregório. Onde eram as alfandegas antes. Tudo aquilo. Aquela parte, desde a fronteira, desde a ponte. Começamos na ponte até à «Notária». Era toda aquela zona.

P: E durante a transacção, durante a passagem do contrabando. Alguma vez teve problemas com autoridades ou com Guarda-Fiscal? Com a Guarda-Civil do outro lado?

R: Ai com a Guarda-Civil houve problemas. No princípio, quando se começou, houve portugueses que... Eu não fui. Eu cheguei, a estarem-me, a prenderem-me. Mandaram: «Oh fulano tal».

P: Lá do lado de Espanha?

R: Sim. O que é que eu fugi-lhes. Mas houve um rapaz, que ainda está vivo, chamavam-lhe o João Rocha. Esse chegaram-lhe os espanhóis a darem-lhe um tiro numa perna. E teve que ir pró Hospital. E houve outro também que era na mesma freguesia, mas era mais de cima do monte.

---

<sup>364</sup> Freguesias do concelho de Melgaço.

<sup>365</sup> Rio localizado no concelho de Melgaço. Era possível transpor este rio a pé.

Esse mataram-no. Porque esse levava as coisas assim... Naquele tempo a Guarda Civil, como chamávamos nós, os carabineiros, não eram pagos. Quer dizer, ao apanharem, pronto, atiravam.

P: Houve gente que também ficou. Conhece alguém que tenha ficado lá preso? Ou não?

R: Não, não. Não me lembro, não. Depois claro, tanto os espanhóis, como os portugueses tinham um «x» ao fim do mês. Que lhe davam as companhias, não é? Tanto de lá, como de cá. E depois eu via-os, muitas vezes. Nós passávamos e eles sentados, mas nunca nos fizeram nada.

P: Mas lá eram mais agressivos? Lá do que do lado de cá?

R: Eram, eram. Eles eram mais. Oh carago!

P: A Guarda-Fiscal facilitava mais a passagem?

R: Facilitava, facilitava.

P: Pronto. Os principais produtos eram: o café era o cobre?

R: Café, cobre e estanho.

P: Iam sempre pelo mesmo sítio fazer contrabando? Ou iam variando? Havia rotas?

R: Ui sim, nunca era... Nunca foi sempre pelo mesmo sítio. Às vezes era mesmo na ponte. À beirinha da ponte, onde está. Pela ponte passávamos, mas era à beirinha. Outras vezes era mais pra cima pra outros. Pela outra parte de cá, chamávamos-lhe a «Notária». Desteriz pertencia à freguesia de Desteriz. Agora, eu fui pra vários sítios. E até pelo rio Minho. Por ali onde chamam a estação de Frieiras, chamam-lhe a estação de Frieiras. Ui Jesus! Ali chamava-lhe... Era um português que estava lá a viver há anos. Chamavam-lhe o «Branquinho». E é pá, ui Jesus! Aquilo pra ele até chegaram a parar os comboios. O comboio de carga, de noite, a parar. Levávamos pra lá, pra depois carregar o vagão. Outras vezes descarregávamos nós o vagão, quando vinha pra cá. Descarregávamos o vagão pra fora e depois trazíamos pra cá.

P: E quais é que eram as cargas máximas? Lembra-se, mais ou menos, das cargas que se podia?

R: As que vinham de lá pra cá, de amêndoa, eram, mais ou menos, 60-65 Kg. O café tinha 60-65 também. E os lingotes era, mais ou menos, entre 65-70 Kg.

P: E quantas vezes é que se podia? Faziam várias viagens, por noite?

R: Ai, sim. Sim, sim.

P: Enquanto desse faziam?

R: Quantas vezes havia. E levava-se aquela carga, como nós dizemos, não é? Levava-se, ia-se buscar outra. Por exemplo, às vezes. Eu tive noites, eu e outros que eram como eu, fortes, naquela altura. E levávamos, chegamos a levar às 10 e 12 cargas.

P: Podia durar a noite toda?

R: Podia, podia.

P: Até de manhã? Depois de manhã vinham e iam trabalhar?

R: Quantas vezes vínhamos de manhã e nem íamos prá cama. Por exemplo, se calhasse no mês de Abril e Maio, vínhamos, comíamos bem. Tínhamos sempre café com leite e broa da casa, broa caseira. E então, depois, ala, campo trabalhar.

(...)

P: (...) Quanto é que era, mais ou menos, os rendimentos?

(...)

R: Era por senhas. Conforme chegávamos tínhamos um empregado lá. Um encarregado que nos dava uma ficha. Ora a ficha. Aquilo era... Depende do peso que era. Por exemplo, quando era estanho ou cobre, ou chumbo, isso é mais pesado. E era, naquela altura era entre os 10 e os 12 escudos cada carga. Se fosse o café, ou o que era. Uma bolsa de 10 escudos, cada. Mas depois se a gente fizesse 10 era 100 escudos.

(...)

R: Quer dizer, ia o chasis todo completo. Ia a cabine, ia o deferencial, o da frente e o de trás. Tudo o que era, por exemplo, de um camião de carga era tudo peças. Os espanhóis tinham falta e tudo e...

(...)

P: Pois.

(...)

P: E o que que o levou a entrar no contrabando? Qual foi o motivo que o fez entrar?

R: Olha, o motivo foi porque ganhava-se algum. Por exemplo, a gente trabalhava no campo, não dava. Dava na agricultura aquilo que a gente colhia, o que semeava e colhia. Trabalhava-se. Do resto, claro. Por exemplo, pra juntar dinheiro não dava. Tínhamos que... O contrabando ajudou muito. Fui um dos de lá, de S. Gregório, dos que soube aproveitar melhor o dinheiro. Porque cheguei a fazer excursões de 6 a 7 dias. Corremos o país todo. Que eram organizadas pelo... Um que era um padre que lá estava e coiso. E faziam essas excursões todos os anos. Íamos a Fátima, íamos ao Alentejo. E eu, como outros. Mas assim a trabalhar no contrabando era eu o único.

P: Havia contrabandistas que utilizavam o dinheiro, por exemplo, pró jogo? Gastavam mal o dinheiro.

R: Olhe, havia muitos. Esses, conforme se punham a pé, café. E depois à noite vinham pró café outra vez. Era assim.

P: Então o dinheiro que ganhavam era gasto. Quanto mais tinham, mais gastavam?

R: Gastavam tudo, mais gastavam. Quanto tinham, quanto gastavam. Eu fui sempre um dos que soube aproveitar, poupar o mais possível para juntar algum.

P: Pronto. Durante as viagens prá Espanha existiam alguns perigos para além das autoridades?

R: Não, os perigos eram os caminhos. Como digo, nós, era a descer. Enquanto que na parte de lá era a subir. E tínhamos uma zona que chamávamos-lhe a... os moinhos da... Agora esquece-



me o nome. Tinha um moinho que naquele tempo funcionava. Agora já não funciona, já foi tudo abandonado. Ali, ao sair do rio pra ir pra cima era um carreirinho estreito. E depois tinha umas lajes em pedra. Muitas vezes havia que, pra subir pra cima, uma pessoa via-se à rasca. A gente tinha que, às vezes, pousar a carga pra passar pra cima, pro outro lado. E depois vir outra vez. E ao vir pra baixo, a gente vinha com jeitinho. Sentava-se naquela laje e depois descia-se.

P: O senhor Lima disse que eram muitos que faziam o contrabando juntos.

R: Era, era.

P: Havia algum que fosse o chefe? Que fosse ou que organizasse tudo?

R: Não, não, não. O chefe...

P: Iam todos juntos, mas...

R: Íamos todos juntos, mas éramos trabalhadores.

P: Sim, sim, sim.

R: Éramos carregadores da mercadoria. Mas ali não havia nenhum...

P: Que manda-se mais que os outros?

R: Não, não. Havia alguns que, por exemplo, quando era uma grande quantidade de contrabando... E outros da casa dos donos iam connosco até ao rio.

P: No caso do contrabando que faziam. Eram grandes quantidades, não era? Café, fardos, tudo. Não havia. Por exemplo, no caso das mulheres faziam contrabando de coisas mais pequenas e escondiam no corpo. Lembra-se de...

R: Essas sim. Sim senhor, essas passavam. Ui Jesus!

P: Havia alguma história que conheça de mulheres que passavam. E que até brincavam com as autoridades?

R: Sabia, mas... Sabia de umas que eram 4 ou 5 irmãs. Que, Jesus, essas passaram muita coisa. Muita, muita. Pois lá também era assim, escondidas. E depois elas também trabalharam muito no peixe, na pescada. Vinha a pescada de lá, caixas e caixas de pescada. E eu também

trouxe. Mas elas traziam, que tinham um... Essas tinham um parente que estava em Vigo. E era coisa assim da lota na Espanha, em Vigo. E então, depois vinha a pescada.

P: E vinha escondido na roupa? Elas arranjavam...

R: Não, essas não. Elas traziam, essas não. Só quando era pra lá outras coisas de outro material: como o cobre em bocados. Mas o resto, por exemplo. O peixe não, o peixe vinha em caixas.

P: E lembra-se de mais algumas coisas que elas pudessem levar ou trazer? Levar de cá e trazer de Espanha.

R: Bem eu sabia que havia mulheres que andavam nisso. O que é que, nós, não. Nunca andamos com coisas escondidas.

P: Mas quando faziam contrabando haviam algumas mulheres que iam com os senhores?

R: Não, não, não.

P: Era só homens?

R: Era só homens, só eram homens.

P: As mulheres só faziam outro tipo de contrabando?

R: Só faziam quando era... Elas só o faziam elas sós. Sabia que elas trabalhavam nisso, mas, não, connosco não.

P: E também era à noite? Ou podiam fazer de dia também?

R: Por exemplo, as mulheres faziam. Por exemplo, estavam à espera das mudanças das patrulhas da Guarda-Fiscal. E viam quando é que saiam para entrar os outros. E elas naquela hora (faz som para indicar que passavam para Espanha).

P: Passavam? E ofereciam alguma coisa? Mesmo os senhores ofereciam alguma coisa aos Guardas? Para facilitar? Para «fechar os olhos»? Para a passagem do contrabando.

R: Nós?

P: Sim, aos Guardas-Fiscais.

R: Não, não.

P: Nunca ofereceram?

R: Eram os patrões.

P: Por isso é que do lado de cá nunca tiveram problemas com autoridades, nem... Só mesmo no lado espanhol? Pois. Já referiu também as mortes. Que conhecia um senhor que foi morto no lado de Espanha.

R: Que eu saiba, desse sei.

P: E os produtos que contrabandeavam, que traziam pra Portugal. Ficavam só na zona de Melgaço ou eram enviados para outros locais?

R: Ai não.

P: Era só vendido, distribuído ali na zona?

R: Aquilo ia para grandes armazéns de produtos, não é? Por exemplo, como a amêndoa. Camiões e camiões que carregavam, enormes. E lá iam, levavam-no pra fábricas.

P: Quando referiu que chegou aqui a fazer contrabando, que veio trazer algumas coisas aqui a Monção. Como é que foi na altura? O quê que chegou a trazer?

R: Aqui nós trazíamos também. Então foi... Eram esses... Chegamos a trazer, tanto era o café. Não foi muitas vezes. Ali em Barbeita, por exemplo, foi algumas vezes. Barbeita então era o tais o café que, Jesus. Sacos e sacos de café. E alguns... Também alguns lingotes de cobre e estanho. Ovos, caixas e caixas de ovos. Esses, tanto eu, como alguns, ainda ficamos com alguns. Guardava-mos.

P: Daqui, do que se lembra, não sabe qual é que era a freguesia onde havia mais. Aqui em Monção. Onde havia mais contrabando? Contrabandistas e contrabando, não se lembra?

R: Não, não, não.

P: É que, pelo menos aqui, dizem que era ali a freguesia de Cortes. Que seria onde havia mais contrabando e contrabandistas.

R: Sim, ali também havia contrabando. Mas eu ali no caso de Cortes fui uma vez ou duas só. Em Barbeita é que fui várias vezes. Barbeita sim. Agora pra cima pra Melgaço. S. Gregório, o forte era ali.

P: Como é que acha que as pessoas que não faziam contrabando. Como é que acha que viam a prática do contrabando? E os contrabandistas? A comunidade. Como é que acha que via?

R: Claro. Eles bem sabiam, eles bem sabiam disso. Aqueles que não trabalhavam nessa coisa, mas sabiam muito bem. Não diziam nada.

P: Não diziam nada? Não comentavam?

R: Não, não comentavam nada. Bem sabiam que a Guarda-Fiscal que estava paga pela sociedade e, portanto, não faziam essas perguntas.

P: E apesar de estar paga. Não havia, não aparecia, de vez em quando, um guarda que fosse... Que não se deixasse comprar?

R: Ai é, é.

P: Lembra-se de algum?

R: Chegou um que chamavam-lhe o... Que era da zona de Ponte de Lima. Parece que era de Ponte de Lima era. Chegou uma altura. Os sacos de amêndoa eram muitos e pousava-se. Às vezes pousava-se num muro. E ele numa altura chegou e agarrou um às costas e trouxe. Pra apresentar, pra depois ser apresentado na alfandega. Pra dizer que algum contrabando...

P: Sim, para mostrar algum trabalho, que tinha apreendido. E apesar de fazer contrabando para complementar os rendimentos e tudo. Conhecia alguns contrabandistas que fizessem só pela diversão de... Só para enganar as autoridades e aquela coisa de, pronto. Da adrenalina e de andar ali?

R: Sem eles saberem. Quer dizer, sem eles saberem ou coisa assim. Passou-se muito contrabando sem que eles se dessem conta, os Guardas. Sabiam, espreitavam, e viam a hora que eles... Se eles estavam ali, passavam por este lado. Se estavam deste lado, passavam por

aquele.

P: E tinha alguns. Havia alguns esconderijos onde pudessem esconder?

R: Ui havia muito. Como havia muito pinhal e muitas florestas a gente já os via. E às vezes alguns: «Ei pá, para aí e tal». E a gente fugia como...

P: E escondiam? Havia certos?

R: Escondia-se, escondia-se. Às vezes escondia-se coisas, deixava-se escondido. E a gente continuava a correr. Depois vendo que já desistissem. Dali, a gente ia espreitar e agarrava.

P: E durante o contrabando podiam, por norma, cantar ou ter algum tipo de, pronto. Cantigas ou falar entre pessoas? Era tudo...

R: Falar. Falávamos uns com os outros. Aí isso falávamos, ui Jesus.

P: Acha que o contrabando era, embora de uma forma indirecta. Era uma forma de oposição ao regime da altura?

R: Era verdade. Como assim a Espanha, naquela altura, precisava de todas essas coisas que foram pra lá. Depois da guerra, tudo, tudo que caísse na rede era peixe, como diz o ditado. E então é claro. Tudo o que fosse pra lá: quantas vezes jaulas de galinhas, de ovos, e tudo. Passavam de tudo, pronto.

P: O que é que achava da situação do país na altura? O que é que achava da altura e de agora? Como é que acha que está? Como é que era antes e agora?

(...)

R: Bem, não sei. Seja como for não havia tanta liberdade, mas vivia-se. Porque agora com a liberdade que deram acho que ainda ficou pior do que era antigamente, não é? A malta, o povo apanhou a liberdade e faz o que quer, e o que entende. Naquele tempo não, naquele tempo era mais privado. Certas coisas que fazem hoje, não se faziam, não é?

P: E tinham acesso fácil à informação? A jornais? Sabiam o que se passava no resto do país assim com facilidade?

R: Sabíamos que havia muito. Não era só ali. Que havia em vários sítios, não é? Até no próprio mar, até no próprio mar houve. Fomos numa vez, numa altura, ali pra... Chamavam-lhe o farol da... Ali antes de chegar, antes de chegar a Âncora.

P: Moledo, não?

R: Sim era Moledo. Era Moledo. Ali onde está aquele farol era Moledo. Ali sim.

P: Tem mais algum episódio da altura do contrabando que gostasse de contar?

R Não, não vejo nada. A gente trabalhou tanto no contrabando que agora. Muitas coisas já se juntam umas com as outras e já se esqueceu muito, não é?

P: O senhor Lima fez contrabando desde os 16 até ir pra França, não foi?

R: Foi, foi.

P: E lembra-se, mais ou menos, em que altura é que foi pra França?

R: Em França, portanto. Eu fui a primeira vez. A primeira vez que fui tinha 25 anos, parece que era 25 anos. Depois fomos presos. Fomos presos, porque tinham prendidos uns quantos nesta zona aqui de Ourense e mandaram-nos por Chaves. E mesmo ao atravessar a fronteira de Chaves fomos presos pela Guarda-Fiscal. Fomos presos pela Guarda-Fiscal. Tivemos lá uma noite e interrogaram-nos a todos. De onde éramos e de onde não éramos e tal. Estava a Guarda-Fiscal e estava a polícia que chamava-lhe a PIDE, naquela altura, não é? E então houve um, que já morreu... Que lhe perguntou: «Tu diz que andavas». Primeiro perguntavam: «De onde sois?». E eles ligavam logo pro sítio. E depois sabiam a notícia: «Mas tu diz que andavas metido na passadoura». Agarraram numa cadeira, deram-lhe pela cabeça acima e até o racharam, coitado. Tivemos ali. Depois ligaram pró Porto. Ligaram pró Porto e disseram: «Temos tantos presos aqui, clandestinos, que iam prá França. Mandamos embora ou julgamos aqui». (autoridades do Porto): «Não, mandai-os prá qui». Fomos pró Porto. Tivemos no Porto 15 dias. Quinze que é como estar numa corte. Oitos homens. Uns estavam numa cela, outros estavam noutra. A cama era uma coisa assim baixinha de madeira. Não havia cobertorzinho nenhum, nem cabíamos todos. Às vezes estava um estendidito e depois o outro: «Deixa-me descansar um pouco a mim».

Era do piorio. Agora, matam, roubam, fazem asneiras enormes e nada. E nós estivemos lá 15 dias.

P: Depois saíram ao fim dos 15 dias? Conseguiram vir embora?

R: Viemos embora, mas tivemos que vir ser julgados a Chaves, outra vez.

P: Voltando ao contrabando. Durante o contrabando também ajudaram pessoas que queriam ir pra França? A passar a Fronteira?

R: Ai eu não, nisso não. Sei que andaram muitos e ganharam muito dinheiro. Mas eu não, nisso não. Mas sei que houve amigos meus que andavam nisso e ganhavam muito dinheiro.

P: E o processo era mais ou menos como se fazia no contrabando de produtos?

R: Era, era, era.

P: Não sabe, mais ou menos, onde é que os levavam? Como é que...

R: Os portugueses levavam-nos e entregavam-nos em tal sítio. Já combinavam e entregavam lá a outros espanhóis. E depois seguiam. Os outros espanhóis já os metiam em carros, escondidos, e tal. E levavam-nos assim.

P: Ainda conhece ou mantém contacto com algum ex-contrabandista ou Guarda-Fiscal? Ainda se lembra de...

R: Como da Guarda-Fiscal?

P: Se ainda fala. Se ainda se lembra de alguém que tivesse feito contrabando consigo. Ou da Guarda-Fiscal?

R: Eu lembro-me de muitos e parece que os estou a ver, mas todos esses já estão. Todos esses já morreram.

P: E pronto. Se não tem assim mais nada. Assim nenhuma história mais para contar.

R: Não, não.

P: Acho que já tenho. Acho que já tenho quase tudo. Pronto. E obrigado por este momento e por me ajudar.



## Entrevista 4

Nome: José Bento Castro Gonçalves.

Idade: 88 anos.

Alcunha: Gapito.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: Contrabandista.

Data da entrevista: 11-01-2015.

P: Queria primeiro que me dissesse o seu nome, a idade.

R: Diga?

P: Queria que me dissesse o seu nome, a idade.

R: José Bento Castro Gonçalves.

P: Em que ano nasceu?

R: Ano 26.

P: Em que períodos é que fez contrabando?

R: Diga?

P: Em que anos é que fez contrabando? De que anos a que anos? Lembra-se?

R: Ora, eu contrabando comecei a fazer desde 1941. Quando estalou a Guerra Civil de Espanha.

(...)

P: Qual era a sua profissão para além do contrabando? O que é que fazia?

R: Era pescador, pescador, não é? E eu. Ah! Claro, não. Quando em 1936, está a compreender?

Eu fiz 10 anos, nasci em 26. Mas andava, andei às pinhas, andei com ciganos a vender fatos pra serras. Andei conheci tudo, andei com vários por aí. Mas sempre andei às pinhas, andei a vender na vila. A fazer de tudo, tudo sempre. Sempre de tudo, nunca deixei de trabalhar. Com a

minha mãe aqui e tal porque eu nasci em Espanha. E depois a minha mãe, tinha eu dois anos, não? Tinha dois anos e trouxeram-me para Portugal, compreende? As autoridades. E depois andava aí e estalou a Guerra Civil de Espanha. Então eu vinha da vila. Era um Sábado, um Sábado à noite. Um Sábado à noite vou onde aos ciganos que andávamos pela serra a vender fatos e coiso. E depois comíamos ali naquela pensão do Esteves.

P: Sim, sim.

R: Do polícia ali do Esteves que era uma casa baixa. Subiram-na pra riba, não é? E de maneira que vinha eu aqui no Modelo que agora aí o Modelo. Na altura não havia.

P: Sim, sim. Ali não havia nada.

R: A Nina do Lau estava ali a mãe dela a vender barras de sabão. E eu trazia vinte escudos e a minha mãe estava à espera deles. Porque tinha-se dado o caso que os meus tios são sete. Foram todos pra fora, pro estrangeiro, tudo prá Argentina. E depois a minha mãe no ano 35 viu pra pagar a décima. Ela não tinha dinheiro. Tenho ali os papéis da décima e tudo. Não tinha dinheiro eram parece-me que trinta escudos.

(...)

R: E então a mulher estava e como eu ganhava uns vinte mil reis por semana, não é? Era dois e quinhentos por dia. Ela animou-se e eu vim e comprei duas barras de sabão das de cinco coroas. Não, foram. Sim, duas barras de cinco coroas. E vim e dize-lhe a ela.

(...)

R: Mas de manhã pus-me a pé. Eu já nadava muito bem, não isso nadava muito bem. E tinha resistência até um bocado. De maneira que fui ali a baixo ao rio. Fui ali a baixo ao rio. De maneira que passei pra lá a nado com as duas barras de sabão. Mas a gente não podia vender ao pé do rio sabe?

P: Sim, sim. Onde é que levavam, normalmente?

R: Eu levava lá a riba. Porque ao pé do rio se valia dez pesetas davam cinco para no outro dia você lhe vender a eles, está a compreender? Prendiam sempre um individuo. E uma pessoa fugindo lá pra riba. Lá em cima vendia em Arenteiro, Salvaterra, Cabreiro<sup>366</sup> e tudo por ai fora. Mais caro e trazia o dinheiro no bolso, está a compreender?

P: Sim, trazia mais dinheiro.

R: Só que havia um problema. É que a gente não podia passar de dia. Está a compreender?

P: Pois.

R: Depois a seguir não podia passar de dia. Porque os carabineiros atiravam a matar. Os soldados que andavam por ai. E depois a gente passava de dia. De noite e passava lá dois ou três dias. À noite outros daqui acarrejavam pra lá e nós andávamos lá a vender. Isso era uma taulhada pra li do carago, não é? E de maneira que, pronto. Fui andando com a minha vida sempre. Depois em 1936 foi quando fui registado. Sim, 36 fui registado. Não, em 41 fui registado e tirei a cédula marítima, está a compreender? E daí pra frente fiquei sempre no contrabando ligado na pesca.

(...)

R: Segui por aí adiante sempre a trabalhar na lavoura, no contrabando, na pesca. Sempre, nunca deixei de trabalhar.

P: E tinha mais alguns familiares envolvidos no contrabando?

R: Não, familiares era eu só, não é? Não havia mais ninguém. O que é que havia os meus amigos Jesus. Tinha espanhóis, ainda hoje, em Vigo<sup>367</sup> e em todos os lados por aí. Aqui tudo. Conhecia todos e ainda conheço.

P: Durante a Guerra Civil havia muita mais procura de produtos de Portugal?

R: Diga?

P: Durante a Guerra Civil havia muita mais procura de produtos de Portugal?

---

<sup>366</sup> Localidades espanholas na proximidade fronteiriça de Monção.

<sup>367</sup> Município de Espanha-Galiza, pertencente à província de Pontevedra.

R: Pois havia.

P: E o que que normalmente levava de Portugal pra lá?

R: Pra lá? Era tudo o que houvesse. Até semente do centeio ia via Espanha, França, Alemanha, prós banhos dos canhões. Era cara. Era a conto de reis o quilo, está a compreender? Num mesinho tiravam o centeio. Uma manadinha e já traziam um conto de reis no bolso.

P: Fez contrabando até que anos? Quando é que fez?

R: Até que acabou.

P: Até que acabou? Fazia sozinho ou tinha um grupo de contrabando?

R: Diga?

P: Fazia contrabando sozinho ou tinha um grupo?

R: Não, tínhamos sociedades. Tanto de cá como de lá. Depois que acabou a Guerra. Depois você sabe que a Espanha estava queimada, estava escamada.

(...)

R: Bem e nessa altura no 36. Sim, no 36. Não, não foi no 36. Foi no 37/38. A Guerra acabou em 39, começou a Mundial. Ora bom, eu atão fomos presos. Eu e um rapaz que morreu, o Teixeira. Também o nome desse malandro e levaram-nos pra Tui<sup>368</sup>.

P: Mas foram presos durante o contrabando?

R: Sim, que era pra nos repatriar pra lá. Mas a fronteira estava fechada, naquele tempo. Em Valença era a tropa, mas era uma companhia, um batalhão, não é?

(...)

R: E então, nós estávamos lá presos vimos aquilo. Então você, aquilo era... Tivemos ali dois ou três dias e ta claro: «Quem és ti?». Vocês se lhe havia de dizer: «Sou espanhol» (autoridade

---

<sup>368</sup> Município de Espanha-Galiza localizado na fronteira com Valença, concelho vizinho de Monção.

espanhola): «Ai hijo de puta que és franquista. Te vou a linchar». E daí o verdugo, tal, tal. De cima ficavam prá li. Muitos nem tiros levavam, ficavam ali no meio dos outros, não é? Depois eram enterrados dali a um dia ou dois dias, ou três, ou conforme, não é?

(...)

P: E na altura esteve preso quanto tempo?

R: Diga?

P: Quanto tempo é que esteve preso lá, na altura?

R: Tivemos dois dias.

P: Só dois dias? Depois mandaram-nos pra...

R: Depois trouxeram. Depois os militares trouxeram-nos outra vez pra qui, para Arenteiro. E eles foram lá pra coiso e nós pra cá já.

P: Vieram para este lado?

R: Claro. E depois íamos pra lá, o negócio era assim. Ui vendia-se de tudo. Até depois de grandes tínhamos uma grande companhia.

P: Como é que era? Quantos homens tinha a companhia?

R: Diga?

P: Quantas pessoas é que eram?

R: Nós, às vezes, até chamávamos aos vinte homens. Porque você compreende? Quando depois o Samarra se meteu aí no contrabando. Um pirata, um malandro, esse foi um malandro. O Samarra fodeu os pobres todos. O Samarra tinha... Havia umas fundições ali no Porto, nos Sangalhos. Gajos que fundiam estanho, cobre, tudo. Certas coisas, não é? E ele aquilo dava dinheiro. E nós comprámos. Eu tenho ali até lhe posso mostrar, tenho ali e amostró. Pareciam uns pauzinhos sabe? Era um quilo, cada barrinha um quilo. Era a tal mina de ouro ou não sei que lá que eles coio. E a Espanha fazia-lhe falta aquilo, não tinha aquilo pra fundições, não é? E dava cem pesetas. Era cem pesetas cada barra. E em Vigo dava cento e cinquenta cada barra,

está a compreender?

P: Pois, era mais longe.

R: Ora carago. Até de Vigo vinham com lulas de noite por aí. Porque de noite ficavam às gardas do Porrinho que eu também lá fui ficar muitas vezes. Às gardas do Porrinho<sup>369</sup>. Usavam buracos e ficava-se ali. E depois de dia ou de noite passava-se por Puxeiros<sup>370</sup>. De Puxeiros baixava-se e passava-se. Eu conheço aquilo tudo. E era vendido assim e depois eles está claro. Vieram, foram ao Porto remataram-lhe tudo o que tinha, não é? Nós estávamos a ganhar cem mil reis em cada uma. E depois passamos a leva-las por vinte escudos. Eram uns manipulinos, não é? E até quem nos tinha arranjado esse choio<sup>371</sup> tinha sido um senhor chamado Gama. Que era um grande roceiro na Angola e vinha aqui e depois vendia o café aqui. No tempo do café tudo. Que se formou o Sical, aquelas trapalhadas todas, não é? O Sical até vendia café. Não sei que nome pegou o Sical na Espanha que até vendia café (risos). Depois está claro. Depois eu cheguei a trabalhar um tempo aí para uma companhia. Quer-se dizer, depois espanhóis e portugueses fizeram companhia. Depois quando eu tinha um bom barco, tinha um bom barco. Carregava, carregava mil e quinhentos quilos.

P: De café?

R: De café. Eu cheguei a meter várias vezes sessenta caixas de tabaco nas Caldas. Das duas da manhã às duas e meia. Os passarinhos dormem no ninho, até a água dorme. E eu deslocava-me dali.

P: Fazia sempre de Cortes?

R: Diga?

P: Fazia sempre contrabando de Cortes para outras partes?

R: Ia carregar às Caldas e ia para Caldelas. A essa hora por aí a baixo (faz som para expressar a deslocação) até Caldelas<sup>372</sup>. Descarregava em Caldelas. A motor, era motor e tinha remos. Tinha levado motor e remos. Porque o motor avariava e a gente tinha que remar. Os homens saíam

---

<sup>369</sup> Concelho de Espanha-Galiza da província de Pontevedra.

<sup>370</sup> Localidade próxima a Vigo-Espanha.

<sup>371</sup> Palavra de origem galega. Esta palavra pode ser definir: pequena ocupação, forma de passar o tempo, trabalho sem muito esforço, encontro.

<sup>372</sup> Localidade espanhola pertencente a Tui.

em Friestas pra estrada. E eles o Lima, o Freitas esses iam buscar os homens de carro, não é?  
De maneira que...

P: O senhor era o chefe, por assim dizer, desse grupo? Era quem mandava?

R: Era eu. Levava para a Alice do Talho, levava pró Fragoso, levava pra todos. Pra todos, quem me dava a carga eu ia, não é? Depois fizeram a sociedade e puseram-me de chefe. E eu até tenho aqui ainda, não é? (Inicia a procura de algo). Tenho aqui ainda os aparelhos.

P: Ah! Os Walkie Talkies

R: É.

P: Para falar.

P: Sim, sim, sim, sim. (Tenta remover o aparelho de uma capa protectora). Sais ou não sais?  
Aqui onde se tocava para falar. E aqui a antena.

P: Já estou a ver. Sim, sim. Dá para ver aqui a antena.

(...)

P: E porquê que acha que havia tanta procura de café em Espanha? O café era o principal produto?

R: Era, era, era.

P: Porquê que acha que havia tanta procura em Espanha?

R: Este até está descosido, vê? (Relativamente aos walkie talkies).

P: Este até está a custar a sair.

R: A gente aqui acendia, não é? E depois aqui falávamos. Mas o que nos fodia muito esta merda.  
Mas isso apanha quatro quilómetros ou não sei que, não é?

(...)

P: Sim.

R: Pronto e estão aqui. Aqui leva, tem aqui o sítio das pilhas, não é? Levantar isto aqui, depois já andava colado. Porque isto levou um tombo. Muitas vezes estavam eles e atirávamos com eles para o meio do tojo ou o caralho. Porque se viam cercados e a gente. E eu também, eu também tinha um motor. Muitas vezes tirava-o do barco para ir a remos, deixava-o numa esquina. E quantas vezes o motor andou por esse chão que lhe levou o caralho. É assim.

P: Está ao contrário, tá ao contrario (Ainda acerca dos Walkie Talkies).

R: Tá ao contrário... tens que ir pra li.

P: Já está. Dar um jeitinho aqui em baixo para entrar. Pronto, já está, assim já está.

R: Tenho aqui uma história também. (Procura mais objectos relacionados com a época do contrabando). Estas (balas). Tenho aqui uma história.

P: Isso era dos carabineiros? Essas balas?

R: Eram, eram.

P: Fogo! Eram bastante grandes.

R: Isto são Mauser.

P: Mauser?

R: Isto é de espingarda Mauser.

(...)

R: E então eu andava à pesca da cana (expõe as balas na mesa).

P: Eram bastante. E na altura do contrabando teve muitos problemas com carabineiros?

R: Diga?

P: Com carabineiros teve muitos problemas?



R: Não teve, mas outros tinham, não é? Olhe isto é uma bala (símbolada?). Isto é o que trazia a falange em Espanha.

(...)

R: Estas são da Mauser, da Mauser estas. E estas balas. Eu andava à pesca da cana (mexe nas balas enquanto fala). Tinha passado de noite para a insua grande. Para a insua pequena e andava. Esta também é (símbolada?). Estas que davam à falange para aprender. De maneira que então eu passava de noite, eu e outros. Passava, andava à pesca da cana e levava no forro do casaco. Que depois fez-nos um alfaiate chamado Miguel ali em Monção. Um casaco, um forro assim às (liras?), sabe? Metia-se uma barrinha (refere-se às barras de alumínio) em cada (lira?).

P: Para esconder? Sim.

R: E não parecia, ninguém via nada. E no Verão a gente passava, não se importava de molhar o casaco na água. Porque passava-se em qualquer lado a pé, não? Porque aquilo não se estragava. Bem e então eu andava à pesca da cana num regato. Então veio um carabineiro. Um carabineiro não, um militar. Mas estavam aí a fazer de carabineiros, está a compreender? Um militar: «Oi! Português que andas fazendo?»; (senhor Gapito): «Não miras? Ando à pesca da cana». Mas eu já o conhecia. Chamado Gonçalves, um bom rapaz. E diz ele: «Então, tens algo aí?». (senhor Gapito): «Não tenho nada pá. Não venhas que não tenho nada». E tinha o casaco escondido dentro da insua. E daí não sei coiso e colho uma truta. Uma trutita assim pra e meio quilo.

P: Sim, na altura que eram trutas grandes ainda. Agora já não há.

R: Truta do regato. (carabineiro): «Ai coño! colleste uma?». (senhor Gapito): «Si, si».

(carabineiro): «Bueno trai-a pra cá, trai-a pra cá». E daí eu peguei e fui para onde a ele, pró outro lado. Mas o casaco estava na insua. Diz ele: «Bueno vai agarrar ali uma lenha que assamo-la já. Assamo-la já». Tinha uma fome do caralho. Depois de tirar-lhe as tripas, escama-la, lavava, abriu-a ao meio. Daí foram ali para o lado de um sobreiro, onde apanhou aquela lenha seca. Acenderam a fogueira, pôs a assar e comeram-na. Diz ele: «Coño! Ti não sabes o que é bom». Diz ele: «Mira, tens algo aí?». (senhor Gapito): «Não tenho nada coño». (carabineiro): «Mira, ti tens medo que te eu tire?». (senhor Gapito): «Tenho pois». (carabineiro): «Bueno». Pegou no

mosquetão, abriu o mosquetão: «Pega las balas».

P: E trouxe as balas?

(senhor Gapito): (carabineiro): «Tens algo ai vai vende-lo por ai». Eu vi as balas e o caralho. Fugite que leva o caralho. Mas não fugia. O gajo era campeão de cem metros livres. E então venho pra baixo. Trazia duzentas e cinquenta pesetas. Diz ele: «Mira os cartos?». (senhor Gapito): «Tenho, duzentas e cinquenta pesetas». (carabineiro): «Mira, fazem-me falta a mim». E digo-lhe eu: «Olha vai-te foder! Dá-me o dinheiro caralho». Diz ele: «Si. Olha dou-te os cartos, não tos quero». Diz ele: «Mira, ti não tens joio pra trazer? Mira, eu ando de dia. Às cinco da manhã. Às cinco e media entro de manhã pra render a pareja. Eu às cinco estou aqui para mandar a pareja embora. Ti hás-de me ver focando por aqui e trai um par de companheiros com cargas. Ides pra riba e vendeis». Lá fomos, vendemos, viemos pra baixo.

P: Então esse militar facilitava a passagem pra Espanha.

R: E todos e muitos, ui Jesus! Os piores eram os carabineiros, os do corpo militar. E então viemos pra baixo, trouxemos os cartos<sup>373</sup>, uns contos. Diz ele: «Mira, agora eu não quero cartos. Eu quero que me traiais, que eu vou pra. Prá semana ou prá outra semana quero ir à minha terra, dos meus pais. E queria-lhe levar um queijo, duas barras de pão e um fato preto pra ele: «E eu pago isso tudo». E os cartos, os cartos que lhe íamos dar, diz ele: «Não, os cartos guarda-los ti» E depois quando eu for e dás-mos. Carai tinha um compromisso do caralho. É que muitos escapavam e não vinham pagar ao homem. Passavam muitos sem dar ao homem. Andavam muitos no terrenos e assim que ele ia pr rio ou o caralho. E então ele dizia: «Olha que vós nunca fugis porque vêm assim a mal, mata-se. E cai, bota-se ao rio e pronto. E nada mais. Aqui a mim que ninguém me ponha... em cima». E o gajo era um especialista. Olhe que o filho da puta punha. Você punha-lhe uma garrafa assim no meio do salgueiro, de cerveja. E o gajo agarrava na pistola.

P: E acertava?

R: Metia-lhe a bala pela boca da cerveja pra dentro caralho. Dizia ele: «E a mim foge-me quem eu quero».

---

<sup>373</sup> «Cartos»: dinheiro.

P: E com ele faziam mais contrabando de dia, enquanto ele estava?

R: Enquanto ele estava.

P: Isso foi mais ou menos em que altura?

R: Vinham outros e tudo. O que é que está claro, havia que passar muito, não é? Depois de dia quem estivesse na ínsua, se fosse assim nas beiras, passava de dia. Mas atravessar o rio Minho, cuidado que era perigoso.

P: Pois, pois.

R: De maneira que então o gajo diz-me ele assim uma altura: «Mira, tu vais-me guardar ai uns cartos». E então trouxe porque tinha medo de andar com eles. Ele esteve na fronteira que ele era de Sevilha. Na fronteira de Sevilha, na fronteira. Ele era sevilhano, mas esteve na fronteira de Portugal com Sevilha. Sim, pra lá com Lisboa, pra lá. E dizia ele: «E davam-me uma nota de conto por não sei quantos bois passarem pra qui e pra lá. Não queria saber e tal». E deu-me então, foram vinte contos: «Vê se os outros pagam. Se não pagam não faias caso, não faias caso. Agora ti vais-me fazer uma coisa. Eu pra semana conto de ir à terra, mas queria ir ai por Portugal. E porquê? Porque se vou pelo tren<sup>374</sup> aqui a dar volta não chego lá nos oito dias. E indo aqui de Portugal a Lisboa. Daí a Lisboa estou em Sevilha». Pronto. Comprou-se-lhe aquilo que ele quis, foi e veio. Depois dali já veio outro companheiro dele pra li também. Prá qui. E depois andava sempre a passa-los aí pra eles pra irem. Depois até um sargento esteve aí dos carabineiros. Também depois, tá claro. Eram de lá daquela parte. Pra irem à volta de tren lenha, andar prá qui e prá cola. A lenha que andavam à lenha. Eles iam, os comboios andavam a lenha, não?

P: Sim, sim.

R: Passava a vida assim. Foi sempre assim a vida, não é? De miséria.

P: Mas lembra-se de carabineiros que tenham morto alguns contrabandistas? Ou ferido?

R: Muitos, muitos.

P: Mas mais na altura? Depois da Guerra Civil ou longo?

---

<sup>374</sup> «Tren»: comboio.

R: Depois, depois da Guerra. Depois da Guerra os militares recuaram. Foi prá vida à paisana. Foi prá tudo, não é? Outros foram prá Guarda Civil, não é?

P: Sim, sim.

R: Outros foram lá prá cidade ou empregaram-se. E veio a Guarda Civil. A Guarda Civil antigamente aqui em Salvaterra mataram aí uns quantos. Mataram por aí a riba tudo. Em Linhares, ali em Troviscoso, em todos os lados matavam. Aqui ainda fui buscar dois ali no Pipão<sup>375</sup>, à parte de lá. Um rapazito chamado Guife levou ali pra um carabineiro tudo para o casamento. Que ele casou aí, mas não era daí. Chamado Jaime, um ladrão. E a depois ela, a Maria das Cautadas é que é dali. Eles já morreram e levou-lhe tudo pró casamento, tal, tal, tal. Levou-lhe tudo. E a depois casou e tudo. Depois o gajo estava a dar um passe aos de Pousa. Mas não queria. Eram duas horas da manhã, um luar como dia. E nós estávamos à pesca no Pipão. E o Guife, Deus lhe perdoe, coitado.

(...)

R: E Esse filho da puta eram duas horas da manhã e um luar como dia. Caralho, só deu um tiro. Também lho meteu no coração que esfarrapou-o todo. E dali a um bocado eram duas e tal da manhã. Foi a ir prá fábrica de Salvaterra por aquela beira. Mas dali pra e a uma hora ou duas senti-mos um barco por ali a fora (faz barulho para caracterizar o barco a descer o rio). Eles sabiam o que tinham feito, os gajos sabiam o que tinham feito e foram apanha-lo. E apanharam a batela engasgada ali numas canas e numas silvas. E levaram-no e depois tiraram-no. Está enterrado ali em Salvaterra. Tiraram-no lá contra o posto da polícia. Que o posto da polícia antigamente ia marcar aqui em cima na Lodeira. Na Pedra Furada. Era esta a casa dos carabineiros. Em baixo era uma passagem, mas não era barca proibitiva. Era só pra trazer peixe, isto e aquilo. Depois é que passou a ser mais barcos em baixo do que em cima, não é? E depois o Zé da Libilia também o mataram ali também. O Carrulo esse salvou-se, esse não o matou. Esse morreu-nos a nós nas mãos ao entrar no Hospital em Monção. Há tantos anos como veio o Padre Marques pra e. O Padre Marques a primeira vez que estava lá que me confessou.

P: Mas lembra-se mais ou menos em que?

---

<sup>375</sup> Localização na proximidade do rio.

R: Diga?

P: Em que anos é que foi, mais ou menos?

R: Ora, que veio o Padre Marques pra e? Pra Monção? Há uma porrada de anos. Pra e há quarenta anos ou mais. Eu tinha vindo da tropa, andava aí, não é? Em 47 que eu fui prá tropa. É por aí.

P: Foi pra e final de 40 inícios de 50?

R: Sim, sim, sim, o Padre Marques. Foi o que deu. O Padre Marques era muito boa pessoa. Eu depois entrei na junta de freguesia em 66. Em 69, 68 deu-lhe o ataque ao Salazar. Em 69 o Salazar morreu. Em 70, em 69 já parte de 70 entrou o Marcelo Caetano interino.

(...)

P: Olhe e agora do contrabando, os Guardas-Fiscais...

R: Diga?

P: Os Guardas-Fiscais facilitavam todos?

R: Eram malandros todos. Depois de que aquilo ficou livre, desde que o contrabando ficou livre. Só denunciavam eram uns papadores, ladrões todos. E mataram gente aí até ao caralho todos!

P: Não houve nenhum que tivesse prendido alguém? E mataram? Houve gente que?

R: Ui! Olhe, o Isac que estava aqui, lembrava-se do Isac? Há uns anos que esteve aí?

P: Não, não deve ser do meu tempo.

R: Estava ali nos Limas. Esse matou uma mulher ali na ponte de Mouro. Uma batela que as mulheres andavam a atravessar de um lado pro outro e ele tal, matou. Outro que também era dos tabacos era Guarda dos tabacos. Da Guarda-fiscal passavam para a companhia dos tabacos, não é? Também. Aí caralho não me há-de vir o nome dele. Também matou uma cunhada na ponte de Mouro<sup>376</sup>. O guarda Ribeiro daqui de Troviscoso também matou uma senhora ali nas

---

<sup>376</sup> Lugar situado entre as freguesias de Barbeita e Ceivães, concelho de Monção.

Caldas. Porque ele sabia, sabia que a mulher andava na prata. A prata naquele tempo dava muito dinheiro, mas era arriscada.

(...)

R: O campeão trabalhava prá Sarafina ali prá espanhola, não é? E ele botou-lhe as mãos a ela lá com a espingarda dependurada. Que se passou? Matou a mulher. O que se passou é que matou a mulher por causa de 20 ou 30 g de prata. Safou-se porque apareceu-lhe o artigo nela. E era assim, não é?

P: Mas, maior parte dos Guardas-fiscais estavam comprados? Facilitava?

R: Estavam. Depois de que foi livre o contrabando, está a compreender? Foram os maiores ladrões, os maiores denunciante, os maiores bandidos. Até punham marcas que nós tínhamos que dizer uma hipótese. Esteve aí um tenente, um tenente da Guarda-fiscal que até casou. Esse tenente casou com uma rapariga criada de gente galega. Criada que era dos Milagres. Tenente Barroso era o nome dele. E depois ele faleceu e ela ficou pra e. Depois veio casar com ela o guarda Ramos. Veio casar com ela que tem muitos filhos dela até. Mas era tudo uma patifaria, tudo uma patifaria. Era tudo uma patifaria de lado a lado. Quando não havia que comer era o carago.

P: E quando faziam contrabando iam quantas vezes? Dava toda a noite para fazer? Faziam enquanto desse?

R: Home claro. Andávamos toda a noite. Cada um levava 20 ou 30 sacos, até levavam 40.

P: E passavam sempre nos mesmos sítios ou iam variando?

R: Diga?

P: Tinham sempre os mesmos sítios para passar ou iam variando?

R: Não, não, não, não. Eu cheguei a ir passar à Belinha. Ali a Troviscoso, à Bela. Conforme. Era onde apanhava certos furos e os galegos: «Bueno em tal parte dão passes, assim, assim. Temos que ir lá passar». Ta claro, o contrabando fazia falta prá Guerra, fazia falta prá Guerra. Quando o Salazar pôs os comboios que iam pra Espanha e que vinham sobre Portugal. Eu cheguei a ir ali

a Valença com esses Limas e com o Freitas ali na Estação de Valença, está a compreender? Tinham os vagões pra levar lenha. Pra levar madeira para um lado e pró outro, não? Ou pedra prá estrada. E então antes de ser carregado metiam-lhe aí 100 sacos de café por baixo. E depois vinha o camião, bazava a madeira por riba. Pronto. Passava na ponte prá lá. Chegava depois à Estação que era para descarregar. E lá descarregavam, não havia problema. Mas isso eram os grandes. Eram Samarras, eram os Freitas, eram todos os grandes, não é? Nós eramos uns burros, não é? Mas graças a Deus fomos sempre ganhando pra comer, pra manter os filhos, pra manter as coisas. Ainda comprar alguns bocados.

P: E ao longo dos anos de 40 até 70 o contrabando foi sempre o mesmo? Dos produtos? Ou foi vareando? Quais é que eram os produtos?

R: Não, o princípio era um produto. Agora eram todos, era tudo o que havia.

(...)

P: O principal era o café que se levava pra lá?

R: Era o café era.

P: E o que que se levava mais?

R: Café, sabão. Tudo, tudo o que havia. Leite azeite, vinho. Tudo, tudo o que havia. Porque a Espanha ficou sem nada.

P: E de lá traziam alguma coisa? De lá de Espanha?

R: Diga?

P: De lá de Espanha pra cá traziam alguma coisa?

R: De lá pra cá não trazíamos nada. Só começamos a trazer quando o Franco já começou a pôr os fornos a trabalhar, não é?

(...)

P: E em termos de polícia acha que a partir de 60 aqui, pelo menos no caso da Guarda-Fiscal, facilitavam mais a passagem de pessoas que tentavam ir prá França? Acha que?

R: É, eles depois facilitavam porque depois abriu a barca em 48. Abriu aqui a barca, não é? E depois está claro, ali já era a aduana que mandava. Não eram eles. Serviço, mas qualquer coisa que você trouxesse e tudo tinha que ir a Valença, à aduana pagar imposto, não é?

P: Chegou também a passar pessoas pra lá?

R: Diga?

P: Chegou a passar?

R: Eu tinha um barco barqueiro ali. Autorizado, legalizado, legalizado. Depois botei a baixo que não podia com tudo. Nem com a pesca e preferia mais a pesca. Estava um homem ali pra passar era cinco escudos cada pessoa. Depois passou pra dez. Ali aquelas mandranas todas. Coitadas não podiam pagar: «Ai eu prá outra vez pago, prá outra vez pago». Eu vou prá pesca mandei foder essa merda. Tirei aquilo dali pra fora e ficaram prá li outros.

P: Quanto é que conseguia ganhar, assim por alto, com uma noite de contrabando. Quanto é que se podia ganhar?

R: Ai isso...

P: Depende também das cargas e tudo, não é? Mas...

R: Não se pode dizer o que se ganhava por isto. Porque havia um problema. Um home tinha que andar muito a pau era com a peseta. Tanto subia como baixava, compreende? Não é?

P: Pois. Sim, sim.

R: Enquanto uma pessoa perdia numas. E houve vezes que tivemos com trezentos e tal contos à espera que elas subissem, as pesetas. E as putas não subiram. Fomos cambia-las a Valença. A Valença ao banco que era daqui de Monção até. Era dali de Pousa o gajo. Era Guarda-fiscal. Depois retirou-se de Guarda-fiscal e foi para um banco em Valença, naquele tempo. Condensa, era o Condensa. De maneira que perdemos acho que foram 60 contos e no mês a seguir as putas subiram outra vez. Está a compreender, não é? O câmbio é assim, o câmbio é assim.

(...)



P: Aqui, a nível de Monção, dizem que Cortes é o sítio onde havia mais contrabando e contrabandistas.

R: Era, era.

P: Porquê que seria? Era onde havia mais gente?

R: Não havia ambiente nenhum. E havia muita gente. Porque você lembra-se que nós aqui éramos só 100 pescadores, 25 barcos a 4 homens, 100 pescadores. E vivia tudo da pesca. Agora a marinha tentou proibir isso, isso da pesca e tudo. Que isso é que é uma indecência.

(...)

P: Era isso que eu lhe ia perguntar. Como é que era o Estado antes e como é que é agora? Como é que acha? O quê que mudou? O quê que acha do País? Como é que está a situação? Como é que era antes e agora?

R: Antes era melhor.

P: Era melhor?

R: Era melhor era. Era melhor porque havia gente mais honesta. Uma, você sabe que nós vivíamos uns com os outros, não é? Há outra, não precisamos assim tanto. Não andávamos, não andávamos nada, cada um vivia. E as Câmaras respeitavam mais uma pessoa do que respeitam hoje.

(...)

P: Pronto. Daqui da entrevista, para já, não tenho mais perguntas.

R: Diga?

P: Agora agradeço-lhe disponibilizar o tempo para lhe fazer as perguntas, de momento já tenho.

R: Tem tudo?

P: Acho que para já, já tenho. Depois se for preciso mais alguma coisa falo consigo.

## Entrevista 5

Nome: Esperança Pereira Rodrigues e José Pereira.

Parentesco: Mãe e Filho.

Idade: 80 anos.

Local: Casa da entrevistada.

Qualidade: Trapicheira.

Data da entrevista: 12-01-2015.

P: Eu começava por lhe pedir para me dizer o seu nome.

R: O meu nome é Esperança Pereira Rodrigues.

P: A sua data de nascimento.

R: Ai isso é que eu não sei.

P: Idade.

Senhor José: Tem 80.

R: Tenho 80.

Senhor José: Tem 80. Portanto faz-lhe a conta 80.

P: Eu faço a conta depois, não tem mal. E a sua naturalidade? É de cá?

R: Monção.

P: Monção. E contrabando fazia aqui na zona de...

R: Fazia de...Já fiz também em Valença.

P: Ai também fez?

R: Mas também fiz aqui.

P: Sim. Mas principalmente era aqui?

R: Era aqui em Monção.

P: Lembra-se mais ou menos dos períodos em que fez? Quando é que começou?

R: Quando comecei?

P: Sim.

R: Tinha eu dezassete anos.

P: Dezassete anos? Sim. O que é que a levou a fazer contrabando?

R: Precisava-se. A gente tinha-se que se romper. A fugir aos carabineiros.

P: Sim.

R: Atirar com uns paus. Foderem o corpo à gente e a gente tinha que se ajeitar.

P: No caso das mulheres o contrabando era mais durante o dia? Ou?

R: Da parte da manhã.

P: E quantas vezes é que?

R: Uma vez só.

P: Só uma vez?

R: Só uma vez.

P: Sabe-me dizer...

R: Quando era no tempo do café que deixavam passar um bocadinho de café, ia de tarde. Mas mais principal era de manhã.

P: Pode-me explicar como é que eram, mais ou menos, um dia de ir e vir a Espanha? Num dia de contrabando? Como é que? Por onde é que iam? Como é que faziam para passar pra Espanha? O que é que faziam lá?

R: Nos passávamos no barco, nesses barcos antigos. Não havia ponte nem nada. E íamos ali umas dez pessoas ou assim. E o barqueiro levava-nos pro lado de lá. E depois cada qual ia para o seu lado governar a vida. Vender alguma coisa que levasse.

P: E o que é que se costumava levar de cá para vender em Espanha?

R: Café.

P: Café principalmente? Mas havia outros produtos?

R: Haver verdadeiramente era o café. Era o café Sical. Mas agora não vejo nada. Noutro tempo meti-me ao peixe, ia ao peixe à Espanha. Trazia-o pra cá, vendia-o aqui em Monção. E foi assim a vida toda.

P: E de lá pra cá, na altura do café, o que é que costumava trazer? Só ia levar o café ou trazia?

R: Eu trazia rebuçados, caramelos para vender depois aqui às excursões.

P: E era mais fácil passar de cá com a Guarda-Fiscal? Do que lá com?

R: Nem de lá, nem de cá. Que não deixavam. Tinha que a gente meter assim no corpo.

P: Como é que era pra?

R: Metia-se e nós levávamos, chamávamos-lhe nós umas mandranas. Que tinha uns bolsos, metia-se por dentro da saia. E nós púnhamos ali os caramelos, chocolates, metíamos tudo.

P: Pra esconder?

R: Pra esconder, pra nos deixarem passar. Ainda eles com um pau ainda estava a catar...

P: Tentavam ver?

R: É verdade.

P: Chegou alguma vez, alguma vez lhe chegaram a encontrar alguma coisa?

R: Não que eu sabia-me safar. Sabia, sabia. Fina era eu.

P: E do lado de cá costumavam? Os Guardas costumavam ser subornados?

R: Também eram maus. Também havia gente boa, havia. Até já faleceram. Mas havia outros, carago! Também já faleceu, deixa-lo lá estar. Era o cabo Alves. Ai Jesus o que nós passamos. E é assim a vida. E que quer saber mais?

P: Alguma vez teve que, por algum motivo, fugir da Guarda-Fiscal ou da...

R: Ui fugimos tantas vezes, caramba. Mas foi fugir e ainda levar com vergastas que eles nos davam as nós. Uma altura metemo-nos lá numa, tipo uma abóbada. E era eu e mais duas, também morreram. E eu metemo-nos ali, estávamos escondidas. Era muito palerma e vai e nós ali muito escondidinhas. Mas eles, filhos da mãe, sempre de volta da abóbada para ver se nos via. Mas dali a um bocado, não sei se fui eu, se foi outra que meteu assim o focinho de fora. Depois lá vieram os Guardas: «O que é que vocês querem?» disse eu: «Vocês que vocês querem? Nós não trazemos nada! Que vocês querem? Querem-nos levar a nós prá cadeia? Olha se vamos pra lá ainda nos mantêm, ainda nos dão de comer». Depois não, lá nos mandou embora.

P: Conhece alguém, alguma contrabandista ou assim, que tenha sido presa na altura? Ou, normalmente, deixavam, no caso das mulheres, deixavam passar sempre?

R: Olha eu estive aqui presa na cadeia por andar a vender três pastas de chocolate.

P: Cá do lado de?

R: Do lado de cá. Andamos a vender nessas camionetes dessas excursões e os Guardas atrás de nós. E depois apanharam-me, levou-me à secção. Eu levava três pastas de chocolate e fui prá cadeia.

P: E quanto tempo é que esteve?

R: Estive: entrei hoje e amanhã de manhã saí.

P: Pois.

R: Eu até parti lá uma porta, queria que fosse pela porta. Olhe tinha que me safar de algum lado.

P: Pois, sim, sim. Mas e no lado de lá houve algum registo de carabineiros terem atirado?

R: Não, não, não. Não eram assim maus.

P: Não?

R: Eu já andava lá há muito tempo eu e as amigas e tal. Eles já não faziam assim grandes coisas.

P: Do lado de Espanha, normalmente, ia-se aqui a Salvaterra?

R: Podia-se ir a Salvaterra, podia-se ir a Vigo. Podia-se ir a onde a gente quisesse, não é?

P: Sim, mas conforme...

R: Mas mais era aqui a Salvaterra.

P: Sim, mas conforme. Quanto mais longe fosse mais caro, mais...

R: Mais caras eram as coisas, era, era. E o peixe aqui em Salvaterra era mais barato, nessa altura, vá. Íamos compra-lo ali e depois vínhamos vende-lo pra cá.

P: Tinha mais alguém na família a fazer contrabando?

R: Tinha uma irmã (emociona-se), mas morreu. Era a minha irmã era.

P: Lembra-se se na década de 60 com o início da Guerra Colonial e também com a emigração de muitos homens. Acha que foi um período onde havia mais mulheres contrabandistas? Ou era igual?

R: Ui havia muitas.

P: Acha que foi um período onde houve mais?

R: Sim, mas havia muitas mulheres. Andavam muitas.

P: Que as mulheres muitas poderiam ficar. O homem ia, por exemplo, pra Guerra, emigrava.

R: Sim, sim, sim.

P: E acha que foi um motivo também pra...

R: Foi, foi, foi, foi sim senhora.

P: Pra começarem a entrar mais em...

R: Sim, senhora.

P: E, normalmente, daqui de Monção de onde é que partiam? Das Caldas?

R: Não, passávamos aqui em Salvaterra.

P: Sim, sim. Mas de que cá, mais ou menos, de onde é que ia? De onde é que fazia? De onde é que passava de cá pra lá?

R: Era aqui em Salvaterra. Aqui da parte de cá havia ali os barcos, metíamo-nos nos barcos e íamos pra lá. Depois tornávamos regressar pra cá outra vez.

P: Pronto. Qual é que era mais ou menos o peso máximo? Não sabe, mais ou menos, dizer o que poderiam levar de contrabando pra lá?

R: De café?

P: Sim

R: Conforme. O dinheiro naquela altura era pouco e levávamos cinco quilinhos. Até os comprávamos aos meios quilos que era pra meter em nós. Pra não encher muito a gente. E levávamos cinco quilinhos. Depois trocávamos o café por os caramelos e rebuçados que trouxéssemos. Era, era.

P: E qual é que era, mais ou menos, o valor que se podia obter dessa venda de café?

R: Bem, o café, naquela altura, era barato. Não era assim caro. Mas tínhamos que trazer: ia o café e pra cá chocolate, os rebuçados, caramelos, conforme.

P: Sim, era quase uma troca. Troca por troca.

R: Sim, sim, sim, sim.

P: Pronto. No caso de descobrirem. Quando descobriam as mercadorias do contrabando, normalmente, era só deixar a mercadoria e podiam ir embora?

R: Ai quantas vezes. E depois até nos mandavam aqui à secção ter com o tenente, já morreu também. Mas era boa pessoa, até me dava bem com ele. E olhe é assim.

P: E era normal deixar?

R: Era boa pessoa, era muito boa pessoa. E o guarda ainda veio cá em cima fazer queixa ao tenente e tal. Que eu que fui apanhada com caramelos e tal. E ele disse logo que me dessem tudo a mim. O que fosse meu que me dessem. Pronto, assim fez.

P: Tem assim alguma história mais que queria contar? Que seja...

R: Historia como?

P: Que tenha acontecido assim durante o contrabando que ache que tenha assim...

R: Olhe eu fui uma altura às Neves<sup>377</sup>. Também posso falar das Neves?

P: Sim, sim, sim.

R: E eu era nova. Ia eu a Augusta da Carrapata e a tia Alberta. E íamos lá buscar peixe porque aqui os carabineiros, os guardas não deixavam passar aqui. Tínhamos que ir passar às Neves. Olha as Neves, aquela serra por ali acima. Você não queria saber. Andava eu de bebé, deste meu filho. O que nós passamos. Uma, que também já morreu, coitada, a Maria do Quico caiu num (risos) caiu num buraco. E depois nós agarramos num vime, enroscamos o vime bem enroscadinho para a puxar pra cima. Ai o que nós passamos. O vime arreventava, depois tínhamos que fazer outro pra a puxar pra cima. Olhe não queria saber o que nós passamos. Fomos pra cima, cheias de frio que era no Inverno. Fomos pra cima lá práς Neves. Andamos muito e que faz? Nós ainda não tínhamos vendido o que levávamos. Uma até levava uns ovinhos e partiu-os todos, coitadinha. E eu levava só café, mas já não levava muito porque ali era muito longe. E depois fomos ali a um bar e pedimos-lhe (risos): «Olhe dei-nos uma malguinha de colacau que nos estamos cheias, cheias de frio». Pega deu-nos o colacau. Olha, ficamos-lhe a dever e até hoje nunca mais viu o dinheiro (risos). Nós não tínhamos para pagar. Olha é assim. A vida era muito difícil, era, era. Era muito, muito, muito, muito. Agora tem-se a reforminha, também é pequena, mas também lhe deu um bom dinheiro agora este mês, deu quatro euros. Até devia de ter vergonha dar esse dinheiro e é assim.

P: Acha que também a partir da década de sessenta, acha que facilitavam também mais a passagem de contrabandistas. Também, uma vez que ia muita emigração também. E que depois trazia dinheiro pra, mandavam dinheiro pro País. Acha que havia alguma directiva do Estado Novo ou assim pra facilitar mais?

R: Os Guardas?

P: Sim, sim os Guardas.

---

<sup>377</sup> Município raiano de Espanha-Galiza pertencente à província de Pontevedra.



R: Não facilitavam nada. Eles estavam à espera que viessem os emigrantes pra lhe darem. Se traziam alguma coisa pra... que eles vissem pra dar à família ou qualquer coisa, não é? Eles davam logo um a eles, aos Guardas. Pra eles deixarem passar o que traziam. Porquê que eles tem boas casas? Têm tudo à conta dos desgraçados.

P: E depois a partir de 74 até ao fim. Pronto, do contrabando continuou-se a vender café ou?

R: Não, lá pra Espanha?

P: Sim, levava pra Espanha. O que é que se levava?

R: O café e trazia só. Era o que se vendia, era o chocolate e rebuçados.

P: Era e continuava igual?

R: Era, era.

P: Não havia, não se mudou?

R: E trazia o peixe também. Andava a vender o peixe e vendia-o aqui pela vila e tal.

Senhor José: E trazia no peixe as coisas escondidas.

R: Ai trazíamos no meio do peixe: «Olhe que você não me tire isso». Foi o... já lá está também.

Metiam vamos supor seis pastas de chocolate. Metia-as numa saca plástica e agarrava. E metia no meio dos chirelos ou o que fosse, o que trouxesse. Metíamos no meio e esse dava sempre com luvas brancas que era pra ver. Mexer no meio do peixe pra...

P: Pra ver se encontrava alguma coisa?

R: E deu, e queria-mo tirar. Mas não tirou. Saí pra fora. Trazia os chocolates e fora do posto parti-o todo, todo! Ai eu naquele tempo, ai naquele tempo. É assim a vida.

P: Acha que o contrabando era, mesmo que de forma indirecta, uma oposição ao Estado. Nem que fosse económica? Política?

R: Não, aquilo ao Estado. Com o Estado, nós não tínhamos nada com o Estado.

P: Era uma forma de...

R: Era uma forma de governar a vida.

P: Exactamente.

R: É isso.

P: Como é que acha que aqui em Monção se viam os contrabandistas? Viam como?

R: Dantes havia muitos, agora já morreu tudo.

P: Eu também nesta altura ando a fazer e já sinto dificuldades em encontrar.

R: Sim, mas muitos dos que andávamos no contrabando morreram todos.

P: Pois.

R: Morreu tudo. E as mulheres que eu andava também. Só sou eu a que existe que andava com elas (emociona-se). Um dia vou, espero pela carta.

P: E pronto. Como é que acha que era a situação do País antes e como é que acha que está agora?

R: Quer dizer, antes era mais miséria, mas vivia-se melhor. A gente com cem escudos comprava isto e aquilo pra dar aos filhos, ou qualquer coisa. E agora que dá? Trocas cinquenta euros e não é nada, desaparecem. A vida está bem pra eles.

P: Ai isso é, isso é. Ah! É verdade, esqueci-me de perguntar. O que é que fazia para além do contrabando na altura?

R: Pra que?

P: Qual é que era a sua profissão para além do contrabando?

R: Era essa só.

P: Era só?

R: Só andei sempre nisso.

P: Sim. Pronto, eu acho que no geral. Ah! Lembra-se qual é que era daqui das freguesias. Qual é que era a freguesia onde tinha mais, onde havia mais contrabando e contrabandistas?

R: Olhe aqui havia muitos, em Monção havia muitos.

P: Sim, mas se tivesse que dizer uma freguesia qual é que seria?

R: Cortes é Cortes.

P: Cortes? Pois, sempre ouvi dizer que era Cortes. Mas eu pergunto, porque...

R: Era Cortes. Era Cortes era.

P: E porquê que seria Cortes?

R: Era Cortes. Era a terra dos barqueiros eram esses que nos levavam. Era, era. Eles também era. Quando quisessem, quando podiam, também levavam alguma coisa pra vender.

P: E quando falou que também fez contrabando em Valença. O que é que chegou a fazer?

R: Não cheguei a fazer. Fui lá muitas vezes buscar peixe porque daqui de cima não deixavam. E nós muitas vezes fomos lá. Comprávamos o peixinho lá e depois trazíamos a pé à cabeça. Muitas vezes até aqui a Monção, pra vendermos.

P: Pronto. Se não tiver mais nada pra contar acho que tenho, no geral, acho que já tenho.

R: Sim, já tem o preciso.

P: Para já pelo menos.

Senhor José: O peixe não era contrabando sabes?

P: Pois.

R: Pois, íamos nós buscar. O contrabando, contrabando nós fazíamos contrabando que era o chocolate, caramelos e o café que ia pra lá. Que eles até queriam que nós o não levássemos pra lá. Mas nós arranjavamos maneira para o levar. Pra levar a vida. E é assim.

P: Já tinha falado de esconder no peixe o contrabando. E também...

R: Escondi café, o chocolate no...

P: E também na roupa. Mas existia mais alguma forma de passar sem eles perceberem?

R: Só quando eles não viam é que a gente passava.

Senhor José: Com mantas... Quantas vezes...

R: Olhe ele também ainda chegou a levar.

P: Ai é?

Senhor José: Quantas vezes me atirava com a saca, de puto. Eu agarrava na saquinha saía do barco. Atiravam-me com a saca, eu agarrava na saca e fugia pelo meio dos...

R: Foi, foi. Muitas vezes, foi. Ele era pequeninho.

Senhor José: Às vezes não conseguiam passar que estava lá. Aparecia o tenente ou qualquer coisa e deixavam no barco. O barqueiro lá deixava ficar aquilo ali, prontos. Eu na hora de eles estarem a comer ia lá ao barco, agarrava na saca. Quantas vezes.

R: Era, ele era pequeninho.

Senhor José: Eu ia muito com ela à Espanha de pequeno.

R: Ele ia muitas vezes comigo ia. Pra todo o lado, tudo o lado que eu fosse ia ele. Levava-o sempre, até levava-o a Friestas.

P: E pronto acho que tenho o principal pelo menos.

R: A pessoa que andava no contrabando das mulheres agora, só viva, sou eu. As outras morreram todas.

Senhor José: Daqui da Vila.

R: Sim, daqui da Vila. E de Cortes também morreram muitas.

P: Quantas vezes é que, por semana, quantas vezes é que ia à Espanha?

R: Todos os dias.

P: Sempre que desse?

R: Todos os dias. Levantava-me às seis da manhã.

P: E quanto tempo é que demorava, mais ou menos, a ir e vir?

R: Ai a gente ia, não tinha carro, não tinha carroça, não tinha nada. Tínhamos que trazer o peixe à cabeça. E depois trazíamos, íamos por ali a cima e vendíamos-o ali na Terra Nova<sup>378</sup>. Tínhamos ali um coisinho para pormos um tabuleirinho de peixe e vendíamos ali.

P: Acho que agora, acho que tenho.

Senhor José: Tu é que sabes. Se tens alguma coisa a perguntar mais.

P: Não, não, eu já perguntei.

Senhor José: Ela também agora está um bocado.

R: Ah?

Senhor José: Embora ainda está mais ou menos.

R: Ai estou!

Senhor José: Há muitas coisas que lhe esquecem, não é?

R: Não, não, não me esquece não.

P: O principal...

R: O que me vale é a minha cabecinha.

P: O principal já perguntei, já tenho aqui.

R: Também pode pôr aí que eu muitas vezes da Espanha trazia assim calçado, assim sapatilhas.

E uma altura um guarda entrou-me lá. Foi o Terças esse filha da mãe. E eu tinha ali um quartinho que tinha alugado, pra pôr aquelas coisinhas pra vender, em cima da cama.

Passavam lá muitos turistas que nós não morávamos aqui, morávamos lá em baixo. Passavam muitos turistas e nós rogávamos aos turistas para comprarem um calçadinho ou qualquer coisa, uma boneca, um chocolate ou qualquer coisa. E eles entram pela porta dentro e a minha mãezinha, Deus lhe perdoe, estava comigo. E ele queria pôr tudo numa bolsa e levar a bolsa. E a minha mãezinha para não me levarem a mim quis que a levassem a ela. E a minha mãe, Deus lhe perdoe, foi. Mas eu fui atrás dela: (Guarda): «Ai então vem a tua mãe e vens tu?» (Dona Esperança): «Somos as duas que é pra segurar as coisas, pra depois trazermos de volta».

---

<sup>378</sup> Local situado na vila de Monção.

Pera... uma boneca dessas estava um homem a comprar-ma e pu-la assim no chão. E ele tinha levado a bolsa que a minha mãe levou, tirar as coisas pra eles, pra eles! Agarrei na boneca, ah carago! Nunca mais me viu. Mas depois o senhor tenente deu-me as coisas que ele tinha tirado.

P: Sim, normalmente, quando apreendiam eles devolviam?

R: Não, nem todos.

P: Nem todos. Só havia...

R: Nem todos. Só havia um por outro que eram bons. Mas havia uns que eram muito maus, só queriam eles viver. É assim.

P: Pronto. Se não tiver mais nenhuma história assim dessas, eu interessa-me. Sim, de coisas tudo o que tenha a ver com o contrabando que se lembre é útil pra contar.

R: Ai é?

P: É. Tudo o que se lembre assim do contrabando.

R: Olhe então vou-lhe contar. Nos morávamos lá em baixo

Senhor José: No Estandarte<sup>379</sup>.

R: No Estandarte. E as casas eram velhinhas vá. Foi por isso que nós viemos prá qui. E essa minha irmã vivia assim num quartinho pequeno e o falecido homem que também lá está. E pega, nós tínhamos depois as coisinhas ali pra vendermos, ali no quartinho. Entra um guarda, está lá também. Entra o guarda e ouvi-mos. O guarda entrou e deu um tiro prá porta, um tiro. De dar o tiro, nunca queria saber. Nada não levou! Que não o deixamos entrar. E ele queria entrar que era pra bater em nós. Foi, foi, foi verdade, esta foi verdade. E queria pra nos bater em nós. E ele que faz? Põe-se em cima do muro que havia assim um muro em frente às casas. E agarrou outra vez na pistola e deu pro ar outro tiro. Nisto ele lá lhe telefonou ou apitou ou coisa e veio outro Guarda. E o outro guarda diz assim: «Oh Aníbal tu que estás ai a fazer? Deixa as desgraçadas. Deixa viver quem vive». Depois, mas ele queria ganhar a dele. Queria ganhar a dele. Tanto é que queria ganhar, mas não ganhou. Ele foi por ali fora, foi com o outro guarda que o levou. Se não ia levar uma data de porrada ali. Que havia ali gente que lha desse, ah

---

<sup>379</sup> Zona habitacional situada na vila de Monção.

home ao raio. Já lá está também, está a fazer tijolo, sabe? Uma vida muito escrava, muito escrava, muito escrava. Como aquela não há outra, não. Olhe pró meu Zé andar também lá.

P: Então pronto. Por norma, eles às mulheres facilitavam mais? Não eram tão agressivos com as mulheres?

R: Os de cá?

P: Tanto os de cá como os de lá.

R: Eram. Tinham, tinham. Lá vinha um que pronto, deixava passar e tal. Mas os de cá eram mais papadores. Sabe se trouxesse peixe que eles lhe agradasse, que vissem um congro bom. Sabe o que é congro?

P: Sim, sim, sim.

R: Um congro ou um badejo daqueles grandes e tudo. Só queriam esse peixe bom. Só queriam desse e lá queriam. E depois faz de conta que nós íamos ganhar e levavam-o eles.

P: Pois.

R: Ta bom. São vidas que vão e não tornam a vir. Mas eu queria-me no tempo daquela miséria. Era nova (risos). E é assim.

P: Pois. E pronto se não...

R: Não me vem mais à cabeça (risos).

P: Pronto, então agradeço. Agradeço já o tempo que me disponibilizou.

R: Ai eu o tempo, eu tenho sempre tempo.

P: Já vim aqui chatear um bocadinho.

R: Não, não faz mal.

Senhor José: Ela até distrai, até distrai.

R: Eu até distraiu, é verdade.

P: E depois se entretanto, depois se surgir mais alguma coisa. Também entretanto conforme vou fazendo se precisar de mais alguma coisa...

R: Se me lembrar até de alguma coisa até digo ao meu filho e o meu filho diz-lhe.

P: Sim, pronto.



## Entrevista 6

Nome: Rosa Maria Barbeitos

Idade: 60 anos.

Local: Casa da entrevistada.

Profissão: Venda de Peixe.

Qualidade: Trapicheira.

Data da entrevista: 26-01-2015.

P: Diga-me o seu nome, se não se importa.

R: Rosa Maria Pires Barbeitos

P: A naturalidade?

R: Naturalidade Cortes, não é?

P: Sim, sim. A idade?

R: Idade 60. Agora, não é idade. Pois agora.

P: E lembra-se, mais ou menos, em que alturas fez contrabando?

R: Na altura em que comecei a andar?

P: Sim, sim.

R: É assim, eu já não fui das primeiras, não é? Mas fui... Ora portanto, isto há...

(...)

R: Portanto, há 33 anos. Seria em quê?

P: Eu faço as contas.

R: Há 33 anos. Eu foi há 33 anos. Mas já não fui assim muito das primeiras que já andavam há muito, muito tempo. Outras, não é?

P: E tinha mais alguém na sua família que fizesse?

R: Não, na minha família, na minha família era mesmo... Fui mesmo... Tinha... Andava lá uma cunhada minha e uma sobrinha. Cunhada e filha, não é? Portanto, cunhada minha e sobrinha. E pronto. Eu como na altura precisava de ganhar. Não havia nada onde, não é? Tinha a Patrícia pequena. O meu marido só a trabalhar e precisava, não é? Não tinha a onde e a minha cunhada um dia disse-me: «Olha, anda comigo que passas uma caixinha de bananas e ganhas alguma coisa. E pronto». E foi assim. Eu então fui o outro dia. Fui com muito medo, porque o rio era horrível naquela altura. Eu era nova, tinha medo a tudo. Portanto, tinha medo da banda de lá. Pronto e então eu, claro, era nova tinha muito medo, muita vergonha. Até porque andavam lá aquelas mais antigas e tinham a mania já que mandavam. E lembro-me até no dia que eu fui e diz ela: «Ai vem estas novas agora, vem estas novas agora!». Pronto eu não fiz caso e fui. E o primeiro dia que fui e passei umas caixas de bananas pra cá. Pra lá não levei nada, pra cá passei umas caixas de bananas e ajudei lá a trabalhar num peixe. E ganhei naquele dia 300 escudos. Muito bom, muito bom! Muito, muito bom! Muito bom!

P: Na altura era dinheiro

R: Porque quanto mais a gente passasse, mais a gente ganhava, não é? Ganhei 300 escudos em dinheiro e trouxe umas bananas pra dar à miúda. À noite, pra ter em casa. E o que era muito bom, mas era muito difícil, muito duro. Porque nós vínhamos carregadas com umas bolsas grandes. E trazíamos à cabeça, trazíamos nos ombros, trazíamos, pronto. Isto foi assim, no primeiro dia foi assim. O segundo também. Pensei muitas vezes em desistir. Não aguentava aquilo, não é? Por tudo. Porque era difícil, porque tinha medo, tinha medo ao rio, tinha medo aos carabineiros da banda de lá, tinha medo depois da banda de cá e pronto. Mas fui-me habituando e o que é certo é que, até hoje. Hoje não estou no trapicho, mas ainda estou ligada ao peixe, não é?

P: Ligada ao peixe. Sim, sim. E quando fazia contrabando era aqui em Cortes?

R: Era na fronteira. Na fronteira mesmo. Porque nós já íamos pela fronteira.

P: Ai já ia pela fronteira?

R: Nós já íamos pela fronteira, depois pronto. Depois pra lá levávamos café, não é? Mas como era proibido levar, nós tínhamos... Chamávamos-lhe umas mandranas que púnhamos debaixo... Assim no corpo, atadas ao corpo atrás, com uns bolsos muito grandes e a gente metia ali café.

P: Escondido?

R: Café escondido. E depois punha o avental por cima e pra lá levávamos assim.

P: E era sobretudo ali a Salvaterra?

R: Sim, era tudo ali na fronteira. Nós não era assim. Era tudo ali, não é? Depois chegávamos. Isto pra lá. De cá podíamos levar o café que os guardas...

P: Não havia problema?

R: Não havia problemas. Mas da banda de lá era mais complicado, porque não deixavam. Mas aquilo havia muita gente, não é? E havia sempre um da banda lá, um ou outro, que fechavam os olhos e a gente conseguia passar. Eu só levei isso, café. E depois levávamos também roupa, muita roupa: combinações, camisas de dormir e assim muita roupa. Porque havia outras que levavam sabão e assim outras coisas. Mas eu foi só mesmo o café e a roupa. Depois, quando havia que revistar a gente da banda de lá, não é? Como os carabineiros não podiam mexer nas senhoras havia uma mulher que lhe chamavam (risos). Não é que fosse nome, mas a gente dava-lhe o nome da Matrona, que era pra ela revistar as pessoas. Pra ela... Porque os homens não tinham acesso, não é? E pronto, assim foi. E depois pra cá trazíamos muita coisa: pra cá era bananas, era fruta de toda a qualidade, era chocolates, sapatilhas, enxadas, peixe.

P: Sim, quase todo o que desse?

R: Tudo, tudo, tudo.

P: O que desse para trazer.

R: O que desse pra trazer trazíamos, muito, muito, muito. Trazíamos de tudo. Houve muitos dias que era muito complicado, porque nós trazíamos aquilo nos carrinhos, não é? Chegávamos ali à beira do rio e os carabineiros não nos deixavam passar. Porque é assim, havia uns bons e uns menos bons.

P: Sim, como em tudo.

R: Como em todo o lado. E então eles ali pelo meio-dia. Eles arrevesavam-se e então a gente aproveitava na hora que eles estivessem... Se calhasse de estar um bom da parte da manhã, a gente andava mais depressa pra ir, pronto. Se calhasse de ficar depois (risos) na hora do meio-dia ou assim, então a gente esperava um bocado pra passar naquela hora que...

P: Mas, por norma, eram sempre mais duros em Espanha do que em Portugal?

R: Aqui também eram assim um bocadinho duros, mas muitas vezes tiravam as coisas. Porque é assim, nós o que levávamos pra lá daqui, não havia problemas.

P: O que traziam de lá é que...

R: É, havia muitas vezes... Também haviam... Quando era que estava mais ou menos aqueles que também já tinha controlados, passava-se tudo e mais alguma coisa. Mas havia outras alturas que aparecia um Tenente de baixo e a coisa aí já era mais complicada. E então o Sargento e o Cabo que estavam de serviço tinham que mostrar serviço.

P: Claro, claro

R: E então tiravam assim alguma coisa. Nós passávamos muita, muita coisa, não é? E havia alturas que... Porque o peixe, naquela altura, pagava um imposto qualquer, mas tinha que ser um «x», que ele não, não...

P: Abaixo disso não se pagava.

R: Pronto, não podia. Não tínhamos que só ter... Imagina que eram 200 Kg de peixe até aí podíamos passar. Depois a partir daí não. Já não podia passar mais, porque já não dava. Nem pagar o imposto dava. Então nós vínhamos com uma carga, não é? Enquanto umas vinham pra cima com aquilo. Pra pesar aquele que pertencia pesar, não é? Nós fugíamos e aí é que era clandestino. Por acolá por aqueles montes, não é? Ali da Lodeira. Há assim um caminho por onde se vai para o Arara<sup>380</sup>, por acolá.

P: Sim, sim. Por aquela zona ali.

---

<sup>380</sup> Antigo estabelecimento localizado nas imediações da antiga fronteira da Lodeira – Monção.

R: Nós fugíamos por ali com as bolsas do peixe, ali pró meio de uns campos. Até que depois vinha outro à volta e vinha-nos ali agarrar as coisas que não passávamos na Fronteira. Sim, isso aconteceu muitas vezes. Inclusive, uma altura, estava eu e mais duas com o peixe lá. Muitas bolsas de peixe. Que nós, a gente, despejávamos das caixas prás bolsas. Aquele que não podíamos passar. Imagina que só podíamos passar 10 caixas dele, não é? Nós trazemos 50 ou 100, não é? E aquele que tinha que ser de outra maneira. Então púnhamos nas bolsas e vinha uma pra cima com aquele que se podia trazer. E as outras passavam-no por acolá. Numa altura, até estava eu e mais duas moças carregadas, que aquelas bolsas eram tão pesadas.

P: Pois, acredito.

R: Davam cabo dos ombros. E nós assim a descansar, muito cansadas. E dissemos nós assim: «Ai agora, graças a Deus, estamos a salvo». E apareceu-nos um guarda dos nossos dali (sorriso). Mas, por sinal, não sei se até conhecias. Que ele era dali de Barbeita. De barbas assim...

P: Não sei, depende.

R: Era muito bom, muito boa pessoa, na altura. E diz ele: «Estão descansadas? Estão? Vocês já viram o que fizeram?». Mas, por acaso, não tivemos problemas. Diz ele: «Safem-se como puderem». E deixou-me ir tranquila. Pronto, pra ele não ter problemas. E pronto. É assim! E tive sempre muito medo porque aquilo era muito complicado. Havia alturas no Inverno que a gente levava o... Íamos no barco primeiro que, mais tarde, é que foi o transbordador, como nós lhe chamávamos. Mas nós não. Nós íamos de barco. Íamos no barco de motor. Mas também havia alturas que já não podíamos ir nesse e que íamos...

P: A remos?

R: A remos ainda. E aquilo era... Aquilo baloiçava um bocado.

P: Abanava tudo.

R: E eu dizia sempre muitas vezes: «Amanhã não vou, amanhã não vou». Chegava a casa e o meu marido até me... Achava que era duro, não é? E digo eu assim: «Amanhã não vou». Mas, no outro dia, sabia bem ganhar o dinheirinho. E ganhou-se. Ganhava-se muito.

P: E iam sempre grupos de mulheres?

R: Muita, muita. Muita gente, muita gente. Não só nós daqui de... Eu ia com as de Cortes, não é? Mas iam de toda, daqui de Monção.

P: Mas quantas, assim por norma? No geral, quantas mulheres costumavam ir num barco?

R: É assim, o barco. Eles só nos deixavam ir. Aquilo tinha carga pra 8/9 pessoas, no máximo.

P: E já era muito, mesmo assim.

R: Mas nós como... Mas isso já no de motor, no de motor. No de remos. E no de remos também a gente tinha. É assim, tínhamos muito medo de ir, mas tudo se metia ali. Que às vezes o barqueiro até dizia: «Não levo mais». E nós não saíamos. E o caso é que aquilo era perigoso, mas ninguém saía. Porque tudo queria ir cedo pra, não é? Mas chegamos a ir pra e 15 a 20 pessoas. Muita gente, muito complicado, muita gente no...

P: E iam sempre da parte da manhã?

R: Sim, sim, sim. Sempre da parte da manhã. A gente ia muito cedo pra estar lá ao abrir a fronteira. Porque a gente era muita que andava ali na fronteira, muita, muita. E pronto. E depois tudo queria ir cedo pra governar. Vinha o peixe, vinha aquelas coisas todas e tudo queria ir cedo. E então metíamo-nos no barco sem ordem dele, do que passava a gente.

P: Do barqueiro.

R: Pagávamos, naquela altura. Não sei quanto é que pagávamos naquela altura. A gente pagava pouco, não sei se eram 25 tostões. Depois passou para 5 escudos. Era assim que a gente pagava o barco, não é? E eles que não nos levavam, que não nos levavam, mas ninguém saía do barco. E o homem lá acabava por levar a gente. Pra lá era assim, a gente era um caos. Pra cá vinham os barcos carregados era de mercadoria. Tanta coisa, tanta coisa. Mas tudo o que podíamos passar passávamos. Outras coisas vinham escondidas no corpo. Como a gente safava-se como podia. Mas houve alturas em que ficaram coisas, bastantes coisas apreendidas.

P: No máximo, quando chegavam cá, a Guarda-Fiscal e assim apreendia só a mercadoria, ou algumas pessoas foram presas?

R: Não, não. Foi só... Era só a mercadoria. No meu tempo era só isso. Depois houve uma altura que apareceu ali um Tenente de baixo. E veio doutro sítio, não é? Que naquela altura passava

uma novela na televisão e havia um muito mal, chamavam-lhe o Zeca Diabo.

P: Ah! Pois, eu sei que andava aí na zona.

R: Pois, e deram-lhe a ele, como era muito mal, tinha a fama de ser muito mal. Deram-lhe o nome do Zeca Diabo. E então aí, a mulher pra quem eu trabalhava, não é? Porque trabalhava prá Nazaré falecida. A mulher para quem eu trabalhava, ela já estava lá um bocado referenciada por outros que lhe tinham assim um bocado de inveja. Que ela era uma contrabandista muito forte, não é?

P: Ela chegava a ir também ou só mandava?

R: Não ela ia. Ela ia compra, ia comprar. Ela não trabalhava, mas ia comprar, pagar, organizar e nós é que passávamos as coisas. Mas ela como era uma pessoa muito... Uma contrabandista muito forte, ela tinha também mais ou menos os guardas comprados ali.

P: Sim, já tinha comprado.

R: Comprados, porque eu várias vezes. O Sargento e o Cabo que eles nós dávamos-lhe do que... Ou uma boa pescada.

P: Ai, sim, sim.

R: Ou coisas boas.

P: Para facilitar...

R: Pra ele nos facilitar um bocado a vida. Mas também dinheiro isso, se lhe dava, era ela. Não era, não é comigo. Mas muitas vezes eu tinha ordens. Dava qualquer coisa pra eles nos deixar passar aquilo. E então veio, nessa altura, veio esse que lhe deram o nome de Zeca Diabo.

P: Pois. Eu por acaso já tive com o senhor... A entrevistar o senhor Luís, dali de Monção e ele também falou nesse...

R: O Zeca Diabo?

P: Sim, sim

R: Pois. E nessa altura lembro-me, foi uma Quinta-Feira. E nós até estávamos com muita presa que queríamos trazer o peixe pra vender, não é? Prá praça e eu estava na peixaria. E depois ela como já trazia mercadoria a mais, ele apareceu de surpresa. E então aí nós tivemos que ir... Fomos já responder, fomos ao tribunal. Primeira vez até que eu lá entrei, nunca tinha lá entrado, eu e outra. A gente nem sabia bem o que havia de dizer, porque pra dizer que trazia muito ia entregar a...

P: Pois, Pois

R: A patroa, não é? Mas pronto, depois nós dissemos que aquilo foi só... E não passou assim dali. Foi a única vez que fomos a tribunal. De resto tivemos muitos altos e baixos, muitas vezes tiravam as coisas. Faziam que tiravam...

P: Ficavam com elas?

R: Algumas iam para o lar que eram obrigados a dar ao lar. Outras não. Outras tiravam diante doutras pra fazer ver e depois a gente da parte da tarde ia buscá-las.

P: Ah, sim, sim.

R: Ia busca-las outra vez.

P: Ah, sim, sim. Devolviam?

R: Pronto. E era assim que funcionava. Naqueles anos todos que eu andei, porque isto já no meu tempo. Porque eu já não fui das primeiras. Eu quando fui já a coisa, já era assim... Trabalhou-se muito, mas já não tanto como aquelas outras que passavam o contrabando.

P: Sim, mas continuava a ser duro.

R: Sim, muito duro, muito duro. Mas ganhava-se dinheiro. Aquilo era aliciante porque não havia mais onde trabalhar. Mas até, no fundo, não fazia nada de mal, não é?

P: Não, sim, sim. Exacto, uma pessoa estava a tentar...

R: Era só aquilo que trazia. E ganhava-se bem, porque a gente pra lá depois levava. Depois eu fui aprendendo melhor, não é? Com os outros. Fui ganhando mais confiança em tudo. E ganhava-se muito porque levava a gente o café, levava uma roupa. Ganhava-se ao ir pra lá. Depois ao vir pra



cá trazíamos. Quanto mais trouxéssemos, mais ganhávamos. Era muito duro. Eu cheguei a trazer bolsas à cabeça e nova. E outras aqui penduradas assim nos braços, umas de cada lado.

P: Mas escondidas?

R: Sim. Se eles nos deixassem, a gente ia lá em cima outra vez, não é? Mas eles, às vezes, só passávamos uma vez e não podíamos mais ir lá. E aí tínhamos que trazer o máximo que desse.

P: O máximo possível...

R: Pra ganhar, não é? A carne, muita carne que se passou, naquela altura. Muita, muita carne. Era de tudo, era de tudo!

P: Sim, o que desse, não é?

R: Era tudo, tudo. Não havia nada que a gente não trouxesse de lá. Penso eu que naquela altura não havia nada com que a gente não trouxéssemos.

P: Mas os produtos tinham fases por épocas? Por exemplo, procurava-se mais uma coisa durante o Natal, por exemplo?

R: Assim, por exemplo, o peixe era todo o ano, e a fruta. Ora depois, durante o Natal, a coisa era nozes. Era aquelas coisas, uvas passas, era torrões, era chocolates de quanta qualidade havia, era bacalhau. Houve uma época que o bacalhau vinha de lá pra cá. Ui! Ainda passamos muito bacalhau. Era, pronto, era a carne e o peixe quase que era sempre.

P: Era todo o ano...

R: Depois, na altura do Natal era aquilo tudo: uvas passas, nozes, sacos e sacos de nozes, era tudo. E eu é como digo, não sei o que que a gente não trazia. Trazia-se, de facto, trazia-se de tudo. Pra lá unicamente era o café. Eu era o café e a roupa, muitas combinações, camisas de dormir, umas camisolas, assim umas coisas. Havia muito quem levasse assim sabão, pronto. Depois, não falando de outras coisas. Mas isso já são coisas mais complicadas que outros... Mas nós não, nós era isso assim (Referência a armas).

P: E havia problemas, por exemplo, com outras contrabandistas? Algumas quererem ficar com tudo, vá.

R: Claro havia sempre. Nós o que levávamos pra lá já tínhamos aquelas lojas que era só entregar lá. E escondidas, íamos lá pra um... Tínhamos lá uns armazéns lá pra dentro. A gente pra entregar aquilo... Pronto, não tínhamos... Eu já não tive assim grandes... Algumas, no princípio, tiveram muitos problemas. Eu já não tive assim esses problemas. Assim tão graves como tiveram algumas. Tive alguns, mas já não tanto como algumas tiveram. Algumas, porque aquilo não era igual pra todos. Havia sempre umas mais privilegiadas do que outras. E depois eu não tenho conhecimento, eu disse. Eu não. Eu pessoalmente não, nem... Pronto, estava longe disso. Mas constava-se que havia muitas senhoras que até... Mulheres, não é? Que pagavam com favores sexuais.

P: Ah, sim, sim, sim.

R: Mas eu ouvi. Eu como era assim mais nova, ouvia comentar. Mas eu e as minhas amigas assim as que iam comigo, nós não. Seriam outros casos que falava-se nisso, não é?

P: Sim, sim.

R: Agora, isso é que já não posso afirmar.

P: Pois, pois. Ouvia-se dizer.

R: Sim, muito falado, muito constado. E depois havia também muitas mulheres mães de filhos solteiras e tudo. E talvez aí...

P: Sim, alguns fossem filhos de...

R: Sim, sim, aí constava-se essas coisas. Mas não connosco porque, pronto. Éramos sérias tinha que ser. Apenas queríamos era ganhar dinheiro que não tínhamos a onde, não é? E era isso filho é assim.

P: Lembra-se alguma vez. Já foi mais recente, não é? Mas, mesmo assim, lembra-se de alguma vez haver disparos do lado dos carabineiros ou assim? Relatos?

R: Isso era, isso era.

P: À noite

R: Isso era mais à noite

P: Lembra-se de alguma coisa?

R: Ai à noite sim. Os contrabandistas isso era à noite.

P: Havia algumas mulheres que iam à noite, uma ou outra?

R: Constava-se que havia, mas eu isso já não posso assim. Mas à noite era mais complicado. As mulheres à noite iriam elas...

P: Fazer vigia ou assim?

R: Vigia, ora, ora. Ou levar assim alguma coisa ao pé do rio da banda de cá, sim. Sim, porque eu era nova, não é? Mas ouvia dizer que algumas, que até traziam os maridos nisso que iriam. Não passar elas pra lá, mas... Ou vigiar, ou ver, ou levar, fazer chegar a eles qualquer... Assim coisas, não é? Mas eu isso é assim. Eu era mais aqui pela fronteira. Eu era mesmo trapicho. Não eu era já assim, chamavam-lhe trapicho.

P: Sim, sim o trapicho.

R: O que era contrabando na mesma.

P: Era, era. Exactamente, sim, sim.

R: Porque não pagava imposto. Mas disparos de, de... Ai sim, a gente como morava ali á beira...

P: Ouvia-se às vezes?

R: Ai sim, sim. Ui muitos e muitos. Mas mais da, tanto da banda de cá como. Mas da banda de lá... O pai da Sandra, não sei se ela contou. Numa altura passou uma noite inteira até que ele, a Sandra no outro dia estava a dizer: «Ai que me venha a mim falar de contrabando que isso...». Pronto, eles era mesmo contrabando de noite mesmo.

P: Eu por acaso já falei com o...

R: Com o Manel. Mas o Manel, mas o Manel não andou.

P: Ele só fez. Ele também disse que só fez uma coisa ou outra, mas que não...

R: Ah, o Manel não, não andou.

P: Que ele depois imigrou também

R: Sim. Mas o pai da Sandra inclusive, numa altura, que foi atacado pelos carabineiros da banda de lá. E talvez da banda de cá passou. A Sandra não disse? Se calhar nem ela sabia.

P: Não. Foi a minha mãe que falou.

R: Passou uma noite de Inverno no penedo e no meio do rio. Que ele estava a ver que morria com hipotermia.

P: Pois. É frio de Inverno e tudo.

R: Ele estava a ver que nem pra lá, nem pra cá. O Artur conta bem essa. Aí eles passaram muito. Desses assim desse contrabando de noite. E ouvia-se tiros a cada passo. Aí inclusive ainda chegou um a afogar-se, ainda houve assim problemas. Era duro o contrabando. Mas eles também depois, olha, habituaram-se àquilo. Mas também já nessa altura deles. Isso é o que eu ouvia, não é? Já nessa altura havia. Eles quando passavam era o café, quase que era só o contrabando, aqueles sacos de café.

P: Era o principal, sim.

R: Era o café. Eles também já tinham os carabineiros. Naquela altura chamavam-lhe: «Ai hoje temos passe». Havia aqueles que pronto, que fechavam os olhos e também um pouquinho ganhavam, não é?

P: Claro, claro.

R: Havia assim outro que também...

P: Eles também podendo ganhar, não é?

R: Pois...

P: Claro, aproveitavam.

R: Eles diziam: «Hoje temos passe». E a gente morava perto e via bem eles. Até os donos dos contrabandistas mandavam os homens e eles ficavam até transmitir. Que já havia aqueles transmissores que eram proibidos, aquilo era proibido. Nós hoje é telemóveis, não é? Mas eles tinham uns transmissores quaisquer e ouvia-se assim eles pra controlar a coisa.

P: Eu por acaso também falei com o senhor Gapito ali de Cortes e ele também me mostrou um, desses já antigos.

R: Sim, pois. Mas isso eu via. Eu era miúda e via que era assim que funcionava, não é? Pronto e era isso assim o que... Foi assim o que se passou.

P: A ver se tenho aqui mais algumas...

R: Não sei se te serve de alguma coisa.

P: Sim, acho que já tenho muita coisa. Não, já serve, que já me disse muita coisa.

R: Mas pronto. Era muito complicado aquilo. Mas ao mesmo tempo a gente. É assim é como te digo. Tantas vezes dizia: «Ai amanhã não vou é complicado». Mas a gente ganhava dinheiro, aquilo a ambição era... Também apetecia. Ganhava-se e a gente, no fundo. Depois olha, a gente tinha faturas.

P: Claro, uma pessoa também queria era...

R: E depois a gente ganhava dinheiro, trazia. Passava aquelas, tanta caixa de banana tanta. Trazia-se logo um quilo ou o que pra...

P: E cargas, quantas? Qual era a carga, mais ou menos, que uma mulher podia trazer? Uma só mulher?

R: Carga é assim.

P: Mais ou menos por alto.

R: Eu sei lá. Eu cada caixa de bananas pesava parece-me que eram 10 Kg. E a gente quando eles mesmo realmente apanhavam um que fosse bom, que deixa-se passar. Que fechasse assim os olhos, não é? Ai a gente trazia muito. Mas depois também há este pormenor. Naquela altura havia muitos emigrantes da França, não é? Que vinham de comboio e atravessavam ali a fronteira. E então eles era-lhe permitido passar 2, ou 3, ou 4 Kg de qualquer coisa, não é? E então a gente pra conseguir passar muita coisa, não é?

P: Falavam com eles?

R: Pedíamos-lhe pra eles então. Pois, já me esquecia desse pormenor. Vinha uma à frente com uma carguita, não é? Passava o cais, ponha-se ali e a gente. E outra ficava lá a pedir aos emigrantes ou àquela gente que não era diária como nós. Eles a esses deixavam passar. E a gente então pedia-lhes pra: «Olhe leve-me esta caixinha, esta saquinha de bananas». E metia duas garrafas de azeite ou dois quilos de carne, metia-lhe assim. Fazia um saquinho com as bananas. E eles, porque traziam. Vinha muito azeite também naquela altura. E então vinha nós, vinha uma à frente trazia a carga normal que pudéssemos. E depois vinha-mos ficar... A outra dizia-lhe mais ou menos, descrevia: «Está lá uma fulana, está assim, assim vestida». E outra ficava lá mandar.

P: A receber?

R: E depois vinha aqui pra receber e então aí trazia-se muita... Mas quando eles não deixavam mesmo, que a gente vinha só aquela vez. A gente vinha muito carregada. E depois também é assim e, às vezes, enquanto da banda de cá, não é? Estava o cabo, estava uma Praça, um Sargento. O Sargento estava lá pra dentro. Estava ali o Cabo e uma guarda, não é? Estavam a ver uma, e a outra escapava-se por um lado. Eles também...

P: Também não conseguiam controlar tudo.

R: Controlar tudo. Nós vínhamos às rebanhadas, não é?

P: Tanta gente.

R: Pró outro país mandava-nos: «Para aí! Pare aí! Ninguém passa e tal». Mas havia... Nós éramos muito atrevidas. Também depois ao primeiro não.

P: Sim. No início é diferente era a habituação.

R: Mas depois, pois. Enquanto eles mandavam: «Pare aí!». Enquanto revistavam umas. Às vezes o azar de umas era a sorte doutras. Porque a gente passava com as coisas. Mas trazíamos. Olha eu cheguei a trazer sei lá, uma caixa aqui 10 Kg, outros 10, 20. Pra e uns 50 Kg.

P: Era muito peso.

R: Ai sim, muitas vezes. Muito peso, muito peso. Porque a gente quando aproveitava aquela fuga de puder trazer, caramba era... E depois, naquela confusão, também às vezes deixávamos à

beira do rio. E como havia aquela confusão eles também era impossível controlar quando vinha aquela gente toda, não é? E a gente ia abaixo outra vez ao cais e trazia mais outra caixa. Era o que se pudesse safava-se. Quando não dava por ali. Enquanto essa gente passava eles olhavam, a gente fugia clandestina, como quem vai para o Arara, aquele caminho.

P: Sim, sim, sim. Ali na Lodeira, sim.

R: E fugíamos por ali. Ai fugi muitas vezes, muitas, muitas vezes. Com o peixe e com as bananas e com tudo, com o que tínhamos. Mas não era. Outro contrabando nunca passei. Era mesmo assim só. Outras coisas mais graves não. Eu não, não é? Outros não sei, mas nós ali era aquilo. Mas eu depois trabalhava prá Nazaré, não é? Ela Jesus que aquilo trazia de tudo, tudo, tudo.

P: E às vezes também traziam dentro das caixas do peixe? Também traziam algum contrabando?

R: Da caixa do peixe era só... Havia uma altura que nós, que havia muitas ovas, milharas, muitas ovas. E aquilo era muito proibido e então a gente escondia. Sim, mas também escondíamos fruta com peixe ou carne. Sim, sim. Escondia-se umas coisas pra tapar as outras. E os chocolates, por exemplo, traziam-se naquelas mandranas que levavam. Que levávamos pra lá, trazia-se. E muitas vezes as bananas também no... Porque passava-se muita banana. Aquilo era, meu Deus. E porque escondia-se assim onde a gente podia. E umas coisas mais que não podiam passar tão bem, umas tapavam as outras. Muito azeite também se trazia. A gente tinha que tapar pra não mostrar muito de tudo, não é? A gente mostrava só um cachinho de bananas a tapar um azeite ou chocolate, ou um peixe, ou aquilo e aquilo. Funcionava assim. Embora eles, embora os guardas sabiam bem que...

P: Claro.

R: Porque depois saiu uma lei que estava lá escrito, que só podia cada pessoa trazer uma garrafa de azeite. Mas uma garrafa de azeite, a gente queria mais e mais. Porque vinha, vinha de tudo.

P: Mesmo assim, do que se lembra ao longo dos anos, foram facilitando cada vez mais a passagem de produtos?

R: Sim, sim.

P: Mas isso era muito, por exemplo...

R: Principalmente, eu não digo todas. Mas principalmente para quem eu trabalhava, porque comiam tudo, o Sargento e o Cabo. Comiam bem facilitavam.

P: Mas eu estou a falar em termos, por exemplo, em 50 ser mais difícil e não haver tanta facilidade e tanta... Não fechavam tanto os olhos, se calhar. Ao longo das décadas facilitar essa passagem, mas mesmo ordens do...

R: Sim, superiores, não é? É assim, no princípio, quando eu comecei a andar, não facilitavam muito, não é? Mas olha, eu quando comecei a andar ainda era nova. E numa altura o Cabo que lá estava queria-me tirar tudo: «E tira e tira». E a gente era nova: «Eu vou-lhe tirar. E isto, pronto, isto vai pró...». E não davam, não é? Era complicado também. Eles também eram papadores, não é? (risos).

P: Ai claro, eles podendo...

R: E digo-lhe eu assim: «Ai não tire, olhe não tire. Não tire porque, olhe, o meu marido é carpinteiro». Se fosse precisar de alguma coisa. Que eu ouvia dizer. Eu era nova, mas já tive essa habilidade, porque ouvia doutros casos. Digo-lhe assim: «Olhe não tire porque o meu marido é carpinteiro e você se precisar de alguma coisa ele faz». E diz ele: «Ai é? Ai caramba que tenho lá uma mesa que precisa das pernas arrançadas». Olha, direitinho: «Precisa de umas pernas? Passe, passe». Daí prá frente eu já passava mais. Embora fizesse pra fazer ver aos outros: «Ai desta maneira e daquela». Mas já ganhei assim aquela confiança.

P: Pois. Porque se ficassem sempre os mesmos guardas ia-se ganhando aquela confiança também.

R: Tinha, mas depois também havia, havia... E até era de Cortes ele. Até já faleceu. Um que sabia que à gente que eles, a nós, nos fechavam um bocado os olhos. E esse aí dificultava-nos a vida. Não saía dali.

P: Claro, depois também devia haver um ou outro pra mostrar serviço, não é?

R: Muito bravo e morreu cedo. Olha, não lhe valeu a pena. Muito bravo. E era de Cortes, não saía dali. Nós quando disséssemos: «Ai está lá fulano». Não vale a pena mencionar o nome que já cá não está: «Está lá fulano». Já estávamos perdidas. Tínhamos ali e, às vezes, esperávamos



pela hora dele sair e ele. Por exemplo, imagina que ele tinha que sair à uma.

P: E ele fazia tempo.

R: Não saía sem nós passarmos que era... Tinha assim muita, pronto. Ele sabia que nós éramos um bocado privilegiadas. O Sargento e o Cabo comiam duro da outra e ele pronto, dificultava um bocado. E quantas vezes ficamos ali até, retidas até às três, quatro horas, quatro e meia. Pra conseguir. Pra ele ir embora pra nós depois passarmos as coisas. Passávamos, passava muito peixe não só pra venda, como ia pra Valença.

P: Pois, era isso que ia perguntar. Se era só nesta zona que ficavam a maior parte dos produtos, ou se iam também pra...

R: Não, não, não. Eles iam pra todo o lado, os nossos produtos. Aliás, pra quem eu trabalhava, ela tinha a venda aqui na peixaria, mas ela ia pros Arcos, Lindoso, Soajo. Foi por onde... Que, ainda hoje, a Inês, ainda hoje vai pra lá vender o peixe. Elas trabalharam muito pra lá porque andavam, na altura, a fazer a barragem do Lindoso. E foram elas que forneciam tudo, tudo, tudo pra lá, tudo. Inclusive carne e essas coisas. Ia tudo pra lá que era por... Não clandestino, claro. Que a gente passava. E o peixe, naquela altura, ia muito que ia pra Valença. Chamavam-lhe o chumbo. Depois ali é que distribuía pra... Até Lisboa e tudo. Mas depois isso acabou, mais tarde o peixe assim, esse acabou. Ficámos só a passar prá venda, depois. Mas passava muito. Ela levava muito, muito de tudo. Levava, muitas coisas...

P: Tudo o que desse.

R: Não tem explicação o que aquilo era. E foi uns bons anos que eu lá andei. Depois veio o transbordador e aí já facilitou a vida, porque já os carros iam lá.

P: Pois. Eu o transbordador ainda me lembro de... Já mesmo no fim do transbordador ainda me lembro de andar. Já havia a ponte e tudo, não é?

R: No transbordador, já os carros iam no transbordador. As carrinhas já iam lá carregar. Mas antes disso nós era tudo à cabeça, aos ombros. Trazíamos de lá da... Nesses carrinhos que a gente tem. Estes carros da mão, do monte. A gente vai à lenha ou assim, não é? Trazíamos tudo até à beira do rio e depois carregávamos no barco. Do barco descarregávamos da banda de cá pró cais. Carregávamos outra vez noutro carrinho na beira do rio pra passar o peixe. Aquele

peixe que tinha direito a passar, não é? Porque pagava-se um «x» e tinha-se direito a uns tantos quilos de peixe. E pronto e era tudo assim.

P: E aqui das freguesias. Qual é que era a freguesia onde havia mais contrabandistas e maior contrabando?

R: Eu é assim. Eu em Cortes sei que havia muito.

P: Pois. É que as pessoas dizem-me sempre que é... Falam sempre em Cortes.

R: E em Cortes quase toda a gente vivia do contrabando, não é? Eu era miúda e era o que se falava.

P: Cortes/Monção seria...

R: Sim, Cortes/Monção. E também seria Troviscoso e mais pra e essas. Já não posso precisar, mas também.

P: Sim, sim, também havia contrabando. Mas onde seria o sítio mesmo...

R: O foco era...

P: Eu já perguntei a toda a gente e falam-me sempre em Cortes.

R: Tanto que Cortes era, diziam que era a terra dos contrabandistas, não é? Em Cortes era quase tudo, vivia.

P: Também havia muitos barqueiros e tudo, não é?

R: Pois havia. Os barqueiros também, quase todos, eram de Cortes. Que eram os Carvalhais que também, que também pertenciam. Era tudo assim de Cortes.

P: Pois eu falei, acho que vou falar com um senhor que é taxista. Também é Carvalhais. Será de...

R: É, é. Ai esses ainda nos passou tantas vezes. Ui! Levou-nos tantas vezes as coisas no barco. E até, olha. E nós nesses até éramos facilitado. Que às vezes dávamos-lhe um bocado de peixe. E às vezes não nos levavam o dinheiro da barcada.

P: Pois, pois. Mas também faziam, em vez de pagar, traziam qualquer coisa.

R: E às vezes a gente, que eles. E comia tudo, não vale a pena dizer...

P: Claro, Claro. Isso é normal.

R: Ali comia tudo. Quem andava.

P: E só não queria...

R: Quem andava ali na fronteira, só quem fosse muito burro.

(...)

R: Porque ali comiam os barqueiros, comiam. Olha era tudo. Porque a coisa era tanta primeiro, depois a coisa... Não é? Era tanta que aquilo, claro. Que os barqueiros já... Eu já achava antes de eu ir, não é? Antes de eu ir já ouvia na casa dos outros que havia fartura de tudo. Não percebia eu o porquê daquela fartura. A gente não tinha e eles já tinham. Eu muito inocente não percebia. Depois é que fui pra lá é que abri os olhos. E vi porquê que era a fartura. Claro, aquilo era uma invasão de passar de coisas. Ai eles, claro, que tiravam um cacho de bananas, uma garrafa de azeite, não é?

(...)

R: Eu fui nova e ao primeiro. Eu nos primeiros dias nem uma banana quase comia. Queria evitar porque tinha medo e tudo. Depois uma mais matreira disse (risos): «Come, come. Não comas uma banana, leva um cacho práς tuas filhas».

P: Claro, claro.

R: Mas eu tinha muita vergonha ao primeiro e medo.

P: Pois. É início é normal uma pessoa...

R: Depois comecei.

P: Depois de se adaptar e tudo.

R: Depois comecei e assim, olha, ganhava o dinheiro. Levava o peixe prá noite, dois chirelos ou o que calhasse, levava duas ou três bananas. Não adiantava levar muitas porque vinham todos os dias. Levava duas bananinhas ou três prá miúda. Tinha só a Patrícia, naquela altura, e aquilo tudo era lucro, o que se ganhava. Já ganhava aquele bocadinho ao ir pra lá com o café. E com aquilo davam-nos mais qualquer coisa. E a gente vivíamos assim. Foi assim. E olha, ainda hoje continuo ligada ao que fiquei lá no peixe. Depois a fronteira acabou, não é? Depois com isto livre acabou. A fronteira não acabou, acabou o contrabando.

P: Sim, sim. O dito contrabando, assim este de rio.

R: O peixe elas vão lá busca-lo na mesma. Agora até vem eles cá buscar coisas. Mas, naquela, naquela... Há trinta e cinco anos quando. Trinta e três, quando eu fui, vinha tudo de Espanha. Nós cá não havia nada, de lá vinha. É como digo, não sei o que de lá não vinha. Vinha de tudo.

P: Pois. Era tudo o que desse, não é?

R: Tudo, tudo. Muito polvo. Na altura do natal passávamos tanto polvo clandestino que não podíamos. E também escondido, claro. Fugíamos com ele por onde se podia, não é?

P: E ali, normalmente, na fronteira do lado de cá. Estavam, normalmente, era sempre só Guardas-Fiscais? Ou algumas vezes podiam-lhe aparecer GNR ou...

R: Ali naquela altura eram os fiscais, era mesmo a Guarda-Fiscal, não é? Às vezes apareciam... Então como nessa altura esse Tenente. Ou outros que vinham de baixo, que não eram dali. Pronto, havia ou diziam, olha que se estava a passar qualquer coisa ou na fronteira, ou pronto. Porque havia também sempre. Nós tínhamos, por exemplo, aquele guarda, o Rodrigues. O que morreu. Que esse nem estava bem nas coisas, estava nos passaportes. Porque a gente primeiro tinha passaporte. A gente tinha que ir e tinha que ir carimbar todos os dias o passaporte. Era. Depois, mais tarde, isso também acabou, não é? Depois era o bilhete de identidade.

P: Pois, eu lembro-me do meu avô, que também fez na zona de Barbeita. E lembro-me dele contar quando eu era pequeno que iam a Espanha. E dizia-me sempre: «Tens o passaporte para passar?».

R: Era, era.

P: Brincava sempre comigo e eu na altura não percebia.

R: Nós tínhamos o passaporte que, na altura, nem era dado assim de qualquer das maneiras. Depois mais, pronto. Depois os passaportes acabaram, vieram os bilhetes de identidade. Mas havia que a gente... Tinha-mos um número depois pra controlar, não sei. A gente ou quê, tínhamos um número e nós tínhamos que ir sempre... E estavam, então, eram os dois irmãos. Não sei se conheces o Rodrigues que faleceu, coitado. E o Zé. O Zé ainda é vivo. O Zé é ali de Lapela. O Rodrigues era muito terrível, mau. Mesmo sem ter que ver. Porque ele estava nessa parte dos passaportes ou dos bilhetes de identidade. Não tinha nada que ver com o que se estava a passar em baixo, mas ele metia sempre o nariz. Era, ui Jesus! E então, depois a Nazaré. Eu para quem trabalhava, era de Segunda a Sexta-Feira, não é? Mas ela ao Sábado também ia vender. E ela pedia-nos sempre pra ir com ela, pra lhe ajudar a trazer as coisas. E eu não gostava, porque ao Sábado não havia trapicho pra ninguém. Ia uma ou outra pessoa. Mas ela como ia vender e vendia bem lá pra baixo: «Ai podias vir comigo e tal». Eu com o custo lá ia. Eu sempre que ia lá buscar o número a ele: «Você não lhe chega à semana, também tem que vir ao Sábado?». Ai era tão, ui Jesus que: «Também tem que vir ao Sábado?». E eu não queria ser malcriada, porque a gente só tinha a perder sendo malcriada com eles, não é? E depois, olhe, aquilo acabou. Depois era livre e tanto se podia ir ao Sábado, como ao Domingo, como à hora que quisesse. E eles até que deixaram de ter poder nenhum. Depois com a liberação das fronteiras eles deixaram de ter, pronto. Não tinham poder nenhum ali. Mas ao primeiro, muitos também abusavam bem do poder que tinham, do poder que tinham.

P: Como é que acha que era a situação, fazendo a comparação do actual para o antes, como é que acha que está o país? Como é que era antes e como é que é agora? Como é que acha que...

R: Pronto é assim, o contrabando diz que não é bom pra nada, não é?

P: Não, mas... Sim, sim, sim.

R: Ai como estava o país...

P: Como é que acha que se vivia antes? Como é que se vive agora?

R: É assim, eu acho que agora a gente vive muito bem. Não se vive bem, porque também há muita exigência das coisas, não é? Porque, naquele tempo, a gente não gastava tanto. Porque não havia tanto, não sei como é que vou explicar. Nós contentávamo-nos com pouco, porque

não havia mais. E também não tínhamos tanto como gastar, porque nós não tínhamos telemóvel, nós não tínhamos. Só tínhamos uma televisão onde toda a gente via, não é? Hoje há muito gasto, mas acaba por se viver bem. Mas gasta-se porque também o conforto é outro, não é? Nós naquele tempo, eu não sei, mas era feliz com o pouco que tinha. Eu achava que, como ganhava e trabalhava, eu achava que vivia mais ou menos. Criar um futuro melhor prás minhas filhas. Queria, pronto, que elas estudassem. Estudaram, agora também se vive. Eu acho que se vive bem, porque eu não tinha carro naquela altura, hoje temos. Cada um tem o seu carro, embora isto esteja difícil, não é?

P: Sim, não tinha nada a ver com o...

R: Temos que ir com os tempos. Porque agora também, o viver de agora, é muito diferente do, como a gente vivia, não é? Por isso, naquela altura, vivia-se com pouco. Pronto, a gente achava que com o pouco ia governando. Agora vivemos com isto, mas queremos sempre mais.

P: Exacto.

R: E é por isso. Queremos sempre mais e temos também direito a um bocadinho mais, não é? Agora, pronto. Há quem viva muito bem, há quem não esteja contente. Olhe, como também já não estou habituada a muito mais, acho que vivo razoavelmente. Pronto, trabalho, tirei do trabalho e acho que... Agora o País, olha não sei. Isto é muito complicado.

P: Sim, sim, sim.

R: Mas vive-se muito melhor do que se vivia naquele tempo. Então é assim, eu ia pra Espanha, não é? Tinha a Patrícia. Tinha a minha Patrícia cinco anos. Ai já era grandinha, ficava com as minha irmãs. Mas eu depois, passados nove anos, tive outra filha que não estava planeada, a Valéria. E ela veio. E eu naquela altura não queria outro filho. Porque eu andava a fazer esta casita e eu achava que outro filho era como é...

P: Sim, como é agora.

R: Eu achava que era um impedimento ter outro filho. Que eu que não podia ir trabalhar. Depois já estava habituada a ganhar, não é? Eu fiquei grávida, passei uma gravidez horrível. Mas andei até ao último dia de grávida na Espanha. Sempre com aquela barrigona até ao último dia mesmo sempre. Embora depois as amigas e tudo me facilitavam um bocadinho.

P: Sim, ajudavam.

R: Ajudavam-me muito, eram muito amigas. Mas fui até ao último dia. A Patrícia nasceu no dia 2 de Abril e eu parece-me que não chegou ao fim do mês Abril e continuei a ir pra Espanha. A minha irmã ficava-me com ela e eu continuei a ir. A Patrícia não, a Valéria. Viemos prá qui com a casa sem acabar, não é? Trabalhava lá em baixo e quantas vezes eu ia a pé prá Espanha. Ia e vinha. Não havia nada, íamos pelo monte. E de manhã era noite, quando íamos.

P: Pois, ia cedo mesmo.

R: Muito cedo. Prá gente estar lá cedo íamos de noite, sempre. Quantas vezes eu demorava um bocado e o meu marido ia-me esperar de mota, porque não tínhamos carro. Por aquele monte que nem estrada era.

(...)

P: Pois, agora já é diferente. Agora já não se apanha esse frio. Era frio, era chuva, era vento, era calor. Estavam sujeitos sempre a tudo

R: A tudo. No Inverno era horrível. A neve, o frio, a chuva, o vento, tudo. No Verão a gente também chegava cá abafada com aquele calor e aí era complicado. Coisa que agora isso não há, não é?

(...)

R: É outro viver diferente. Tudo tem um bocadinho de conforto. A gente tem aquecimento, tem assim outro conforto. Não digo que outros não tivessem. Houve sempre quem vivesse, uns melhores, não é?

P: Sim, ao longo do tempo houve quem estivesse melhor.

R: Eu confesso, eu casei nova, fiquei grávida, tive a Patrícia. O meu marido trabalhava e ganhava, mas eu só comecei a viver bastante bem quando comecei no trapicho. Que ganhei muito dinheiro no trapicho. Foi, foi, foi. Aliás, ajudei a fazer a casa e tudo, não é?

P: Exacto

R: Porque estudavam as miúdas e tudo. Foi desde que eu comecei a andar. Agradeço ao trapicho e àquela minha cunhada que me levou naquela altura. Porque não havia onde trabalhar naquela altura.

P: Pois. Exactamente, uma pessoa tinha que arranjar forma, não é?

R: Tirando ser no campo, mas também não era muito eu aí. Eu aí também não era a minha praia. Porque sei fazer de tudo, mas não era isso que queria, não é? Não havia onde fazer horas como agora há. Não havia nada, nada, nada, de nada. E então fui.

P: No início dedicava-se ao contrabando só? Ou também já estava ligada ao peixe, depois a vender?

R: Porque é assim. Porque eu já de solteira, já de rapariga de novita eu também já cheguei a, numa altura, ir assim à Espanha levar o café e assim. Mas era muito novita. Mas daí, depois parei assim um bocado. Depois casei e tal. E cheguei a ir assim, mas tinha muito medo. Quando era assim mais com os meus 17. Não, pra e 15 anos. Mas aí era mais complicado. E era muito, era nova e era proibido, pronto. Depois é que comecei assim. E perguntaste-me o quê?

P: O quê que fazia? Era só contrabando ou já estava. Depois já trabalhava também na...

R: Não, não, não. Eu o peixe veio através do trapicho. Nunca trabalhei no peixe. Nem nunca pensei em vender peixe, pronto. Depois ela como vendia, tinha o lugar na praça e tinha na peixaria. Tinha lá uma outra mulher, e ela pediu-me ali uma Quarta-Feira: «Uma Quinta-Feira podias vir-me ajudar à praça». Mas eu era nova, eu não percebia nem da balança, nem de pesar, nem de partir, nem de nada. E tinha assim muito, que ela era assim muito áspera também e não sabia ensinar. Sabia só mandar, ensinar não sabia.

P: Pois, pois, exactamente. Nem tem paciência.

R: Nada! Nem tem paciência, não sabia ensinar. E eu tinha-lhe assim um bocado de receio. Depois ela também abriu um restaurante, o Pepe. Também abriu um restaurante, não é? E ela pedia-me: «Ai podias vir ao Pepe ajudar e tal». E eu comecei a trabalhar mais meio-dia. Porque nós, o trapicho, era só da parte de manhã. Exceptuando quando havia que ficar era só de manhã. Depois fui fazendo meio-dia no restaurante. Depois fui ficando na peixaria com outra. Depois a outra disse-me: «Ai podias-me fazer». Estava lá permanente: «podias-me fazer a Quarta-



Feira que eu fazia-me falta ficar em casa». Que tinha gado e assim. Comecei-lhe a fazer uma Quarta-Feira.

P: E depois a partir daí

R: E a partir daí fui ficando e comecei a aprender. Nunca fui, pronto. Nunca tinha vendido peixe nem nada.

P: Sim, sim. Foi aprendendo.

R: E fiz. Não tenho problemas nenhuns de fazer o que se faz na peixaria. Porque se faz de tudo, não é? Faz-se, lava-se o peixe, parte-se, faz-se tudo, tudo. Ninguém sai da nossa peixaria que não tenha peixe lavado, partido, filetes, sem espinha, com espinha, com pele, sem pele. E pronto.

Mas nunca tinha ido. Foi o trapicho que me levou pra lá. Como o peixe estava englobado naquilo tudo.

P: Claro, depois já foi.

R: Já foi, foi assim que funcionou.

P: E pronto.

R: E olha ainda hoje lá estou (risos).

P: Sim, exacto.

R: Ainda hoje lá estou no peixe, não é? Agora também se, Deus quiser, só prá reforma. E gosto, gosto. Habituei-me também àquilo. Também não tinha formação, não ia fazer outra coisa. O quê que eu ia fazer? Fazer obras? Andar a limpar? Pronto, teria que fazer outra coisa se fosse o caso, mas estou bem e pronto.

P: Exacto

R: E é assim, olha espero...

P: Pronto. Acho que já tenho, que já tenho grande...

R: Espero que te tenha ajudado.

P: Ai sim. Já me ajudou bastante que já tenho...

R: Agora se quiseres mais do contrabando de Cortes vai ao Pai da Sandra que ele era muito bom.

P: Pois. Já me tinha falado também o senhor Manuel, quando falei com ele. Também me disse que ele sabia muita coisa.

R: Ui o Artur e os irmãos. Aí é que era muito complicado, quando vinha a PIDE. Chegou a vir a PIDE lá à casa dele, do Pai da Sandra. Ui aquilo ali era muito complicado.

P: Por acaso quando. Eu a primeira pessoa que entrevistei foi o senhor Manuel mesmo. Ele também me disse que não tinha muita coisa pra...

R: O Artur também disse assim, o Pai da Sandra: «Ai o Manel. O Manel é um menino, é um».

P: Ele também me disse: «Olha também não tenho muita coisa pra te contar». E contou-me, pronto, o que sabia. E também quando foi pra França e tudo, contou-me a história. Mas ele disse-me logo que...

R: Até diz o Artur: «Olha ele se quer falar de contrabando que venha». Mas o Gapito, o velho também...

P: Ai sim. Eu também estive com ele e disse-me muita coisa.

R: E também o outro que...

(...)

R: Ai esses é que eram contrabandistas fortes.

P: Mas ele também me contou muita coisa. Mesmo do tempo da Guerra Civil.

P: Esses, esses andavam. Pois esses. Era esse, era o tio Artur. E o Pai da Madrinha da Raquel, da irmã da Sandra, também eram. Eu lembro-me assim desses contrabandistas. Esses até andavam com aqueles, com os Limas.

P: Não sei quem é.

R: Toda a gente. Essa gente que vivia mais ou menos, muito bem era disso. Ai esse o Gapito...

(...)

R: Tanto que alguma coisa que fizesse falta, que se passa-se lá em Cortes, antigamente, era ele, o Gapito, que estava sempre, não é? Mas agora o Pai da Sandra andou muito, ui Jesus! Se quiseres mais assim detalhes.

(...)

R: É, é. Se quiseres assim um detalhe mais. Mas isso sei eu que ele que esteve e passou muito.

P: Pois, também já me tinham falado.

R: Passou uma noite no rio. Até eu era canalha, mas a gente era ali toda vizinha, não é? E sabia das coisas. Até pensavam que ele não...

P: Que tinha...

R: Que tinha...que ficava. Porque ali uma noite de Inverno.

P: Pois, já aguentou bastante, não é? Frio, água e tudo.

R: Já aguentou com o frio e tudo ali. Que nem podia estar, nem pra lá, nem pra cá, não é? À espera que o fossem buscar. Mas ele conta. Se quiseres, ele conta melhor a história.

P: A ver se falo com ele então.

R: Ai eles vinha muita vezes ali PIDE, à casa deles. Pronto, era daquilo que eles viviam. Era o que faziam na altura. Agora doutras coisas, assim doutros contrabandos. Às vezes falava-se, mas a gente...

## Entrevista 7

Nome: António Fernandes Oliveira.

Idade: 67 anos.

Alcunha: Salgado.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: Contrabandista.

Data da entrevista: 27-01-2015.

(...)

P: Mas primeiro queria que dissesse o seu nome, o ano de nascimento e a sua naturalidade, por favor.

R: Ah, queres isso?

P: Quero. É só para registar, para fazer o registo do que já entrevistei.

R: António Fernandes Oliveira, por alcunha o Salgado. Que é assim o meu. Portanto, já posso?

P: A idade?

R: Tenho 67 anos, actualmente. Feitos este ano.

P: E a naturalidade.

R: Sim, sim, sim. Sou natural mesmo de Monção. Nasci em Monção mesmo. Além de residir aqui na Bela, mas isso foi após o meu casamento já. Apesar que, residi já de casado, muito tempo ainda na vila, não é?

P: E contrabando fez lá em Monção?

R: Em Monção e aqui também. Aqui também fiz contrabando aqui.

P: Aqui na Bela?

R: Inclusivamente parei, parei mesmo. Foi aqui na Bela. Uma vez que fui preso e fugi. Mas como me vi tão, depois tive que ir a pé até...

P: Mas foi preso do lado de lá?

R: Fui no lado de lá. Portanto, vou-te começar mais de novo, de mais novo.

P: Começou com que idade, mais ou menos? Lembra-se?

R: 11 anos.

P: 11 anos? Bastante cedo.

R: E depois após mais 2 anitos ou 3 arrastei um irmão que morreu afogado também no contrabando. E de maneiras que a minha missão. Não sei se já dei a minha idade?

P: Sim, sim. Já está.

R: Já dei a minha idade, 67 anos. Residente em Monção, pronto. Comecei então pra um que foi grande contrabandista, chamavam-lhe o Manel da espanhola. Que foi morto depois pela Judiciaria, forças de segurança vá. Porque aí, nessa altura, eu já estava muito desviado. Muito longe de o acompanhar nesses serviços. Porque ele aí já trabalhava muito mais noutros serviços.

P: Sim, sim, sim, noutra.

R: E foi por isso que ele até. E chegou a estar preso na Espanha. Ora de maneiras que eu então comecei a fazer mais, quando realmente. Eu de espia ganhava pouco. Mas depois quando me comecei a ganhar já uma idadezinha, mais tal. Comecei a exigir que pelo meio de espia que não ia. Porque era mais arriscado. Quanta bofetada eu levei. Fui preso várias vezes. Fui preso mesmo. Por causa de não queres sair dali e esperar que eles passassem ali. E depois, muitas vezes, davam comigo no local e zás, bofetada de meia-noite. Lá ia eu.

P: Mas ficava lá preso muito tempo ou era só...

R: Não, não, não, não. Aquilo era só mesmo. Viam que eu era uma criança.

P: Era só mesmo pra...Sim e deixavam ir, não é?

R: «Porquê que vens ao contrabando?». Venho ao contrabando porque os meus pais não podem e eu ando a ver se ganho uns tostões que é para ajudar na casa. Dizia-lhe a eles e era o que era, naquela altura. Naquela altura era o que era. Que nós tínhamos dificuldades na nossa vida. Os

meus pais tiveram muitas dificuldades pra nos criar, a 5 irmãos. De maneiras que eu então lá fui andando. Volta e meia lá vinha eu buscar uma carguinha pra compensar o prejuízo que tinha em ser espia. Ora então comecei a manifestar-me, a dizer que não: «Olha então eu não vou mais de espia. E vou carregar como são 32 Kg. Que eram sacos de café Sical. Eu levo 32 Kg de café já e vou». Só que aquilo.

P: Assim de novo já levava tanta carga?

R: Trinta e dois quilos, 32 Kg. Só que muitas vezes chegávamos a ir até Pesqueiras<sup>381</sup> a pé. De noite tudo a trilha, mesmo a trilhar caminhos. De maneiras que fomos andando. Fazíamos das nossas marotices. Muitas vezes estavam os carabineiros na área que nós queríamos trabalhar. E eu comunicava que nós tínhamos uns...

P: Uns Walkie Talkies?

R: Uns Walkie Talkies. Ligava pró cabecilha que estava na frente do artigo: «Olha pá os gajos tão aninhados. Tão aqui assim, assim no túnel ou estão». Muitas vezes queríamos trabalhar no túnel e eles era o primeiro ponto de entrada deles.

P: Mas isso lá em Monção, ainda?

R: Em Monção. Chamavam-lhe ali que era aonde pescavam o sável. Prontos aquilo ali: a Pedra Furada.

P: Sim a Pedra Furada. Sim, sim.

R: E de maneiras que muitas vezes eu. Tínhamos que estar naquele e era obrigatório irmos por aquele sítio. Porque dependia dos locais que nós fôssemos. Se fosse pra ir, por exemplo, pra Oleiros<sup>382</sup> então nessa altura vínhamos trabalhar às Caldas.

P: Dependia do destino?

R: Dependia do destino que era para não esforçar tanto o pessoal. De maneiras que depois começaram a vir uns rapazes, também daí de baixo, de Caminha<sup>383</sup>. E eu fui-me entretendo. Claro fui-me entretendo até à idade que foi a idade que eu fui. Que arranjei trabalho foi aos 12

---

<sup>381</sup> Localidade situada em Salvaterra do Minho, Espanha.

<sup>382</sup> Localidade situada em Salvaterra do Minho, Espanha

<sup>383</sup> Município raiano do Alto Minho. Local onde desagua o rio Minho.

anos, 13 anos. E o meu trabalho o que era? Alfaiate. E então de Alfaiate o meu pai. O meu falecido pai, dava-lhe 5 coroas, 2500, ao senhor Luís Petras. Pra ele me dar a mim no final da semana que era pra eu ganhar gosto pela alfaiataria. E de maneiras que, mesmo assim, não tirava de eu não ir fazer as minhas viagenszinhas. Não era todos os dias que não era todos os dias.

P: Pois, pois. Eu também ia perguntar quantas vezes?

R: Quantas vezes eu não faltava ao trabalho. Precisamente porque chegávamos sobre as 5/6 da manhã.

P: Pois. Era durante a noite toda, não era?

R: Era. Bem, aquilo foi andando. Foi andando até que um belo dia, já a trabalhar com esse Manel da espanhola também...

P: Quantas pessoas a trabalhar é que tinha esse senhor? A trabalhar pra ele? Mais ou menos? Quantos homens é que eram?

R: Nós chegávamos a ser 10/15. Era consoante.

P: E ele também ia ou ficava sempre do lado de Portugal?

R: Ele ia fazer a espera. Muitas vezes ia connosco. Outras vezes ia fazer a espera com os carros pra carregar o material que...

P: Sim, sim, sim.

R: E de maneiras que então lá fomos andando. E um belo dia eu também chamei o meu irmão e o meu irmão quis ir. Ele era mudo. Mas era mudo, mas cuidado com ele! Que aquilo tinha um sentido fantástico com ele. Era mudo porquê? Porque uma tia minha meteu-nos num quarto escuro quando nós éramos pequenos e ele assustou-se.

P: Assustou-se, pois.

R: E ele ficou mudo. Bom, um belo dia sou apanhado eu e o meu irmão, os dois. Por a Brigadilha. Porque nós enfrentávamos duas classes de autoridades.

P: Pois. Eu também me interessa saber. Sim, sim.

R: Que era os carabineiros à beira do rio e, muitas vezes, a Brigadilha andava sempre à retaguarda. Mas a brigadilha, muitas vezes, também vinha fazer uma visitazinha a baixo ao rio. Mas nós fomos presos à beira do campo de futebol de Salvaterra. Fomos presos ali, meteram-nos no jipe. E lá nos levavam pra Ponteareas.

P: Pra serem presos?

R: Devia ser o destino Ponetareas ou para um quartel mais coiso. Que era pra depois nos levarem pra. E nós ao chegar a uma curva à frente. O jipe era descapotável e era Verão. Verão, Jesus que aquilo. E então meteram-nos como viram que eram duas crianças: «Bem eles não fogem». Ia um à frente e outro atrás à nossa beira, mas não íamos algemados.

P: Sim, sim, iam assim...

R: Como éramos crianças quase praticamente. Ora eu tinha 15 anos e o meu irmão era mais novo dois anos do que eu, ano e meio. E de maneiras que eu vou deste lado daqui. Nós vimos a fazer uma curva assim prá cola e eu vou do lado daqui. E ele vem do lado daí. Eu toco-lhe assim no pé.

P: Para dar sinal.

R: E fez-lhe assim com a mão, fez-lhe assim com a mão. Não, é ao contrário. Eu ia desse lado e ele é que estava daqui deste lado. E eu é que tinha que sair de costas. Eu disse-lhe que vamos fugir. O outro carabineiro ia, o outro Guarda ia ali. Mas ia confiante que nós...

P: Que não iam fugir. Que não iam fazer nada.

R: Aquilo era uma curva. E eu sabia que aquela curva ali eu podia-me deitar à vontade. Que aquilo era: rolava pelo monte abaixo que tinha uma altura de quê? Aquilo tem um desnível até lá ao fundo do campo, pra e de quê? Cinco metros ou seis de desnível, mas nós íamos. E então quando eu lhe fiz isso, toquei-lhe e ele fez-me assim com a cabeça. Eu agarro-me assim nos ferros e «pumba» de pernas e ele «pumba» por cima de mim. E vamos os dois aos tombos. Ele não tem mais nada: «Pára, pára, pára». O carabineiro: «Pára aí! Pára que escaparam, escaparam». Claro, ele não parava em cima da curva. Foi parar mais à frente. Mas enquanto ele



parava.

P: Enquanto foi parar...

R: Por outros lados lá conseguimos escapar. O meu irmão não sabia nadar. Aprendeu a nadar, precisamente, no dia que em que se afogou. No dia anterior à noite que se afogou. Bom, nós levávamos o artigo. Muitas vezes éramos atacados recolhíamos o artigo todo em, tipo buracas. E muitas vezes por denúncias. Que nós tínhamos, às vezes, também rapazes que, ao serem presos, denunciavam.

P: Pois, pois, pois.

R: Diziam: «Olhe que eles passam assim, assim. Em tal sítio», para os soltarem.

P: Pois, diziam para os soltarem.

R: E nós então, eles já sabiam mais ou menos os sítios. E faziam-nos a espera e éramos atacados. Só que pra nos prenderem aquilo era muito difícil. Que eles diziam: «Me cago *em* dios, para os *coller*». Era fogo dum lado, fogo do outro que eles faziam. Depois já não eram só dois carabineiros. Depois já eram cinco ou seis carabineiros a rodear a zona. Bem, mas quando passávamos conseguíamos passar bem. E então era o género. Nós íamos só pra ganhar os 90/100 escudinhos que era, naquela altura, já.

P: E aqui o principal que levavam era sempre café? Daqui pra lá?

R: Era café que levávamos.

P: Sim e de lá traziam alguma coisa? Normalmente?

R: Chegamos a trazer moinhos, desses moinhos eléctricos. Mas pra esse gajo nada.

P: Era só levar?

R: Pra esse era só pra lá. Chegamos a desfazer carros aqui na casa dele que ele era daqui da Bela. A desfazer carros. Ele arranjava carros e a chapa. Nós levávamos a chapa toda pra lá. Tudo, levávamos tudo pra lá. Tudo o que era...

P: Sim, chapas.

R: De chapa levávamos. E então, depois mais tarde, eu continuei a trabalhar. Continuei a trabalhar de alfaiate. Nessa altura já eu estava no Sapinho, em frente à igreja matriz. E ali já eu era casado, ali casei. Ora depois de casado vieram os filhos, claro. Quando vieram os filhos começou a haver dificuldades e o dinheiro que ganhava na alfaiataria. Porque pagavam muito pouco os alfaiates era muito pouco. E muitas vezes aquilo não dava e obrigavam-me, obrigavam-nos a...

P: Claro, exacto. Obrigava a arranjar uma solução.

R: Apesar que a maior parte da mocidade nova, esses era só pra gastos de borga.

P: Pois, muitos gastavam o que ganhavam no contrabando em jogos, mulheres.

R: Pois, precisamente. Porque ganhávamos. Eu também cheguei muitas vezes, conforme o ganhávamos, vínhamos ali pro Mané.

P: Claro, também é normal.

R: De madrugada. E uma frangalhada.

P: Claro também é normal. Também faz parte.

R: Porque nós, a maior parte das vezes, íamos era tudo ao escurecer. No Inverno não era hora de ceia. Íamos sem comer.

P: Pois, exacto.

R: E quando vínhamos...

P: Pois, no Inverno é noite mais cedo.

R: No Verão, prontos. Quantas vezes a minha missão como era espia eu ia de dia muitas vezes pra lá. E como ia? A nado. Ia a nado. Mas, muitas vezes, que os carabineiros também não eram burros nenhuns, tinha que os fintar. E como e que os fintava? Eles estavam ali em frete ao Mira-Espanha<sup>384</sup>. Ali naquela zona, na beira mesmo do rio. Que era para olhar pra baixo e pra olhar pra cima.

---

<sup>384</sup> Café localizado na vila de Monção.

P: Claro, pra terem ali um campo de visão.

R: Lá ia eu com um saco. Quando era pra passarem, que chegamos a passar de dia dessa maneira. Puxar o carabineiro lá cima.

P: E depois os outros passavam?

R: E os outros (faz um barulho para indicar a subida). Mas eles depois começaram a dar conta de determinadas coisas e começaram a não fazer caso. E um belo dia que foi precisamente. Eu tinha andado a ensinar o meu irmão. Cheguei-o a levar porque o meu irmão cada noite que ia comigo, levava uma boia de automóvel. Que era pra, ao vir, vinha na boia. Ao ir íamos na batela.

P: Sim, sim, ao vir é que vinham...

R: Se fossemos atacados, ele tinha que ter uma boia pra atravessar o rio. Mas levei-o três vezes à Espanha a nado. Ao meu lado com uma boia. Quando o via cansado chegava-lhe a boia. E quando vi. Eu vi realmente ele aprendeu muito rápido, muito rápido a nadar naquele dia. À noite, ora então, acabamos de fazer esse serviço da manhã. Entre a manhã e a tarde. E à tarde, à tardinha, o carabineiro não saía ali daquela zona. E então o que fez ele? Ele fez ali um barraco com galhas que era pra estar à sombra. E estava ali metido debaixo. E aquilo a nós não nos ficava bem: «Carago o gajo não sai dali. Filho da puta! Nós queremos ir pra qui». Queríamos passar naquela zona: «Espera aí». Disse-lhe a um colega meu. Eu já tinha ensinado o meu irmão a nadar. E o meu irmão confiou nessa noite já não quis levar a boia. Porque viu que já...

P: Pois, já conseguia.

R: Só que o rio é preciso conhece-lo.

P: Pois é, o rio tem zonas que...

R: Precisamente onde ele se afogou as águas faziam força para o lado de Espanha. Ele não teve força pra vir. Deitaram-se ali, foram atacados, deitaram-se ali. Eu nessa noite não fui. Porque ele, em regra geral, ele nunca se deitava ao rio. Ia sempre atrás de mim. Fugia sempre atrás de mim. Mas naquela noite eu não fui porque o Nel da espanhola castigou-me por eu lhe ter desfeito a barraca ao carabineiro.

P: Foi-lhe desfazer a barraca?

R: Fui-lhe desfazer a barraca. E o gajo deu páli tiros que foi uma coisa preta. Estava eu na água que eu ainda estava na água.

P: E ele tentou-lhe acertar?

R: Era tiros de meia-noite. Ora aquilo deu um alarme muito grande. Porque eram seis da tarde, seis e meia da tarde. E deu um alarme muito grande e ele ficou fodido. Estava ali em frente ao Mira-Espanha: «Toninho não era assim. Porque deixavas estar a barraca. Não tinhas nada que...» Mas nós a barraca, o gajo não sai dali. Incomodou-nos e ala, botei-a abaixo. Botei ao rio toda, os paus todos. Com uma navalha cortei os fios que ele tinha umas atadeiras dessas de palmeira e o caralho. «Zás» cortei tudo e rio. O gajo quando veio ficou pior que... porquê? Porque ele foi enganado que foi um gajo com um saco de palha lá acima a passar. E ele viu o gajo, e foi lá cima.

P: Pois, foi atrás dele. E enquanto...

R: Mas quando se apercebe que o gajo que deu volta pra trás: «Ai os filhas da puta foi pra me enganarem». Ai esta palavra...

(...)

R: «Foi pra me enganar». E vira pra trás. Quando vira pra trás estava eu a acabar de desfazer a barraca. Que eu foi pra esse fim mesmo que mandamos o gajo lá com a palha. Bem, o meu. O gajo, o Nel da Espanhola já não consentiu que eu fosse à noite pra lá, porque entendeu de me castigar: «E já não vais! À noite não vais». Porque nós aquilo era uma necessidade mesmo, está a perceber?

P: Exacto, sim.

R: E de maneira que à noite então, depois, faleceu o meu irmão, afogou-se. Lá nisso ele depois contribuiu pra tudo, todas as despesas. E dali depois começaram a aparecer doutras maneiras, não é? Quando trabalhei no Sapinho. O Sapinho também se meteu. E eu tinha um colega que era o Benjamim, que era padeiro. Tinha um colega que assumiu comigo. Encabeçarmos, levar o artigo pra lá. Mas arranjam os pessoal...

P: Sim, sim, fazerem um grupo

R: Ora, um grupo.

P: Mas aqui já na Bela?

R: Não, não lá, lá em Monção ainda. De maneiras que, um belo dia, isto andava mesmo... estava mal para o contrabando. Não havia, toda a malta queria trabalhar. Eles tinham reforçado as áreas e era difícil ir pra lá. E de maneiras que um belo dia eu disse-lhe a ele: «Olha Benjamim o melhor de tudo fazemos assim. Vamos pra lá, levam-nos lá eles na batela. E depois vêm para o lado de cá e tu vais comigo. Tu vais. Ou vais pela linha, ou vais por a pista por baixo. E eu ao contrário. Vamos os dois, mas vamos juntos». E então ele concordou: «Na, então eu vou pela linha». Porque fez de conta que eles na linha não andam, mas às vezes até andavam. Que eu uma altura fui atacado. Estava metido no aqueduto da linha e eles vinham pra me. E eu dei por ela porquê? Uma noite de nevoeiro, estava com o ouvido na...

P: E ouvia-se a andar

R: E ouvia-se «pum», «pum», «pum» (referencia aos passos das autoridades). Só que ao estarem a chegar à minha beira, levantei-me. E saltei pro caminho e escapei. Escapei. Depois eles ainda foram atrás de mim, mas já não me apanharam. Ai era da tais maneira que nós. Se eles passassem, pegávamos num focozinho que tínhamos um focozinho. Dava-mos a senha pro lado de cá.

P: Faziam sinal. Sim, sim.

R: E então nesse dia o Benjamim escolheu vir pela linha e eu por baixo. Mas eu consegui chegar primeiro do que ele. Não, ele conseguiu chegar primeiro do que eu ao local. Que era a pesqueira, uma pesqueira que há ali abaixo da Pedra Furada. À Pesqueira nova, chamava-se a Pesqueira nova<sup>385</sup>. Mas ele na parte de cima da linha. E eu ao subir, aquilo tem muitas austrálias. E a folha da austrália seca tu não consegues subir que escorregas e vais sempre pra baixo.

P: Pois, começa a escorregar.

R: E eu então ouvia o gajo a dar-me a senha. Que nós tínhamos umas senhas «ps», «ps». Era dois toques. Um toque que era para confirmar. Porque também os carabineiros chegaram a

---

<sup>385</sup> Locais de passagem em Espanha.

fazer esses toques.

P: Pois, porque eles aprendiam.

R: Eles apanhavam.

P: Aprendiam e depois faziam, não é?

R: Apanhavam. Quando apanhavam indivíduos até lhe ensinavam senhas e tudo. Tivemos um que nos chegou a dar senhas de... Mas só que as senhas de foco não eram iguais às nossas. Isso nós nunca mais avançávamos. Então de maneiras que eu avanço pra cima prá linha. Agarrei-me: «Caralho me cago em dios! Então tu não sabes que era eu? Ai eu nunca pensei que tu chegasses tão depressa e tal». Digo-lhe eu: «Foste acima ao Monte da Fonte<sup>386</sup>?». E diz ele assim: «Não, mas não vale a pena lá ir». Porque eu de dia tinha estado lá no caminho da fonte, em cima no monte. E tinha visto no sítio lá onde eles se punham, à beira da linha. Mas num alto, pontas de cigarro. E aquilo tudo, tudo ameaçado.

P: Tinha andado lá.

R: E eu: «Caralho!». E depois disse-lhe a ele: «Bem, aos chegares ao caminho da fonte sobes acima ao monte que às vezes eles estão ali». Mas só que ele também tinha medo. Eu fui um individuo que nunca tive medo nenhum, nunca. Por isso levava bofetada, muitas vezes.

P: Claro, claro. Arriscava mais, não é?

R: É verdade. Resultado: «Não, não fui pá! Ah caralho, podem estar ali em cima pá! Então vai lá tu. Não, não, agora já que estás aqui vens comigo e vais também».

P: Claro. Aí vão os dois não é?

R: E ele vai atrás de mim. E nós tínhamos um sistema. Que o Estandarte que é onde é o bairro agora, o Estandarte. Eu vivia ali perto do Estandarte e tinha umas lâmpadas. Uma lâmpada aqui, outra lâmpada acolá. E nós pra visionarmos bem quem passasse na linha ou o que, ponhamo-nos em frente a uma lâmpada dessas. Porque ao passar a pessoa notávamos que passava ali alguém. Eu então ia agachado nessa direção. E a olhar para uma lâmpada do lado de cá. Mas abaixei-me muito, muito, muito. E vejo dois indivíduos com dois gorros. Que eles usavam, de

---

<sup>386</sup> Local situado nas imediações de Salvaterra do Minho.

noite, usavam um gorro com uma bolota também. E vejo, digo-lhe eu assim. Toquei-lhe: «Estão ali». Diz ele: «Não estão carago». (senhor Salgado): «Estão ali carai». E obrigou-me a falar alto.

P: Pois e eles ouviram?

R: E digo-lhe eu assim: «Olha». diz ele: «Não são». (senhor Salgado): «Olha que são! Queres ver como são?». Eu vou, ponho-lhe a mão em cima do gorro. Caralho! O gajo levanta-se, manda-me um filha da puta de um estouro pá: «Si que somos!». Passa-me por cima dele, o gajo passa. Foi a minha sorte senão era preso. E passo e consigo fugir que nunca mais me apanharam. Porque eu sou assim, mas pra correr naquele momento...

P: Ai quando é pra correr uma pessoa corre.

R: Aquilo ali. Eles mesmos diziam. Esse o Morcego, o carabineiro. Chamavam-lhe o Morcego. Chegou a dizer a quem andava à procura ali do meu irmão: «Quem buscades?». Foi um fulano assim, assim. Diz ele que nunca o viu. A nós viam-nos muito lá. Porque nós íamos jogar à bola pró lado de lá, estás a perceber? E os carabineiros jogavam connosco ali também. Estavam ali e tudo. Pedíamos-lhe e eles, meu amigo. E então o gajo dizia assim: «Não conheço». (Indivíduo): «Sim que deves conhecer home. Que ele é irmão de um que é cocho». (carabineiro): «Oh me cago em dios! Pois devia ter sido ao contrário, ter ido o cocho». Dizia o gajo. Porque o gajo pra me apanhar era do caralho. E arranjei maneira de lhe dar uma coça, uma tunda. Um amigo meu que estava aqui no passe do tren. A mãe dele é que estava no passe do tren. Que era o que fazia, quando passava o comboio, fechava as agulhas. E o gajo era meio escaralhado<sup>387</sup>. Eu arranjei muita confiança lá com muito, muito amigo lá. E um dia numa festa nas Eremitas o gajo estava à paisana. E digo-lhe eu: «Olha esse filha da puta pá. Fodeu-me a cabeça. Já me deu uma tunda do caralho». E diz ele: «Não digas». (senhor Salgado): «Sim». (amigo do senhor Salgado): «Então espera aí». Foi buscar o irmão que o irmão ainda era pior que ele: «Olha, estás a mirar o Morcego?». Chamávamos-lhe o Morcego: «Sim. Deu-lhe uma tunda ao Tónio». Diz ele: «Ai sim?». Oh pá! Juntou ali três amigos, deram-lhe uma coça no baile. Ai que puta coça lhe deram. E eu (faz sinal com as mão para sinalizar a sua saída do baile) pus-me no... Que ele não me viu depois ali. Bom, e o gajo chegou a dizer isso. Então não ter ido o cocho e não esse desgraçado. Bom, aquilo depois continuamos. A vida nunca foi fácil, nunca foi fácil. E então, quando eu já casado, muitas vezes havia dificuldades. E então como sabia que tinha um dom

---

<sup>387</sup> Palavra para definir um indivíduo com propensão para confrontos.

prá quilo. Que eu tinha um bocadinho um dom prá quilo. Cheguei a estar com vários carabineiros. Um que era o Rito. Esse foi o que me elucidou mesmo, dizia-me ele. Uma altura prendeu-me ali em frente àquela gravilheira que trabalha em frente ao Mira-Espanha. Prendeu-me e por acaso eu ia pra espia, mas aproveitei e levava...

P: Já levava uma carguinha.

R: Já levava uma carga. Mas ainda ia pra ficar de espia prá noite. Que era prá uma da manhã ou duas. Mas aquilo foi ao romper da noite. E o gajo apanhou-me e diz ele assim: «Mira, no escapes». (senhor Salgado): «Não, não escapo. Pra que vou escapar homem?». (carabineiro): «Quantos sodes?». (senhor Salgado): «Sou eu só». (carabineiro): «Ti solo? Hum! Então vais quedar aqui um bom pedaço. Que eu quero ver se vem mais alguém atrás de ti». E esperamos ali coisa de uma hora. Ele viu que não vinha ninguém, diz ele: «Olha, vou-te dizer. Não te vou prender a carga. Tu pra onde vais com a carga? Podes-me dizer porque eu não a vou buscar lá». (senhor Salgado): «Ainda vou ver». Eu, claro, eu sabia bem para onde é que ia: «Ainda vou ver quem é que me fica com ela. Vou rogar a este, àquele, aqueloutro e tal. Vou bater nas portas que eu necessito levar uma mercanciazinha pra lá de comer». E o gajo viu aquilo tão. Ele chegou-me a pedir pra lhe mostrar as mãos, se tinha calos. E via que era trabalhador: «Ah, sim, sim, sim». Pronto. E diz-me o gajo assim: «Mira, eu vi que tu. Estou a ver que tu és, és verdadeiro. E vou-te contar uma coisa que não te devia contar. Quando queiras vir ao contrabando, vem ti solo. Trazes uma carga. Porque sea o guardia que sea, nunca te vai prender. Só se for muito cabrão mesmo. Mira que vais ganhar pra comer como me dissesstes a mim e tal». E eu: «Pois é. Mas é que é pra isso mesmo». (carabineiro): «E então agora vais-me dizer pra quem é». E digo-lhe assim: «Olha, não sei pra quem é. Tu se quiseses vir atrás de mim anda. Mas vais ver como eu vou bater numa porta, vou bater noutra. A ver quem é que quer ficar com isto. Mas ao melhor vais prendê-los a eles, porque isto é proibido». E diz ele: «Ti tranquilo. Mas casi, casi, que adivinho que é pro Modesto». (senhor Salgado): «Filha da Puta!».

P: Ele já sabia.

R: O gajo tinha-te um. Aquele carabineiro era dos que de dia ia pelos caminhos, cruzava as silvas.

P: Pra ver se passavam lá?



R: Ah! Contra à noite, cruzava as silvas e galhas. E no outro dia de manhã ia ao local. Corria aquele caminho a ver se passou lá alguém. Ele pelos trilhos sabia a onde é que nós íamos. Tanto que um dia nós fomos. Chovia. Ia eu e outro rapaz. Pegamos numa carga cada um: «Vamos ao Modesto que o Modesto fica-nos com elas». E fomos ao Modesto. Batemos-lhe à porta em calção, com a roupa na cabeça.

P: E aquilo era tudo ali na zona de Salvaterra?

R: Não. Na zona aqui já pra cima de Oleiros e Eremitas. Pra Salvaterra íamos pró... Havia vários gajos também, mas dentro da vila não. Era tudo fora da vila. Quer-se dizer nos arredores. Porque dentro da vila aquilo era difícil uma pessoa entrar lá dentro com café. E de maneiras que um belo dia então lá vou eu e um colega meu ao Modesto. E levámos as cargas. Mas levávamos, nunca levávamos prás casas. Deixávamo-las num campo à beira de uma poça. E ali no Modesto era à beira da uma poça mesmo, tapadas e tal. Chegávamos lá (faz o som de bater à porta): «Modesto!» (comprador): «Quê? Carai hoje viestes cedo». (senhor Salgado): «Sim, que vimos pra quedar prá noite». Diz ele: «Ah bueno». (senhor Salgado): «Mas olha, trouxemos duas carguinhas de 32. Estão assim, assim na poça em tal sitio». (comprador): «Não?». (senhor Salgado): «Tão, tão». (comprador): «Oi que vem fizestes! Que eu não tenho artigo nenhum». Ele assim. E então estávamos lá dentro: «Então olha, vamos prá bodega pra baixo». Que a adega era debaixo da casa: «Que vós estais cheios de frio». E estávamos. Estávamos em calção e o caralho. E veio pra baixo. E então deu-nos, nunca mais me esquece, vinho quinado: «Bebei que isto aquece, faz-vos bem e tal». E nós estávamos lá dentro a beber. Entretanto (faz som de bater à porta).

P: Batem à porta?

R: À porta: «Quem é?». (comprador): «Quê quem é?!». Ele, ele a falar. (carabineiro): «Modesto sou eu». (comprador): «Quem?». (carabineiro): «O Ernesto». Que o Rito era o Ernesto. Era Ernesto mesmo, mas nós chamávamos-lhe Rito. E a nós mandou-nos meter lá de trás de umas vasilhas e metemo-nos. Mas, o outro meu colega, azar do caralho. Que ficou em cima de uma tábua, que era de meter de baixo das vasilhas. E a puta da tábua estava nas pontinhas. Mas enquanto não caiu tivemos ali. E eu estava detrás de outra vasilha grande. Eles usam uns túneis muito grandes. E então estávamos ali muito caladinhos, muito quietos. Eu com um frio do caraças pá. E mestre Rito entra por ali a dentro: «Que? Não estiveram aqui? Não estive aqui

ninguém?». (comprador): «Não, não esteve. Porquê?». (carabineiro): «Na, não me mintas. Porque eu vim assim por um caminho e aquilo está tudo patanhado de sapatilhas». E diz ele assim: «Não, então foram pra outro lado». Entretanto, «pumba» (barulho de algo a cair). O outro cai-lhe a tábua e cai: «Que passa aí? Caiu alguma tabla». Mas o gajo, que não era burro nenhum, vai e apanha-nos. Digo-lhe eu: «Ei Don Ernesto». (caraineiro): «Ai ereis vós?». (carabineiro): «Sim. Olha viemos aqui hoje, viemos dar uma volta. E eu vim perguntar ao Modesto se às vezes queria uma saquinha de café. Vim aqui com o meu colega e tal». (carabineiro): «Ou já o trouxestes?». E digo: «Não, não trouxemos. Como é que íamos trazê-lo? Eu venho ver primeiro se querem, se não querem.». E ele toca também a chuscar<sup>388</sup>. Depois de tanto chuscar, que ele chuscou de caralho. Oh pá, não queiras saber! Ele já quase que era o dono. Era ele o dono do café: «Pá eu arranjo maneira. Eu arranho maneira de te pôr aqui o café». Ele pró Modesto.

P: Fogo! Já estavam a combinar ali...

R: E diz o Modesto: «Na, na, na. Deixa-me disso homem, deixa-me disso homem. Olha vieram aqui saber se eu queria. Eu já lhe disse que não, que eu não gasto isso». Claro!

P: Claro, não lhe ia dizer.

R: Porque isso era proibido.

P: Não lhe ia dizer que sim, não é?

R: E naquela noite lá nos deixou vir embora também tranquilinhos. Apanhou-nos ali naquela zona. Ora o Modesto tinha uma lojita de bens. Era por isso que nós ia-mos lá. E então começamos a levar pra mim. Mas tínhamos que ter o máximo de cuidado, mesmo. Porque ao sermos apanhados aquilo era um problema. E então ia, levava-lhe dois saquinhos de 32. Muitas vezes ia eu sozinho, levava um. Já casado, já de casado.

P: Já era por volta de que idade, mais ou menos?

R: Já eu tinha 23/24/25 anos. E trazia mercearia pro lado de cá, pra mim, pra nós, claro. O que nos fazia falta era um intercâmbio.

---

<sup>388</sup> Ingerir álcool. Neste caso aplica-se ao vinho.

P: Faziam a troca do café pelo resto.

R: O que eu trazia de lá com o dinheiro do café que fazia, lá deu-me pra duas vezes. Duas compras que fizesse aqui. Estás a ver?

P: Pois, já era...

R: O artigo, o material aqui estava mais caro. E lá trazia aquilo. Ui e mais coisas que trazia. Então lá vinha eu carregado com uma saca também. Bom, depois fomos andando, viemos.

(...)

R: E depois ao fim daqueles dois anos vim pra baixo e vim prá qui. Vim prá qui morar. Aqui comecei a trabalhar. Então havia um indivíduo que já morreu. Chamavam-lhe o Chico beijas. Soube que eu que fazia umas viagenszinhas e então começamos os dois a transportar pra lá. Muitas vezes levávamos pra lá café cru. Como também lá na vila levávamos café cru, sacos de café cru. E outras vezes levávamos café cru pra lá. E outras vezes já íamos livres pra lá e trazíamos moinhos, trazíamos papel de decoração das paredes, desse papel de decorar as paredes. Depois no tempo do marisco, bananas, conseguimos trazer muita coisa pró lado de cá e levar pra lá também. Mas foi uma vida que eu, às vezes, digo-lhe à minha mulher que tenho saudades daquilo.

P: Havia, por exemplo. Faziam contrabando porque tinham necessidade de arranjar mais dinheiro. Mas, para além disso, não havia contrabandistas que também gostavam por aquela coisa de fugir à Guarda-Civil? Pelo jogo do gato e do rato, vá?

R: Sim, sim, sim. Eu tinha prazer. Eu tinha prazer de me encontrar com eles. Tinha prazer de me encontrar com eles mesmo.

P: Pela emoção de fugir?

R: Aquela coisa de fugir mesmo. Encontrar, vê-los que era pra...

P: Sim, essa brincadeira.

R: Aquilo dava-me uma sensação fantástica mesmo. Não haja dúvidas que. Eu lá em Monção já mesmo no tempo do Nel cheguei a apanhar dissabores. Estava no lavadouro do Mon<sup>389</sup> de espia. Que eles passavam ali na estrada pertinho. Eu estava no lavadouro do Mon. E um belo dia, um figurão de um carabineiro, sabia que... Eu estava lá porque ali era difícil entrar, porquê? Tinha um cão chamado Tiães que tinha uma casota. Que eu entrava lá pra dentro estava de pé dentro dela. Era um bicho de um cão. Mas aquele cão habituou-se connosco. Que o filho do Mon vinha prá li pró rio com ele e jogava à bola connosco.

P: Pois e o cão já conhecia.

R: E habituou-se connosco o animal que aquilo não nos fazia nada. E um dia, os carabineiros. Não sei lá quem foi deles, chegou a saber que nós que íamos por ali e tentou entrar. Entrou e o cão esfarrapou-lhe a farda. Ele quis fazer pagar a farda, mas o Don Alejandro: «Na, ti não tens nada que entrar aqui dentro. E não te ter matado tiveste sorte». Porque aquele cão cheirando-lhe à pólvora aquilo. E eles tinham a pólvora. Eu cheguei a fazer, por exemplo, a negociar com carabineiros.

P: Sim, sim. Eu também queria perguntar se havia alguns que facilitavam.

R: Ora. Haviam os que nos davam os passes. Autorizavam. Nós na conversa, nós convinha-nos conversar com eles muitas vezes. Porquê? Que era pra saber a bondade deles. Se eram bons, se eram ruins, se eram daqueles que davam o passe, se não eram. Nós captávamos bem a situação. E um dia diz-me um. Eu vou por o lado de lá em frente às Caldas mesmo. E vou pra cima prá pesqueira. Que eu gostava muito de mergulhar. Ainda lá está a árvore na pesqueira em frente às Caldas. Tem uma árvore muito alta. E eu gostava de ir pró topo daquela. Eu e outro rapaz, o Pedro, que já morreu. Íamos pró topo da árvore e gostava muito de mergulhar ali. A pesqueira já não me dizia nada, mas eu de cima da árvores aquilo era uma maravilha. E então, um belo dia, eu estava lá na pesqueira e estávamos a tomar banho mesmo. Entretanto olho pra trás e vejo vir um carabineiro, o dente dourado. O gajo tinha um dente dourado. E nós púnhamos-lhe nome a todos. Era o dente dourado.

P: Assim também era mais fácil pra saber quem é que era.

---

<sup>389</sup> Local situado nas imediações de Salvaterra do Minho.

R: (carabineiro): «Quê português? Que fazes aqui?». (senhor Salgado): «Oh viemos banhar-nos. E olha agora vou dar um mergulho dali de riba», eu pra ele. (carabineiro): «E ti vais ali a riba dar?». (senhor Salgado): «Dou, dou um mergulho». O gajo ficou impressionado de tal maneira com o caralho do mergulho que eu dei. Depois: «Tira, tira pra cima. Anda prá qui pra riba, vem pra qui». E começamos a conversar: «Ti que fazes lá?». Não lhe disse que andava no contrabando: «Olha, vivemos». (carabineiro): «És casado não?». (senhor Salgado): «Sim sou casado». Já tinha 3 filhos: «Trabalhamos na lavoura». Eu assim pra ele. (carabineiro): «E que colledes vós ali?». Ele, o gajo. (senhor Salgado): «Ui, muita coisa. Batata...». (carabineiro): «Batata? E a batata lá como está?». Ele já...

P: Ele já pra saber...

R: «A batata lá depende a quem as comprámos, mas não está muito cara. Está barata». (carabineiro): «Mira, eu também collo um pouquinho de lavoura. E gostava de pôr umas patatas». E digo-lhe eu: «Ti vives aí?». (carabineiro): «Sim, vivemos aí. Mas temos um terreninho assim, assim. E botava-lhe umas patatas». (senhor Salgado): «Então homem, isso as batatas trazem-se. Se necessitas que te traga as batatas, eu trago-te as batatas». (senhor Salgado): «Mira, eu vou saber a como estão. Quantos sacos queres?». Diz ele: «Não, então vamos. Anda cá. Então vamos fazer negócio. Ti não andas no contrabando mesmo?». (senhor Salgado): «Não eu nunca andei no contrabando». (carabineiro): «Então vais fazer uma coisa. Colles um saquinho de café desses de 32 Kg». Eles sabiam tudo. Que eles sabiam homem. Eles faziam apreensões. «Tostado. Café do Sical tostado». Ele assim: «Traz-lo pra cá, vende-lo. E depois levas os cartos.». E eu: «Prontos, mas pra me prenderes, não?». Diz ele: «Não, não te prendo. Fazemos uma coisa, arranjas dois amigos e trazes um saco cada um. Ide-lo vender onde vós queirais. Mas trazes-me um saco de batatas». E digo-lhe eu: «Mas tu estás-me a falar real mesmo? Olha que eu nunca andei nisso, mas sou capaz de arriscar». E diz o gajo assim: «Arrisca. Arrisca porque tu vais ganhar pra isso». E eu caralho, digo assim: «O pá! Eu possibilidades não tinha». Mas cheguei ao lado de cá e disse-lhe ao Carvalhais. Que o Carvalhais, nós chegamos a trabalhar pró Carvalhais. Chegamos a trabalhar pró Gapito. E o Carvalhais era sócio com o Gapito. E então eu disse-lhe assim: «Olha Quim, há um carabineiro ali que é o Dente Dourado pá. Que precisa de umas batatas. Ele por um saco de batatas já me deixa levar dois ou três sacos de café. Diz ele: «Não deixa nada». (senhor Salgado): «Tou-te a dizer». (senhor Carvalhais): «Então vais fazer uma coisa. Vamos à minha casa, levas-lhe dois sacos de batatas.

E vais marcar com ele que só vais levar o café, amanhã de manhã. Ao romper o dia que passas aqui por cima pelo morro. E sabes onde o vais levar? Digo-lhe eu: «A onde?». (senhor Carvalhais): «À Josefa, à irmã do Pepe. Que é uma gaja que vive pra baixo da estrada, ainda». E digo-lhe: «Ah, prontos está bem». (senho Carvalhais): «Que entretanto, aos vós estareis a passar, eu e o Gapito, uma batelada valente aqui por baixo da pesqueira do Mon. Vamos tentar passa-la. Mas diz-lhe a ele que vós que ides passar acolá a tantas horas. Marcas-lhe mesmo as horas.

P: Claro. E ele estava lá enquanto...

R: Levei-lhe as batatas um dia antes ou no dia que ele mas pediu. E digo-lhe eu: «E agora tu como é que amanhã? Eu vinha amanhã trazer o café. Mas tu amanhã não estás nesta posta, ora não?». Diz ele: «Não amanhã está outro colega, mas eu vou-te fazer outra coisa. Vós a que horas vindes?». Digo assim: «Vinha-mos ao romper do dia». Diz ele assim: «Pois então ao romper do dia eu estou com o meu colega acolá em baixo, entretenho-o». Ele assim: «Entretenho-o. Entretanto vós passais. E eu depois deixo vir o colega pra cima e vou-me embora». Porque eles faziam isso, estás a ver? Vinham, entretinham o gajo ali, pronto. Ele já tinha as batatas e eu marquei-lhe prás seis da manhã. A romper o dia nós passamos todos pra lá. Não fomos três só. Ali fomos oito. Passamos. Já tínhamos as cargas no sítio, no meio dos campos vedadas na erva, não é? E depois eu já tinha ido chamar a Josefa pra lhe dizer a ela: «Olha estão as cargas assim, assim. Mandou o Quim Carvalhais. Portanto ele vem por aqui». (compradora): «Ta bem». Eu a dizer-lhe aquilo. Saio da porta (faz som de tiros).

P: A disparar?

R: «Ei caralho!». Que era? O Gapito aproveitaram a nossa senha, estás a perceber? E meteram-se a trabalhar eles pela parte de baixo. Meteram-se então no meio do monte do Mon. E ao ir pra cima, logo por azar, encontram os carabineiros da parte de cima, que vinham dar a volta ali. Aquilo chamavam-lhe a posta. Eles entravam aqui. O serviço deles era até aqui.

P: Sim, faziam aquela zona.

R: E aqueles dacolá vinham até aqui também. E muitas vezes estavam ali na conversa. E depois toca um a vir pra baixo e outro pra cima. Era assim que eles faziam a posta ali. O encontro ali nas Caldas era precisamente acima dessa pesqueira. Na ponta do morro mesmo. Era ali que tinha lá um poste enterrado num campo. Era até onde vinham os carabineiros. Nós depois uma

vez descobrimos. Que eu roubei-lhe a um, um capote de noite. Eu fui dar uma volta e vejo um capote ali dentro dos carabineiros, mesmo deles.

P: Ai um capote? Pronto.

R: E eu: «Ai o carago está aqui o capote. Ele não estará aqui perto? Não faz mal». Pego no capote, trouxe pró lado de cá o capote. Não serviu pra mais nada, mas foi pra lho tirar, estás a perceber? Bom, segue-se, que entretanto, então são os outros atacados em baixo que iam à nossa senha. Que iam à nossa, ao passe nosso. Que era um passe, aquilo era um passe. Ele deu-me o passe por um saco de batatas. Como me podia dizer: «Olha, trazes seis sacos e é «x» por cada saco. Trazes dez é «x» por cada». Estás a ver? Mas por um saco de batatas deu-me aquilo. Ora o Carvalhais aproveitaram. Olha, ficaram sem nada. Perderam, tudo, tudo. Era cru, eles era café cru. Já tinham o café e eles viram: «Alto a área está livre». Chamavam eles, entre áreas. A nossa área é esta: «Então onde ides?». Vamos até entre áreas. Era a conversa. E então lá vínhamos nós pró rio, quando ouvimos os tiros: «Vamos escapar rapazes». E lá viemos. Ao chegar ao lado de cá é que já vimos a batela lá em baixo. Uma batela, um batelão grande a atracar. E fomos ter com eles: «Caralho vocês...» Nós não sabíamos que eles que iam.

P: Ai eles é que decidiram.

R: Eles é que fizeram de conta. Porque o Carvalhais disse-lhe: «O Salgado arranjou um passe por um saco de batatas. Eles vão passar ao morro, lá cima. E nós passamos mais cá em baixo. Que o carabineiro, a área está livre». Estava livre o caralho! É que os de cima vieram pra baixo, pela linha. E apanharam-nos, estás a perceber? Teve muitas peripécias eu, dessas.

P: Mas eles foram presos ou...

R: Não, não, o artigo só. O artigo. Porque eles convinha-lhe dar fogo e depois ficar com o artigo. Eles nunca lhe convinha prender ninguém, estás a perceber? Quando prendiam alguém. Prontos, tivemos ali vários indivíduos. Um deles que era o falecido Zé da Mesinda, que foi o pai do Armando. Que era aquele Armando que tinha a tasca acolá. A tasquinha do Tê Avelino<sup>390</sup>.

P: Já sei.

---

<sup>390</sup> Estabelecimento localizado na vila de Monção.

R: Era pai dele. Esteve um ano e davam. Foi preso no contrabando e esteve um ano em Pontevedra preso. Que era o nosso medo sempre. Era de ir pra Pontevedra. Porque eles ali a sentença que davam era um ano e um dia. Mas só que esse dia nunca mais chegava. E ele chegou a estar quase dois anos, estás a perceber? (exemplo): «Então eu apanhei um ano e um dia?»; «Sim»; «E o dia, que dia é?». Era o que eles diziam. Eles davam a prisão que entendiam. O dia era, era, esse não tinha marca. Outro dia havia de ser outro ano até. Um ano ou o que for, pelo contrabando. Isto era assim. A ver se me recorda mais. Ai recorda-me muita coisa que eu tenho muita coisa. Mas tens umas perguntas.

P: Ah, mas estas perguntas que estão aqui já foi respondendo.

R: Já?

P: Já foi falando de tudo. E do lado de cá? A nível de Guarda-Fiscal não havia problemas?

R: Do lado de cá tínhamos Guarda-Fiscal. Tínhamos passes, nada. Teve vários problemas quando não queríamos pagar.

P: Mas eles pagando deixavam, normalmente?

R: Alguns. Não eram todos.

P: Havia sempre um ou outro que para mostrar serviço, não é?

R: Sim, havia sempre. Quando entrasse ali um comandante novo no posto eles andavam todos ali em secções. Aquilo era assim. Mas depois fora disso, quando eles já amansavam e o quê. Eu cheguei a ser, sem passe, também cheguei a levar pessoas prá Espanha. Que iam pra França no tempo das dificuldades aqui e lá iam. Fugiam aqui às dificuldades e levávamo-las, mas, claro, íamos ganhar uma migalha. Aquilo era, por cem, quinhentos escudos. Lá íamos levar um homem. E um dia, o falecido Terças que foi o dono da garagem do Guerra. O falecido Terças andava ansioso por descobrir quem é que estava a trabalhar. Porque eles. Nós tínhamos as batelas ou mergulhadas no rio, no fundo do rio.

P: Ai era?

R: Era. Mergulhávamos as batelas. Quando eram clandestinas, mergulhávamos-mas no fundo do rio.



P: Depois como é que faziam para tirar?

R: Com uma corda, puxávamo-las. Ou arame. Puxávamo-las e elas saíam a pique, a água ia saindo. Depois só tirávamos o resto da água pra fora.

P: Por acaso não sabia essa. Olhe já é uma informação que ainda não tinha ouvido.

R: Ora. Pronto, nós mergulhávamos as batelas clandestinas. Nós era raro. Mal nos prendiam uma batela ou partiam. Que chegaram a partir-nos as batelas. Apanhavam a batela e partiam-na. A nós não nos apanhavam porque escapávamos. Na mesma noite tínhamos outra batela. Pedíamos aqui ao Calhecas. Chamavam-lhe o Calhecas aqui em Barbeita, fazia batelas.

P: Pois. Há aqui um senhor que fazia batelas, não era?

R: E o homenzinho chegava-mos: «Olha queríamos uma batela pra «x» comprimento. Só pra três/quatro carguitas e três homens». Ele pronto, lá nos fazia a batela. Só que essa batela nós pintávamo-la já com alcatrão. Naquela noite íamos trabalhar com ela e ainda ia branquinha. Mas no outro dia toca a tratar de a pintar, de alcatroa-la e mergulha-la no fundo do rio, estás a perceber? Que era prós Guardas ao passarem, que eles andavam muito na beira do rio, não verem a batela. E um belo dia, eu ali em frente ao Copita tinha. Porque nós estávamos a contar de trabalhar já à noite. Levar pra lá três indivíduos. Eram dos Arcos<sup>391</sup>. Eram um casal e um cunhado, vá. E íamos, fomos de dia, assim sobre as quatro da tarde. Levantamos a batela e ficou a batela fora de água limpinha, mas presa no meio quase nos ramalhos. Só que tivemos azar que o Terças e o colega vieram pela ponta da poça da Couraça<sup>392</sup>. Que dantes aquilo era um bico e viu uma batela lá metida. Diz ele: «Acolá uma batela? De quem é? Não está matriculada, nem nada». Claro, regra geral tem matrícula. Deu-se ao cuidado de vir ver. Desceu a baixo e foi ver a batela: «Alto isto está pra trabalhar de noite». À noite ele. Isto foi sobre as cinco horas era Verão alto. Nós aquilo só começa a escurecer lá prás dez da noite é que começa. E nós a essa hora baixamos pró rio. Ao chegar ao rio, metido na água até a cinta, o Terças.

P: Estava lá a fazer a espera?

R: O gajo metido na água. Eu desço o muro. É que estava ele na água e estava o outro na ponta do morrião pra fazer fogo. Que foi o que aconteceu depois. Desço pra baixo. Ele não nos conheceu que nós íamos todos com o gorro e íamos todos preparadinhos. Desço pra baixo.

---

<sup>391</sup> Arcos de Valdevez, município do Alto Minho.

<sup>392</sup> Desconheço a sua localização. Depreende-se que se encontra na proximidade do rio Minho em Monção.

Conforme desço pra baixo desato a batela. Mas ele queria ver primeiro o que que nós íamos meter na batela. E puxo a batela: «Bem pessoal, ala vamos! Metei-vos dentro». E eles meteram-se todos dentro. E digo eu assim. Mas eu não sabia que ele que estava ali metido encostado ao muro, nós nem o vimos. Digo assim: «Bem, tá tudo? Tá. Então chegai-vos vós lá pra trás que é prás cargas». O gajo assim que viu a falar «É prás cargas». Ficou logo ao cuidado, pôs-se logo a pau. Que ele depois contou-me, que eu vou-te chegar ao ponto. E eu puxo a batela assim prá cola e dou-lhe volta, bico virado lá prá frente. Nós era com espadelas, não era a remos. Era com espadelas. Entretanto não sei, prontos. Aquilo ali tu se metes o pé na água vais pro fundo. Aquilo eram penedos, eram pedras. Não tenho mais nada, salto pra dentro, dou um empurrão à batela. Mas ao dar o empurrão à batela, ele vem e agarra a batela. Eu não tenho mais nada com a espadela «zás» (faz som para demonstrar que bateu/tentou bater com o remo ao guarda). O gajo teve medo porque viu a espadela no ar e larga a batela. Conforme larga a batela, virou-se pró outro e disse: «Ribeiro!». Que era o Ribeiro: «Ribeiro! Dá-lhe daí tu! Que eles vão pra e pra essa zona». Nós vínhamos direitos ao bico mesmo. Mas quando ouvimos: «Ribeiro dá-lhe tu daí». Nós viramos a baixo. Oh pá, muito fogo nos fizeram pá. Mas não foi pró. Não nos atiravam a nós, claro. Que apesar que os carabineiros, antigamente, mataram muito desgraçado. E eu cheguei a vir numa batela que um carabineiro furou-nos a batela. É verdade. Eu e o Adriano. Chamavam-lhe o Adriano Cachena. Que era o do Brasilio que fomos apanhados no túnel, lá em baixo. E o gajo depois botou-nos a batela pelo rio abaixo. O Adriano. Inverno. Botou-se ao rio e foi buscar a batela. Ele autorizou: «E tu vais busca-la?». (colega do senhor Salgado): «Vou». Foi busca-la, trouxe-a. E depois o filho da puta furou-nos a batela toda com os tiros. Porque viu: «Caralho que vós sois capazes de tudo». E então lá. E o mestre Terças não nos conheceu. Nós fomos pra Espanha, levámos os gajos. Com o dinheiro que ganhei dos gajos fui à Plantona. À Plantona não, à Aurora. Que a Aurora tinha um estabelecimento e também vendia de tudo. E fui então à casa dela. Se nos podia ir à loja, à noite. Dar umas coisinhas e tal. Porque só aquela hora é que...E a mulherzita lá foi dar-nos a mercearia. E nós trouxemos e o carago. No outro dia estava o Terças lá na oficina. Estava, prontos, fardado. E o Guerra trabalhava pró Terças. O Guerra não trabalhava por conta dele. Ele trabalhava pró Terças. O Guerra também andou comigo no contrabando. E o Terças estávamos assim na conversa. Digo-lhe eu: «Então senhor Terças». (guarda): «Então Salgado? Oh pá». Virou-se pró Guerra: «Vocês querem saber? Esta noite fizemos-lhe a espera a uns gajos que tinham uma batela pra ir, assim, assim. E eu se não

largo a batela, o gajo corta-me a mão, corta-me o braço». (senhor Salgado): «Não me diga?».

P: Nunca, nunca soube?

R: Nem pensar nisso. (senhor Salgado): «E você não suspeita quem fosse?». (guarda): «Um pareceu-me o Fernando. Como lhe chamavam? Do Ferrancheiro. O Fernando do Ferrancheiro. Pareceu-me, mas não posso dizer que era ele. O outro não o conheci. Que foi o que me deu com a espadela». E digo-lhe eu assim: «Não seriam eles». (guarda): «Sim homem, que o Fernando Ferrancheiro anda nessa tralha. Na trapicharia de levar gajos prá Espanha». (senhor Salgado): «Ai o cara de caracas». Mas ele já sabia que eu que andava no contrabando: «Toninho tu não me sabes?». Que eles a mim sempre me trataram por Toninho: «Tu não vês mais ou menos quem ande com o Fernando Ferrancheiro?». (senhor Salgado): «Eu? Andam tantos com ele. Sei eu lá bem quem é. Mas também olhe que você pode estar a pôr a alma no Inferno. E diz-lhe o Guerra muito depressa: «Não, o homem esse. Eu não sei se ele anda no contrabando se não anda». Ele assim, o Guerra. Também a deitar água na fervura. Deixei-o ir embora e digo-lhe eu assim ao Guerra: «Oh pá, eu estava-me a dar vontade de rir». E quando lhe contei que estava-me a dar vontade de rir, diz ele: «Tu não me digas que foste tu?». E digo-lhe eu: «Estava-me a dar vontade de rir, não». Foi o ele meter-se na água e botar-lhe a mão à batela pá. Como é que se vai meter na água? Ele sabia lá bem a que horas é que os gajos iam pra lá? E o carago. Ele é que imaginou. Porque ele sabia muito bem que a batela não ia estar ali muito mais tempo, estás a perceber?

P: Ele é que fez mais ou menos...

R: Uma batela clandestina que está fora de água vai trabalhar, sabes? E depois mergulha-se. E ele então: «E tu sabes? Mas foste tu, não?». Digo-lhe eu: «Não, não carai! Eu ando lá com o Fernando Ferrancheiro? Eu falo pró Fernando Ferrancheiro». (senhor Guerra): «Ah, julguei que fosses tu». (senhor Salgado): «Olha, não lhe digas nada pá. Mas eu estava-me a dar vontade de rir. Fui eu e o Fernando mesmo. Ele tem razão. Por que pinta é que tirou o Fernando, não sei. Foi talvez através do tais flash de luz que aparece virado para a Machicadora<sup>393</sup>. Que na Machicadora ele estava do lado de cá e olhou talvez. E ao passarmos, ele pelo formato da cara ou o que é, pareceu-lhe. Mas a mim não me conheceu. Digo eu: «Eu pá, vou-te dizer. Eu só não lhe cortei um braço porque...». (senhor Guerra): «E tu cortavas-lhe o braço?». (senhor Salgado):

---

<sup>393</sup> Não possuo informações acerca deste local.

«Pá, se não me larga a batela, já estava. Ou ia eu ser preso? E logo com três pessoas a ir pra Espanha pá». E diz ele: «Anda carago que fizestes uma». E digo-lhe eu: «Mas não te aflijas que a batela ali nunca mais está».

(...)

R: Não te contei a tais, a última vez que fui ao contrabando?

P: Não, não, não. A última vez que fez foi quando? Tinha que idade?

R: Fui buscar papel de decoração com o Chico da Lala, Chico Beißas.

P: Já tinha que idade, mais ou menos? A última vez que foi?

R: Aí já eu. Ora aí, Salgado não mintas...

P: Mais ou menos.

R: Já tinha os filhos todos. Já tinha quarenta anos. Já tinha quarenta, trinta e oito, quarenta anos. E aí vou pró lado de lá buscar. E então fomos os dois e era: Vinha ele pra baixo ia eu pra cima. Vinha eu pra baixo ia ele pra cima. E ia eu pra cima e vinha ele pra baixo. Trazíamos o artigo de lá de um carro que no-lo trazia perto do... Da linha do comboio e trazíamos as caixas depois todas. Aquilo era volumes que eram umas caixas compridas, do tamanho dos rolos. E tinha cada caixa, salvo erro, 30 rolos. E traziamo-las. E então havia um sítio no meio do monte que era mesmo ao jeito de uma pessoa encostar e pousar as costas, as caixas. E deixávamos as caixas todas ali em cima. E depois de estarem as caixas todas ali, diz-me ele assim. O Chico: «Bem Toninho, eu vou levar estas. Esperas tu aqui um bocadinho eu vou levar esta lá em baixo». Para não nós apanhar a dois. Nunca nos apanharam sempre a dois, estás a perceber? Apanhavam-nos a um. (colega do senhor Salgado): «E depois ao eu vir pra cima dás, mais ou menos «x» tempo. Venho eu pra cima e tu vais pra baixo». E cruzávamo-nos, nós cruzávamo-nos. Na última carga eu estou a agarrar a carga. Eu bem ouvi um cãozito qualquer pequeninho (faz som de cão a ladrar). Mas eu...

P: Não ligou...

R: Deve andar pra e no monte perdido e tal, mas não liguei. E eu estou a apanhar a carga. Puxava a carga pró coiso e a carga ia-me pra trás. E digo eu assim: «Ai! Que é isto?». Tornava a puxar e a carga pra trás. E os carabineiros a rirem-se atrás do muro. Até que deu-me para largar a carga e ir por trás. Vou por trás e os gajos: «Si homem anda cá. Pra quem é isto?». (senhor Salgado): «Isto é pra mim». (carabineiros): «De onde vem isto?». (senhor Salgado): «Olhe, isto é assim. Eu vim aqui à Espanha, eu tenho um cunhado». A inventar, que havia que inventar.

P: Claro, claro. Havia que inventar.

R: «Tenho um cunhado casado em Porto». E tinha que ele morreu, o rapaz: «E aconselhou-me pra pôr na minha casa, papel deste de decoração. Isto é papel de decoração». (carabineiros): «Si. Si home já sei que é papel de decoração». (senhor Salgado): «E então aconselhou-me a pôr disto. E ele comprou-mo e trouxe-mo aqui assim a Brunheiras. Trouxe-mo aqui a Brunheiras. E eu agora olhe, vim, pousei-o aqui. Mas fui até ali a baixo ver se mirava um guardia ou o quê. E agora vinha pra trás, vinha-a buscar». E o gajo: «Si, si homem. Ti estás solo?». (senhor Salgado): «Estou só». A minha sorte é que esperamos ali quase uma hora e o outro não veio pra cima. Porque o outro podia-lhe dar coiso e: «Vou ver o que é que se passa. Há uma hora aqui e ainda não veio». Mas não, não veio. Esperou na batela. E eu: «Não vem ninguém homem. Eu sou solo. Venham comigo lá em baixo à batela que tenho-a lá em baixo». Nunca o eu levava lá.

P: Sim, claro.

R: Levava o sempre a um sitio: «Ai que eu deixei a batela mal presa e foi-me pelo rio abaixo pá. Ai Jesus!». Dizia-lhe isto. Mas não, eles também. Eu quando ouvi o cão foi o cãozinho a sair do carro que estava no meio das mimosas. Que eles vieram de carros até às mimosas. Que era como daqui até acolá àqueles pinheiros. Ouvi um cão, mas era o cãozinho deles mesmo que vinha. E os gajos vieram direitos ali àquele sitio pá. Pelo monte fora vieram ali direitos. Depois dali tomariam o rumo pra baixo ou pra cima, isto é assim. Que aquilo era um cruzamento mesmo: «Pois olha, colle a carga, anda». (senhor Salgado): «Oh carago! Não me levem preso. Você não me diga que me vai levar preso por causa. Então estou-lhe a contar a verdade». (carabineiro): «Não quero crer. Trai a carga contigo». E eu: «Prontos, está bem. Mas vai-me levar pró posto?». (carabineiro): «Si homem, anda, anda que... Pode ser que depois te solte. Mas anda quero ver também o artigo, o que é». (senhor Salgado): «Eu abro a caixa e tal». Eu era pra lhe abrir a caixa. (carabineiro): «Não, não, não. Anda». E eu com a caixa às costas. Um carabineiro

à frente e outro atrás. E eu: «Ai o caralho, já estou fodido». Vou como daqui acolá aos pinheiros, o carro. (carabineiros): «Mete a carga aqui, anda». Meti-lhe a carga na mala detrás. «Agora entra pra dentro». Eu pá, eu parece que aquilo. Eu não tinha visibilidade nenhuma que aquilo era tão escuro, tão. Era breu mesmo. E disse-lhe ao outro: «Ti vais aí atrás com ele». Oh pá eu abro a porta. Conforme abro a porta entro e vou com a mão estendida. E vejo o fecho do outro lado. Oh pá dei-te um repelão de uma maneira a porta abriu. E a minha sorte, como daqui acolá àquelas chapas? Que estão acolá? Era um barranco fundo. Cai no meio das silvas pá. Eu teve que ir a rasto. Olha que aquilo tinha essa atura, desta casa. Teve que ir a. Mas os gajos não viram a onde é que eu me meti. Não sabem se eu fui para um lado se fui pra outro. Até o cãozinho ficou parece que... Oh pá! Ficou quietinho, o cão. E eu fiquei tão quietinho, tão quietinho. Eu tão. Oh pá era sangue...

P: Pois era só silvas, todo arranhado.

R: Sangue por todos os lados pá. Porque eu subi depois no dia seguinte. As silvas eram tantas e tantas, mas eu com os pés ia alargando, alargando. Ia descendo, descendo. Eu estava a ver que nunca mais chegava ao fundo pá. Os gajos com os focos: «Ele escapou por aí. Ele foi prá cola». Mas nunca lhe deu pra verem. Porque aquilo também era um silvaredo do caraças, estás a ver?

P: Pois e meter-se lá no meio.

R: Eu é que me enfiei pelo meio das silvas a dentro.

P: Pois. Ali naquele momento nem pensou, saltou logo.

R: Oh pá! Começa-te a chover. E dali ouço o carro, coisa de quê? Meia hora depois de eu estar lá encostado no fundo. Ouço o carro a arrancar. Digo eu: «Será que?». Arranca! E olhei lá pró fundo de um caminho pela beira de umas casas. E vejo passar o carro com os faróis acesos. «Alto!». Eu fui rascando, rascando e logo estava no fundo. Mas depois pra sair pró campo vi-me lixado pá. Até que sai pró campo. Oh pá chovia, ai Jesus! Eu ardia-me o corpo todo que era das silvas. Todo arranhado pá. Sangue nas mãos, sangue na cara, até na cara tinha sangue.

P: Pois, cortou-se todo.

R: Vê lá tu como foi essa minha. A minha última vez de contrabando. Mas eu tenho muitas peripécias, muitas, muitas. Até de irmos mais longe e tudo isso. Fui preso uma vez, quase sou

preso em Ourense. Levei uma família também pra Ourense. Depois os gajos chochos a olhar para aqueles arranha-céus e o caraças. Ali o quartel é mesmo à beira da estação. Mesmo à beira da estação do comboio em Ourense. E estão todos os dias é aos dez/quinze gajos a tomar o pequeno-almoço, o desayuno. De manhã estão ali carabineiros. Mas eu aquilo pra mim. Eu tomava ao lado deles, sem documentos nem nada. Não tinha nada.

P: Mas era assim que tinha que ser. Porque assim estava lá à beira deles...

R: Mas eu só ficava fodido em dizer-lhes: «Oh pá! Aquele caralho que não ande a olhar que vêem logo. Desconfiam logo que ele que é, que é clandestino caralho». Mas até que conseguimos entrar dentro do bar da estação. Os gajos já estavam à minha espera num canto de uma mesa. Mas eu fui pró balcão tomar o pequeno-almoço também e tal. Com um graduado valente dos carabineiros. Que eu, aquilo pra mim. Eu estava não tinha medo nenhum. Eu fui um individuo muito afouto.

P: Tinha sangue frio.

R: E então aqui. Pronto, deixa ver. Agora tenho que ver o romper do dia pra me ir embora. Começa o dia a romper e eu começo a ver o caminho. Porque eu ali não conhecia caminhos ainda. Naquele sítio onde eu caí não conhecia caminhos. É que depois um gajo fica desorientado de tal maneira. E tomo até à estrada. Consigo chegar à estrada. Eu a sair prá estrada e lá vejo ao fundo da recta o carro deles. Boto-me abaixo pelo valado. Fiquei encostadinho e pus-me a ver. Lá os vejo passar. Eram eles mesmo. Iam prá estação das Neves que eles iam prá estação. E eu a pé. Sapatilhas todas rotas e o caralho. Chego à estrada. Tu conheces as Neves?

P: Não. Hum já fui lá, mas já de pequeno.

R: Já foste? Há uma rotunda. Tu sabes aquele convento, um mosteiro. Um convento que há ali que era das freiras?

P: Já não me lembro.

R: Das monjas. Que agora é um colégio.

P: Mas já não me lembro. Fui lá quando era pequeno, mas...

R: Que se vê daqui, vê-se daqui. Ali há uma rotunda. E eu cheguei ali à rotunda digo eu assim: «Caraças agora pra ir daqui a Salvaterra são três quilómetros, mas que se lixe». Entretanto lá venho eu por ali abaixo e chego cá em baixo aqui a Oleiros. E peço a um amigo meu que eu ali tenho muitas amizades. Se me deixava fazer uma chamada aqui pra Portugal, pá mulher. Pra me levar o passaporte. Que era para eu poder vir pela fronteira, estás a perceber? Entretanto venho andando, a minha mulher apanha o passaporte. Não foi assim. Pedi para telefonar. A minha mulher, não tínhamos telefone. Uma peixeira a passar pró lado de cá, a tia Rosa de Candos. Que morava ali em Candos mesmo. Contra o posto que era da Guarda-fiscal. E eu vejo: «Oh tia rosa». Vendia peixe ela, andava a vender peixe: «Faça-me um favor deia um saltinho ou mande a parte à casa. A minha mulher que me traga o passaporte aqui a Salvaterra. Que eu que estou aqui perto do posto da policia à espera dela». E assim foi. A minha mulher ela veio. Aqui a mulherzinha deixou-lhe a parte que ela ia por aquela estrada abaixo de Ruivos<sup>394</sup>. Mas depois deixou acolá o artiguinho todo e veio aqui avisá-la. A minha mulher pega nos passaportes, um táxi, vila. E aparece-me. Não, não me apareceu já lá. Não me apareceu. Foi assim. Entretanto eu chego, estou sentado naquele muro do posto da polícia a olhar pra baixo. A ver quem eram os carabineiros, quem eram os polícias. Que ali faziam serviço todos juntos. E um dos polícias que estava lá, ainda ontem esteve. Reformado já. Ainda ontem estivemos a beber um copo ali. Eu e o meu neto com ele, ali perto da casa dele. Mas já me dava muito bem com ele. E o carabineiro que estava de serviço era um que uma altura eu fui preso com esse Adriano no túnel. Dava-nos passe, esse dava-nos passe, esse. O Henrique. Esse dava-nos passe, mas naquela noite quando eu fui preso. Fui preso pelo cabo. O cabo é que fez a apreensão. E depois ia ele à nossa frente e o cabo atrás. Éramos seis indivíduos. Mas também indivíduos que iam prá França. E disse-lhe a ele: «Henrique ti vais diante, o que escape depois paga-lhas ti». E eu ia à frente de todo e disse-lhe. Cada um com sua maleta. Eu não levava nada, mas eles todos uns garrações, outros. Digo-lhe eu: «Henrique eu vou escapar». (carabineiro): «Não Tonio, não escapes que ele. Olha que ele faz fogo». (carabineiro): «Henrique eu vou escapar». Desde o túnel até à cantinera que é à estação de Salvaterra. Disse-lhe eu: «Eu vou escapar aqui pelo, pela fabrica». Eu ao apanhar o sítio: «Tonio não fagas isso. Vira-te pra diante». Ele começou. E eu ao chegar àquele sítio «zás» (faz barulho para assinalar que escapou) por aqueles estardalhaços por ali. O rio era pertinho. Era como daqui àquele barracão acolá baixo. Eu por ali ao tombos pá. O Adriano mete-se atrás de mim também e escapamos. O cabo pá...

---

<sup>394</sup> Lugar pertencente à freguesia da Bela- Monção.



P: Começa aos tiros não?

R: Aos tiros. E depois virou-se pros gajos: «Agora ides vós presos». Prontos, está bem, lá foram. Ao chegar à estação, à tais cantinera que é um bar que está lá em frente à estação. O gajo lá pensou duas vezes. Eu cheguei-lhe a pedir por quanto havia ao cabo pra nós libertar. E o gajo não me libertava, o filha da mãe. E virou-se pros gajos e disse-lhe: «Bom, vos quedades aqui que nós vamos dar uma mirada por aí a ver se collemos os outros. Quedades aqui que nós vimos já por aqui». Aquilo foi para lhe dar a fuga, estás a perceber? Eles também se fossem finos, viram a estação ali. E eu até já lhe tinha dito: «Olha a estação é aqui. É ali num sítio que vamos passar nela. Tem um bar em frente. Mas vocês, eu vou-os levar a uma pensãozita que é a pensão Minho, mais à frente. E vocês dormem lá. E depois de manhã cedinho, de madrugada, saem de lá e veiem aqui prá estação». E eles, os gajos concordaram. Só que quando viram a estação ali já não quiseram sair do bar. Ele disse-lhe: «Nós vimos já». Não é que os gajos foram à fábrica, foram à picada outra vez. Vieram pra trás e eles ainda estavam: «Andai, ala». Levou-os pró posto.

P: Pois, ficaram lá.

R: Levou-os pró posto. Depois entregou-os à polícia do lado de cá. Só que eles também não foram burros. Alguém os informou. À tarde já estavam outra vez no lado de lá. Por Cortes<sup>395</sup>, vieram por Cortes. Já foram outra vez, apanharam o comboio e lá foram. Mas então estava esse Henrique em baixo de carabineiro. E olhou pra cima e diz ele: «Coño! Ti aí?». (senhor Salgado): «É verdade». E diz ele: «Porquê?». Digo-lhe eu: «Porquê?». Não, ele é que diz «Porquê?» Ele sobe as escadas e vem onde a mim: «Ei coño! Como estás! Fostes atacados, não?». (senhor Salgado): «Fomos. Fomos atacados lá em cima nas Neves. Botaram-nos a barca pelo rio abaixo. E agora olhe, estou à espera da minha mulher que me traga o passaporte». (carabineiro): «Deixa-te disso homem, anda pra baixo». (senhor Salgado): «Não caralho que a polícia prende-me». (carabineiro): «Não te prende nada. Vais ganhar amizade ali com uns amigos». E eu já conhecia esse o Benjamim. E quando entro fiquei assim, diz ele: «Coño Salgado ti por aqui?». Digo eu: «É verdade homem. Olhe o Henrique já sabe que já lhe contei». A minha sorte é que eram dois amigos mesmo, estás a perceber? Se são desconhecidos fodem-me, prendem-me logo: «Fui atacado lá em cima. Olha, tive que vir a pé das Neves prá qui. Agora estou à espera da mulher que me vai trazer o passaporte». E diz ele: «E a mulher vem a onde?». (senhor

---

<sup>395</sup> Freguesia de Monção.

Salgado): «A mulher deve estar a chegar que eu mandei-lhe parte já por uma trapicheira». E diz ele assim: «Então olha, tira pra lá que não estás em condições de estar aqui». Que eu estava todo encharcado pá. E todo cheio de sangue nas mãos e na cara. Até na cara todo arranhado das silvas pá. «Tira pra lá, tira pra lá». Digo-lhe eu: «Pronto Henrique vou marchar. Mas agora o caraças é o barqueiro se me». (carabineiro): «Diz-lhe ao Silvino que fui eu que mandei». (senhor Salgado): «Ah, digo-lhe ao Silvino? O Silvino quer lá saber o Silvino de mim». (carabineiro): «Diz-lhe que mire pra riba». Eu estava a entrar pro barco que era um barco a motor: «Olha mira aquele senhor acolá». E olhou pró Henrique: «Esse prontos». (Faz gesto para permitir a passagem) Que não pagava.

P: E pronto, passou.

R: Passei pró lado de cá. Eu a chegar ao lado de cá e a minha mulher já estava a entrar. À espera do barco pra ir pra lá. Eu peguei digo-lhe eu assim: «Não faz falta». (mulher do senhor Salgado): «Porquê?». (senhor Salgado): «Já consegui vir». (senhor Salgado): «Mas o pior agora é ao ir pra cima». Que estava a policia em cima. Mas já eram, já eram. Não, não, ainda era a PIDE. Era a PIDE e os Guardas-fiscais. E então eu ao vir pra cima, a minha mulher deu-me o passaporte e lá venho. E ao chegar acima era o genro do Antero que era da PIDE esse. O Novo. Chamam-lhe o Novo. Sabes quem é o Novo?

P: Eu já ouvi falar.

R: Era ele que estava de serviço. Eu na Guarda-Fiscal passei: «Caralho Salgado como tu vens! Todo encharcado. Hum tivemos borga». (senhor Salgado): «Não, não tivemos nada». A minha mulher a rir-se. E lá passamos então ali e fomos. Tinha que ir à policia com os passaportes. E digo-lhe eu assim ao entrar: «Oh senhor Novo então? Caraças Salgado você». Eu chamava à atenção da maneira que...

P: Claro, claro, como estava.

R: Todo encharcado, todo esfarrapado e o caralho: «Você parece que teve. Teve, teve azar no lado de lá?». (senhor Salgado): «Fomos ao contrabando e olhe. Os carabineiros apanharam-nos». (guarda): «Ficaram sem nada?». (senhor Salgado): «Ficamos sem nadinha foi tudo». (guarda): «Que era?». E contei-lhe: «Era papel deste de decoração de casa. Olhe levaram-nos uma batelada». Eu pra ele: «Levaram-nos uma batelada do caraças, mas prontos que vamos fazer?

Depois tive que vir a pé até aqui. Mas vou-lhe contar, tenho aqui o passaporte mesmo. Mas foi a minha mulher que mo veio trazer. Porque nem está carimbado pra lá, nem agora pra cá. Olhe os carabineiros do lado dacolá são meus amigos e deixaram-me vir embora. Portanto, você se entende». (guarda): «Nada homem, não te preocupes. Ala» (faz som para insinuar que o passaporte foi carimbado). Ainda por cima me carimbou o passaporte ele, ah? Estás a ver? Mas faltava-lhe o carimbo da ida e faltavam os carimbos da Espanha. Mas ele lá pôs o carimbo. Eu com aquele carimbo não podia tornar a ir pra trás, porquê? Porque eles tinham entrada e saída. E aquele estava era o de entrada em Portugal, estás a perceber? Se tenho uma chamada de atenção: «Ai, mas você entrou em Portugal e não passou na polícia assim?». Claro essas coisas é. De maneiras que olha, terminei aí o meu contrabando pá. Terminei-o mas tenho muitas peripécias, não é? O que é que eu agora contar-te muita coisa...

P: E ali a nível de forças? Para além da Guarda-Fiscal também houve algum problema com GNR ou PIDE?

R: Teve. Fui eu apreendido. Fui eu preso uma vez que eu vinha pró lado de cá, o Vieites. O pai do que foi Sargento da Guarda Republicana. O Vietes prendeu-me, mandou. Ele estava à minha espera. Viu-nos ir pra lá que nós íamos a nado. Quando tínhamos assim alguém para levar que muitas vezes eram afoutos. Também tínhamos uma boia de camião com duas tábuas em cruz. E metiamo-los dentro e levávamos pró lado de lá. E ele viu-nos passar. Viu-nos passar e quem estava de serviço com ele? Que era um homem de uma cabeleireira. Esse que levou um tiro aqui do Neu da Castela, aqui neste posto. O Neu da Castela deu-lhe. Não ele é que deu um tiro ao Neu da Castela. Ele deu um tiro ao Neu da Castela. Ele depois foi transferido pra baixo e estava de serviço com o Vietes. E ele, o Vieites disse-lhe assim: «Passou pra lá fulano. Portanto vamos-lhe fazer a espera. Levava, levava dois gajos na boia». Ele viu logo. Já sabia logo o que era. Porque se uma pessoa lhe vai pedir, eles não deixavam. Isso não deixavam. Deixavam, no café deixavam. Que esses nós chegamos a trabalhar com envelopes no café. Não mostrava o dinheiro, mas era envelopes, era cheques, era dinheiro metido dentro do envelope. E então manda o gajo lá pra baixo. Que eu sei o nome dele, veio-me à boca mas depois...

P: Mas também se não se lembrar...

R: Pronto. E o gajo. Eu a vir pra cá já não vim por aquele sítio. Vim por lá por baixo em frente à Pedra furada, ao poste da luz. Chamávamos nós o poste da luz. Em frente à Picada era o poste

da luz. Vim por em frente ao poste da luz. Que era a minha intensão. Eu estava em calção. Eu fui pra lá em calção, vim pra cá em calção. Só levava os gajos até à estação, depois vinha novamente. E depois meti-me a atravessar pró lado de cá e deixei a boia escondida cá em cima. Porque estava cá em cima, deixei ficar e meti-me a atravessar. E ele pôs um gajo lá em baixo no poste da luz. Porque fez de conta: «Bem ele se não passa aqui, passa acolá. Passa acolá, vai passar acolá em cima. Mas o rio traz-o aqui pra baixo e tal». Ele na coisa dele. Entretanto eu olhei lá pró meio das canas e vejo. O gajo até estava enervado pá. E eu saí e digo: «Carago, está ali um Guarda-Fiscal. Vá que se lixe». E saí prá terra. Prá terra não, que era seixo. Mas ainda tinha que andar um pedaço valente pra chegar ao local. E vejo vir o gajo com a pistola. Digo-lhe eu assim: «Calma aí homem! Calma! Calma que eu vou lá! Calma!» Eu assim pra ele. E o gajo: «Vamos então! Vamos!». Com a pistola na mão pra meter-me medo. Que ele pensava que eu que tinha medo. Cheio de tiros estava eu que eles chegavam a dar tiros como. Eu a um metro deles e davam fogo. Porque eu mentalizei-me desta maneira. Eu trabalhava com um marinheiro do lado de lá que o marinheiro chegou-me a dizer: «Tu desde que estejas com os tornozelos cobertos de água e que ele não te posso tocar com a mão, nada te pode tocar. Ninguém te pode tocar». E eu então ganhei essa pose e eu metia-me na água até aqui (até a zona dos tornozelos) e obrigava-os a fazer fogo. Gritavam do lado de cá muitas vezes: «Salgado anda-te embora que ele mata-te!». Uma vez, em frente ao copita, deram-me tanto fogo, tanto fogo, tanto fogo. Mas pensava o gajo que eu que me deitava ao rio e gritavam-me: «Anda-te embora Salgado que ele fica mais furioso! Anda-te embora!». (senhor Salgado): «Não interessa, ele que largue as balas aí». Eu depois ainda pior. É que eu depois ainda o mal tratava.

P: Pois. E eles ainda ficavam mais...

R: Ficavam pior. Dizia-lhe que fosse fazer ginástica nos cornos do pai. Oh pá, mas aquilo caralho. É que nós chegávamos a um ponto muitas vezes. Eles ficavam tão furiosos que depois aquilo, pronto. E então esse, esse gajo. Deixa-me chegar à beira mete a pistola no coldre. Agarra-me num braço e digo-lhe eu assim: «Calma! Não se enerve. Porque eu se lhe quisesse fugir eu metia-me pelo rio abaixo e ia pró lado de lá e acabou. Não se enerve. Para onde é que me vai levar?». (guarda): «Pró posto». (senhor Salgado): «Então vamos fazer uma coisa. Eu pra ir pró posto não vou assim em calção. Vamos por aqui por baixo. Você sabe a onde é que eu moro? Moro ali na rua da Independência. Deixa-me vestir. Eu visto-me e vamos pró posto. E diz o gajo assim: «Você está a exigir demais». Disse-lhe: «Isto é se quiser porque se não quiser tem que

me matar». Foi assim. Porque então nessa altura eu escapava-lhe e tinha que me matar, mesmo. E lá vamos à minha casa. Sabes a rua da Independência é aquela do Mira Espanha. Por ali abaixo tem o arco e eu morava duas casitas ali à frente. E então eu fui e ele à porta. Fui-me vestir. Vesti-me e tal. Lá venho eu com calças e as sapatilhas eram as mesmas. Porque eu gostava de atravessar o rio com sapatilhas. E lá vou, posto. Chego ao posto, está lá um dos meus: «Ei carago Salgado». Que ele era de Pousa, o ti Lino: «Carago que foi isso?». (senhor Salgado): «Oh pá, pronto. Fui ao lado de lá. Agora o guarda o que me tinha contado. Foi o Vieites que o pôs lá em baixo que diz que nos viu passar pra lá com dois gajos. E agora eu tenho que dizer onde é que deixei os gajos e tal». Digo-lhe eu: «Quem é o comandante do posto hoje?». (guarda): «É o Golim.». (senhor Salgado): «E a que horas entra?». (guarda): «Entras às oito». O outro que me levou preso estava cá fora no cinema a andar pra trás e prá frente ali. Digo-lhe eu: «Então vais-me fazer uma coisa pá. Deixa-me ir ali à casa do Tone Chio que eu a ver se arranjo um táxi, senão vou a pé». E fui a pé. Que fui a correr e vim a correr: «Que vou falar com o Tone Chio pra interferir com o Golim». Porque o Golim dava-nos passe. Quando eu trabalhava pró Chio dava passe e conhecia-nos, estás a perceber? E pra lhe dizer já o que é que se passava. Pra quando chegasse ao posto me mandar embora, está a perceber? Ele entrava às oito. Isto eram sete horas da tarde. Eu não tenho mais nada diz ele assim: «Oh Salgado, mas vens outra vez?». (senhor Salgado): «Venho outra vez pá. Eu não te vou comprometer». É que se não depois.

P: Claro, claro.

R: Vai dizer que eu que te deixei escapar. Ao comandante vai-lhe dizer que eu te deixei escapar: «Espera aí então. Deixa-me ver onde é que ele está». Ele sai cá pra fora por aquela porta da parte de trás.

P: Agora estão a fazer as obras.

R: Ele viu, espreitou: «Está acolá naquela ponta». Estava em frente ao Custodinho do Lau, ali naquela ponta. Mas estava a vigiar a parte da frente do posto. Não tenho mais nada: «Vai agora!». E eu (zás) a correr pá. Fui à casa do Tone Chio. Bati-lhe à porta: «Tone». (senhor António): «Que foi Salgado?». (senhor Salgado): «Oh pá fulano prendeu-me. Foi o Vieites que mandou prender-me. Eu fui levar dois gajos de boia ao lado de lá. E agora o gajo vai-me entregar à PIDE caralho». (senhor António): «E que queres que te faça?». Digo eu: «O Comandante de

posto é o Golim. O Golim entra às oito horas. Dá-lhe um toque ao Golim que eu vou pró posto já, imediatamente. A ver se o Golim». (senhor António): «Oh que caraças pá. Bem mete-te no carro». (senhor Salgado): «E onde vamos?». (senhor António): «Vou ao Golim». (senhor Salgado): «Não, então não me levas caraças. Porque senão o Golim vai logo. Então o guarda deixou-o vir?». (senhor António): «Então eu vou ao Golim e tu vens. Anda que vais até aqui à curva da Lavandeira». E eu vim até à curva de carro. Depois vim a correr sempre. Cheguei à porta, bati à porta. O gajo quase me vê entrar. Que ele naquele entretanto ele veio vindo talvez. Tinha frio ou o caraças e foi outra vez pra trás. Eu bati à porta e o gajo veio: «Caraças, estava a ver».

P: Que não chegava?

R: O ti Lino: «Estava a ver que não vinhas carai». Entretanto, uma chamada. Daí por coisa de quê? Vinte minutos, uma chamada: «Tou? Quem é que está de serviço? É o Adelino». Que é o Lino, chamávamos: «Não há aí um serviço assim, assim? Um senhor aí detido?». (guarda): «Está, está, está aqui. Que foi o». Prontos não interessa o nome: «Que o prendeu no rio que foi o Vieites que o mandou buscar e tal» (comandante): «Então chama-o aí e que mande o homem embora». Não mandou a ele mandar-me libertar, chamou-o: «Toma, fala aqui com o Comandante». Ele foi ao telefone: «Tou?». (comandante): «Sim? Olha deixa ir o homem embora que nós já sabemos quem ele é». O gajo ficou a olhar pro outro: «Ai?». Depois diz-me o Lino assim: «Sabes o que ele te ia fazer? Ele não queria responsabilidades. Ele ia-te espetar na PIDE». E a PIDE depois é que me mandava pra cadeia. Que a PIDE depois eu ia em como era passador de homens prá França e o caraças pá. Esses processos trabalhava tudo na polícia política. Na PIDE mesmo, estás a perceber? E eu ia ser preso carago.

(...)

R: Portanto, a vida pá, tem muitos contornos.

P: Tenho aqui as perguntas, mas já me respondeu a tudo, basicamente. Basicamente já me deu resposta a tudo, foi contando. Já me foi contando mesmo de detenções e coisas assim do lado de lá.

R: Mas tenho, tenho ainda várias peripécias. Mas isso pá, tenho que estar...

P: Ai não. Jesus, já levo aqui muita coisa mesmo.

R: Tenho que estar. Porque mesmo por a Guarda Civil de Ponteareas fui preso. Uma altura fomos levar um carro de... Ah, vou-te contar uma fuga que eu fez.

P: E o máximo onde foram mais longe? Era quê? Vigo? O máximo que podiam ir? Ou não chegou a ir sequer?

R: Vigo. Íamos a Vigo íamos. Era o que eu te ia contar agora, a La Guardia<sup>396</sup>. La Guardia fica perto. Tínhamos lá esse Neu da espanhola. Tinha um complot. Até diziam que era amiga dele e que. Mas a gaja pegava-te num carro e cuidado com ela. Carregava café que aquilo. E nós então íamos para passar em La Guardia, em frente a La Guardia. Pronto, ali em Caminha entre... Como se chama aquilo? Antes de chegar mesmo a Lanhelas. Entre Lanhelas e...

P: Lanhelas, sim. Antes de Caminha.

R: E então nós vamos com dois (dodegares?) carregados de café. E ao chegar ali na reta de Verdoejo, mesmo na reta de Verdoejo lá ao fundo. Tem lá uma casa que tem uma águia.

P: Ah sim, sim aquela casa onde...Sim, Sim. Aquela casa branca.

R: Oh pá entramos por ali a dentro com o carro carregado de café. Que ele ia desesperado porque já ia atrasado. E estava a gaja no lado de lá à espera com pessoal também. A gaja era a primeira vez que vinha buscar café àquele sítio, estás a perceber? Eram sacos de café cru. E nós fomos então. Já vinha um outro carro carregado com pessoal. Passamos pró lado de lá e meti-me no carro com ele, eu, e o meu irmão. E a gaja à frente com outros dois gajos, com os carros carregadinhos a top. Entretanto quem vai à frente é a gaja. Não conhecia o caminho, vai direitinha ao quartel da Guarda Civil. Oh pá, ele assim que vê aquilo, fez-te ali uma manobra que eu nunca... Ainda hoje não sei como é que ele conseguiu tirar o carro carregado dali de dentro. E a gaja também. E fugimos. Oh pá, os gajos ficaram estupefactos. Eles próprios não sabem como é que aquilo aconteceu pá, estás a perceber? E vêm atrás de nós. Mas quando vêm atrás de nós diz-me ele assim: «Toninho». (senhor Salgado): «Quê?». (senhor Manuel): «Vos agarrais-vos, agarrais-vos aos sacos bem agarradinhos. Porque se eu faço uma travagem nunca vindes vós». Nós íamos deitados por cima do café: «faz-vos firmeza». Porque os sacos estavam travados com os bancos e aquela coisa. «Ta bem!». Oh pá, acaba de dizer aquilo. Houve uma comunicação do posto prá patrulha que estava de coisa pá, na estrada assim, assim. Oh pá, um

---

<sup>396</sup> Município raiano pertencente à Província de Pontevedra – Espanha. Na raia adjacente a La Guardia encontra-se Caminha.

de metralhadora e o outro vem mirou pra trás. Vê o carro carregado de café: «Encosta ali!». Caralho o mal foi ele dizer-lhe «Encosta». (senhor Manuel): «Toninho segura-te, segurai-vos!».

P: E arranca não?

R: Oh pá, o carabineiro estava de metralhadora foi por uma ribanceira abaixo. Foi por uma ribanceira abaixo pá. E escapamos, conseguimos escapar. Estás a ver? Mas aquilo...

P: Claro meteu medo, não é?

R: O outro ainda teve tempo de pegar e fazer-lhe fogo ao carro. Esfuracou o carro todo no capô, atrás. Esfuracou o carro todo, pá. Se levanta mais a pistola ou o caraças, fode-nos a nós em cima. Furacou o carro, estava todo esfuracado pá. Portanto, tenho essa e mais. Em Ponteareas. Em Ponteareas ser preso, ser preso. Preso não é bem o termo. Ser parado e depois de ser parado, antes que o gajo chegasse ao carro: «Ai parecias-me o Golim, o vosso comandante». Eu virado pra ele: «Parecias-me o Golim o vosso...». (guarda): «Conoces a Golim?». (senhor Salgado): «Então não conoço. O Golim já o ajudei a fazer...». Eu por acaso tenho grandes amizades com determinadas autoridades no lado de lá: «Ajudei-lhe a fazer aguardente na casa do Rogério ali em Pesqueiras. Ai prontos homem, se és amigo do Golim marcha». Eu levava o carro carregado pá, ai Jesus! Aquilo (risos). Mas isso, lá está. Antes, pouco antes de ter desistido do contrabando daqui. Pouco antes mesmo. O que me valia também. Mas hoje tenho uma grande amizade. Mesmo no tráfico, no tráfico já me tem mandado parar muitas vezes. E um gajo vem com o balão, bem fodido. E basta falar-lhe em A,B ou C e eles anulam logo a situação, estás a perceber? E eu tenho ordem pra isso que tenho: «Olha que tu quando tiveres isto assim, assim, tal. Comunicas». E é assim companheiro.

P: Pronto olhe já tenho aqui muita coisa, Jesus. Já me deu aqui informação.

R: Prontos. Olha não é de muito... Há-de haver contrabandistas que tem mais... tem relatórios fantásticos. Porque esses eram proprietários. Iam eles e tudo mais.

P: Mas já levo muita coisa. Já levou aqui muita informação.

R: Prontos. Olha Marquinho...



## Entrevista 8

Nome: Joaquim Amoedo Luís.

Idade: 80 anos.

Local: Terreno de cultivo.

Qualidade: Guarda-Fiscal.

Data da entrevista: 28-01-2015.

P: Só queria que me dissesse o seu nome, o ano de nascimento e a naturalidade, por favor.

R: Joaquim Amoedo Luís. Natural aqui da Bela.

P: E a sua idade?

R: 80.

P: 80 anos? Sim. Começo logo por perguntar como é que... Tinha conhecimento de qual é que era a maior freguesia? Onde havia mais contrabando? A freguesia onde havia mais contrabando?

R: A freguesia ou....

P: Lembra-se mais ou menos qual é que era a freguesia onde?

R: Talvez Barbeita. Foi a mais.

P: Sim. Barbeita?

R: Barbeita.

P: Sim? E porquê que seria a freguesia?

R: Havia mais, mais, talvez. Havia mais gente a andar no contrabando.

P: Tinha mais algum familiar ligado às forças de autoridade?

R: Quem eu?

P: Sim, sim, o senhor.

R: Tenho um tio. Que ele por acaso ainda está... Que ele era cabo da Guarda-Fiscal também.

P: Mas o senhor não entrou prá... Entrou por vontade própria? Não foi por ter essa ligação?

R: Não. Eu fui porque entrei, fiz o exame.

P: Sim. Onde é que fazia? Onde é que fiscalizava quando fazia serviço? Onde é que fiscalizava?  
Em que zona?

R: Andei numa brigada móvel de mota no Alentejo. E depois vim. Fui vindo. Estive em Moledo, estive acolá na Várzea-Lindoso, aquela parte do Lindoso. E depois passei o meu tempo na secretaria. Serviço de secretaria. Deixei de andar no rio. Só ia se... quando era obrigado. O resto não era obrigado a ir.

P: E aqui em cima? Em que anos é que esteve cá em cima?

R: Ora estive desde 66 a 90.

P: Sim. Era normal os Guardas-Fiscais facilitarem a passagem?

R: (risos) Havia de tudo...

P: Sim. Havia um pouco de tudo?

R: Havia um pouco de tudo é como o Governo. A Guarda-fiscal era como o Governo agora.

P: Normalmente facilitavam mais a passagem com mulheres ou homens? Era mais fácil para as mulheres passarem ou os homens?

R: Oh pá isso agora. Eu como não andei assim muito no rio.

P: Mas do que se lembra, mais ou menos?

R: Talvez. Havia mais homens no contrabando do que mulheres.

P: Sim, sim, sim. Mas eu estou a dizer, pra passarem pra cá, era mais fácil práas mulheres ou aos homens? Tinham mais facilidade?

R: Os homens tinham mais facilidade do que as mulheres porque eles iam nas próprias batelas. E as mulheres tinham que pedir boleia (risos).

P: Sim. Ora, pronto. Se não andou tanto no rio. Ia-lhe perguntar se tinha efectuado alguma apreensão ou assim.

R: Não, apreensões fiz poucas. Fiz poucas. Fiz pra e meia dúzia delas.

P: E eram muitas as cargas? Era principalmente de quê? Apreensões de quê?

R: Naquele tempo era o café, café.

P: Café. Mas qual era a carga, a carga máxima que apreendeu? Não se lembra mais ou menos?

R: Sete ou oito sacos de café.

P: Sete ou oito sacos? Eram os de 60 Kg os sacos?

R: Cinquenta ou Sessenta, não posso precisar. Mas não fui eu só. Fui eu e mais outro colega.

P: Pois, quando era assim faziam fiscalizações. A fiscalização do rio era sempre dois Guardas-Fiscais que faziam?

R: Não, havia vigia. Normalmente havia vigia. Só era um, que era muito arriscado pra levar uma paulada (risos).

P: Pois, um sozinho. Pois um sozinho era. Quantos postos é que existiam, mais ou menos, aqui no concelho de Monção? Da Guarda-Fiscal?

R: No concelho de Monção?

P: Sim.

R: Vamos lá começar por uma ponta. Lapela, Monção, ali em Troviscoso -Pescote, havia aqui Torre, havia Barbeita, Valinha, Cela<sup>397</sup>.

P: E mais nada?

R: Mais nada.

P: Pronto. Eu tinha aqui uma pergunta, mas como não andou muito a fiscalizar. Mas era se alguma vez tinha utilizado o recurso à arma de fogo?

---

<sup>397</sup> Cela pertence ao concelho de Melgaço.

R: Não, não, nunca.

P: Para atirar em algum contrabandista ou assim?

R: Não, não. A arma de fogo também não era para matar.

P: Pois, era só para assustar, não é?

R: A teoria era dois tiros pro ar e depois atirar um se fosse preciso. Mas, normalmente, muitos atiravam primeiro pro vulto e depois é que davam os dois tiros (risos).

P: Pois, faziam ao contrário. Pronto. E se alguma vez deteve algum contrabandista? Não?

Também não?

R: Não, também não.

P: Mas tem conhecimento de alguém que tenha detido algum contrabandista? Do lado de cá?

R: Detido como?

P: Se tinha detido, detido. Se o tinha preso.

R: Ai alguém?

P: Sim, alguém. Algum contrabandista.

R: Alguns prendiam-se e depois pagavam multas, não é? Eu estava na secretaria.

P: Estava na secretaria a onde? Aqui em Monção?

R: Em Monção. Aquilo era como um tribunal. Ouvia-se o coiso e depois havia arrematações. Depois havia que distribuir o valor daquele dinheiro pró Estado. Aquilo ainda era um bocado complicado.

P: Normalmente resolvia-se com multas ou ainda havia alguém que ia preso mesmo?

R: Quer dizer, por vezes, havia multas. Mas aquele que não tivesse pra pagar.

P: Pois ia preso. E qual era, normalmente, o tempo de pena.

R: Depende, isso depende.

P: Depende do delito, não é? Mas, mais ou menos, por alto, qual seria? Uma média?

R: Não, não tenho assim coiso. Não havia média. Era o que, depois, era o que desse. O que a videira desse, não é?

P: Isso dependia, não é? Normalmente eram mais duros com os contrabandistas portugueses ou com espanhóis?

R: Normalmente os espanhóis não, não, não. Os portugueses é que lhe ponham a mercadoria na Espanha.

P: Sim, mas não vinha um ou outro cá?

R: Os espanhóis não vinham, não andavam aí muito.

P: Não? Era raro isso acontecer?

R: Era raro.

P: Lembra-se da altura de ouvir falar de contrabandistas que tenham falecido durante a noite? Durante a passagem pra Espanha? Ou à vinda de Espanha pra cá?

R: Houve os carabineiros.

P: Sim, sim, o caso dos carabineiros.

R: Mataram aqui um tipo que era aqui de Arnado<sup>398</sup>.

P: Sim, daqui da Bela?

R: Daqui da Bela.

P: E era habitual ouvirem-se disparos do outro lado?

R: Disparos ouvia-se. Às vezes até havia contrabandistas inteligentes. À noite, por exemplo, queriam passar aqui e agarravam numa arma. Numa pistola ou coiso e iam dar tiros pra longe que era para o...

P: Para irem atrás?

---

<sup>398</sup> Lugar situado na Bela-Monção.

R: Para a fiscalização ir pra lá e eles ir pro sítio onde...

P: Sim, eles arranjavam formas de... não era? De enganar. Quantas horas é que trabalhava, por norma, um Guarda-Fiscal que estava a fiscalizar aí a zona do rio? Normalmente?

R: Eram seis horas.

P: Seis horas?

R: Seis.

P: E depois trocavam?

R: Três ou quatro, ou duas, às vezes. Quando era naquela zona de sentinela eram duas horas.

P: E depois trocavam com outro?

R: Depois também havia serviços de patrulha que às vezes eram 48 horas. Havia serviços assim que eram, até eram pagos. Pagavam. Era o coluna, estavam deslocados e como estavam a trabalhar era mais bem pago.

P: Quando estavam a trabalhar mais horas eram mais?

R: Eram remunerados.

P: Sim, sim, sim, pronto. Quais é que eram as principais funções de um Guarda-Fiscal? Eram treinados pra que mesmo? Pra Fiscalizar?

R: A missão da Guarda-Fiscal?

P: Sim, sim.

R: Era evitar e reprimir as infracções fiscais. Não era obrigado, não era obrigatório fazer. Era evitar, reprimir as infracções.

P: Sim, sim. Era principalmente essa a função?

R: Era evitar e reprimir as infracções fiscais. Os comandos não diziam: «Tens que fazer o coiso» não senhora. Tu se estavas aqui, já evitavas. Não passavam por cima de ti. Era isso.

P: Sim, era o principal. E trabalhava em conjunto com outras forças? GNR?

R: Não, não, cada um...

P: Cada um tinha a sua...

R: A GNR era. A Guarda-Fiscal era do controlo aduaneiro e a Guarda-Fiscal já era da pública, não é?

P: Era normal manter contacto com o outro lado? Com autoridades espanholas? Ou cada um estava no seu lugar?

R: Não, os comandos tinham os encontros de vez em quando. Por exemplo, o Comandante de secção ia pra lá pro lado espanhol.

P: Do resto era tudo. Cada lado tomava...

R: Cada um, cada qual.

P: Sim, exacto. Cada lado tomava conta de si, não é? Acha que ao longo de sessenta até ao fim do regime foram facilitando assim a passagem de contrabando? E mesmo a meio de sessenta facilitavam mais a emigração? Ou havia directivas superiores para isso acontecer ou não?

R: Havia, mas eram verbais. Quando Angola estava....

P: Sim, exacto. Precisavam da entrada de divisas...

R: Diziam para facilitar. Quer dizer, podiam apreender, mas se não quisessem apreender. Se quisessem apreender, apreendiam.

P: Mas havia...

R: Depois havia essa coisa, cada um cada...

P: Cada um decidia, mas a ordem era mais pra facilitar, não é?

R: Era pra facilitar.

P: Pra depois os emigrantes mandarem o dinheiro para cá, para manter...

R: Os emigrantes não. Depois já vinha a divisa para cá.

P: Sim, exactamente. Depois de estarem lá já mandavam o dinheiro, não é? Exactamente. Pronto.

(...)

P: Acha que o contrabando era uma forma de oposição ao regime? Mesmo que indirecta?

R: Olha essa parte...

P: Acha que...

R: Se aprendia, aprendia, se não se aprendia, não se aprendia, não...

P: Como é que acha que a população via os contrabandistas? Como é que acha que a comunidade via o contrabando?

R: Viam que era uma maneira de sobreviver. Não tinham outra maneira de sobreviver. Era, eu pagava-te a ti para me lebares uma carga ali, ganhavas o teu.

P: Sim, exacto.

R: E o patrão perdia. Se aparecesse a fiscalização perdia o trabalho, não é? Mas o que ia com a carga, o que ia ganhar se fosse apreendido, preso, pagava uma multa igual ao dono.

P: Pois, pois, claro. Paga tanto quem é... exactamente. E o que é que acontecia quando eram feitas apreensões de café ou assim, era destruído?

R: As apreensões normalmente faziam. Os guardas deixavam fugir sempre, normalmente. Deixavam fugir os contrabandistas. Porque, abandonava e pronto já não havia mais, não havia mais (risos).

P: Pois, exactamente. E por último, o que é que achava da situação do País antes e o que é que acha da situação do País agora? Como é que acha que?

R: Oh pá eu, na minha maneira de ver...

P: Sim, sim, eu quero é...

R: A coisa esta muito paralela.



P: Não está muito diferente antes e...

R: Quer dizer as situações trocaram. Mas ao mesmo tempo eram mesmo, a mesma coisa.

P: Ela por ela. E pronto acho que...

R: Olha não te sei dizer mais nada.

P: As perguntas já as fiz todas. Já fiz as perguntas que tinha aqui, portanto. Agradeço a sua disponibilidade. Se tiver mais alguma coisa para dizer assim que ache interessante.

R: A segunda apreensão que eu fiz quando andava na Guarda, na patrulha móvel, foi uma transgressão que aplicamos a umas netas do Duque de Palmela (risos).

P: Também eram iguais aos outros, não é? Exactamente.

R: Eram as netas do Duque de Palmela. Sei que naquela altura pagaram de multa trinta contos. Para aí em 1960 ou 61.

P: Pronto obrigadinho.

## Entrevista 9

Nome: Alberto Magno Pereira de Castro.

Idade: 75 anos.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: Capitão da Guarda Nacional Republicana de Valença.

Data da entrevista: 17-07-2015.

P: Pronto, senhor Major. Eu começo sempre por perguntar o nome das pessoas, a idade, a naturalidade.

R: Sim, sim, sim. Eu sou o Alberto Magno Pereira de Castro. Sou natural de Melgaço, onde nasci em 16 de Agosto de 1940.

P: E, normalmente, o senhor Major trabalhava...

R: Trabalhei, portanto. Fui para África. E quando vim, em 65, concorri à Guarda Nacional Republicana. Fui colocado em Lisboa, estive lá em várias unidades. Sobretudo a minha unidade mãe era a «estrela». E depois, em Novembro de 65, vim então para Valença. Estive um mês a estagiar em Viana e vim aqui para Valença. Estive aqui até 65. Estou a dizer mal, 66. Vim em Dezembro de 66, estive aqui até Dezembro de 86. E depois, entre 86, fui para Viana comandar a companhia interinamente. Portanto, estive lá um ano a comandar a companhia interinamente. Fiquei dois anos como, depois como adjunto. Porque foi a partir daí que as companhias passaram a ser comandadas por Majores. Mas depois em 1990, 1987. Não, 1989. Eu fiquei a comandar a companhia mesmo como Capitão definitivamente. Deixei-a de comandar depois, quando fui promovido a Major e colocado em Lisboa em 1980 e 1993.

(...)

R: Portanto, por razões familiares, tive que passar então à reserva. Pronto, aqui estive na reserva algum tempo. Depois, entretanto, fazia funções camarárias e concorri à Câmara. Fui presidente

da Câmara da Câmara de 94 a 97. De 94 a 98.

P: Sim, exacto. Quando entrevistei antigos contrabandistas eles faziam distinção entre o contrabando dito de rio e o outro contrabando.

R: Sim.

P: O que é que se entende pelo outro contrabando?

R: Não, ora bem. Era o que eu lhe queria perguntar.

P: Sim.

R: É que há dois tipos de contrabando.

P: Pois, exacto. É que eu não...

R: Há dois tipos de contrabando. O contrabando que é o contrabando maior, não é? Que esse era os camiões que vinham...

P: Pois. Esse é que não tenho bem...

R: Não. Os camiões, as pessoas. Quer dizer, o contrabando tem vários ciclos, não é?

P: Sim.

R: Que eu tenho aqui neste livro vários ciclos. O ciclo do café, o ciclo das pedras de isqueiro, o do arame, etc. Esse contrabando, as pessoas iam nos seus camiões buscar ao Porto. E então era passado para o lado de lá. E então havia muitas pessoas. Quer dizer, as pessoas de Melgaço havia dois, havia vários. Mas eu conheci dois de perto que tinham homens já preparados. Que quando vinha o contrabando eles eram avisados de casa em casa. E iam então para rio. No rio não, junto ao rio, não é? Cá cima em Monte Prado<sup>399</sup>. E então faziam aquilo por viagens. Que era:

---

<sup>399</sup> Local situado no concelho de Melgaço.

cada vez que um indivíduo ia do camião até ao rio, era uma viagem.

P: Sim.

R: Uns faziam uma viagem, outros faziam menos. Na amêndoa, por exemplo. Na amêndoa descascada, também era um contrabando grande. O azeite, por exemplo, também era contrabando grande. E depois havia o contrabando pequeno, de trapicheira. O pequeno contrabando do dia-a-dia, não é? Do dia-a-dia das pessoas que iam todos os dias pra Espanha e tal. Mais ou menos consentido. Muitas vezes dependia da disposição do homem que estivesse de serviço. Umas vezes levavam café, até 5 Kg de café, nas mandranas. Ou traziam alpargatas, traziam utensílios da casa. E até muita gente trazia coisas de lá que não era para vender, não é? «Oh fulano? Vais a coiso? Traz-me não sei quê, não sei que mais». E ela trazia-lhe isso de lá. Isso era o dia-a-dia, era o chamado trapicho. É preciso distinguir, antes de mais, entre o grande contrabando, contrabando a sério. E o trapicho que é o contrabando pequeno.

P: Exactamente.

R: E esse era feito no dia-a-dia e havia pessoas que vinham de Lanhelas. E de outros sítios atravessar o rio. Por exemplo, Monção. Havia muita gente que... Caminha. Não tinham ponte, não é? E as pessoas iam de barco, não é?

P: Pois, aqui em Valença seria diferente. Porque já tínhamos a ponte.

R: Aqui em Valença já havia a ligação. Já havia a ponte internacional.

P: Já seria uma forma diferente de passagem.

R: Exactamente.

P: Normalmente as autoridades que estavam a controlar, do nosso lado, principalmente. Haveria muitas autoridades que facilitavam mais?

R: Ora bem, como eu lhe digo. Eles não podiam autorizar, não é?

P: Pois, exacto.

R: Eles não podiam autorizar. Isso depois é assim, há aqui todo um conjunto de cumplicidades, não é?

P: Exacto, exacto.

R: Há um conjunto de cumplicidades, não é? Porque eles, de facto, não autorizavam. Mas depois já havia a parte clandestina, não é? Mas eu hoje estou convencido. Estou convencido e tenho a certeza, não é? Que muito contrabando passava legalmente pra cá, ou pra lá. Para cá e para lá, mas sobretudo de lá para cá. Passava com o consentimento das pessoas que estavam de serviço. Quer dizer, um indivíduo diz assim: sabia que hoje quer passar, não sei que e que estava de serviço fulano. Toda essa gente estava comprada.

P: Pois, exactamente.

R: E, portanto, as coisas vinham. Claro, que tinham que pagar, não é? Mas era passado com consentimento. E para lá era a mesma coisa. As pessoas corrompiam-se, quer dizer, havia pessoas... Quer dizer, são coisas que eu não sei. Isto é, eu nunca vi, não é? Mas que a pessoa sente que é assim, sente que é assim.

P: Pois, porque no lado espanhol há sempre...

R: Por exemplo...

P: A noção que seria autoridades mais severas. Autoridades mais duras, não é?

R: Sim, eram mais severas. Havia uma coisa que eles eram. Os espanhóis, por exemplo, eram muito severos, era no tabaco e no café.

P: Sim.

R: Eram duas coisas que já eram severíssimos. Mas nas outras coisas, eles passavam. E, claro. Portanto, acontecia que, muitas vezes, as pessoas já sabiam, não é? Já sabiam, e, portanto. É

claro que eu não posso, nem devo estar a dizer que estavam comprados, que se vendiam. Não posso, não é? Mas é assim.

P: Exactamente, sim, sim. Percebo. Só está a dar um parecer.

R: Pois. Quer dizer, não há dúvida nenhuma que as pessoas que se vendiam. E mais, e até acontece o seguinte. Na Guarda Republicana. A Guarda Republicana não se dedicava a isso, a essas coisas. A Guarda Republicana era mais assuntos de serviço cá de cima.

P: Pois, eu ia-lhe perguntar quais eram as principais...

R: Mas quando a Guarda tinha que fazer serviço junto do rio, os Guardas-Fiscais chateavam-se todos: «Vocês não tem nada que vir».

P: Pois. Era isso que também queria perguntar, se havia...

R: Quer dizer, a Guarda dizia: «Mas não. Nós, isto está sobre o nosso controle. Está sobre o nosso controle. Não, não. Vocês é até à linha férrea, da linha férrea pra baixo é connosco». Era o que eles diziam, não é? A Guarda, evidentemente, não queria saber disso pra nada. E quando tinha que fazer o serviço, fazia-o. Mas era assim. Houve uma situação. Por exemplo, aqui em Valença, a Guarda Republicana apanhou muito contrabando. E que foi, portanto, foi naquela área de Melgaço. Há um caminho, há uma estrada, que é a estrada de Portela do Alvite. Que é por cima pelo Extremo. E então o Tenente que estava lá em Melgaço era um indivíduo que era: «laissez faire laissez passer». Deixava passar tudo. Evidentemente que não deixava passar de graça, não é? Não deixava passar de graça. E então a Guarda apanhava muitas, apanhou muito contrabando ali na Portela do Alvite. E, sobretudo, no Extremo. Camiões de banana e camarão.

P: Normalmente eram cargas muito...

R: Cargas grandes, não é? Cargas grandes. E eu tive aí uma história. Uma ocasião apanhei uma camioneta de camarão. Camarão que a Juíza de Viana, Juíza de instrução criminal, dizia que, desde que esteve e Moçambique, nunca tinha visto camarão assim. Mas aquilo também só foi aquela vez, porque depois nunca mais apanhei. Depois vim a saber que eu tinha dois guardas ali

dentro que recebiam. Pronto, que tinham uma avença e estavam avençados com isso. E nunca mais apanhei nada.

P: E o que é que acontecia, normalmente, quando se descobria que alguma autoridade recebia?

R: Não, eu por acaso não descobri, não é? Por acaso vim depois a saber e tal que teria havido isso, não é? Também é difícil de provar. Mas o que acontece é o seguinte, na Guarda Republicana. Na Guarda-Fiscal eu não sei, lá teriam o seu. Aliás, entre a Guarda Republicana e a Guarda-Fiscal, havia uma maneira de ser completamente diferente, não é?

(...)

P: Sim, sim, sim.

R: Pensam: Quer dizer, nós... Que as pessoas que lhes devem uma certa atenção. E que vêm lá do antigamente e tal. Na Guarda Republicana não havia isso. Quer dizer, o pessoal não ligava. Mas acontece, evidentemente, que se chegasse à conclusão que um guarda era corrompido, era punido. E, às vezes, até era expulso, não é? Quer dizer, isso aconteceu, isso acontecia. Mas eu nunca tive casos, à parte desse. Pronto, que eles já não estavam até na Guarda, aconteceu isso. E um deles era o homem que andava comigo. Quer dizer, um já estava na América. Aliás, estavam os dois na América, já. E diziam isso, diziam que não lhes faltava nada e tal. E, portanto, estariam a ser avençados por um indivíduo. Claro que se fossem descobertos, evidentemente, era aberto um processo. Não se transigia.

P: Exactamente.

R: Na Guarda-Fiscal não acontecia isso.

P: Mas poderia dar direito a prisão?

R: Não. Não dava direito a prisão. Eram julgados no tribunal militar, porque tinham um juiz. O juiz era civil, os promotores de justiça é que eram militares. E dava, dava. Iam para um presídio. Quer dizer, iam prá cadeia militar, não é? Quer dizer, e eram punidos. Eu nunca tive nenhum

caso desses, tive esse. Houve essa ideia, não é? Houve essa ideia, mas nunca. Nunca aconteceu de nenhum indivíduo ser apanhado por contrabando. Ah minto! Uma vez, um indivíduo foi apanhado. Mas por contrabando de cá pra lá. Mas já foi apanhado no lado de lá, no lado de lá. E claro que lhe ficaram com o carro. Era até um carro que estava aí há pouco tempo. Ficaram-lhe com o carro e tal, mas não lhe aconteceu mais nada. Pronto era a autoridade. As pessoas vêem um caso excepcional e tal. Mas, pronto, de qualquer maneira ficaram-lhe com isso e ele não ganhou para o susto.

P: Normalmente, as pessoas que eram detidas no contrabando, qual eram... Eram presas, ou ficavam-se pelas multas?

R: Não, o contrabando não dava prisão. Quer dizer...

P: Do lado de cá pelo menos...

R: Não dava. Quer dizer, nunca tive caso nenhum de contrabando.

P: Sim, sim, sim. Mas que tivesse conhecimento da altura...

R: Nem sabia, nem sei, ainda hoje, como é que na Guarda-Fiscal resolviam esses problemas. Não me consta: «Fulano tal foi preso por andar no contrabando».

P: Pois.

R: Não havia, não é? Não havia. Porque as pessoas, graças a Deus, eram contrabandistas. Como dizia o outro.

P: E alguns contrabandistas até diziam que quando apreendiam do lado de cá, que, às vezes, até devolviam. Passado algum tempo, principalmente as senhoras.

R: Não, quando eram apreendidas. Quando eram... Só se fosse a Guarda-Fiscal.

P: Sim, sim.

R: Quando as coisas eram apreendidas, eram apreendidas. Iam para tribunal e essas coisas, não é?



P: Pois.

R: Agora...

P: Algumas senhoras é que referiram isso...

R: Sim...

P: Coisas pequenas.

R: Coisas pequenas. Coisas grandes não. Mas os grandes também eram apanhados, porque os grandes pagavam a imensa gente. Os grandes trabalhavam à vontade. Porque quando um indivíduo ia com o camião de pedras de isqueiro, ou de arame, se fosse apanhado, aparecia o homem do rio, não é? O Guarda-rios, aparecia o tipo da Marinha, aparecia o não sei quem do tribunal, aparecia o Guarda-Fiscal, aparecia não sei quem. É que toda aquela gente que tivesse a ver com o rio, estava tudo a ser pago, tudo era pago. Pronto, nunca constou que algum desses indivíduos fosse apanhado. Eles punham o camião. O camião dava as luzes, lançava as luzes para longe. Uma pessoa via que andava aquele, toda a gente via. Mas eles faziam o serviço e não lhes acontecia nada. Os grandes não lhes acontecia nada. E, portanto, podia haver era coisas esporádicas. Mas os grandes, geralmente, não acontecia nada. Quando nós falamos, prender, isto ou aquilo. Não, porque eles nunca eram presos. Eles trabalhavam à vontade deles, pagavam a toda a gente e dava pra tudo. Os pequenos, pronto. O trapicheiro e tal, às vezes, perdia as coisas. Outras vezes deixavam-lhe passar, outras vezes: «Oh pá! Vai lá buscar e tal». E era assim que as coisas se passavam.

estúpido

P: Lembra-se da altura de se terem falado de mortes relacionadas... Afogamentos aqui no rio Minho?

R: Não, mortes no rio Minho houve. Havia, havia muitas.

P: Mesmo por causa dos carabineiros...

R: Exactamente. E houve um indivíduo em Melgaço, uma vez. Uma vez em que foi preso, foi preso. Ia a travessar o rio, tinha sido Guarda-Fiscal. E houve um Guarda-Fiscal que lhe atirou e que o matou, não é? Depois disso: «Mataste o teu camarada e tal». Foi morto. Quer dizer, ele ia a fazer contrabando. Levava um saco de café e foi morto por outro Guarda-Fiscal. Isso acontecia

muitas vezes. Muitas vezes não, aconteciam algumas vezes.

P: De tempos a tempos?

R: De tempos a tempos acontecia.

P: Mas talvez do lado espanhol acontecesse com mais frequência?

R: Do lado espanhol, porque... Quer dizer, quando eles iam a travessar o rio, não é? E, normalmente, deixavam passar. Agora, por vezes, o indivíduo atirava a matar. E do lado de Espanha a mesma coisa. O galego, as pessoas viam os galegos e tal, atiravam-se ao rio. Atiravam-se ao rio, conseguiam safar-se. E eles naturalmente, «pau, pau, pau». Iam dando os seus tiros. É claro que haviam situações em que... Podia haver situações em que o tiro acertasse.

P: Exacto, exacto.

R: Agora, eu do lado português. Do lado espanhol não tenho conhecimento que houvesse mortes. Embora também pudesse ter havido. Do lado português, eu recordo-me, que eu era miúdo. E lembro-me desse caso.

P: Sim, isso por volta. Isso foi, mais ou menos, por volta de que década.

R: Ui, mas isso já foi há muitos anos. Eu já sou... Setenta e tal. Mais de sessenta anos, à volta disso.

P: O senhor Major referiu que, algumas vezes, a Guarda Republicana ia trabalhar em conjunto com a Guarda-Fiscal.

R: Não, não. Não se davam (risos).

P: Eram chamados e era pra que funções? Normalmente era para que funções? Chamavam a cooperação entre as duas, embora não se dessem, não é?

R: Não, havia. A colaboração era, pronto. Era consentida, digamos. Normalmente a gente dizia: «Vocês não querem...». Quer dizer, sabíamos que eles não gostavam. E a gente evitava dizer,

mas não se incomodava.

P: Mas a finalidade era também para controlar...

R: Agora, nós podíamos ir até ao rio, exactamente. Quer dizer, toda essa área também estava sob o nosso controle. A gente, muitas vezes, é que... Quer dizer, fazia-se poucas vezes para não se incomodar, para não se incomodar. Agora, isso ressentia-se logo. Quer dizer, se nós fizéssemos até ao rio. Logo na mesma altura, no dia seguinte, já havia coisa. Mas, evidentemente, não passava daquilo, não é? Não passava daquilo. Mas, quer dizer, que eles não gostavam, não gostavam. Não gostavam que a gente fosse lá pró rio, prá área deles. Que era a área deles. Pronto, não gostavam. A gente, às vezes, ia. Mas eles não gostavam, não é? E era assim que se fazia. Quer dizer, a gente para não criar problemas, pronto. Para termos uma certa convivência também não fazíamos. Mas não era... Quer dizer, a gente não fazia, não era porque eles não gostassem que a gente fizesse, não é? A gente não fazia porque tínhamos também muita coisa. A nossa missão era muito grande, tínhamos muitas coisas pra fazer. Não era exclusivo do rio, não é?

P: Exactamente, sim.

R: Houve, por ventura, uma altura em que se foi mais pró rio. Que era na altura do «enganchamento». Pronto, às vezes, isso acontecia. Mas de resto não. De resto a gente deixava: «A gente faz outras coisas, deixa andar. Não há problema nenhum». E era assim que as coisas se resolviam.

P: Com as autoridades espanholas havia, também, algum tipo de... Havia encontros?

R: A Guarda Republicana colaborava muito com as autoridades espanholas. E creio que com a Guarda-Fiscal também colaborava. Isso é outro assunto, não é? E havia colaboração. Claro que eles, os espanhóis, tinham soldados e tal. Tinham talvez. Faziam uma pesquisa maior do contrabando. Noticiar o contrabando e tal. Tinham uns indivíduos que já dedicados vinham cá e sabiam, procuravam recolher informações, etc. E, portanto. Agora, nós, de facto, a colaboração era uma colaboração digamos. Esta colaboração que se diz «Palavra prá qui, palavra prá cola». Nem a gente dava informações aos espanhóis, nem os espanhóis davam. Ou dava-se daquelas informações que interessavam pouco. Eu, por exemplo, tive uma vez um indivíduo aí que fazia

contrabando. Ou faria contrabando de pedras de isqueiro e não sei quantos. E o meu colega do lado de lá. Éramos bastante amigos e tal. E queria que eu lhe fizesse uma busca à casa. Eu não fiz, nem fazia. Não ia fazer um serviço a pedido de um espanhol, não fazia. Trocamos informações e tal, mas coisas um bocado vagas. Coisas um bocado vagas. Agora eles tinham, de facto, o problema do café e do tabaco. Era um problema nacional que eles tinham, não é? E eles tinham... Quando, por exemplo, apareceram as lanchas rápidas. Houve uns indivíduos com umas lanchas rápidas, que estiveram aí no «Faro» e tal. Do lado de cá era tudo facilidades, do lado de cá era tudo facilidades, não é? Ninguém se importou que eles fizessem contrabando, ninguém se importou. Mas do lado de Espanha eles não. Do lado de Espanha, quer dizer, eram coisas que eram crimes mesmo, crimes graves. Portanto, eles estavam bem atentos a isso.

P: Lembra-se assim, por alto, quantos postos da Guarda-Fiscal é que existiam. Pelo menos em Monção?

R: Eles tinham. Não, não posso dizer.

P: Não sabe precisar?

R: Não. Eles tinham imensos postos da Guarda-Fiscal.

P: A nível também de cadeias. Existia a de Monção, aqui mais...

R: Cadeias? Em Melgaço, Monção. Quer dizer, houve uma altura que havia as cadeias comarcais, não é? Pronto, cada comarca tinha a sua cadeia. Mas depois a partir de 1980. Exactamente, a partir de 1980. Há 30, há 70 anos, não é? Oitenta, não. Trinta, quarenta anos. Quarenta, cinquenta anos. Passou a haver só duas cadeias. Que era a cadeia aqui de Monção e a cadeia de Viana.

P: Não existia mais nenhuma?

R: Não havia mais nenhuma aqui.

P: Mas em Espanha não tinha conhecimento?

R: Não, não, não.

P: Normalmente os contrabandistas referem que alguns eram detidos. Passavam pouco tempo lá. Mas que iam, normalmente, para Pontevedra ou pra Pontearias.

R: Não, em Espanha não sei como é que se passava.

P: Queria também saber, se o senhor Major se recordar, mais ou menos, assim a nível da sociedade em si. A nível económico/social, como é que eram mais ou menos as condições? Como é que se caracterizava a zona. Principalmente de Monção, Valença. Como é que eram as nossas Vilas? Os meus anos de estudo são entre 40 até 80, ali no limite. Seria...

R: O contrabando nunca se fez sentir muito nas vilas. Fez-se sentir mais nas pessoas.

P: Eu digo nas vilas. No global, não é? Seria nas aldeias, pronto.

R: Fez-se sentir mais nas pessoas, mais nas pessoas, não é? Mais nas pessoas. Cada Vila tinha, havia uma sociedade, não é? E, portanto, sabia-se que em Monção ou em Melgaço, «a,b,c,d,e,f» são pessoas que se dedicam ao contrabando e tal. Faziam a vida deles normal, mas tinham aquela coisa do contrabando. Mas isso não se reflectia lá no progresso da Vila, não se reflectia. Porque isso era para meia dúzia de pessoas. E também há uma coisa muito engraçada, há uma coisa muito engraçada. É que as pessoas ganhavam, essas pessoas ganhavam bastante, não é? Mas também o gastavam.

P: Exacto, sim.

R: E gastavam, e não gastavam lá. Gastavam com amantes e com uma vida, não é? Fora do comum. E, portanto, essas pessoas, também hoje são pessoas que, hoje, também têm pouco dinheiro. Ganhavam, mas... Quer dizer, faz-me lembrar um, aqui um filme do «Jonh Ford» já há muitos anos. Duas pessoas que foram prá montanha e tal. E ganharam, encontraram uma mina. E andaram lá durante bastante tempo. Na mina não, era no rio. A colher pequenas de ouro e tal. Depois, quando vinham... Quer dizer, há um individuo. Um deles tenta roubar o outro. E roubou-o, roubou-o. Eram umas mulas e tal. Mas depois, no final, vem uma rajada de vento e aquela porcaria vai toda pelo ar. Vai tudo pelo ar e acabou por dar assim. O dinheiro mal ganho, o dinheiro mal ganho também é gasto. Pronto. E, portanto, a nível de Vila não se notava, não tinha influência.

P: Sim. Eu diria Vila. O concelho em si, pronto.

R: Localmente, localmente, não tinha influência o contrabando. Ninguém. Quer dizer, não havia terra nenhuma que vivesse do contrabando. Não tinha influência, tinha pra vida de «a,b,c e d», mas pronto. Que o ganhavam, gastavam e tal.

P: Eu tinha era falado, pronto. A nível geral, porque quando falei com alguns antigos contrabandistas...

R: Sim, mas repare. É que, por exemplo, Lanhelas<sup>400</sup> era uma terra de contrabando.

P: Sim, sim que...

R: E, no entanto, o senhor vai hoje a Lanhelas. E as pessoas que viveram do contrabando, são pessoas normais. Quer dizer, não é? Ganharam, mas gastaram também.

P: Sim, só porque...

R: Têm fama, ficaram com a fama.

P: Os exs. Contrabandistas é que referem que havia muita pobreza e situações desse género...

R: Esses contrabandistas o que é que falam?

P: Dizem que nas aldeias e tudo. Que viviam, que não havia, pronto. Eles recorriam ao contrabando, porque não havia formas...

R: Ora bem, não esses. Vamos ver. As pessoas que se dedicavam ao contrabando, não se dedicavam ao contrabando por viverem mal. Dedicavam-se ao contrabando, porque tinham propensão para a coisa: «A ver se ganho aqui mais uns...»

P: Mais uns extras?

R: Penso eu, não é? «Se ganho mais uns patacos». E faziam isso, não é? E há indivíduos que eram pessoas simplórias e que singraram à custa do contrabando.

---

<sup>400</sup> Freguesia do concelho de Caminha.

(...)

R: Nós vemos em Melgaço, em Monção, e em Lanhelas e tal, nesta área. Quer dizer, há algum indivíduo que se notabiliza-se pelo contrabando? Notabilizou-se por fazer o contrabando. Mas, quer dizer, depois também não deu nada para a freguesia, nem para a sociedade, não é? Penso eu...

P: Sim, sim, sim. É uma opinião do senhor Major.

R: É a minha opinião.

P: Exactamente. Também houve, a partir mais de 60, com a emigração. Acha que a nível de directivas superiores, há ideia de se passar palavra para facilitar a passagem de emigrantes? Para depois irem prá França, não é? Para passarem pra Espanha e...

R: Superiormente receber a indicações para?

P: Ao nível do Estado mesmo. De receberem...

R: Darem-nos indicações para?

P: Às autoridades indicações para facilitarem mais?

R: Não, não.

P: Depois para manter, mesmo, a nível da Guerra Colonial.

R: Não. Não sei como era nos outros...

P: Para a entrada de divisas, depois no país

R: Não, não, não. Nada, nada, nada. Na Guarda Republicana nós não recebíamos. Recebíamos instruções era ao contrário. Instruções para prender e para, enfim, para pôr um travão na passagem das pessoas. Não incentivar.

P: Sim, sim. Os contrabandistas chamam-lhe «carneiros», que eram os emigrantes.

R: Sim, sim. Não, mas, quer dizer, vamos ver. O Estado nunca incentivou a emigração. Pelo contrário, o Estado deu instruções aos tribunais, a toda a gente, no sentido de reprimir a emigração. Portanto, o Estado nunca vai dizer para deixar passar.

P: Não, não directamente...

R: Não, não, não. Nem directamente, nem indirectamente.

P: Mas que fosse assim, indirectamente.

R: E os tribunais eram rigorosos. Os tribunais eram rigorosos nos julgamentos dos casos de emigração. Eram muito rigorosos. Não, isso não é verdade. Quer dizer, seria nesse aspecto. Havia todas as leis e tudo. Era tudo no sentido da repressão da emigração.

P: O senhor Major vê a prática do contrabando como uma certa forma de oposição ao Estado, nem que fosse indirecta?

R: Não, não, não. Não era nada. Não, fazer, digamos, economia paralela, não. Quer dizer, o contrabando prejudicava o Estado e prejudica. O contrabando continua-se a fazer, continua-se a fazer. Mas, não era, como digo, as pessoas queriam fazer contrabando e tentavam fazer, não é? Não era por oposição ao Estado, não é?

P: A nível de décadas (...) houve fases em que o contrabando era mais forte, que havia mais pessoas a trabalhar no contrabando. E outras em que houve menos contrabandista e...

R: Olhe, o contrabando teve...

(...)

R: Teve fases e ciclos.



P: Sim, exactamente.

R: Ciclos. Por exemplo, eu vou-lhe dizer aqui alguns ciclos, alguns ciclos.

P: Os contrabandistas referem que havia sempre anos mais produtivos, outros menos.

R: Houve um ciclo que era, portanto, o ciclo dos ovos de galinha. Depois houve outro ciclo que era, o ciclo económico grandioso e trágico do café português em grão. Depois houve outro ciclo que era, o ciclo de miudezas do peixe fresco. Depois houve outro ciclo que era... Que é um ciclo, muito, muito curto. Mas de muito pano, que era o dos algodões e dos riscados. Depois houve outro ciclo que era, o ciclo do negócio da tripa seca, da tripa seca. Depois... Isto passa-se tudo nos anos, a partir dos anos 40, na Guerra. Tem a ver com a Guerra de Espanha.

P: Sim, sim, sim. E foi havendo essas variações?

R: Tripa seca. E isso eram ciclos que se faziam. Depois, decorreu o princípio, meio, e fim. O das amêndoas doces, de preferência descascadas, que foi o que lhe disse.

P: Sim, sim, sim.

R: Houve muita amêndoa descascada. Houve lá um caseiro nosso que fazia as suas viagens e trazia os bolsos cheios de amêndoa descascada. Depois houve outro ciclo, do fio de cobre, do fio de cobre. Depois houve o ciclo da emigração. Depois vem a emigração.

P: Pois, exacto.

R: Pronto. Depois penso que, mais ou menos, terminou a coisa aí. Pronto, mais ou menos, terminou aí. Pronto, era assim. Era por ciclos, não é? A tripa seca, a amêndoa descascada, o ciclo das pedras de isqueiro. Até havia indivíduos que cortavam arame e depois misturavam com as pedras de isqueiros (risos). E, quer dizer, aquilo era mais arame do que pedras de isqueiro e tal. Faziam assim isso. Mas havia vários ciclos.

P: Pois. Porque os contrabandistas referem que havia alturas, que até lhe chamam as pausas... Não havia.

R: Isso tinha a ver com, de facto, com as necessidades do país vizinho.

P: Com a procura, sim.

R: Provocadas pela Guerra Civil, não é? Claro que não há dúvida nenhuma que nós vamos muito a Espanha. Mas, o nosso contrabandista, não ajudava. Não fazia o contrabando no sentido de benemerência. Fazia por interesse, aproveitava-se de dificuldades alheias...

P: Tinha ali uma oportunidade para ganhar mais uns dinheiros, não é?

R: Exactamente, exactamente.

P: Também tem, não sei se tem conhecimento (...) Se tinha conhecimento da proveniência desses produtos. Normalmente, vinham... Quem é que fornecia? Principalmente, o café. Ao nível do café.

R: Ai isso não sei.

P: Não sabe?

R: A origem não sei.

P: Mas, normalmente, falam muitas vezes. Mesmo que iam levar alguns materiais, alguns produtos ao Porto. Seria possivelmente do Porto?

R: Sim, sim, do Porto. Sobretudo do Porto, exactamente. Armazéns, armazéns, que tinha essas coisas. Que também já compravam a mais para vender.

P: Exactamente. Como é que acha que a comunidade, pronto. Quer aqui de Valença, quer de Monção, via essas práticas de contrabando?

R: Ai isso via-se muito bem, via-se muito bem.

P: Não era nada de...

R: Não, era a tal história: «Graças a Deus eu sou honrado, graças a Deus...». Isso o contrabandista dizia: «Nós, graças a Deus, os contrabandistas são pessoas honradas». Não é?

Diziam isso. Naquele tempo, um homem ali em «La Guardia<sup>401</sup>» disse isso: «Nós, graças a Deus, somos gente honrada». Não é? Era gente boa. Gente aceita pela sociedade, não tinha problema nenhum. Ser contrabandista não tinha nada a ver.

P: Não era nada de...

R: O contrabando era uma coisa consentida, era consentida: «Faço contrabando, porque há necessidades de não sei quê. Não pode passar legalmente, passa ilegalmente». Pronto e está o problema resolvido, não é?

P: Não era nada que as pessoas pudessem...

R: Não, não, não. Absolutamente nada, absolutamente nada. Nem a emigração. Era a mesma coisa. As pessoas, cada um safava-se como melhor podia, não é? Não tinham problema nenhum nessas coisas.

P: Como é que acha que o País era antes. E como é que acha que está o estado do País agora? Como é que acha que?

P: Evidentemente o País agora está muito melhor, está muito melhor. Porque basta dizer que o país não tinha Democracia. E, portanto agora tem. E a Democracia está reflectida num Estado consubstanciado nas instituições, não é? A começar pelas Câmaras Municipais, não é? O povo tem mais acesso às coisas do que tinha antigamente. Tem mais informação é muito mais informado. É muito mais informado, está muito mais próximo das Câmaras, não é? Portanto, e do poder local, não é? E, portanto, nesse aspecto, houve um progresso grande. Evidentemente que há muitas dificuldades. Antes da Democracia, não existiam. Quer dizer, existiam outras dificuldades, mas o saldo é, apesar de tudo, é positivo. É muito positivo é muito positivo.

P: O senhor Major também falou na questão do acesso à informação. Antigamente, nesta zona, havia um acesso à informação...

R: Não, não havia, não havia.

---

<sup>401</sup> Município raiano de Espanha.

P: Não havia?

R: Não, as pessoas não. Antes do 25 de Abril estavam, havia uma carência muito grande de informação. E nem as pessoas, não sabiam muitas coisas, não é? Nem pouco mais ou menos. Hoje em dia nós, o Governo apresenta conta, não é? Fala do PIB, fala no «Produto Interno Bruto». Fala numa série de coisas que as pessoas, antigamente, isto era chinês para elas. Nem falavam nisso. E as pessoas hoje sabem, fazem uma ideia. Pode não ser uma ideia muito exacta, mas fazem uma ideia. Como é que está o País, a questão do emprego e tal. Quantas pessoas há desempregadas e a juventude. Quer dizer, as pessoas fazem uma ideia muito mais aproximada dos problemas do País, do que faziam antigamente. Vivem mais, vivem mais a parte política da questão, sem dúvida.

P: Uma questão que faltou anteriormente. Quando iam, os contrabandistas quando iam à Espanha também traziam produtos, às vezes, pra cá. (...) Será que também recorriam aos caminhos-de-ferro, ao comboio pra vender? Oodiam mandar esses produtos para outros locais?

(...)

R: Agora, o trapicho, evidentemente. É o que eu digo, quer dizer, o trapicho o indivíduo levava o café, levava os ovos, não é? Mas não levava as pedras de isqueiro, nem essas coisas assim. Levava coisas utilitárias e tal. E trazia as alpergatas, trazia os artigos prá lavoura, as enxadas, traziam essas coisas normais, era isso que traziam. No contrabando tem que separar bem as duas coisas. Porque o contrabando o que é? O contrabando é a passagem de uma coisa ilícita, não é? A passagem ilícita de uma determinada coisa. E não há dúvida nenhuma que, quando uma pessoa leva o café, é contrabando. Quando a pessoa leva os ovos é contrabando. Agora, distinguir entre as quantidades, não é? As quantidades. O contrabando do trapicho era uma coisa pequena. Quer dizer, do dia-a-dia, que era mais ou menos consentida. Iam ali à fronteira e tal. Umas vezes passavam mais, outras vezes passavam menos e tal: «Olhe, isto agora tem que ficar pra trás. Isto não pode passar, porque não sei quê. Abusaste e tal, tal, tal». Mas eram coisas pequenas. Agora o contrabando maior esse não tinha nada dessas regras, não é? Não tinha nada dessas regras. Os contrabandistas passavam e toda a gente.

P: Pois.

R: Toda aquela gente que estava ligada ao contrabando...

P: Era outro nível de influência...

R: Mais ou menos toda a gente comia, não é? Eu conheço um caso de um comandante, que, aliás, foi meu comandante, depois, na Guarda Republicana. Quando estive como Capitão aqui na Guarda-Fiscal, ele, uma vez, estava no rio disfarçado a passar coisas. E então a cargo dessa situação que ele contava, que as pessoas vinham. Ele contava. Mas, quer dizer, ele também só fez aquilo uma ou duas vezes, não é? Mas, pronto. Havia isso. Quer dizer, as pessoas do contrabando maior, aquela gente que estava à volta do contrabando, recebiam todos não é? Isso receberiam: o Guarda-rios, o chefe da Marinha, não sei quem, toda a gente recebia.

P: Toda a gente enchia o bolso. Também não há memória, que se saiba, de autoridades, Guardas-Fiscais, que pudessem estar envolvidos directamente na prática de passagem de produtos pró lado de lá?

R: Vamos ver uma coisa. Eu isso não lhe posso dizer...

P: Pois, não sabe.

R: Não é. Eu sei...

P: Exactamente, não convém...

R: Não posso afirmar...

P: Sim, sim, sim.

R: Não posso afirmar. A gente sabe que...

P: Que, para além de receber, que tentassem ainda receber. Tirar mais rendimentos...

R: Sabe que eles, os Guardas-Fiscais, tinham os postos e essas coisas todas. Cada posto davam tanto e tal. Isso era, digamos, fazia parte duma, como direi. Era uma coisa entre eles.

P: Pois, pois, pois.

R: Era uma coisa entre eles que faziam e tal. Dividiam, recebiam, davam tanto a este. E cada posto pagam tanto e tal. Mas isso são coisas que são difíceis de provar, não é? São difíceis de provar.

P: Exacto, sim. Não, era mais se tivesse ouvido, ou assim.

R: Não, não. São difíceis de provar, são difíceis de provar. Evidentemente, que toda a gente estava, mais ou menos, pronto. A nível de Guarda-Fiscal e tudo isso estavam, não é? Eles todos os dias estavam envolvidos. Agora eu não posso dizer...

P: Sim, não pode afirmar. Exactamente. Sim, sim, sim.

R: Houve oficiais da Guarda, sei eu. Não é? Houve um oficial da Guarda que se opôs a isso. Quer dizer, justamente quando saí. Esse indivíduo que deixava passar tudo, que eu apanhei imensa coisa. Depois veio um indivíduo que era do exército e tal. E então chamavam-lhe o «Zeca diabo».

P: Sim, sim, sim.

R: Só que, depois, o «Zeca diabo» veio pra Monção, não é? E um dia há lá umas peças de mobiliário. E ele disse pró Sargento: «Você aparte-me isto». Pediu para apartar um espelho e não sei quê, para ele. E depois houve uma luta entre ele e o Sargento. E o Sargento disse: «Ai o nosso Tenente...». Se fosse na Guarda Republicana isso não acontecia. Porque quando, se o indivíduo dissesse: «O nosso Tenente também disse que mandou apartar e tal». O oficial, a pessoa dizia: «Não, não. Não é o nosso Tenente que está a ser ouvido. É você. Você é que se sujeitou aos casos, a falar sobre os casos que tem. Pronto, que lhe dizem respeito».

P: Pois, exacto.

R: Não Guarda-Fiscal não foi assim. Na Guarda-Fiscal logo o Tenente falou. O Sargento falou que o Tenente mandou apartar o espelho e não sei quê. E foi motivo para o Tenente ser dispensado.

P: Por acaso esse senhor é muito referido pelos contrabandistas...

R: É o «Zeca diabo». É o «Zeca Diabo».

P: Como sendo dos mais difíceis...

R: Mas, pronto. Há coisas que a gente também não pode afirmar.

P: Exactamente, sim. Eu só perguntei, não era...

R: Há coisas que não se podem afirmar. Como digo, eu falo no genérico.

P: Só de ouvir dizer, que tinha perguntado. Não era mesmo de afirmar...

R: Não há necessidade de estar...

P: Sim, sim, sim.

R: Agora era isso. Quando um oficial via um caso desses, pronto. Os comandos da Guarda-Fiscal. Quer dizer, bem ou mal. Neste caso mal. Não deviam fazer isso, não é? Se fosse na Guarda Republicana é diferente diziam: «Não, não». Por exemplo: «Você está a ser ouvido sobre isso. É fosse que fala sobre isso». Fala sobre o caso, situações...

P: Exacto.

R: Sim, senhora.

P: Pronto, já me deu um grande contributo.

R: Não sei, quer dizer...

P: Sim, sim, sim.

R: Agora, como eu digo. Há pormenores que a gente, que não pode falar neles.

P: Exactamente. Eu também percebo que não se pode estar, não é? Eu também é só de ouvir dizer, não quero estar a...

R: Sim, sim, sim.

## Entrevista 10

Nome: Manuel Rocha Pereira.

Idade: 74 anos.

Local: Casa do entrevistado.

Qualidade: Contrabandista.

Data da entrevista: 30-07-2015.

P: Só pedia que me dissesse o seu nome a idade...

R: Manuel Rocha Pereira, 74 anos.

P: E a naturalidade. É daqui da Bela?

R: Eu sou daqui. Nasci aqui nesta casa.

P: Sim. E então conte-me lá, como é que é as batelas... Como é que eram as características? Como é que...

R: Olha, eu aprendi a fazer essas batelas. Era eu pequenino, havia um carpinteiro ali. Para cá da fonte, uma casinha baixinha que ali está. Mas claro, foi ajeitada, não é? E eu quando sabia que ele fazia uma batela ia lá prá beira dele.

P: Para aprender?

R: Pra aprender! E comecei a ver. Mas ele fazia-as, mas eram pequenas. Mas eu, claro, aprendi ali. E quem faz uma pequena faz uma grande. E aprendi e pronto. Meti-me no contrabando. Primeiro fui prá França, emigrei. Mas antes de ir prá França, eu andava aqui no contrabando.

P: E com que idade é que começou?

R: No contrabando? Treze anos, 13 anos, mais ou menos. Mas com 13 anos, eu agora no Verão era um cunco<sup>402</sup>. Fazia um cunco em madeira. Embreava-o com um breu<sup>403</sup> desses aqui da estrada e assim. Que havia aí um cantoneiro que se dava muito bem comigo. E ele arranjava-me

---

<sup>402</sup> Designação para uma embarcação rudimentar.

<sup>403</sup> Tipo de vedante para impermeabilizar madeiras



o alcatrão, e alcatroava-a. E então eu metia o sabão dentro. O sabão vinha dentro de umas caixas de madeira. E eu arrebetava a caixa e dividia em dois saquinhos. E metia dentro do cunco, roupa e tudo. E ia a nado. Eu sozinho, mas de noite ah! Às tantas da noite! Onze horas/meia-noite, eu sozinho! Eu sozinho. E, quer dizer, que eu passava um à parte, acima da linha. E depois vinha buscar outro. E depois é que levava os dois às costas (risos). Que eram 30 Kg, mais ou menos. E depois daí comecei. Ah! Depois, daí, comecei a trabalhar mais forte, não é? A trabalhar mais forte. Passávamos bananas, passávamos tudo coisa que não era perigoso. Passávamos peixe, que esse peixe até ia para Matosinhos. Passávamos peixe congelado, quer dizer, pescada e assim. E levávamos daqui também para a Espanha. Peixe que vinha, que vinha de Algarve. Mas é que aquilo era peixe do que é fino, tudo peixe bom. Passamo-lo daqui para Espanha, 800 Kg.

P: Fogo! Tanto?

R: Oitocentos quilos! Mas é que a batela tinha uma feita por mim. Até tínhamos 3, que eu tinha um sócio. Mas eu fiz as 3. Mas tinha uma que lhe metia três mil quilos dentro (risos).

P: Jesus! Tanto peso.

R: Mas é que é verdade. E quando levávamos esse peixe, ora claro. Os carabineiros e assim arremansavam. Vinham à beira do rio, viam aquele peixe bom. E depois o gajo não nos pagou. Não nos pagou e ponho-me assim: «Oh que caralho, estamos fódidos pá!». Bom e pronto. Lá ficamos sem o dinheiro, ficamos sem o dinheiro. Depois metemo-nos nas bananas. A trazer caixas de bananas para cá. E esse é que foi um bom negócio, sabe porquê? Porque eles iam carregar daqui a pouco à beira do rio, mandaram tirar seixo. Abriram o acesso para as carrinhas irem carregar. E aquilo é que era um bom negócio. Sabe porquê que era um bom negócio? É que uma pessoa metia-as dentro da carrinha e o gajo passava logo o cheque.

P: Ah, pois.

R: Ora. Mas uma pessoa ainda estava com dúvidas, ele terá cobertura? (risos).

P: Pois os cheques, exactamente. Pois, esse era o perigo que...

R: Mas íamos ali ao banco Atlântico. Que dantes era o banco Atlântico. E tinha uma coisa, tinha cobertura. Eram tipos sérios, sérios. Nisso é que nós ganhámos dinheiro. E ganhámos dinheiro

noutras coisas, não é? No peixe congelado. Mas não mos pagavam, está a compreender? E levamos aí cada rebolada do caraças. Aquilo foi de medo. Era a mim e ao meu sócio. Tu conheces aí esse malandro desse pisco? Esse patife? Quando eu levei o tiro aqui na perna de um guarda-civil, não é?

P: Levou um tiro durante o contrabando?

R: Levei, levei. Quando andava no contrabando. Mas já tinha vindo da França. Já tinha vindo da França que eu estive 21 anos na França.

P: Isso já foi por volta de quê? De setentas?

R: Setenta, setenta e cinco. E então, quer dizer que, havia muitos que pagavam esse Pisco, esse malandro. Quando passávamos o peixe congelado pra cá, o individuo que ia pagar... Que ia pagar, que ia pagar a Vigo. Lá ao que fornecia a pescada e assim. Deixávamos-lhe o dinheiro ali em Valença, num café de confiança. Mas nós, nunca nós pensamos que ele era assim. Ora o tipo viu e é verdade. Eu levei um tiro fui para o hospital de Pontevedra. E disse-lhe ao meu sócio: «Oh Rosendo. Oh Manel olha que tu vai imediatamente a Valença ao café a onde vos deixa o cheque. Porque senão vai o Pisco». Depois eu digo assim: «Oh, o Pisco não faz isso pá». (sócio do senhor Manuel): «Pois olha que faz pá!». Foi dito e feito. Foram 900 contos. naquele tempo. Era muito dinheiro é preciso ver. E era assim, sabe? Mas eu digo-lhe uma coisa. Eu fugi daqui, sai daqui, tudo derivado à tropa. Porque atiravam comigo lá prás Africas ou o caralho.

P: Pois, pois.

R: Porque se por acaso eu fico aqui. Eu tinha o exame da quarta. Eu tinha quem me metesse na GNR ou na Guarda-Fiscal. Que era o falecido Samarra.

P: Sim, sim.

R: Olhe a casa deles era ali (Bela: na proximidade da casa do senhor Manuel). Foi ali que ele nasceu. Ali naquela casa velha. E era muito meu amigo, muito meu amigo. E então, quer dizer que, pronto. Eu por causa disso saí daqui pra fora. Estive lá 21 anos, mas tive 4 anos sem cá vir. Por causa do serviço militar. E depois ainda fui lá. Ainda fui lá mais ou menos 7 anos. E depois é que vim pra cá e meti-me no contrabando forte. Que nós tínhamos noites de passar aos 10 mil Kg e 15 mil Kg (risos). É verdade e é assim.

P: E café? Também chegou a passar café?

R: Café sim. Esse café Sical.

P: Sabe de onde é que vinha o café para cá?

R: O café? O café vinha da Angola.

P: Sim.

R: E cá é que era preparado em pacotinhos de quilo.

P: Mas vinha directo da Angola prá qui? Ou vinha, por exemplo, pro Porto. E depois do Porto é que vinha prá qui?

R: Do Porto. Do Porto vinha prá qui. Havia aqui armazéns a vender.

P: Sim, sim, sim.

R: Um era por trás desta casa. Já faleceram aos anos coitaditos. Por acaso muito boa gente pá. Olha que eu... Foi ele que me deu a mão: «Oh Manel! Olha uma coisa. Porquê que tu não levas um petatinho prá ti?». Chamávamos-lhe nós petate<sup>404</sup>: «Oh senhor Manel, eu não tenho dinheiro». (proprietário): «Eu fio-te homem, eu fio-te». E foi ali que eu comecei a minha vida, está compreender? Com 13 anos (risos).

P: Fogo! Era muito cedo.

R: Foi ali que eu comecei a minha vida e ganhava dinheiro. Tinha semanas, eu tinha semanas de ganhar 120 escudos. Que era muito dinheiro naquele tempo. Era muito dinheiro.

P: Pois, na altura. E as batelas começou a fazer, quando? Quando é que?

R: Ui as batelas. As batelas, olhe, uma andava clandestina. Mas como uma pessoa pagava a tudo...

P: Pois, pois.

R: A marinha. O posto da marinha era na Valinha. Pus-lhe um número qualquer que eles me mandaram. E ela andava. Ora as outras sim. As outras eram matriculadas. Tínhamos pesqueiras

---

<sup>404</sup> Nome dado contrabando transportado pelos mais novos. Normalmente associado ao café.

e, claro, tinha o número nas pesqueiras. E pronto.

P: E como é que era? Os tamanhos, normalmente, como é que eram as batelas?

R: Uma carregava 1800 Kg. A outra era igual, outros 1800 Kg. E essa grande, que era clandestina, carregava 3000 Kg. Ora, muitas das vezes, nós íamos carregar em frente à Sacor. Ali de Barbeita.

P: Sim, sim. Já sei, já sei.

R: Em frente. Carregávamos ali e vínhamos aqui a baixo. Pelo rio pra baixo, ta a compreender? Quando a coisa estava mal. Porque, às vezes, vinha o capitão. E o capitão... O capitão de Valença. E o gajo não queria...

P: Não queria dinheiro?

R: Não queria, não queria dinheiro. Ora nós, claro, os guardas dizia-nos: «Olha que hoje aqui não podeis passar nada que vem o nosso capitão». Ora vínhamos aqui abaixo aqui à seixeira. Aqui à... Era aqui na ínsua, chamam-lhe a ínsua. Ora vínhamos descarregar ali. Ora é preciso ver que ainda era uma distância do caraças.

P: Era um bocado, era.

R: E uma pessoa muitas das vezes, claro, arrebatava um remo, tínhamos outro. Tínhamos 3. Tudo feito por mim, tudo feito por mim. Ia acolá à fabriqueta, trazia umas casqueiras fortes e vá lá. Fazia assim os remos. E depois tinha uma coisa que era: carregada, bem carregada, levava 5 centímetros de fora e não metia uma peta de água. Não metia uma peta de água. Porque tinha uma coisa. Eu cortava as tábuas à medida e depois ia à fabriqueta e alcantilava-as, alcantilava-as. Ora, quer dizer que lhe deixava uma aberturinha, assim no cantil, para lhe meter o breu. Ora, quando ia prá água a madeira estava seca. Aquilo apertava ali de uma maneira que aquilo não metia uma peta de água. Podia estar uma noite inteira, como estive numa altura, carregadas e não metia uma peta de água.

P: E contrabando fazia aqui, principalmente, na Bela?

R: Na Bela e Barbeita, sim. Bela e Barbeita. E Troviscoso.

P: Em Troviscoso também?

R: Porque ali em baixo já pertence a Troviscoso.

P: Então fazia contrabando com outras pessoas, tinha sociedade?

R: Tinha sociedade com o outro socio. Com o Rosendo.

P: E quantos é que eram ao todo?

R: Os homens?

P: Sim.

R: Aí, às vezes, tinha aos 15 homens.

P: Aos 15 a trabalhar?

R: Aí dei a ganhar dinheiro a essa mocidade que foi uma coisa por demais. Vinham do trabalho e ainda iam ganhar aquele. Era por isso que aquele café lá em cima. Chamam-lhe o café do “gaitas”. Quando o contrabando deu eco, punha-se ele assim: «Oh senhor manel, você fazia muita falta». (senhor Manuel): «Oh Cardoso e porquê?». (proprietário do estabelecimento): «Caralho! Agora só é pró livro» (risos). Porque eles ao fim da semana tinham o dinheiro no bolso. Ao fim da semana eu pagava-lhe. Às vezes o nosso andava a... Mas nos tínhamos sempre dinheiro lá no Banco Atlântico, na caixa e assim. Íamos alevantar e pagávamos a quem devíamos. Não fiquei a dever nada a ninguém. Vou por qualquer sítio, tenho a minha cara limpa. Mas a mim ficaram-me a dever muito dinheiro, muito, muito, muito. Jesus, se eu o apanho!

P: E vinham. Havia pessoas do lado de Espanha a ajudar também no contrabando?

R: Não. Nós aqui era tudo uma sociedade, está a compreender?

P: Como é que sabia? Depois tinham que ter sítios para levar o contrabando em Espanha, não é?

R: Da parte da Espanha vinha uma carrinha daqui a pouco à beira do rio, que era uma casa que havia à beira do rio. E traziam prá li o contrabando. Ora, dali pra baixo, pró rio era pertinho. Ora nós, se viéssemos aqui abaixo, também era pertinho. Era pegar na batela e meter na carrinha. Mas quando era acolá em Barbeita, abaixo da Sacor. Que agora tem uma estrada por ali pra baixo. Ora ali tínhamos que andar como daqui até acoia prá paragem (cerca de 300/400

metros). E era a subir. Ali era duro, ali era muito duro.

P: E como é que chegavam aos contactos do lado de Espanha? Como é que...

R: Ai nós tínhamos uns aparatos, uns aparelhos daqueles grandes...

P: Sim, sim, sim. Mas às pessoas para vender do lado espanhol. Como é que chegavam, como é que...

R: Comunicávamos uns com os outros.

P: Como é que sabiam que elas queriam comprar? Como é que sabiam que do outro lado, por exemplo. Como é que conheciam os clientes do outro lado?

R: Conhecíamos, então não conhecíamos. Eram dois clientes lá. E então claro, eles diziam-nos.

Comunicavam pra cá e diziam-nos: «Olha que estão aqui tantas caixas de pescada ou tantas

caixas de peixe. O peixe, como lhe disse ao bocado, ia para Matosinhos. Peixe daquele

pequenininho assim. E pronto, nós lá nos apresentávamos naquela hora certa, com as batelas lá.

Eles trabalhavam de lá e nos trabalhávamos de cá. Pronto, era uma sociedade que nós tínhamos com eles.

P: Pronto. Qual é que era... Lembra-se, mais ou menos. Depois emigrou e tudo. Mas lembra-se, mais ou menos, qual é que era a altura em que houve mais contrabando e contrabandistas?

Sempre houve, não é? Mas houve uma altura em que houve mais? Mais pessoas?

R: Sim, foi quando eu tinha mais ou menos 13 anos. Foi quando apareceu esse contrabando, que foi o melhor contrabando que apareceu. Das chapas de cobre.

P: Sim, sim, sim.

R: Umas chapinhas de cobre que, aí quê? Quinze quilos eram pra e 3 ou 4 chapas. Aquilo era

uma categoria. Porque uma pessoa a onde é que era perigoso, era na linha sabe? Na linha,

porque eles vinham pela linha, os carabineiros. Os carabineiros, nessa altura, não sabiam nada.

Era tudo a salto de cá e de lá. Mas eu claro, de dia passava para a parte espanhola a nado. E ia

saber de um buraco de um canhoto<sup>405</sup>, um buraco de um canhoto. E ponho-me assim: «Aqui está

um sítio bom para eu esconder o petate». Que vinha abaixo buscar outro. E eu claro, quando ia

---

<sup>405</sup> Buraco numa árvore ou nos troncos que se encontravam derrubados.

com o petate metia o ouvido na linha...

P: Para ver se eles vinham?

R: Para ver se sentia alguma coisa, porque se sentia. Ora quando eu sentia alguma coisa, eu punha-me num alto para vê-los passar. Um por cada lado. Andavam sempre dois, um por cada lado, com a espingarda às costas. Porque naquela altura não usavam pistola, era espingarda. Eu deixava-os passar pra baixo. Atravessava a linha, levava aquele lá cima à casa onde é que eu vendia e depois vinha buscar o outro (risos). Era assim. Ai eu ganhava bem a minha vida. O que é, claro, fugi daqui por causa da tropa. Senão não fugia, não fugia, não.

P: Aos outros contrabandistas que fiz entrevistas, houve muitos que falaram em pausas do contrabando. Havia alturas que não dava. Porquê que isso acontecia?

R: Não, a mim sempre deu. A mim sempre deu.

P: Alguns é que diziam que houve alturas em que não dava tanto.

R: Exactamente. Eu tinha 1 escudo em cada quilo de bananas, é preciso ver. As caixas traziam 12 Kg e nos passávamos umas 200 ou 300 caixas. Ora claro, dali tinha que sair para os guardas, tinha que sair pra Marinha, tinha que sair... até GNR. Para uma pessoa andar à vontade, senão não andava. E de lá era igual. Da parte espanhola eram os próprios espanhóis que falavam com os carabineiros.

P: Mas havia... Os carabineiros era como a Guarda-Fiscal? Aceitavam todos ou havia...

R: Não, aceitavam. Sim, caralho, senão aceitavam. Ah bom!

P: Mas é como tudo. Havia uns mais mauzinhos?

R: Ai havia. Então não havia. Havia muitos ai. E teve uma coisa, morreu muitos portugueses ai...

P: Era isso que lhe ia perguntar também, se sabia...

R: A tiro, a tiro. Eles eram selvagens. Que esses gajos não eram galegos. Eles vinham lá do centro de Espanha ou o caralho. Eram uns selvagens home. Tinham uma coisa aqui. Só daqui, daqui da Bela, morreram 2. Foram mortos a tiro. Os gajos ajoelhavam-se, faziam-lhe a pontaria e pimba. A um meteu-lhe a bala aqui (zona do peito) e saiu-lhe aqui. Matou-o instantâneo. Eram

uns assassinos, eram uns assassinos. Mas a mim nunca me tocou. Sim tocou-me, que eu levei aqui um tiro numa perna.

P: E esses dois senhores foi na mesma altura que faleceram? Que foram mortos pela...

R: Não. Esses já tinham falecido há muito tempo. Já tinham sido mortos há muito tempo.

P: Mais ou menos em que anos é que?

R: Olhe não posso dizer bem a certeza...

P: Sim. Sim. Mais ou menos.

R: Eles deviam de ter aí 20 e tal anos. E eu era um puto pequeno, ainda não andava no contrabando. O que é que uma pessoa sabia logo.

P: Pois, isso é uma coisa que se sabe logo.

R: Sabia logo, exactamente. 60 anos? Mais de 60 anos. Porque eu tenho 60, tenho 74...

P: Pois, se era pequeno.

R: Era pequeno, eu tinha quê? Sessenta e três, sessenta e quatro. E muitos que levaram tiros nas pernas, como eu levei. É assim. O que é que era o que dava a vida aqui. Porque se não fosse o contrabando era uma crise do caraças.

P: As pessoas era mais, viviam mais à base... Trabalhavam mais na agricultura?

R: No contrabando.

P: Tirando isso, era mais na agricultura?

R: Na agricultura, exactamente. A agricultura, naquela altura, muitos eram do que viviam. Era da agricultura. Que agora tem que uma pessoa tirar da reforma, ou assim, para meter nos campos. Agora não dá nada. Naquela altura dava. Depois ajudávamo-nos uns aos outros, está a compreender? Hoje íamos para fulano esfolhar o milho, andávamos lá no campo. E depois, pra outra altura, vinham pra mim. Era assim.

P: Havia ajuda entre todos.



R: Pois, pois. Havia, havia.

P: E o contrabando fazia sempre que dava? Iam sempre que dava para fazer? Iam quantas vezes por semana?

R: Nós tínhamos semanas que íamos aí 3 ou 4 vezes. Sim, sim. Três ou quatro vezes. Mas a onde é que nós ganhamos mesmo dinheiro foi nas bananas pá. Olha que eu tive uma altura, eu tive uma altura. Porque eles pensavam que me metiam os dedos pelos olhos, não é? Mas é que eles não me metiam os dedos pelos olhos. Porque as caixas passavam todas pela minha mão. O meu sócio, o Rosendo, dava-mas a mim. E eu no peso...

P: Já conseguia ver mais ou menos?

R: É que eu via. Punha-me assim: «Ei carago! Isto pesa pouco». Mas isto já era da parte portuguesa: «Isto pesa-me pouco». Porque tínhamos que andar como daqui prá quella árvore (cerca de 200 a 300 metros). E claro, eu ajudava-os a meter pra dentro da carrinha. Mas eu agarrava nelas e elas pesavam pouco: «Aqui faltam cachos de bananas». Eu de manhã cedo agarrei, foi uma vez só. Agarrei num saco, fui por aí pra baixo. E no meio daquelas monteiras de tojo<sup>406</sup> eram cachos e cachos de bananas. Eu trouxe 60 Kg de bananas, 60 Kg de bananas pá. É que eles arrecebiam o dinheiro e ainda roubavam pá. E outra coisa que lhe digo. Havia um que era aqui de Troviscos e ainda é vivo. Que eram de Troviscoso. Eram aqui da Bela essa mocidade toda. Ia toda, ia toda carago. E então, esse gajo, acarretava as caixas de peixe, quando trabalhávamos ali em Barbeita. Era a subir um bocadito. E depois deixou, que eles iam de motorizada. E quer dizer que ele, depois, eu não o via. Punha-me assim: «Este gajo... Ele não aparece». E eu dizia-lhe lá ao Rosendo: «Olha uma coisa. Tu chamas aquele fulano?». (sócio do senhor Manuel): «Chamo». (senhor Manuel): «Ele aqui não anda pá! Ele aqui não anda!». O que é que ele fazia, gajo? O peixe que caia das caixas, o gajo arremansava-o e trazia duas sacadas de peixe.

P: Pois, pois.

R: A quem é que ele ia vender o peixe? Ia vender acolá à Almerinda. Não sei se conheces? Ia-lhe vender aquele peixe. Ora, claro, ele ganhava mais do que a acarretar. Mas é que eu um dia dei com ele (risos). Naquele dia pôe-se ele assim. Dei com ele e disse-lhe a ele: «Olha pá, por esta

---

<sup>406</sup> Vulgarmente conhecido por mato/matagal.

vez passas. Mas prá próxima vez que tu apareças aqui levas aqui uma jiba<sup>407</sup>, que te fodes pá! Estás a compreender? Malandro do caralho! Não queres acarretar malandro? Andas a gamar o peixe que cai das caixas, não? Meu gandulo. Nunca mais lá apareceu. Porque ia levar uma jiba que se fodia! Ai ia! Acarretar tinha uma coisa. É que as caixas molhavam as costas. Muitos já levavam um casaquinho pra não molhar as costas. E pronto. Olhe era assim a nossa vida. Não era má, não era má.

P: Pois, pois.

R: Tivemos uma altura que passamos desse marisco gigante que valia, naquela altura, 2 mil escudos cada quilo.

P: Era caro.

R: Eu digo-lhe a verdade, era caríssimo. Nessa altura havia um homem chamado Zé Emílio, que estava no café Mira-Espanha<sup>408</sup>. O marisco era pra ele. E quer dizer que a carrinha estava a carregar, apareceu o capitão. Apareceu o capitão, porque foi apito que lhe deram, sabe? Apareceu o capitão. E depois de aparecer o capitão... Sorte que nós era pra passar 2000 Kg, mas passamos só 900 Kg.

P: Pois.

R: Foi quando ele apareceu. Porque nós tínhamos lá um esconderijo. Quer dizer, quando uma batela estava a descarregar, outra estava carregada metida numa doca. Que podiam ir por cima e tudo isso, que não a viam. E quando aquela estava descarregada vinha a outra pra descarregar. Ora apareceu o Capitão. Lá prendeu a carrinha e prendeu o marisco. Ora o marisco era muito dinheiro pá!

P: Pois.

R: Era muito dinheiro. E eu chorava como uma criança...

P: E vai na volta, eles ainda comeram o marisco, não?

R: Eu chorava como uma criança, não sei. O Zé Emílio depois disse assim: «Oh Manel, não estejas assim homem. Eu vou imediatamente para Valença». Porque tinha um cunhado que era

---

<sup>407</sup> Agressões físicas.

<sup>408</sup> Café situado na vila de Monção.

presidente da Câmara de Valença.

P: Sim, sim.

R: O Pedra. Parece que era o Pedra.

P: Sim, lembro-me de...

R: E eu vou imediatamente para Valença e vou arrematar isso barato. E arrematou por 900 contos. Mas lá foram 900 contos ao ar, está a compreender?

P: Pois, pois. Era assim que se perdia...

R: Era assim homem. Não era só lucro. Era percas também...

P: Pois, pois. Também havia...

R: Sim, contratempos. E muitos, e muitos.

P: E havia, por exemplo. Da altura lembra-se de contrabandistas que davam dicas às autoridades?

R: Sim, chibatos. Oi! Havia muitos! O capitão foi uns chibatos que lhe...

P: Pois. E sabia quem é que?

R: Eu soube quem foi. Sei, soube quem foi.

P: Aconteceu depois alguma coisa? Faziam-lhe alguma coisa? A quem ia contar?

R: Não, não, não. Eu quando foi isso do marisco, o Zé Emílio soube quem foi. O Zé Emílio soube quem foi.

P: E do lado de lá houve gente que chegou a ser presa? Do lado espanhol?

R: Não, não. Eu nunca fui preso. Nunca, nunca na vida. Porque também tinha boas pernas.

P: Sim, sim.

R: Cuidado! Ui Jesus! (risos). Eu vou-lhe contar uma. Eram 15 sicaís que eu levava. E eu ia muito com as mulheres. Era novinho, tinha 12 ou 13 anos. Que havia aqui diante um homem, que já

morreu aos anos, coitadito. Que passava as mulheres que iam ao peixe às Neves. Mas de irem ao peixe, levavam sabão, levavam ovos e assim. E eu, claro, ia com eles. Mas não ia com elas. Ia tudo pela beira do rio. Como daqui pra aquela casa que está ali (300 a 400 metros). Aquela casa do Toné Manel, dos pais do Toné Manel. E subia, que até tinha muitos carvalhos. Subia por ali pra cima. E tinha um juncal, tinha um carreirinho. E vejo aquela cara, estava a estalar o dia. Vejo aquela cara, ponho-me assim: «Ai caralho, carabineiro». E começo a recuar. Mas é que ali havia uma coisa, sabe? Um tipo pra passar de um lado pro outro do rio tinha que dar um salto. Tinha que dar um salto. Ele não sabia daquilo. Eu quando o vi comecei a recuar, a recuar. E, meu amigo, petatinho às costas. Conforme salto, caiu no outro lado. Ele não sabia, entrou pela água pra dentro (risos). Entrou pela... E quando saiu da água já eu estava no caralho mais velho. Ora quem foi que pagou? Foram as mulheres.

P: Pois, pois.

R: Apanhou as mulheres, partiu-lhe os ovinhos todos. O sabão prendeu-lho, foram elas que pagaram coitaditas. Não se vingou em mim. Porque se me apanha, ele fode-me o corpo. Porque esse gajo chegou a matar uma mulher à porrada.

P: Fogo! Jesus!

R: É verdade. Era um malandro, um gandulo, um patife rapaz. Era um gandulo. E quer dizer que, uma altura, eu estava à beira do rio. Eu ia sempre ver. Tinha uma batelinha pequena, depois fiz uma batela pequena. E ia ver a batela, porque tinha que uma pessoa meter-lhe uma pedra e atirar com a corda. Atirar com a corda para os guardas não verem. Se por acaso vêem a corda, eles levantam-na e partiam-na. Porque naquela altura não mamavam. Mamavam o caraças. E então lá estava o carabineiro da parte de lá. E põe-se ele assim: «Hombre!». Porque eu tenho uma nomeada sabe? «Ti não te llamas seta?». Ponho-me eu assim, porque já sabia pelas mulheres, não é? Ponho-me assim: «Si chamo-me seta, porquê?». (carabineiro): «Me cago em dios, se te quito dou-te una pallica». Eu metia-lhe as mãos entre as pernas: «Olha, só se me bateres aqui». Tratei-o de quanto havia, caralho.

P: E ele lixado, não?

R: E ele lixado (risos). Ora eu, claro, andava com dúvidas. O falecido (Mião?) que casou com a Almerinda. Esse, numa altura, passamos juntos. E ele safou-se e eu não me safei. Eu fui o da

frente, mas, naquela altura, já era chapa. E então, quer dizer que, ele safou-se e eu não me safei. E então ele como foi o detrás de todo, espetou a espadela. Que era uma espadela dessas de rabo comprido. Espetou a espadela no pouro, mas espetou-a muito pá. E quer dizer que os carabineiros saem-me a mim. De me saírem a mim eu, claro, fugia prá batela. Mas chego à batela, mas a espadela, para arrancar, um problema. O que é que eu faço? Espeto com o petate dentro da... Era chapa e ia embrulhada numa lona. Espeto com ela no fundo do rio e botei-me ao rio, vestido. Eu pensando que tomava pé numa ranha que ali havia. Depois, aquela ranha, os espanhóis tiraram o seixo todo. Mas tomei o caraças pá. Fui abeirar quase à beira do posto da Torre. Não, da Torre não. Do Pescote, que pertencia a Troviscoso. E ponho-me assim: «Ai o carago». Eu depois só ia com a ideia, mas era o petatinho que tinha no fundo do rio. A batela escacou-a toda. Isso, meu amigo, pô-la toda em estilhas. E eu então vim à casa. Aqui moravam os meus pais, foi aqui que eu nasci. E o meu pai, coitadinho, põe-se ele assim: «Oh meu filho, o que é que aconteceu?». Eu disse-lhe: «Aconteceu isto assim, assim. E agora vou com o (Timalha?)». Que era o que passava as mulheres: «E vou a ver se arranco o petate de lá do fundo do rio». E põe-se ele assim: «Pois vai meu filho, pois vai». E eu, claro, mudei-me e lá fui com as mulheres. As mulheres subiram por ali pra cima e eu fui direito ao sítio onde lancei o petate. E, claro, já era dia. E olho e vejo o petate. E ponho-me assim: «Ai meu amigo, estás aí?». Tiro a roupinha fora. Mas no Inverno! É preciso ver. Tiro a roupinha fora, mando um mergulho e lá o arrastei para a beira do rio. Vesti-me: «Agora que venham os carabineiros». É que não me caçavam, não me apanhavam. Deus me livre! Só se me dessem um tiro. Eu corria como uma ventoinha caralho. Aquilo era de medo.

P: E os carabineiros, normalmente, eram piores do que os Guardas-Fiscais? Eram mais duros?

R: Eram piores. Eram assassinos, eram assassinos. Os Guardas-Fiscais... Tive um que já morreu aos anos. Chegou a dar-lhe um tiro a uma minha irmã. E no que é dela, e no que é dela. Mas o meu cunhado, está a compreender? Segundo dizem, que se fez pró guarda. Que era o Vinhas, que ainda era tio desse tolo. Desse, desse... Era mau, esse bicho. Era mau. E quer dizer que a minha irmã pôs-se na frente. E quem mamou o tiro foi ela, coitadinha. E andava grávida, chegou a ir pra... Não sei pra que Hospital foi. Mas pronto, ficou boa. Coitadinha.

P: O que interessa é que tenha ficado...

R: Mas ele não levou castigo nenhum, não levou castigo nenhum. Arranjou testemunhas falsas e tudo isso, e safou-se. Porque ele deu-lhe o tiro naquilo que era deles. Tinham um terreno aí em cima, que vai até à beira do rio.

P: Pois, pois. E do lado espanhol também traziam coisas para o lado de cá?

R: Trazíamos. Vinham mais coisas do... Vinha muita coisa de lá pra cá. Vinha amêndoa. Vinha amêndoa e depois o que é que havia? Que vinha de lá pra cá? Vinha então o peixe, vinha o peixe congelado, vinha o marisco. Nós daqui... Nós daqui levávamos a chapa, levávamos o café, levávamos o sabão, levavam os ovos, quem andava neles.

P: Pois, pois.

R: Essas mulherezitas, coitaditas. E era o que levávamos daqui.

P: Mais pró fim o tabaco, também?

R: E tem uma coisa. E lingotes de estanho (sussurra). Eu nisso nunca andei. Que até parava o comboio, para carregar o comboio.

P: Pois, pois. Diz que parava o comboio.

R: Isso era esses grandes. O falecido Samarra, o Nino. Era uma sociedade, mas uma sociedade grande.

P: Eram os ditos grandes contrabandistas?

R: Ai grandes contrabandistas. Que esses gajos nunca saíram daqui pra fora homem. Esses gajos ganharam aí dinheiro como esterco. Esses lingotes de estanho. E o comboio parava para carregar aquilo. Esses ganhavam muito dinheiro, esses gajos. E era assim.

P: E não sabe de onde é que vinha o estanho?

R: Esses lingotes iam de Portugal prá Espanha.

P: Sim. Mas não sabe de Portugal, o sítio?

R: Não, não sei, não, mais ou menos de onde vinha. Se calhar do Porto, como vinha a chapa também. Também vinha do Porto o café, também. Iam esses carros, esses «Fords» antigos que

traziam-te 1000 Kg no cofre. Aquilo é que eram carros pá! E eles, claro, iam ao Porto buscar essa mercadoria. O que é que pela estrada tinham que saber. Ao fazer-lhe auto, mandavam-lhe abrir a mala e já os fodia.

P: Já estava tudo...

R: E depois havia aqui esses armazéns. Este armazém por detrás da casa. Havia acolá o Heitor de Campos, onde está agora o filho. Também vendia isso. Vendia chapa, vendia café, vendia tudo. E era assim.

P: E de prisões? Houve contrabandistas que eu falei, diz, que houve, um ou outro, que esteve preso em Espanha.

R: Ai, sim, sim.

P: Em Pontevedra ou em Ponteareas?

R: Eu tive um tio que foi preso. Foi preso em Pontevedra. Foi pra Pontevedra. E de Pontevedra esteve lá 15 dias, ou assim. E veio pra Portugal. E em Portugal tinha que estar um mês na prisão.

P: Pois.

R: E depois tinha que pagar uma multa. Mas o meu falecido padrinho e tio, ele dinheirinho não tinha. E os Guardas-fiscais até lhe chegaram a arrebentar a porta. Coisa que se fosse hoje...

P: Pois, pois.

R: Ele ao arrebentar a porta estava mas era de cangalhas<sup>409</sup>. Mas naquele tempo...

(eu): Pois, era diferente.

R: Agora é muito diferente do que era antes, muito diferente. E ele coitadito ia dormir pra um moinho que havia. Que até esse Heitor fez lá uma casa à beira desse moinho.

P: Mas haviam prisões... Quer dizer, lá em Espanha qual era a prisão mais dura? Não sabe?

R: Eles iam quase todos pra Pontevedra.

---

<sup>409</sup> O senhor Manuel pretende demonstrar que, nos dias de hoje, estas acções não eram permitidas. A palavra «cangalhas» pode quer dizer «dominar o adversário».

P: Mas havia uns que ficavam mais tempo que outros. Havia alguma diferença?

R: Não, dependia. Dependia do contrabando que levavam, depois dependia. Até tinha uma coisa. Eles muitas das vezes apanhavam um tipo livre e prendiam-no.

P: Sim, só pra mostrar serviço?

R: Mas outra que ainda não lhe acabei de contar. Eu mais esse falecido (Mião?) foi quando me partiram a batela. Ora nós, claro, pra vir pra cá não tínhamos com quem vir. Fomos pela linha por diante e fomos prá cola, em frente ao Evaristo do Ferreiro, que agora é o Zé Maria Ferreiro. E aquele monte, da parte espanhola, tinha muitos pinheirinhos pequenos. E nós lá vimos por aqueles pinheirinhos pequenos e coisa e tal. Porque havia ali um que lhe chamavam o Ronha, que passava mulheres ali. E então nós descemos pra baixo, que tinha uma escada. Que era um penedo, que deitavam as redes. Apanhavam sáveis que aquilo era enorme pá! Vinha um carrinho de vacas pra levar os sáveis. Aquilo era de medo. E então nós descemos ali, descemos pra baixo. E, quando tal, estava o bicho por cima. Foi esse que eu o tratei mal. E pôs-se ele assim: «Venga, venga. Venga pra riba hombre, venga pra riba». E eu, claro, eu era o da frente. E esse falecido (Mião?) ficou atrás. E então ele virou-se pra mim: «Hombre o que que ti viestes fazer?». Ponho-me eu assim: «Olhe, vinha buscar uns cartos pró Henrique». O Henrique da luz que era o filho do falecido Henrique da Luz, que tinha a fábrica de madeira. Porque eles davam-se bem: «Ah, sim hombre? Ah sim?». Trazia uma espingarda metralhadora, o gajo vinha... Que ele era um rapagão. Vinha-me com uma patada pá. Eu só lhe faço um jeito, a pata fugiu. E eu, abre, pelo meio daqueles pinheiros era como um tiro. O outro, o falecido (Mião) que podia fugir, não fugiu, deixou-se ficar. Mas eu não fugi pra longe. Eu a depois pus-me atrás de uns pinheirinhos a ver o que ele lhe fazia ao falecido (Mião). Porque ele em corrida não me apanhava, isso era indiscutível. Jesus! Deu-lhe tanta e tanta porrada, tanta porrada. Ponho-me assim: «Ai meu Deus! Ladrão».

P: Matou o homem, não?

R: Ponho-me eu assim: «Ele mata o homem». Pontapés no chão e tudo isso. Ponho-me assim: «Ladrão do caralho, patife». E então lá o deixou ir embora. Deixou-o ir embora e então ponho-me assim pra ele, pró (Mião). E fui eu ao encontro dele: «Oh (Mião), olha uma coisa, quando ele se virou pra mim, porquê que não fugiste pá?». Porque tinha uma coisa. Ele foi como daqui prá quele murinho (30 a 50 metros), pra me foder o corpo. Mas é que ele uma patada mandava-



me... Se me dá com aquela patada, que ele tinha um pé grande, mata-me caralho (risos). Aleija-me logo. Mas é que eu desviei-me da patada (risos), e abre. Pelo meio daqueles pinheiros era como um coelho. Mas cheguei a cima e parei-me a ver lhe fazia ao falecido (Mião). Tanta coçinha lhe deu, tanta coçinha lhe deu. Depois largou-o, mas ele ia assim de lado. E eu, claro, fui ao encontro dele: «Oh (Mião) eu estou... Oh pá, eu não sei como tu te deixastes ficar. Quando ele se virou pra mim, pra me bater e te mandou aquela patada. Que eu desviei-me dela. Tu punhas-te no piro pá!». Não senhora deixou-se ficar. Ele chamava-me «Neu». Eu sou Manuel, mas ele chamava-me «Neu»: «Oh Neu, eu nunca pensei que ele me batesse assim». (senhor Manuel): «Oh pá, esse gajo é um assassino pá. Esse gajo é um malandro. Tu não vês que ele já matou uma mulher à porrada?». Ele matou uma mulher à porrada! E tu sabes quem ela era? Era a avó desse Zé Bernardo. E dali foi, coitadita. Das porradas que ele lhe deu, esse assassino. Que era um assassino, malandro. E era assim.

P: Tinha mais alguns familiares ligados ao contrabando? Na altura?

R: Tive o meu irmão. Coitadito, morreu com 55 anos. Esse era eu que andava pra ele. Tive o meu irmão, tive, então, esse tio que foi preso. Também não era muito fino pró contrabando. O meu irmão era fino. Ele primeiro andou metido na cortiça. Que vinha cortiça da Espanha pra cá. E vinha nuns fardos sabes? Faziam aqueles fardos e vinham pelo rio fora, que aquilo não vinha ao fundo. Aquele meu irmão era um contrabandista, cuidado. Ele agarrava naqueles fardos de cortiça, às costas. Ele tinha as costas, aquilo Jesus! Mas, mesmo assim, ele agarrava-se aos fardos de cortiça. Sim, senhora. E quer dizer que tinham que andar uma distância, como daqui pra casa do Tone Manel (não consigo precisar a distância). Ai sim. Porque ali estava o camião pra carregar, está a compreender? E pronto, ele na cortiça ganhou muito dinheiro, não é? Dava dinheiro, porque eles compravam aos espanhóis por uma côdea. E cá pagavam-lhe bem. Olhe, vinha prá qui pra esta... Era uma casa velha que morava ali umas velhotas. E pela parte de trás tinha um «oboio<sup>410</sup>» muito grande. E traziam a cortiça prá li. E depois dali era carregada num muro que tinham aqui. Lá ia um camião de cortiça por ai pra baixo. E não lhe faziam mal nenhum, porque não sabiam se a cortiça era portuguesa ou espanhola.

P: E, para além, do contrabando e da construção das batelas, o que que fazia no dia-a-dia?

---

<sup>410</sup> Arrecadação ou resguardo.

R: Olhe, no dia-a-dia ajudava os meus pais na agricultura.

P: Sim, sim.

R: Depois, naquela altura, claro, ajudava os meus pais. Depois, quando vim da França... Larguei a França e andei a trabalhar ali em Monção, na construção civil.

P: E nas batelas também punha coisas pra esconder o contrabando? Compartimentos?

R: Não, não, não. Só tinha as «troncas» ao meio. E pra ela não ficar «achapada<sup>411</sup>» na água eu metia-lhe, vamos supor, um bloco de 20 na «cueira<sup>412</sup>». Só tinha uma proa, a batela só tinha... É por isso que lhe chamávamos batelas. E havia os barcos que tinham duas proas. Mas a batela carregava mais, porque era mais larga. E metia-lhe na traseira um bloco em cada lado, e na frente outro bloco. Quer dizer que fazia 20 centímetros que era pra, ao navegar, ir a proa no ar e a «cueira» no ar também. Só pousava metade do fundo na água. Aquilo navegam que eram como foguetes (risos).

P: E a maior batela, lembra-se, mais ou menos, qual era o comprimento?

R: Era 7. Era então essa de 7 metros. Não havia nenhuma aqui no rio Minho como aquela, mas andava clandestina.

P: As clandestinas afundavam-se, não era?

R: Não, não afundava. Não afundava nada, porque a marinha mandaram-me pôr aquele número. E depois teve uma coisa, sabe? Quando o «Zeca Diabo» veio ali pra..

P: Ai o «Zeca Diabo»? Toda a gente fala dele.

R: Mas tem uma coisa, era um homem direito e educado. Olhe que eu andava a trabalhar naquele prédio, aquele prédio que agora estão lá os chinos. O «Chave d`ouro<sup>413</sup>», eu andei a trabalhar naquele prédio. E veio ali o Pulga, que ainda é vivo. Veio-me chamar: «Oh Manel? Podias vir ali à secção». (senhor Manuel): «E fazer o quê pá?». (senhor Pulga): «Vais lá que o nosso primeiro quer falar contigo». Pronto. Eu lá trazia o martelo à cinta, sabe? O martelo, a bolsa num lado, e o martelo no outro, pra trazer os pregos. E então tirei o cinto e lá fui. Então ao

---

<sup>411</sup> Afundada na água.

<sup>412</sup> Secção traseira da embarcação.

<sup>413</sup> Edifício localizado na vila de Monção.

entrar e tal, o gajo era um gajo educado. Cá com uma educação que eu fiquei admirado. Põe-se ele assim: «Oiça uma coisa. Você tem uma batela, não tem?». (senhor Manuel): «Tenho sim senhora, tenho uma batela. Mas está matriculada». (capitão): «Mas há lá uma batela pequena?». Isso foi quando o contrabando deu eco. Depois os próprios guardas a acusarem. Ponho-me assim: «Não senhora. Eu só posso ter uma batela». (capitão): «Então o senhor amanhã traz-me o livrete da batela». Tinha um livro, o livro dela. E então no outro dia lá fui a onde a ele e entreguei-lhe o livro. O gajo começou a ver: «Sim senhora, está legal, está legal. Mas há uma batela clandestina». (senhor Manuel): «Olhe, essa batela não sei de quem é». Bom, eu venho acolá pela casa do Rosendo e disse-lhe: «Oh Manel, nós temos que dar cabo daquela batela. Quanto mais antes...». Põe-se ele assim: «E vamos. Olha, logo à noite já vamos dar cabo dela». Ora levamos uma das nossas. A dele também era matriculada, tava legal. E levámo-la prá parte espanhola e metemo-la na parte espanhola ao fundo. Mas tinha uma coisa. É que o rio não estava certo. Nós quando a metemos ao fundo o rio cresceu por causa das barragens. E quer dizer que eles foram lá ver ao sítio a ver se viam a batela. A batela já lá não estava. Mas olhou pra parte espanhola e viu a proa de fora (risos). Olha que o gajo era marca caralho pá. Era fino pá, mas era educado. Porque aquele não comia de ninguém, não aceitava nada.

P: Pois, toda a gente fala dele. Que era mesmo aquele que não deixava passar nada.

R: Era um gajo legal, era um gajo legal, cuidado. Mas educado ao mesmo tempo. Então quer dizer que ele olhou para a parte espanhola e viu a proa fora. Pois olhe que ele comunicou prá Guarda-Civil a ver se tiravam a batela. Mas a batela não havia maneira de a tirarem, que não a tiravam. Levou uma quantidade de penedos, de pedras grandes rapaz. E no sítio que nós a metemos ao fundo eles nem podiam descer (risos), eles não podiam descer. Pronto, ali ficou, ali apodreceu.

P: E pronto. Olhe, se tiver mais alguma coisa, assim, que queira contar.

R: Olhe, já contei tudo. A minha vida foi uma história, caralho rapaz. Quando levei o tiro na perna, eu pensei de morrer. Sabe porquê? O sangue saia. Mas ele lá nisso... Porque eu tirava-lhe a farda, eu tirava-lhe a farda. Porque eu tinha os meus documentos franceses em dia, é preciso ver. E tinha o meu passaporte em dia. Podia atravessar a fronteira e tudo isso. E a minha mulher é que me tirou da cabeça. Porque eu cheguei a passar pró Toninho ali de Melgaço, passei

bananas. E passei pra outro que morava quase perto de São Gregório<sup>414</sup>, também um homem sério. Tinha um café que aquilo era uma categoria. E eles chegaram a ir ao Hospital para eu meter um advogado. Ele ia fora de carabineiro e eu recebia uma pensão. Mas ele tinha uma coisa. Ele enchia-me aqui a casa de tudo. Segundo ele disse que foi sem querer. Porque o galego era muito teimoso. Era o Jacinto, ali do Monte Sol<sup>415</sup>. Era muito teimoso e meteu as bananas nos aviários, que ele tinha dois aviários. Ora a banana, apanhando calor, amadurece num estante. E então quer dizer que ele queria passar as bananas a toda a força. Mas é que o carabineiro disse-lhe: «Hombre tu se te mueves, eu liquido-te. Porque o nosso primeiro anda à retaguarda». E, claro, era o capitão. E ele ficava sem a farda. E meteu uma bala na camara. Ora e meteu a pistola, com os próprios nervos... Meteu a pistola lá na cartucheira. Naquela altura andavam de pistola. E então quer dizer que... Era no mês de Novembro, nós estávamos cheios de frio. O Rosendo era um cagão. O Rosendo tinha muito medo pá, tinha muito medo. Mas eu era arrojado e veio o filho comigo, o Gusto. Foi comigo, mas o Gusto não saiu da beira do rio, da beira da batela. Eu é que subi por ali pra cima e os aviários não ficavam longe. Ficavam perto. Ora, quer dizer que lá me sai, sai o carabineiro. Era o Carpio, chamava-lhe o Carpio: «Onde vás hombre? Onde vás?». (senhor Manuel): «Eu vou lá em cima ver o que se passa, que nós estamos cheios de frio». Que eles sabiam, eles sabiam. Põe-se ele assim: «Hombre marcha-te, marcha-te». E ripou a pistola, mas não foi pra me meter medo a mim. Foi para lhe meter medo ao outro. Calcou no gatilho, livrou uma bala e fodeu-me. Caí pró chão e então põe-se ele: «Ai me cago en dios, ai me cago en dios». Ripa o cinto, crava-mo aqui (na perna) pró sangue não sair. Agarrou em mim às costas, pôs-me debaixo da ponte. Aquela ponte chama-se a ponte de... É ponte de Santa Marinha? É uma ponte grande que há aqui em frente a Troviscoso. A onde andaram a tirar o seixo, onde íamos descarregar muito ali. E deixou-me debaixo da ponte: «Manuel, tu fica aqui que eu vou chamar um coche». Oh pá, eu só pensava: «Eu vou morrer aqui». Quer dizer que foi no momento que o gajo veio com o carro. E agarram em mim e levam-me pra Vigo. E ao chegar a Vigo, só havia camas. Mas era no passeio, no «pasillo», como eles lhe chamavam. Ora quer dizer que, pôs-se ele assim: «Não, não. Aqui não ficas, nem que tenhas que ir pra Madrid». Lá fui pra Pontevedra. Era assim.

(...)

---

<sup>414</sup> Localidade pertencente ao concelho de Melgaço.

<sup>415</sup> Estabelecimento localizado nas Neves-Espanha.

P: Pronto olhe, obrigadinho.

## Entrevista 11

Nome: Manuel Rodrigues Pulga

Idade: 73 anos.

Local: Café.

Qualidade: Guarda-Fiscal.

Data da entrevista: 19-10-2015.

R: O contrabando. Havia contrabando de café, havia de chapa, houve de bananas, houve de pescada. Houve de pescada, que mais? Café, bananas, chapa. Ah! Posto de Barbeita. No posto de Barbeita pões aí: «Posto habilitado a despachar». Posto de Barbeita habilitado a despachar. E Lodeira também era habilitado a despachar. Era um posto de despacho de peixe. Despachar peixe, só peixe.

P: Apreendiam o...

R: O peixe que vinha era pesado ali, pagava o imposto e depois ia. Assim como na Lodeira, também era. Na Lodeira também era habilitado a despachar. Mas na Lodeira era passageiros. Não era só peixe, também era passageiros.

P: Sim, sim.

R: Agora explica-me tu, como é que nós fazíamos com os contrabandistas? E com o contrabando? Deixávamos passar: «Vai por ali!» (risos).

P: Por norma conheciam os contrabandistas?

R: Sabíamos os nomes.

P: Mas sabiam quem eram?

R: Sabíamos. Na questão de... Eu e ele... O Quim, aquele de Barbeita?

P: Sim, o senhor Joaquim?

R: Temos uns quantos que não tinham ligação com os contrabandistas. Mas sabíamos bem quem eles eram.

P: Pois, pois, pois.

R: Sabíamos bem quem eram: era o Lino de Barbeita. Conheceste o Lino?

P: Sim, sim, sim. Lá de Barbeita.

R: Era o Gamelas, era o Pires de Troviscoso. O Rosendo de Troviscoso, quem mais? Era o Rosendo. Era, portanto...

(...)

R: O Roma era. Barbeita tinha mais: o Roma tinha por conta dele.

P: E qual seria a freguesia que tinha mais, assim, mais contrabandistas? Mais...

R: Barbeita.

P: Barbeita?

R: Barbeita.

P: Seria Barbeita?

R: Ou Barbeita, ou Cortes.

P: Seria onde havia mais contrabando e contrabandistas?

R: Sim, sim, sim. Os focos era Barbeita e Cortes. A Valinha tinha assim um bocado de coiso, a Valinha. Em Troviscoso também houve, mas o foco mais...

P: Mais forte...

R: Mais forte era Cortes e Barbeita.

P: Por exemplo, os contrabandistas levavam o café daqui para lá, não é? Mas daqui não havia problemas em passar. Daqui pra lá? O café era livre, não era?

R: O café era livre da estrada pra baixo...

P: Sim. Sim é isso que convém...

R: Temos uma coisa que nós. Eles, os nossos chefes, não diziam... Os nossos chefes não diziam que deixássemos, que reprimíssemos o café. Eles não diziam que nós não prendêssemos. Da estrada pra baixo nós não lhe podíamos pegar.

P: Sim.

R: Da estrada, circular na estrada...

P: É que já...

R: Já podíamos apreender.

P: Sim. Pois é isso que convém, sim.

R: Prendia a chapa. Chapa já não é do meu tempo. Chapa. De lá para cá vinham enxadas, vinha, pronto. As bananas vinham de lá pra cá, a pescada vinha de lá pra cá e outras coisas que vinham mais.

P: Mas de lá para cá é que poderia haver algum problema? De algum contrabando que pudessem apreender, não é?

R: Não. Podíamos apreender tudo, excepto o café. Podíamos apreender tudo.

P: Ai, sim, sim, sim.

R: Excepto o café da estrada para baixo. Mas, de resto, podíamos apreender. Era tudo contrabando. Tudo quanto encontrássemos em infracção era contrabando. Agora, pronto, havia várias qualidades de contrabando. Mas os focos, normalmente, foi Barbeita e Cortes. O que é que queres saber mais?

P: E qual é que era a principal função da Guarda-Fiscal? Qual é que era? Reprimir?

R: Sim, apreender e reprimir. Foi a primeira coisa que aprendemos, apreender e reprimir. Reprimir e apreender. Portanto, reprimir era para evitar. E apreender era para...



P: E sabia de onde é que...

R: E reprimíamos com a nossa presença. Era escusado. A nossa presença é que reprimia.

Apreender tínhamos que apreender quando mandavam. Pronto, a nossa função era isso.

P: Sim. Por norma, os contrabandistas davam alguma contribuição, pronto...

R: Não se via (risos).

P: Ai não se via? (risos).

R: Não, não, não.

P: O café vinha normalmente das colónias, não é?

R: Sim, sim, sim.

P: Mas depois de vir das colónias, vinha. Sabe de onde é que vinha? Vinha, por exemplo, do...

R: Porto. Vinha pró Porto.

P: Do Porto?

R: Vinha pró Porto. Do Porto.

P: Sim. E do Porto é que vinha pra cima?

R: E depois havia camiões que transportavam. E depois havia armazéns. Havia um armazém em Barbeita, que era o armazém do Duardinho. Que era o que trazia, o Duardinho. Conheces o Duardinho? O tio do Vitinho.

P: Sim, sim.

R: O Duardinho fizeram ali que era... O armazém era do Gamelas, mas estava ali o Duardinho. Esse armazém ainda lá existe.

P: Não sei bem onde é que é o armazém.

R: Não sabes onde é que trabalhava o Né? O que tem o material de construção ali?

P: Sim, sim, sim.

R: Pronto. Aquele coisinho ali era o armazém. Era o armazém.

P: Ah! Era o armazém. Pois, não sabia que era ali.

R: Era, era, era. Havia em vários sítios, não é? Mas, aquele era o principal.

P: Sim.

R: Em Cortes não sei onde era.

P: Não, mas isso também não importa. Eu também só quero saber de onde é que vinha.

R: Vinha era do Porto. E do Porto era transportada em camiões...

P: E vinha cá pra cima.

R: E havia quem dissesse que os contrabandistas, os grandes contrabandistas. Os grandes contrabandistas que, para verem o café, não podia circular...

P: Pois.

R: Não podia circular. E então diz que botavam uma bomba em Caminha, que era para dar sinal que estava o livre trânsito (risos). E botavam outra em Cerveira. Chegavam a Cerveira. E depois botavam para Valença. Depois Valença, depois de Valença botavam pra nós. E, pronto, depois pra cima, até Castro Laboreiro. Por ai e por ali pra cima. Diziam que era assim, que eu nunca vi, nem ouvi.

P: Pois, era o que diziam, não era? Na altura? Chegou a fazer alguma detenção a nível de contrabando?

R: Olha, eu como guarda fiz, apliquei, duas apreensões. Na, apliquei três. Mas uma não me puseram e foi em Barbeita. E outra foi uma transgressão em Barbeita e uma apreensão de mulas em Alcobaça.

P: Mais nada?

R: Em 26 anos, menos um dia, só fiz isso (risos).

P: Pronto e já é bom, não é?

R: Tínhamos um colega que dizia. Dava-se muito bem com o comandante do batalhão, que era no Porto. E então, esse guarda, que se ia embora. E o que se dava bem disse: «Oh pá! vai-te embora. Nem uma apreensão tiveste, não fizeste nada». E depois o guarda disse assim: «Olhe meu comandante, eu, aos pobres, perdoava eu. Os ricos perdoavam-lhe vocês» (risos).

P: Pois. Exactamente.

R: Era assim.

P: Trabalhou de que anos a que anos? Esteve sempre aqui em Monção, a trabalhar?

R: Não. Trabalhei em Faro 36 meses, 33. Faro 33 meses. Trabalhei 30 e tal em Cerveira, no posto da Lenta. Trabalhei 6 meses em Alcobaça. Trabalhei 30 e tal meses no Pescote<sup>416</sup>.

P: Sim.

R: E depois 18 anos, mais qualquer coisa, aqui neste (posto de Monção).

P: A partir de que anos, então, é que esteve cá?

R: Aqui?

P: Mais ou menos.

R: Aqui em Monção estive desde 1972.

P: E detenções de contrabandistas? Era muito frequente? Prender?

R: Não. Tínhamos umas brigadas próprias para andarem aí a detectar e apreender.

P: Ia prá qui pra Monção?

R: E a nossa área daqui de Monção. Da área para podermos apreender era dos portais do Castro<sup>417</sup>.

---

<sup>416</sup> Troviscoso-Monção.

<sup>417</sup> Propriedade que se encontra na fronteira do concelho de Monção com o concelho de Valença.

P: Sim, ali de Friestas<sup>418</sup>.

R: Dos portais do Castro até Penso<sup>419</sup>. Daqui da beira do rio até à Portela do Alvite<sup>420</sup> ou até Riba de Mouro<sup>421</sup>.

P: Pois.

R: Era a nossa área de actuação.

P: E vinham aqui prá prisão de Monção? Eram presos e detidos aqui.

R: Vinham, vinham. Ou vinham presos, ou vinha o contrabando. Conforme fosse o delito.

P: E quais é que eram as penas máximas que podiam apanhar, assim, mais ou menos? Por contrabando?

R: Penas máximas. Quando era o contrabando era apreendido, ficava aí. Nós transmitíamos aquilo para os comandos, depois aí para a alfândega. Não dava para vender. Nós nomeávamos um leiloeiro e vendíamos num leilão aí. Mais tarde, passou a ser o tribunal a tomar conta disso. Mas dantes, a guarda nomeava um leiloeiro. Ganhavam um «x».

P: Pois, tiravam comissão.

R: E vendíamos aí as coisas aquele que era leilão público. Púnhamos em asta pública anúncios.

P: Lembra-se, na altura, de ouvir falar de contrabandistas que faleceram durante o contrabando? Ou mesmo por causa de disparos. Mortos pela Guarda-Civil?

R: Não me lembra, mas...

P: Se ouviu falar.

R: Ouvia falar. Havia um na Bela, chamavam-lhes os Pedreiras, que diz que foi morto. Que diz que foi morto por causa de não aderir aos contrabandistas. Foi morto, chamava-lhe o Pedreira. Um desses foi morto. E depois havia, pronto. Nós...

P: Ou afogamentos também.

---

<sup>418</sup> Freguesia de Valença.

<sup>419</sup> Fronteira de Monção com Melgaço.

<sup>420</sup> Pertencente ao concelho de Melgaço.

<sup>421</sup> Freguesia do concelho de Monção.

R: Também houve guardas, também houve guardas. Olha esse foi afogado botaram-no ao rio. Também houve guardas que deram tiros a determinadas pessoas, a contrabandistas.

P: Sim. Guardas do lado de cá?

R: Dos nossos, dos nossos. Assim como também do lado dos carabineiros que deram tiros...

P: Pois, pois, pois.

R: Há um rapaz em Troviscoso tem a orelha furada. Foi um tiro de um carabineiro.

P: Mas, por norma, eram mais duros do lado de lá, do que de cá?

R: Era. Os do lado de lá eram mais duros. Mas também quando iam. Os daqui, os portugueses, quando iam lá passar já estavam seguros. Podiam ir à vontade.

P: Ah, sim, sim. Tinham o passe, não era?

R: Pois.

P: E do lado de cá era. O senhor Joaquim de Barbeita, que eu também tinha falado com ele. Que primeiro era atirar pró ar e depois é que... Um disparo de aviso, como é que era? Como é que funcionava?

R: Porque, nós, para intimidar, não é? Púnhamos o primeiro para intimidar e depois, claro. Se por acaso não obedecessem...

P: É que já se atirava mesmo?

R: Mas, normalmente, nunca atirávamos.

P: Não?

R: Só houve aqui um, o Chaves. O Chaves é que atirou a um.

(...)

R: Dá-se, mas não se dava.

P: Na prática não era assim, não é?

R: E sabes porque que os Guardas-Fiscais tinham as pistolas?

P: Para quê?

R: Agora não é. É diferente. Dantes tinham a pistola pra defesa do Estado, nós e dos superiores. Agora é o contrário, agora é o contrário.

P: Pois.

R: Agora não é para defesa nossa, só para defesa dos superiores.

P: Pois.

R: Que de resto, nós...

P: Sabia, mais ou menos, quais é que eram os pontos de passagem dos contrabandistas aqui...  
Principalmente aqui em Monção?

R: No rio.

P: Sim, sim. Mas, normalmente, aqui era. Por exemplo, havia o posto da Pedra Furada aqui, não é? Mas os contrabandistas diziam que iam passar nessa zona.

R: Sim, sim, sim.

P: E não havia...

R: Não havia muita coisa. À beira do Pescote (posto da Guarda-Fiscal) descarregavam por baixo (risos).

P: Por exemplo, neste da Pedra Furada havia o posto da Guarda-Fiscal e eles passavam perto então.

R: Pois passavam. Ou pra cima, ou pra baixo, ou nas Caldas. O foco mais era nas Caldas.

P: Sim. Era mais nas Caldas.

R: Aqui, quando o contrabando de Monção. Ali em baixo havia um poste da luz. A nossa luz vinha da Espanha pra cá. E havia ali um poste de alta tensão. No poste da luz eles diziam: «Ah

vais pró poste da luz».

P: Pois. Era um dos sítios que também falavam.

R: Poste da luz.

P: Trabalhavam ou tinham contacto com as autoridades do outro lado? Havia encontros?

R: De «x» em «x». Quer dizer, nos íamos lá fazer, como é que se chamava? Aquilo que íamos fazer lá a? O intercâmbio. Existia um intercâmbio entre Carabineiros e Guarda-Fiscal.

P: Ou seja, eles podiam. Vinham pra cá?

R: Às vezes eles vinham cá, outras vezes íamos nós lá. Havia o intercâmbio.

P: Sim, mas era de «x» em «x» tempo?

R: De «x» em «x», não era muito...

P: Não era muito frequente?

R: Não.

P: E havia boa relação com as autoridades de lá? Davam-se bem?

R: Não, havia.

P: Aquelas coisas de...

R: Só houve ali um bocadinho no 25 de Abril. Os Carabineiros não aceitaram muito bem. Às vezes davam tiros aí de qualquer maneira. Mas havia boas relações, havia boas relações havia.

P: Também havia a questão da emigração, de passarem os «carneiros», não é? Pró outro lado. A partir de 60, pronto. Só veio pra cá a partir de 70, não é? Aqui em cima.

R: Não, vim. Não, 70 e...

P: Sim, pronto. Mas...

R: Não, não. Sim 70. Sim 70.

P: Mas lembra-se, mais ou menos, relativamente à emigração. Sabia ordens, ainda que verbais, assim pra. Não havia facilitismo...

R: Não senhora.

P: Para facilitar a passagem de emigrantes?

R: Não, não, não.

P: Pra depois entrar divisas para manter a guerra?

R: Não, não havia. Não tínhamos ordem nenhuma pra facilitar. O que é que também se nós trouxéssemos pra e detido um qualquer por causa de querer passar clandestino, mandavam-no embora.

P: Deixavam-no ir, é? Era igual. Eles depois, também, tentavam ir outra vez, não?

R: Aí, às vezes, decerto que não chegavam à casa.

P: Iam outra vez, não? Com o fim do Estado Novo acha que cá era mais fácil. Havia mais facilidade em deixar o contrabando passar? Ou era igual?

R: Não. Houve ali uma época que foi diferente. Foi pior.

P: Aí foi pior?

R: Por causa das armas, que diziam que passavam. Vinham armas de lá pra cá.

P: Então houve ali uma fiscalização...

R: Houve ali uma fiscalização mais activa.

P: Acha que o contrabando era uma forma de oposição ao regime? Nem que fosse indirecta?

R: Olha era a indústria nº1 à beira mar ou à beira Minho. Era a indústria nº1, a principal. Não havia nada melhor do que, caralho!

P: Sim. Na altura era o que se...

R: Nós, às vezes, deixávamos ir os Guardas-republicanos ter connosco.



P: Pois, porque havia uma...

R: Eles iam...

P: Havia uma ligeira...

R: Havia rivalidade.

P: Havia uma ligeira rivalidade entre a GNR e a Guarda-Fiscal.

R: Havia rivalidade. Porque eles também tinham direito de fazer como nós.

P: Claro.

R: Como nós não nos metíamos no serviço deles, eles não queriam que se metessem no nosso serviço.

P: Pois, exacto. Pronto era o nº1 a actividade. Mas como é que acha que... Era bem visto o contrabando? Assim aqui na vila de Monção? Nas aldeias? Não havia ninguém que...

R: Qualquer pessoa encobria o contrabandista, qualquer pessoa. Nem que fosse inimigo, encobriam os contrabandistas. Sabes como? Havia campos do lado de Espanha e campos do lado de Portugal. E quando vissem por ali qualquer autoridade, começavam a gritar: «A Raposa! A Raposa!» (risos).

P: E eles já sabiam.

R: Ainda que fosse inimigo. Eles gritavam: «A raposa». Eram os guardas.

P: Pois, pois, pra avisar que vinham aí. Pronto. Não sei se, se lembra de alguma coisa assim.

R: Não. Só se for ele que é mais velho (colega do senhor Pulga que também se encontrava no café).

P: Última questão que não tem nada a ver. O que é que achava da situação do País na altura? E o que é que acha da situação do País actualmente? Como é que vê?

R: Agora é uma penúria. Dantes diziam que era uma escravidão, mas chegava o dinheiro pra tudo. Agora temos liberdade e não chega o dinheiro pra nada. Ah pois é.

P: Pronto, acho que...

R: Pronto. Pachequinho que queres que eu diga mais?

P: Não sei, eu acho que o principal já tenho. Ah! Fazia fiscalização em que zonas? Era destacado para que zonas? Normalmente, onde é que estava normalmente?

R: Vamos lá ver. Cada posto tinha a sua área determinada, percebeste? E havia umas brigadas próprias dentro do comando destacada para qualquer área de posto. Qualquer posto...

P: Sim, qualquer posto.

R: Estavam. Vinham pra qualquer sítio. A mando do comando, não é?

P: Sim, sim, sim.

R: Mas nós só tínhamos aquela área.

P: Aqui em Monção?

R: Dentro de Monção, mas também dentro de cada posto. Por exemplo, estávamos em Lavandeiras<sup>422</sup> e só vinha até aos portais do Crastro.

P: Depois o...

R: Começava Lapela...

P: Depois os de Lapela é que já tinham...

R: Até ali à Redonda<sup>423</sup>. Da Redonda eram os da Lodeira até à pesqueira...

P: Ou seja, era de posto a posto.

R: Sim. Nós, às vezes, fugíamos ao itinerário, mas...

P: Mas tinham mais ao menos aquela...

R: Cada um tinha a sua. Os dos postos. Os outros que pertenciam ao comando disfarçavam.

P: Pois.

---

<sup>422</sup> Posto fiscal localizado em Friesta, concelho de Valença.

<sup>423</sup> Zona de fiscalização de Cortes-Monção.

R: Mas o posto, por exemplo, o posto da Valinha. O posto da Valinha podia ir até Riba de Mouro. Podia ir até Couço. Porque naquela zona toda...

P: Até lá em cima.

R: Tinha a parte interior e tinha a parte exterior. Podiam avançar, não é? Assim como, por exemplo, Monção. O posto de Monção podia ir até ao Extremo<sup>424</sup>.

P: Pois.

R: Era até ao Extremo era.

P: E normalmente, nos postos, quantos Guardas-Fiscais é que estavam. Mais ou menos?

R: Havia postos de Sargentos e havia postos de cabos. Havia o posto da Lodeira que era posto de Sargento.

P: Sim.

R: O posto de Barbeita também era posto de Sargento. Ultimamente, depois, só ficou como Sargento o posto da Lodeira.

P: Sim.

R: De Barbeita tiraram o Sargento. O posto de Monção só tinha Cabo. Porque o Sargento. Tinha Sargento, mas o Sargento era um comandante, não era?

(...)

P: E do lado espanhol, lembra-se, mais ou menos, quando os contrabandistas eram detidos? Iam normalmente prá s prisões? Lembra-se, mais ou menos? Sabe para onde é que iam?

R: Pra Ponteareas, não é?

P: Ponteareas?

R: Os contrabandistas portugueses que eram presos na Espanha iam pra Ponteareas.

P: E sabe qual é que seria a pior prisão? A nível de severidade e condições? Já não sabe?

---

<sup>424</sup> Local de fronteira dos concelhos de Monção e Arcos de Valdevez.

R: Não.

P: E pronto. Então acho que está. Ai, diga-me só o nome, data de nascimento e naturalidade. Se faz favor.

R: Eu?

(...)

R: O nome é Manuel Rodrigues Pulga.

P: O primeiro o último chegava.

R: O número era 63867, ainda sei.

P: E a sua idade e a naturalidade

R: A idade tenho 73. Naturalidade Segude.

P: Pronto.

R: A data de nascimento 1942. 27 de Janeiro de 1942. Ainda não me esqueceu. Estou a mentir. Está oficialmente 27 de Janeiro, mas eu nasci antes.

P: Pois, porque, normalmente, registava-se depois, não era? Pronto e já tenho o que queria saber.

R: Chega-te estes dados? E que tires uma boa nota.

(...)

R: E no posto de Monção existia uma cantina de género para militares. Servia para a GNR, Marinha e nós. Havia ali uma cantina. A GNR não vinham ali, mas podiam vir ali abastecer.

P: E, normalmente, quanto tempo é que durava o turno. Por exemplo, era por turnos que fazia a fiscalização.

R: Isso dependia do Comandante de posto.

P: Conforme...

R: Havia quem fizesse 4 horas. Havia postos que fazia-se sentinela. Havia postos fixos que havia sentinela. Havia postos de vigia. Às vezes ia uma patrulha.

P: E a patrulha é quê? Dois Guardas-Fiscais?

R: Dois. Mas não íamos um por cada lado, como a GNR (risos). Nós íamos a pares.

P: Iam os dois juntos.

R: Nós íamos juntos. E ainda tínhamos mais outra que eles não tinham. Nós, o mais velho, era o chefe da patrulha.

P: Pronto, então obrigadinho.